

DUAS CIDADES ANCESTRAIS.
A GUERRA FINAL.



C.F. IGGULDEN



SHIANG

IMPÉRIO DE SAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DUAS CIDADES ANCESTRAIS.
A GUERRA FINAL.



C.F. IGGULDEN



SHIANG

IMPÉRIO DE SAL

Dunstan

O Falcão de Esparta

O livro perigoso para garotos (com Hal Iggulden)

Tollins – histórias explosivas para crianças

Série O Imperador

Os portões de Roma

A morte dos reis

Campo de espadas

Os deuses da guerra

Sangue dos deuses

Série O Conquistador

O lobo das planícies

Os senhores do arco

Os ossos das colinas

Império da prata

Conquistador

Série Guerra das Rosas

Pássaro da tempestade

Trindade

Herança de sangue

Ravenspur

Como C. F. Iggulden

Série Império de Sal

Darien

Shiang

C.F.
IGGULDEN

SHIANG
IMPÉRIO DE SAL

TRADUÇÃO
Gustavo Mesquita

1ª edição


E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2024

I26s

Iggulden, C. F.

Shiang [recurso eletrônico] / C. F. Iggulden ; tradução Gustavo Mesquita.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2024.

recurso digital (Império de sal ; 2)

Tradução de: Shiang

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-92247-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Gustavo. II. Título.

III. Série.

24-91833

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título em inglês:

Shiang

Copyright © Conn Iggulden, 2018

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

A todos aqueles que não abaixam a cabeça.

Agradecimentos

Antes de mais nada, devo agradecer à minha esposa, Ella, que foi uma fortaleza, como o Tomas, de Feist, quando exércitos de Valheru avançavam por toda parte. Eu não conseguiria ter feito isto sozinho. Também preciso agradecer a Jillian Taylor, da Penguin Random House, cuja delicada atenção digna de uma parteira desempenhou um papel importante para trazer esta trilogia à vida.

Por fim, gostaria de agradecer a David Gemmell, por me influenciar desde o início. Só gostaria que pudesse ter sido pessoalmente. Usei os campos cinzentos do Hades de Homero neste livro, assim como ele — embora ouse dizer que não tão bem. Por fim, sou grato a todos que tenham amado um de meus livros: O imperador, O conquistador e *O livro perigoso para garotos*, ou *Tollins, Dunstan* e Guerra das rosas. Tudo o que eu sempre quis foi contar histórias. Obrigado por seguirem por este caminho.

Conn Iggulden

Sumário

PARTE UM

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

PARTE DOIS

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

PARTE UM

A natureza deixou este traço no sangue,
Que todos os homens seriam tiranos se pudessem.

Daniel Defoe

Escrava

O espadachim não emitia som algum ao remover as ataduras. Com asco, Taeshin viu que ficaram amareladas. Havia um cheiro pungente no quarto, de ervas e corrupção. Ele sentiu a respiração curta e teve de se concentrar para recuperar a calma. Sua escrava Marias segurava um espelho para que ele enxergasse, desviando seu próprio olhar, de modo que ele precisava guiá-la.

— Um pouco mais para cima. A mão esquerda à frente. Não, a outra... isso. Segure aí. Não olhe, Marias. Eu ordeno.

Era penoso manter a voz firme. Taeshin mal continha a própria repulsa ao olhar para a pele preta crispada que se espalhava da axila até o umbigo. Aquilo mais parecia uma sucessão de picadas de aranha que de alguma forma brotavam de dentro, de um jeito que o aterrorizava. Taeshin olhava as pústulas brilhantes controlando a vontade de pegar sua faca e arrancá-las fora. Sentia-se sujo, invadido, como se uma planta estranha houvesse depositado sementes em seu corpo. Um simples roçar da ponta dos dedos naquela faixa escurecida fazia a dor latejar. Na presença da escrava, prensou os lábios e respirou pelo nariz até passar. O desespero o invadiu naquele momento. Não poderia treinar; não poderia lutar. Mal conseguia ficar sentado, na verdade, seu corpo numa guerra constante com sua vontade.

Ele estremeceu e dispensou Marias com um gesto. Ela sabia que não devia arriscar olhar para ele depois que a proibira. Taeshin levava suas responsabilidades a sério. As obras de Shiang alertavam contra os perigos de deixar um escravo sem punição. Lares podiam ser arruinados por um mestre fraco demais para impor a obediência em sua própria casa. Como qualquer homem livre da cidade, ele mantinha um pequeno chicote pendurado num prego ao lado da porta da frente. Usou-o no dia em que a trouxe do mercado de escravos, para impor sua autoridade. Mais tarde naquela primeira noite, ela leu a página que assim instruíra no panfleto do mestre sobre a propriedade de escravos.

Taeshin não gostou de bater numa mulher, ela percebera com surpresa. Estava acostumado a enfrentar oponentes de enorme habilidade e força, mestres Mazer com espadas e armaduras de aço. Em comparação, a experiência de açoitar uma escrava foi um pouco humilhante. Aquilo fora uma revelação para Marias. Para preservar Taeshin, ela trabalhou duro para não lhe dar motivo para voltar a usar o chicote. Não se achava capaz de lidar com o incômodo e o constrangimento uma

segunda vez.

— Devo chamar o Dr. Elman, mestre? — perguntou Marias da soleira da porta, olhando para seus belos pés atados.

Taeshin ergueu os olhos, atento ao menor sinal de zombaria. Odiava a sensação de fraqueza, a certeza de que até mesmo Marias poderia vencê-lo naquele momento. Era difícil suportar o contato das ataduras — a ideia de alguém golpeando aqueles carcos pretos era impensável. A morte certamente estava por vir. Ele não era capaz de se defender, muito menos de cumprir suas obrigações na corte. Era o guarda de um lorde, e estava incapaz de lutar. Mas também não tinha mais nada, nem família, nem economias. Fizera empréstimos consideráveis para comprar uma casa mais adequada à sua condição. Se perdesse a posição na corte, acabaria passando fome nas ruas. Poderia vender sua armadura para um dos homens mais novos, mas ela havia pertencido ao seu pai, e ele preferiria a morte. Taeshin se perguntava por quanto tempo manteria sua honra quando estivesse fraco de febre e sem ter o que comer. Certos homens eram capazes, ele sabia. Outros pareciam fortes, mas eram carcaças vazias, prestes a quebrar no primeiro grande teste. Ele não tinha certeza a qual dos dois tipos pertencia.

— O Dr. Elman não pode me ajudar com isto.

Taeshin sentiu lágrimas brotarem sem aviso e ficou grato que a jovem encarava o piso encerado, resoluta. Sentiu uma paz invadi-lo ao tomar uma decisão. Iria até as colinas nos arredores da cidade e encontraria um lugar sereno para se sentar, onde pudesse ver a distância. Ele se banharia e limparia suas armas, uma a uma. Escreveria um último poema, para ser lido por aqueles que saíssem à sua procura, e o colocaria dentro de um pano impermeabilizado com cera, junto com seu contrato de trabalho e a escritura de sua casa. Não era um homem rico. Marias seria devolvida ao mercado com o resto de seus bens, para ser vendida. Ele fez que não com a cabeça ao observá-la.

Seus pais morreram anos antes, quando ele ainda era menino. A tia que o criou sempre foi fraca, acometida por febres que a deixavam abatida e debilitada. Qualquer que fosse a ambição insaciável que tinha viera de dentro, não de algo que lhe fora imposto. Trilhara o próprio caminho, algo de que se orgulhava, e sentia até que devia a própria identidade a isso. A velha tia lutou pela vida por tempo bastante para vê-lo se tornar um homem. Foi encontrada, já fria, dias depois de ele ser aceito em uma casa nobre.

Taeshin imaginou sua casa sendo vendida sem o menor sofrimento. Na verdade, era um alívio não precisar mais se preocupar com esse tipo de coisa. Sentia-se mais leve pelo simples fato de ter decidido morrer.

Não dispensara Marias, então ela se manteve onde estava, um pé à frente do outro, de cabeça baixa, completamente imóvel. Taeshin contemplou o rolo de ataduras limpas ao seu lado, prontas para enfaixá-lo. Pensar na dor que precisaria suportar para colocá-las foi o suficiente para fazê-lo hesitar. Seria mais fácil com Marias para ajudá-lo, mas ela descobriria o quanto a doença havia se espalhado. Ele curvou a cabeça, sentindo a calma invadi-lo. Aquele era seu último dia.

— Marias, olhe para mim — disse ele.

Ele aguardou que a jovem erguesse a cabeça, observando atentamente enquanto os olhos de Marias se arregalavam e seu rosto empalidecia. Tentou esconder seu desconforto ao se levantar e estender os braços.

— Não é um ferimento qualquer, Marias. Vem de dentro. Está... cada vez pior.

Ela se aproximou como se algo a puxasse, inconsciente dos próprios passos ao encarar a pele escurecida. Ergueu a mão para tocá-lo, e Taeshin precisou se esforçar para não recuar.

— Podemos pedir a lorde Ran que o examine... — disse ela baixinho, balançando a cabeça em negativa. — Taeshin, você não devia ter escondido isso. Quanto tempo?

Era a primeira vez que usava o nome dele desde que chegara em sua casa. Taeshin a encarou em surpresa, incerto de como repreender uma escrava que tomara tal liberdade, mas cujos olhos brilhavam com lágrimas que sem dúvida eram um sinal de afeição. Não conseguia entendê-la. Marias foi uma pechincha no mercado de escravos, talvez por representar um perigo ao antigo mestre ou mesmo aos filhos dele, Taeshin supôs. Certos escravos apenas ficam mais rebeldes ao serem castigados. Mas a jovem era tudo que podia comprar, e ele não tinha esposa ou filhos, nem mesmo um cachorro para vigiar a porta de casa. Taeshin sorriu ao pensar na própria inocência e naquele quatinho em cima de uma padaria. Ele crescera, assim como o pão que aquecia o andar de baixo. Havia passado nos testes para servir lorde Hong, vencendo dois mil concorrentes nos passos Mazer. Seu mestre exigia e pagava pelo melhor, para que todos os lordes temessem seus soldados. Apenas seis meses antes Taeshin fora escolhido para a guarda pessoal do lorde. Sua nova casa refletia esse progresso, com seis cômodos e madeira envernizada de boa qualidade. Ele tinha 24 anos e esperava arrumar uma esposa no ano seguinte. Lembrou-se de quando contou seus planos a Marias, cheio de empolgação. Parecia outra época, quando era imortal, sua pele ainda intocada.

— Achei que fossem hematomas — disse ele, esticando o pescoço para olhar. — Você sabe que eu treino todos os dias; estou sempre com dor. Pancadas ou costelas quebradas não são nada. Nenhum médico as trata, de qualquer forma. Sempre dizem para repousar, o que eu não posso fazer, então ponho um curativo e espero até que sare.

Ele sentia suor escorrer pelo rosto, outro sinal de fraqueza e que trazia consigo um toque de irritação. Estava tão em forma quanto era possível. Desde a infância, suas pernas e seus braços passaram por surras de bengala ritualísticas, que forçavam os ossos a crescerem mais fortes e densos. Com ou sem armadura, armado ou não, era da elite de guerreiros de Shiang. Tornar-se fraco era como o fracasso de sua força de vontade. Ele se devotara à excelência, e nessa devoção vivenciou momentos de perfeição. Esses reluziam como joias na memória, quando, munido de sua força, movera-se como seda através dos dedos do mundo. Antes que sua pele fosse tomada por bubões que o faziam arfar de dor.

Uma voz bradou da rua, paralisando os dois. Taeshin conhecia bem o tom impaciente do filho de seu mestre e automaticamente levou a mão à armadura. A mão dela o deteve.

— Primeiro, as ataduras. Sente-se ereto que eu o enfaixo e as amarro.

— Anjin tem a chave — murmurou ele. — E não vai esperar lá fora por mais de um segundo.

— Então precisamos nos apressar.

As mãos dela se moviam com agilidade ao envolver as ataduras limpas pelo corpo de Taeshin. Ela precisava se aproximar para pegar a ponta do outro lado, encostando o rosto em seu peito quase como num abraço. Não seria uma sensação desagradável se não esperasse que o filho do mestre aparecesse à porta a qualquer momento.

Taeshin chiou quando ela apertou as ataduras com firmeza. Marias sussurrou um pedido de desculpas assim que ele se levantou, já buscando sua túnica forrada de seda. Ela lhe enfiou a peça pela cabeça e pegou do encosto da cadeira o gibão, que tinha uma abertura e era fechado com fivelas, de modo que, quando passou a vestimenta pelo primeiro braço, imaginou as conchas de um marisco se fechando ao seu redor.

— Taeshin! Onde está? Vai me fazer entrar?

A voz era imperiosa, como a do pai jamais fora. Taeshin admirava lorde Hong, mas o homem foi amaldiçoado com um filho que não merecia. Mas não cabia ao guarda de um lorde questionar, apenas obedecer. Taeshin estava tão pronto quanto era possível, com suor escorrendo pelo rosto e a sensação de ter uma lança enfiada na lateral de seu corpo, mas empertigado e vestindo sua armadura. Ele levou a mão à espada e gemeu alto. Marias pegou a bainha e a afivelou em sua cintura. Outra vez Taeshin percebeu que estava gostando daquele carinho que parecia receber dela. Marias percebeu o interesse e pigarreou.

— Concentre-se, meu lorde e mestre. Se a sua doença for revelada, serei mandada de volta ao mercado de escravos. E prefiro a sua casa! Então fique ereto, Taeshin!

Ele a encarou com surpresa, mas os dois ouviram a chave girar na fechadura e ele não respondeu.

Lorde Anjin entrou na casa segurando as luvas numa das mãos. Na outra, trazia um molho de chaves, como um senhorio. Estava carrancudo e corado ao irromper como um vendaval, jogando um banco longe. Ele parou quando viu Taeshin no pé das escadas, de armadura. Mas o jovem lorde não deixaria sua raiva ser negada assim tão fácil.

— Eu sei que você me ouviu, Taeshin! Tenho cinco homens esperando lá fora, e todos ouviram que você não vinha. Está cansado de servir ao meu pai? É isso? Devo liberá-lo do seu juramento?

O rapaz se aproximara ao falar. Anjin não era nenhum mestre espadachim, mas ainda era jovem e rápido. Quando percebeu um leve movimento nos degraus acima, sacou a espada e se colocou na primeira posição, pronto, caso fosse atacado. E corou ao ver que era apenas a escrava.

Anjin encarou o guerreiro de seu pai, vendo apenas uma seriedade sombria. Taeshin não era tolo a ponto de ser pego rindo do filho do mestre, não importava o quanto estivesse surpreso. Um lembrete de que Taeshin era de fato um dos melhores. Outros guardas de lorde Hong teriam espalhado pelos mercados e casas de chá a história de Anjin sacando a espada para uma jovem mulher.

O nobre embainhou a espada com um floreio. Ele olhou mais uma vez para a escrava, agora ajoelhada no alto das escadas, de cabeça baixa. Pensou em ordenar a morte dela quando estivesse acompanhando seu pai e Taeshin estivesse ocupado com suas obrigações. Infelizmente, as mulheres fofocam. Seria tanto pela reputação do pai quanto pela sua própria.

Ele disse a si mesmo que se decidiria a caminho do palácio.

— Vamos, Taeshin, você já me fez esperar demais!

Como o pai fazia às vezes, Anjin deu um tapinha e segurou o ombro do espadachim. O jovem lorde não viu a cor sumir do rosto de Taeshin, nem o ligeiro desequilíbrio antes que se firmasse para acompanhá-lo.

Do alto das escadas, Marias os viu ir embora com uma expressão sombria. Detestava aquele projeto de lorde arrogante, tão cheio de si que achava que uma hora acabaria estourando. Anjin tinha o poder de vida e morte sobre Taeshin, como acontecia com qualquer escravo. Nesse sentido, pelo menos, eram iguais. Era do seu interesse que ele prosperasse e crescesse, disse a si mesma. Não havia problema em desejar que tivesse sucesso. Mas ela também estava apaixonada por ele, o que complicava as coisas. Com um calafrio, pensou nas feridas horríveis em seu corpo. O som de cascos e o retinir de metal se afastavam. Marias apenas torcia para que Taeshin fosse capaz de ocultar sua fraqueza por mais um dia. Ela mordeu o lábio ao pensar no que precisava fazer.

O palácio real foi erguido na confluência de quatro vias principais que cortavam a cidade, de modo que todos os bairros de Shiang se encontravam na morada do rei. Mil anos antes, era apenas uma fortaleza no alto de um morro que protegia a vida dos que juraram lealdade ao primeiro lorde que se estabeleceu lá. Até mesmo o morro foi desgastado pelo tempo e pelo trabalho. O palácio original foi ampliado a cada geração, aprofundando-se pela terra até repousar sobre o leito de rocha em camadas de pedra cor de creme. Onde no passado havia casas de fazendeiros, ruas pavimentadas cortavam o centro administrativo de toda a região. Num raio de mil passos do palácio, um homem podia comprar uma licença de casamento, calcular seus impostos ou deparar-se com magistrados que podiam condená-lo a perder um membro ou a pagar uma multa que o levaria à ruína. Não havia tavernas, nada de multidões barulhentas. Milhares de funcionários públicos iam trabalhar diariamente. Ao meio-dia, estudantes caminhavam em fila do museu à estátua ao tribunal, repreendidos por professores furiosos se saíssem da fila ou cochichassem. O Centro era um lugar de ordem e trabalho, sem frivolidades arquitetônicas há quase um século, desde que a atual

família real chegara ao trono. O rei Yuan-Choji podia muito bem ser uma versão mais nova do pai e do avô, apesar de ter apenas 18 anos e de reinar há pouco menos de um ano.

A morte de seu pai paralisou a cidade por semanas, mas a transição foi tranquila e sem maiores agitações. Guerreiros Mazer ocuparam cada rua e cada esquina, atentos a sinais de rebelião. Afinal, Shiang funcionava melhor com calma e constância. A dinastia Yuan oferecia a mesma sensação de paz que um homem deve sentir com uma corda no pescoço, esperando que o chão suma debaixo de seus pés.

Lorde Hong chegou ao palácio com seis guardas trotando em pares atrás de seu cavalo. Sua posição era validada pelo número de homens armados que o acompanhavam, e ele cavalgava empertigado ao lado do filho, Anjin. Apenas seis famílias da cidade tinham autoridade para levar mestres espadachins ao palácio real. Lorde Hong era parente de todas, por laços de sangue ou matrimoniais. Somente a casa real estava acima deles, e Hong se deleitava ao ver um herdeiro jovem e saudável subir ao trono. Quando Yuan-Choji encontrasse uma esposa e tivesse filhos, a casa Yuan estaria segura por mais um século.

Lorde Hong sorria consigo mesmo ao se aproximar dos portões externos do palácio. Guardas se afastaram para que ele e seus homens passassem. Lorde Hong sentiu o olhar do filho sobre si, perguntando-se como estaria seu humor. O rapaz era uma decepção, mas ainda era jovem. Certos homens amadurecem tarde, e deixam um amontoado de fracassos pelo caminho, mas ainda obtêm grandes conquistas. Só podia torcer para que Anjin fosse um desses homens. Outros, certamente, serviriam melhor como carniça para os pássaros selvagens, tão inúteis quanto o dia em que nasceram. Não tinha como saber qual caminho seu filho seguiria àquela altura, mas os deuses lhe deram apenas um, então não havia muita escolha.

Ele conduziu o cavalo até quatro degraus erguidos num pátio, para que pudesse desmontar e descer com a dignidade intacta. Anjin, é claro, passou a perna por cima do animal e saltou, mas aquilo não passava de um exibicionismo juvenil. Ele demorara a nascer, depois de uma sucessão de filhas, trazendo felicidade a lorde Hong em sua velhice. A princípio, pelo menos. O lorde cumprimentou o mordomo real com um aceno de cabeça. E não disse nada a seus guardas quando o flanquearam. Além da destreza com armas, cada um dos seis homens já havia participado de mil e uma reuniões e grandes eventos. Noventa por cento dos deveres de sua guarda pessoal eram sociais e dez por cento eram de violência — se tanto. Lorde Hong torcia para nunca mais ver espadas desembainhadas com fúria em sua presença. Essas coisas, tal como a juventude, haviam ficado para trás, e ele passara a apreciar a serenidade do palácio e da família Yuan.

O filho avançava a passos largos ao seu lado, e o velho se perguntou se Anjin alargava a passada para ficar à frente ou se era apenas impressão sua. O filho se irritava ao obedecer, o que lorde Hong compreendia. Agira de forma parecida com o pai, mas jamais arriscaria ser repreendido dessa maneira, não em público.

O mordomo os conduziu por um claustro que lorde Hong conhecia bem. Quando viu que a impaciência deixara o filho um passo à frente, parou ante uma das roseiras que ornavam o claustro na entrada para os jardins. Por acaso, estavam todas floridas, mas aquilo também servia para lembrar ao filho qual dos dois ditava o ritmo. Os seis guardas se espalharam ligeiramente quando o nobre se curvou para inalar a fragrância, alertas para ataques vindos de qualquer direção.

— Que bela flor, Anjin. Venha e cheire.

Lorde Hong fez questão de não ver o filho revirar os olhos de frustração. Anjin se aproximou e cheirou a rosa brevemente, assentindo como se não conseguisse acreditar em como o seu tempo estava sendo desperdiçado.

— É uma rosa-híbrida-de-chá-amarela, milorde — disse o mordomo. — A... rosa da paz. Devo enviar mudas para a sua propriedade?

Lorde Hong sorriu.

— Existe algo que você não saiba, Mestre Chen? Sim, obrigado. Muito gentil de sua parte.

O homem corou e fez uma reverência, satisfeito com o elogio.

— É meu dever saber as coisas, milorde.

— Ainda assim, se um dia se cansar do palácio e achar que prefere uma vida nas fazendas de chá, com criados só seus, espero que considere a minha oferta.

— É claro, milorde — respondeu o homem, com outra reverência. Ambos sabiam que isso jamais aconteceria. Com o passar dos anos, virou um hábito de lorde Hong tentar aliciar os melhores criados reais. A verdade era que o rei sabia escolher seus funcionários muito bem, assim como seu pai soubera. Se um deles alguma vez tivesse aceitado, lorde Hong teria ficado felicíssimo.

Depois de repreender o filho de uma forma que muito provavelmente lhe passara despercebida, lorde Hong prosseguiu por antessalas até um salão que jamais deixava de lhe roubar o ar quando entrava. O teto se estendia muito acima de sua cabeça em nervuras de pedra que se alastravam como leques brancos. O piso era de um granito preto divino, que refletia o mundo acima e em especial as magníficas colunas que sustentavam o teto. Eram o deleite secreto de lorde Hong. O lorde amava madeira desde criança, e não havia nada no reino que se comparasse àquelas trinta e duas colunas. Tinham sessenta metros de altura e foram trazidas do outro lado do mundo em um navio. A riqueza das cores sempre era um prazer para lorde Hong quando adentrava o salão. Não importava que soubesse muito bem que aquele salão fora criado para impressionar os visitantes e colocá-los em desvantagem. Lorde Hong se orgulhava de uma casa real capaz de proezas como aquela — e se sentia engrandecido, não diminuído.

Lorde Hong foi anunciado com pompa e seguiu em frente, apertando o passo ao ver os outros homens reunidos em torno do trono no fundo do salão. Anjin precisou se apressar para alcançá-lo, e lorde Hong teve a impressão de que um de seus espadachins se movia de um jeito estranho. Ele afastou aquele pensamento. Estava na presença do rei e precisava observar tudo com atenção absoluta. Naquele lugar, mais que em qualquer outro, um deslize podia facilmente custar-lhe a vida.

Chá

Embrulhada num xale, Marias voltava a ter alguma sensação de liberdade. O mercado era um lugar movimentado, onde escravas domésticas e mulheres livres se misturavam e faziam compras. Os feirantes, na maioria homens, chamavam os clientes e brincavam com eles, criando um burburinho animado.

Antes de sair, Marias havia removido toda a maquiagem do rosto. Com presilhas simples no cabelo, sabia que aparentava ser apenas mais uma esposa ou uma jovem mãe que saía de casa para comprar verduras ou um corte de tecido. Ainda assim, estava atenta para olhares mais demorados, como se algo em sua aparência gritasse “escrava”. Era difícil não se esquivar dos olhares de homens que poderiam gritar de repente que ela estava desacompanhada ou que havia fugido. As punições pelo pior dos pecados deveriam ser aterrorizantes. Esse era o propósito delas.

Ao passar pelo mercado principal e adentrar as ruelas do entorno, ainda mais abarrotadas de barracas e entradas que a praça, ela sentia na coxa a marca feita a ferro. Parecia voltar a arder com a lembrança da dor. Ela não ousava olhar, não arriscaria vê-la através do tecido. Marias suava em bicas, mas dizia a si mesma que era apenas a multidão e o ar abafado, e não medo. Taeshin não era um mestre cruel, ainda mais se comparado à sua primeira casa. No entanto, era tão alheio à origem de suas roupas ou sua comida quanto qualquer um dos lordes. Ele esperava que houvesse uma refeição à mesa quando voltava dos treinos. Provavelmente achava que as roupas de baixo surgiam do nada nas gavetas ao lado da cama, como cogumelos no escuro. Marias se pegou sorrindo àquele pensamento. Tinha preocupações maiores naquele dia, mas ajudava pensar nele ao avançar pela multidão. Pior foi quando uma mão maliciosa a apalpou. Uma mulher livre talvez tivesse reagido com uma bofetada ou um grito indignado. Marias não ousou acusar um homem livre de Shiang. Ao menor sinal de uma marca de escravo, ela seria açoitada por tamanha insolência.

Fora apresentada ao mercado por uma vizinha da primeira casa em que viveu com Taeshin. É claro que Amoy também era escrava. Não havia grande procura por criados domésticos remunerados em Shiang. Mas a mulher conhecia o próprio valor e tinha uma convivência agradável com um casal vinte anos mais jovem, cuidando das crianças e da pequena casa, que poderia ser de uma família pobre se não fosse pelo status de possuir uma escrava. Marias admirava a mulher

mais velha por seu humor e estoicismo, vendo nela uma inspiração para aceitar o inaceitável.

Ao avançar por um cruzamento movimentado, Marias lembrou de ter percorrido as mesmas vielas com Amoy, em meio a nuvens de fumaça de comida, sempre protegendo as bolsas das mãos dos ladrões. Aprendera cedo a desconfiar de coisas fascinantes: enquanto uma criança brinca com um macaco, outra surrupia um brinco ou uma moeda e some na multidão.

Amoy a apresentara aos negócios de família, há muito estabelecidos — aqueles que tinham uma reputação que não queriam ver destruída. Tais coisas são importantes para grandes nobres como lorde Hong, mas também para os feirantes, que vivem da própria palavra. Para a maioria deles, pelo menos.

O jovem mestre de Amoy morreu de uma febre qualquer, Marias lembrou com pesar. Ao que parecia, ele acumulou grandes dívidas à procura de uma fortuna. A esposa e o filho foram vendidos como escravos e, é claro, a pobre Amoy foi mandada de volta ao mercado pelos credores. Marias se lembrou de como as bochechas da escrava coraram ao percorrer as ruas onde era conhecida — e do medo em seu olhar. Disse então a si mesma que jamais esqueceria que podia ser vendida por um capricho ou uma dívida, que podia ser o prêmio de uma aposta ou dada como presente. Se Taeshin a matasse, podia ser repreendido ou multado, dependendo de sua condição social. A vida de um escravo não tinha tanta importância, ainda mais se ele fosse acusado de desobediência ou indolência.

Marias parou em frente a uma porta que conhecia. Amoy a levava ali duas vezes, para visitar a velha que vivia naquele lugar. Ela ergueu a mão mas hesitou, com medo de bater à porta. Respirou fundo, tentando se acalmar. Antes que o medo a dominasse, girou a maçaneta e entrou de uma vez.

A sala era iluminada e aconchegante, com pinho escuro como mel por toda parte, das tábuas do assoalho e das vigas à mesa e às cadeiras. Um toco de lenha bruxuleava na lareira, como se estivesse prestes a se apagar. Marias cumprimentou a velha com uma mesura, enquanto a mulher se levantava depois de avivar o fogo com um atizador de ferro fundido preto.

— Senhora — disse Marias, dirigindo a ela o cumprimento de uma escrava para uma mulher livre.

— Eu a conheço — respondeu a velha senhora, que contornou a mesa e a observou com atenção, segurando as mãos de Marias. Ela cheirava a fumaça de madeira. Era um olhar difícil de sustentar.

Marias não via mudança alguma desde que estivera naquela sala pela última vez, anos atrás. Pequena Mung era enrugada como um maracujá, com sulcos profundos e a pele marcada por dobras e verrugas. Mas suas costas se mantinham eretas, e ela tinha límpidos olhos castanhos. Quando sorria, seu rosto se dobrava sobre si mesmo, como naquele momento. Marias sentiu lágrimas nos olhos, mas não sabia exatamente por quê. Talvez fosse o ar cálido da sala depois do vento frio da rua.

— Você veio aqui com Amoy, não é mesmo? — disse Pequena Mung. Era

uma mulher pequenina, mas Marias sentia firmeza nas mãos que ainda seguravam as suas. Ela assentiu em silêncio, e Pequena Mung suspirou. — Sim. Uma tristeza o que aconteceu com ela. Os espíritos podem ser cruéis, ou talvez os homens sejam cruéis. O resultado é o mesmo.

— A senhora teve notícias dela desde que foi vendida outra vez? — perguntou Marias.

A pequena mulher desviou o olhar quando uma sombra atravessou seu rosto.

— Ouvi dizer que ela morreu. Uma nova casa e um novo mestre que a deixou do lado de fora na chuva como punição... na idade dela! Amoy pegou uma febre e assim se foi.

Pequena Mung soltou uma das mãos e estalou os dedos, seus olhos brilhando. A velha então se virou e guiou a visita até a mesa, onde havia uma chaleira e duas xícaras velhas fumegantes. Marias franziu a testa ao vê-las. Já estavam ali quando entrou?

— A senhora estava esperando uma visita? — perguntou ela.

— Eu seria uma má vidente se não esperasse — disse Pequena Mung com um ar presunçoso. — Sente-se, querida. Deixe-me ver se consigo ler as folhas para você. Tenhamos o consolo que pudermos.

Marias se sentou e aceitou uma xícara de chá, observando com fascínio enquanto Pequena Mung colocava leite e açúcar em seu chá até ganhar uma tonalidade amarronzada. A velha notou seu olhar surpreso e soltou uma risadinha.

— Eu prefiro assim. Quer experimentar? Ou posso pôr limão. Não faz diferença para as folhas, Marias.

Marias sentiu-se lisonjeada por ser lembrada. Será que tinha mencionado o próprio nome? Achava que não, mas talvez a velha o lembrasse da outra vez. De alguma forma, parecia que as regras de sempre foram suspensas no momento em que Pequena Mung segurou suas mãos. Surpresa, notou que não ouvia mais o burburinho dos vendedores de rua anunciando seus produtos e começou a se levantar.

Pequena Mung passou a mão sobre a mesa e lhe tocou o braço. Seu toque era surpreendentemente morno.

— Não se preocupe, Marias! Nós vamos perguntar. Não faz mal perguntar. Veremos o que houver para ser visto. Sente-se e beba. Permita que o chá a aqueça.

Marias concordou com um gesto de cabeça, sentindo a tensão se dissipar. Aceitou o leite e viu as folhas de chá dançarem na superfície. A bebida era doce e reconfortante. Ela sentiu parte do medo amenizar.

— Muito bem, querida — disse Pequena Mung, animada.

A velha deu um tapinha no braço de Marias, e as duas compartilharam um silêncio agradável até terminarem a bebida. Marias colocou a xícara de volta à madeira dourada da mesa. Quando Pequena Mung falou, sua voz parecia uma brisa vinda de longe.

— Faça sua pergunta. Segure a xícara ao falar e depois a entregue para mim. Eu verei se há uma resposta. Talvez você tenha sorte. Sinto-me forte hoje,

querida.

— Quero saber como curar meu mestre, Taeshin. Ele tem caroços pretos no abdome, diferentes de tudo que já vi na vida. — Marias segurava a xícara e falava com ar sonhador antes de entregá-la.

Pequena Mung mordeu o lábio inferior ao ouvir a pergunta, mas permaneceu calada. Uma escrava tola o suficiente para se apaixonar pelo próprio mestre conheceria mais dor do que qualquer pessoa deveria suportar. Pequena Mung viu a adoração da jovem na forma como disse o nome dele.

A velha suspirou ao girar as folhas três vezes em sentido horário, então fitou o fundo da xícara. Marias tinha bom coração. Se o mundo fosse um lugar diferente, talvez tivesse dias melhores pela frente, em meio a tanta dor e decepção. Mas Shiang podia ser um lugar brutal, principalmente para uma jovem, principalmente para uma escrava. Não haveria justiça para ela, Pequena Mung tinha certeza. Ela encarou as folhas no fundo da xícara, que pareciam relutar em criar formas que pudesse interpretar. A jovem a observava, então a velha fechou os olhos e começou a murmurar um feitiço. As folhas de chá não eram capazes de dizer o futuro, é claro. A tasseomancia era apenas uma forma de valer-se do espírito, de usar outros olhos. Mas usar os olhos que lhe foram dados também não fazia mal.

Pequena Mung se enrijeceu de repente. Marias inclinou o corpo sobre a mesa e viu os tendões da velha se retesarem, saltando como arames em seu pescoço e braços.

— Não... — disse Pequena Mung de súbito. — Não, ele não pode!

Seus olhos se abriram, e Marias os viu voltarem a se concentrar na sala à medida que a velha retornava de onde quer que estivesse.

— A senhora encontrou uma resposta? — sussurrou Marias, temendo o que poderia ouvir. — Ele pode ser salvo?

Pequena Mung a fitou, de repente parecendo mais velha e exausta.

— Ah, minha querida — disse. — Sinto muito. Eu vi uma enorme escuridão.

— A senhora não tem ervas para ele, nem um remédio? Por favor!

— Eu vi apenas morte — disse Pequena Mung. — Não há mais nada que eu possa fazer.

As mãos que seguravam a xícara tremiam visivelmente, um tremor que fez com que seus dentes tilintassem na porcelana. Marias a encarava, incapaz de aceitar. A velha se levantou num movimento brusco. Levou a jovem até a porta da rua como se ela houvesse trazido uma doença contagiosa para aquela casa. Parecia que poucos momentos haviam se passado desde que entrara, mas Marias se viu na rua sob um sol fraco, piscando e sendo tomada pela tristeza. Ao se virar para o interior penumbroso, a velha hesitou.

— Esqueça-o se puder, querida. A morte o acompanha. Cuide de si mesma agora.

O pai do rei foi um homem impressionante, lembrava Taeshin. Pode ser que o filho algum dia revista-se da mesma autoridade, mas, aos 18 anos, as bochechas

de Yuan-Choji eram macias e sem rugas. Às vezes, parecia ser quase um menino, apesar de ter poder sobre cada homem, mulher e escravo presente no salão. O que não era um pensamento reconfortante naquele dia. No passado, Taeshin achava estimulante precisar seguir os padrões mais elevados possíveis, colocando sua própria vida em jogo. Não conhecia a fraqueza naquela época, tampouco a sensação de ter suas entranhas sendo comidas lentamente por um verme cego e faminto.

Taeshin marchava ao lado de lorde Hong e seu filho, a mão repousando no punho da espada. Conhecia os homens à sua volta como se fossem irmãos, após milhares de horas de treinos e confrontos. E sabia que não era mais capaz de esconder deles a dor que sentia. Avançavam rapidamente, os passos largos tilintando em sua formação de falange ao redor dos dois nobres a quem serviam. Da mesma forma como Taeshin perceberia uma lesão muscular em passos sutilmente instáveis, a guarda pessoal de lorde Hong sabia que havia algo de errado com ele — que, por sua vez, sentia o incômodo dos outros. Taeshin se preparava para o que viria, mas a dor que irradiava das costelas provocava uma náusea que o engolfava. A ideia de vomitar naquele lugar sagrado, na frente não apenas do próprio mestre, mas também do rei e dos outros lordes, provocava um medo vertiginoso. Lorde Hong jamais o perdoaria, Taeshin sabia disso. De repente, percebeu que colocara o mestre em risco ao esconder sua doença. Lorde Hong tinha muitos inimigos que se deleitariam com sua humilhação.

O ritual de aproximação era deliberadamente ruidoso. Era inconcebível que homens armados se aproximassem do rei sem seu conhecimento. No instante em que o retinir de armaduras e armas cessou, lorde Hong anunciou sua chegada.

— Com honra, a Casa Hong comparece perante Sua Alteza! — rugiu lorde Hong.

Apesar de já se aproximar dos 60 anos, o homem ainda tinha uma voz capaz de preencher aquele vasto salão. A alta teia de arcos reverberava os ecos, e todos os demais presentes ficaram imóveis. Taeshin teve vontade de sorrir de orgulho. Os Hong eram uma boa família, muito respeitada no reino. Escolhera-os criteriosamente por ser uma casa onde poderia ascender rapidamente a uma posição de autoridade. É claro que havia famílias mais ricas, com exércitos de espadachins Mazer a seu serviço. Taeshin também as considerara, e foi procurado por elas depois das provas. Mas acreditava ter feito uma escolha sábia naquela época. Planejara passar três ou quatro anos com lorde Hong, e então pedir uma transferência para um cargo de maior responsabilidade, talvez no comando de uma centena de homens em outra casa. Alguns preferiam permanecer na mesma família, enquanto outros vendiam seu trabalho como qualquer objeto de valor. Ambos os caminhos eram aceitáveis em Shiang.

A vida de Taeshin fora cuidadosamente planejada. Apesar disso, ele agora se encontrava perfeitamente imóvel na corte do rei, tentando respirar com uma barra de ferro incandescente ardendo contra as costelas.

— Casa Hong! Casa Hong! Na paz do reino, sob pena de morte, aproxime-se! — retumbou o senescal do rei, seus pulmões à altura dos de lorde Hong. As

conversas silenciaram durante a resposta cerimoniosa, e voltaram assim que terminou. Taeshin grunhiu baixo quando o pequeno grupo de homens armados voltou a se movimentar. Ele viu o mestre se virar levemente ao ouvir aquele som, identificando-o como algo com que se preocupar, ou mais provavelmente repreender. Nada escapava a lorde Hong, ainda mais sob o escrutínio do jovem rei.

A prática de receber permissão para se aproximar do rei e de outros lordes como um ritual de guerra era antiga — a ligação de confiança e honra que mantinha as famílias de Shiang unidas. Taeshin lera sobre dinastias em que nenhum homem podia portar uma lâmina na presença do rei. A ideia era absurda, e não apenas por existirem muitas armas que podem ser ocultas. Ele mesmo portava algumas, habilmente escondidas na armadura e no cinto.

A honra os unia, de modo que aquela reunião de lordes mais parecia um conselho de guerra que uma discussão pacífica — e justamente por isso era tão respeitosa. Ninguém levanta a voz num lugar com espadachins leais atentos ao menor dos insultos. Taeshin, inclusive, vira dois homens de casas diferentes pedirem para ser dispensados da presença do rei alguns meses atrás. A dupla se retirou com a dignidade intacta, mas apenas um voltou, e o assunto foi dado por encerrado pelos mestres.

O jovem rei se aproximou para cumprimentar lorde Hong e seu filho como se não estivessem rodeados de mestres espadachins de uma lealdade fanática. Yuan-Choji vestia calça justa branca e uma longa túnica de seda dourada com gola quadrada. Taeshin soltou o cabo da espada quando seu mestre e lorde Anjin abaixaram a cabeça e apoiaram um joelho no chão, suas armaduras rangendo. Naquele momento, Taeshin era os olhos da casa. Ele sentia o suor frio escorrer das axilas. Em dias normais, não gostava da imunidade do rei. Nenhum outro homem poderia se aproximar de lorde Hong sem que seus homens estivessem preparados para atacar.

O rei conversou um pouco com os lordes Hong e Anjin, e fez algum comentário espirituoso que fez os dois sorrirem enquanto se levantavam. A dor de Taeshin só aumentava, espalhava-se pelo estômago e fazia seu coração martelar no peito. Ele sabia que suava visivelmente, como se tivesse treinado a manhã inteira e vindo direto de lá. Mais uma vez, sentiu o olhar de lorde Hong passar por ele. O mestre não deu nenhum sinal visível de reprovação, mas estaria encrencado mais tarde — uma bronca ou coisa pior.

O rei caminhou até os bancos com pai e filho, deixando a guarda pessoal de prontidão. Taeshin assentiu para o veterano do grupo. Apesar de não gostar de Xian, tinha de admitir que era competente. Com uma ordem sussurrada por Xian, os seis guardas perfilaram-se, posicionando-se com a imobilidade digna de uma estátua que talvez precisassem manter por horas. No passado, Taeshin se orgulhava do próprio controle físico em situações como aquela, apesar de em parte ser um relaxamento mental, uma placidez que permitia que cocciras e espasmos desaparecessem. Ele buscou aquela calma absoluta mas sentiu apenas a lateral de seu corpo queimar tão brutalmente que precisou abafar um gemido de

dor. Sentiu os olhos ficarem marejados, e lágrimas escorrendo por seu rosto, como se estivesse chorando! Era terrível.

O rei se levantou para dirigir-se a uma dúzia dos seus lordes mais importantes, que estavam a menos de vinte passos de distância. Taeshin estava em pé com outras fileiras de guardas. Alguns portavam armaduras ornamentadas que remetiam a enormes feras com escamas, feitas mais para impressionar que para proteger. Ele ficava agradecido por lorde Hong preferir armaduras de batalha simples, que permitiam a um homem que se movesse e respirasse.

Taeshin sentiu o salão girar ao seu redor e lutou para controlar o pânico. O senescal anunciou a chegada de outra casa, e ele se concentrou nos sons das vozes e no tilintar das armaduras à medida que se aproximavam. Viu o rei caminhar até a nova delegação e afastar os lordes do grupo armado como se colhesse sementes. O rapaz tinha aparência relaxada e disposta, sem o menor sinal de tensão. Taeshin o invejava pela agonia que não sentia.

— Meus lordes — disse o rei. — Finalmente encontrei meu querido tio. Eu não era nascido quando ele traiu a confiança do meu pai. Acredito, inclusive, que essa traição acelerou a morte do meu pai e me custou anos de seus ensinamentos. Dobrei a recompensa oferecida por meu pai, e depois a dobrei novamente. Porém sem resultado algum até este mês, quando dois monges regressaram de uma peregrinação ao oeste. Eles voltaram com dezenas de histórias, milordes, de lutas pelas ruas de uma cidade, de agitação e traição — e um relato de passos Mazer sendo ensinados a crianças.

Isso causou comoção por todo o salão. Até mesmo Taeshin sentiu o cômodo se estabilizar por um instante, ao entender a importância de tudo aquilo. Os passos eram ensinados como uma arte secreta, que jamais deveria ser compartilhada com estrangeiros. Esse conhecimento manteve o reino em segurança por mais de mil anos — todas as crianças eram treinadas, mas apenas as melhores eram escolhidas. Era o coração de Shiang, e a simples ideia de que fosse entregue de bandeja aos cidadãos de outra nação era uma blasfêmia.

O jovem rei ergueu as mãos pedindo silêncio.

— Vejo que compartilham a indignação que senti ao ouvir essa notícia. Minha intenção é enviar um pequeno grupo de guerreiros e trazer meu tio de volta. Homens com experiência e sabedoria. Não queremos uma guerra. Queremos apenas que devolvam o que é nosso. Meu tio é um velho agora, mas quem sabe que aliados pode ter subornado? Afinal de contas, ele roubou minha mãe do meu pai. Tellius sempre foi considerado um homem *persuasivo* — disse com desprezo, como se as palavras fossem ácidas.

Outro murmúrio se espalhou pelos lordes, embora também houvesse olhares atentos à menção de guerreiros.

— Peço então que apresentem seus melhores homens — disse Yuan-Choji. — Décadas de desonra já se passaram, cavalheiros. Não quero perder o homem para a velhice ou uma febre de inverno. Escolham... quatro mestres da espada, aqueles que todos concordem serem inigualáveis. Ofereço o meu Primeiro Espadachim para a empreitada. Talvez seja mais justo pedir para que nomeiem três dos seus

homens. — O comentário foi recebido pelos nobres com risos solícitos. — Eu os enviarei para o oeste com uma instrução: entrar na cidade de Darien e trazer para casa aquele que era conhecido por Tellius, aquele que um dia fora o irmão em que meu pai mais confiou.

O rei fez uma pausa reflexiva, então assentiu, tomando uma decisão com a rápida certeza de um jovem.

— Não sei a quantos ele ensinou, mas caso tenham sido apenas alguns poucos, talvez esse conhecimento possa ser podado antes que se espalhe.

O rei teria prosseguido, mas a voz do senescal bradou mais uma vez. Taeshin sabia muito bem que não devia girar a cabeça como um escravo deslumbrado. Em vez disso, contou os estandartes dispostos à sua frente. Faltava apenas um, como confirmou o senescal. Lorde Ran se apresentou ao rei. O lorde do Comércio não pertencia às antigas famílias. E nem era um comerciante bem-sucedido, diziam as más-línguas. Lorde Ran aceitara o título em reconhecimento por suas pesquisas, mas apenas desdenhava questões tão mundanas.

— Lorde do Comércio, lorde Ran de Shiang! — bradou o senescal. — Na paz do reino, sob pena de morte, aproxime-se!

Os passos do homem eram audíveis, pois ele se aproximava sem uma escolta de guardas. Taeshin mantinha o olhar fixo à frente, mas não resistiu a observar aquele que chamavam de “lorde Ruína”, pela forma como ignorava suas responsabilidades. Nunca entendeu por que o rei o aturava.

— Alteza, rogo por uma audiência particular — disse lorde Ran, apoiando um joelho no chão. Ele carregava alguns rolos de pergaminho debaixo dos braços, que se amassaram e farfalharam quando se abaixou.

O rei estava com os lábios pressionados ao se aproximar e colocar o homem de pé. Taeshin estava próximo o bastante para ouvir as palavras sussurradas pelo rei para o homem mais velho.

— Jura, Ran? Concordei em ouvir o seu plano depois desta reunião, não é mesmo? A não ser que seja o mesmo assunto desagradável de antes. Não permitirei que arrisque a vida de homens livres. Use escravos se necessário, milorde. Eu não vou desperdiçar um guarda sequer com esses assuntos.

Em vez de se resignar com a censura, os olhos de lorde Ran brilhavam com o potencial.

— Vossa Alteza disse que deseja enviar espadachins atrás de seu tio. Se eu estiver certo, posso tornar esses homens imunes à fome ou à sede. Posso torná-los mais rápidos e mortais do que qualquer coisa que já se viu. Contudo, tenho apenas uma pedra, Alteza. Não ousaria usá-la com escravos.

O rei ficava mais contrariado à medida que o homem seguia falando. Taeshin ouviu o próprio arquejo quando o salão pareceu se inclinar acima de sua cabeça. Ele sentiu a mandíbula abrir até ficar boquiaberto como um aldeão idiota, com um fio de baba escorrendo dos lábios. Viu o rei se virar em sua direção, seu olhar atraído pelo movimento inesperado. Lorde Ran começou a se mover para ver o que chamara a atenção do monarca.

Taeshin caiu em sua fileira com um estrondo que ecoou pelo salão. Estava

inconsciente antes de atingir o chão, de modo que não usou as mãos para amparar a queda. Ficou caído no piso polido, com os olhos revirados, quando começou a estremecer e chutar convulsivamente.

Bênção

Taeshin abriu os olhos e viu o rosto de lorde Hong pairando sobre o seu. O mestre tinha uma expressão severa que jamais vira antes. Pensou ter visto uma leve preocupação passar por seus olhos escuros, mas só podia estar imaginando coisas. Lorde Hong era conhecido por duas coisas: a qualidade dos homens que o serviam e a maneira como registrava cada moeda de renminbi que gastava. O nobre era meticuloso com seus gastos, e, se via tensão no rosto do mestre, Taeshin suspeitava que fosse por conta de todos os custos de treinamento que claramente desperdiçara.

Quando lorde Hong sumiu do seu campo de visão, Taeshin notou que o teto era muito baixo. Não estava mais no salão real, fora levado para algum porão, com vigas de carvalho polido no teto de gesso branco. Ele vasculhou a memória à procura de uma explicação, mas não havia nenhuma. Escutava lorde Ran falar com o rei e então... estava ali, com a sensação de ter sido espancado até a beira da morte. Sentiu o rosto esquentar com a humilhação. O lugar cheirava a antisséptico e... suor, ou urina. Algo azedo. Ele piscou, seus pensamentos girando lentamente, como gelo em mar aberto.

Lorde Hong dizia alguma coisa e Taeshin tentou se sentar. Não podia ficar ali deitado como uma criança preguiçosa enquanto o mestre lhe dirigia a palavra! A dor no tronco voltou na mesma hora, uma chama contra a pele. Aquilo, pelo menos, era algo familiar. O medo também o atingiu quando percebeu que não conseguia se mover. Tiras grossas de couro imobilizavam os pulsos que se moviam, automaticamente, procurando uma fraqueza. Ele nem ao menos conseguia erguer o pescoço para ver a correia fria que lhe apertava a garganta. Taeshin sentiu pânico naquele momento, o tipo de terror opressivo que o transformaria num animal selvagem se ele sucumbisse, sua humanidade perdida. Ele se conteve, sua força de vontade abrindo caminho em meio ao caos.

— Ele acordou, lorde Ran — disse seu mestre.

Taeshin conseguiu virar um pouco a cabeça na correia. Viu o lorde do Comércio se aproximar, observando-o sem o menor interesse.

— O senhor fez a coisa certa ao trazê-lo aqui — disse lorde Ran ao examinar as chagas.

O espadachim pestanejava com o olhar fixo no teto. Imaginava que lorde Hong estivesse furioso por não ter sido informado da doença, mas também estava

aliviado — e com medo. Diziam que lorde Ran fazia experiências com animais em suas oficinas às margens do rio. Os canais que desembocavam nas águas às vezes atraíam crianças impressionadas com tanto horror. Na hora certa, um grande jorro de sangue e entranhas, até membros inteiros, escoava por ali antes de sumir sob a superfície. Em tempos de fome, os ribeirinhos mais pobres aguardavam para fazer a coleta lá como se fossem pescadores com as varas em mãos. Mas algumas das coisas que pegavam para suas famílias não eram de comer. Lorde Ran se interessava pelos mortos.

— O Dr. Elman está aqui? — Taeshin tentou perguntar. Sua garganta estava seca, e ele precisou repetir duas vezes para que o ouvissem.

Lorde Hong olhou fixamente para o homem que o servia.

— Achemos que você tivesse desmaiado, Taeshin. Pedi que fosse retirado do salão real e levado para outra sala, para se recuperar. Os criados do próprio rei removeram a sua armadura para que você pudesse respirar. Eles viram... bem, você sabe o que eles viram. Você tem muita sorte por lorde Ran tê-lo visitado. Ele disse que já viu algo parecido. E acredita que pode curá-lo.

— Por que estou imobilizado, milorde? — perguntou Taeshin. Ele tentou conter o tremor na voz, mas estava lá, e ele sabia que o mestre ouvira.

— Para impedir que se debatesse e se ferisse. Você não é um prisioneiro, Taeshin. Aqui, deixe-me tirar a correia do seu pescoço.

Taeshin manteve os olhos fixos no teto enquanto lorde Hong abria bruscamente uma fivela que o guarda não conseguia ver e retirava uma correia de couro dourado. Ele respirou fundo, como se não conseguisse fazê-lo antes.

— O senhor pode soltar as minhas mãos também, milorde? — questionou Taeshin.

Em resposta, lorde Hong chamou o homem que estava no outro lado do cômodo.

— Lorde Ran? Há algum motivo para o meu homem ficar imobilizado? Agora que está acordado?

Taeshin observou o lorde de rosto esquelético voltar para encará-lo. Ele reprimiu um calafrio sob aquele olhar. No alojamento juvenil, alguns garotos contavam histórias terríveis sobre lorde Ran. Era difícil não pensar nas pessoas que encararam aquele olhar frio em seus últimos momentos de vida. O sujeito parecia um cadáver, pensou Taeshin. Um cadáver com um bisturi e um desinteresse que, de alguma forma, era ainda mais assustador que a fúria.

— Temo que sim, lorde Hong. Ao menos por hora. — Lorde Ran se curvou um pouco mais sobre Taeshin. — Meu jovem, creio que posso extrair esses caroços sem matá-lo, mas, por favor, entenda que o mais provável é que você morra na minha mesa. Está me ouvindo?

Taeshin assentiu, atordoado. Ainda sentia aquele mal sobre as costelas. Sempre à espreita em sua consciência. Ele aspirou o ar gelado por entre os dentes quando lorde Ran o espetou com algo pontudo que tirara do bolso. Aquilo parecia atravessar sua carne. Taeshin sentiu lágrimas nos olhos, a dor tão lancinante e súbita que ele gemeu como uma criança.

Lorde Ran estalou a língua e meneou a cabeça, voltando-se para lorde Hong outra vez.

— Está muito avançado, como o senhor pode ver. Nunca vi espécime tão bom. Se tivesse me procurado antes... não tenho muitas esperanças, milorde. E o senhor também não deve ter.

— O Dr. Elman o examinou? — perguntou lorde Hong.

— Aquele charlatão? Ele está proibido de pisar neste recinto, milorde! Não permito que tolos e bisbilhoteiros entrem onde não são bem-vindos. — O rosto de lorde Ran enrubescceu com alguma memória e se contraiu. — Se o senhor deseja levar seu homem para Elman, com seus pós e unguentos inúteis, fique à vontade. Digo apenas que a minha porta estará fechada para o senhor quando voltar! Não perderei um dia esperando que tome a decisão correta, lorde Hong. A minha opinião é que a única chance que lhe resta é a cirurgia. E, ainda assim, a chance é praticamente nula.

Taeshin escutava a avaliação da situação com uma calma que o surpreendeu. Naquela mesma manhã, decidira encontrar um lugar numa colina com suas espadas. Fora naquela manhã? Ele se lembrou subitamente de ter acordado antes, vociferando em delírio.

— Milordes, há quanto tempo estou aqui? Quanto tempo se passou desde que estive no salão real?

— Dois dias, Taeshin — lorde Hong respondeu com mais gentileza. — Você gritava. Se não se lembra, digo apenas que é uma bênção.

Taeshin teve uma lembrança repentina de beber algo amargo, quase engasgando com a bebida. Sua percepção de tempo se expandia. Aquele cômodo parecia familiar porque teve alguns períodos em que estivera acordado ali. Sentia dor na virilha e se perguntou se urinara e evacuara naquele período. Por algum motivo, ele não se importava.

— Ele adormeceu? — Ouviu lorde Hong perguntar. — Taeshin? Aqui. Lorde Ran lhe deu algo para a dor, mas é um tipo de veneno. Existe um limite para o quanto você pode tomar antes que isso o mate como essa... coisa nas suas costelas. Está me entendendo? Lorde Ran está trabalhando noite e dia nos preparativos da cirurgia. Ele tem uma geringonça que diz que vai ajudar a controlar o fluxo do sangue durante a... operação, certo?

Lorde Ran foi incapaz de esconder o desdém que o fez franzir os lábios ao responder.

— Sim, lorde Hong. Preparei a minha “geringonça”, sim. Como cada hora conta, trabalhei noite adentro para juntar as ferramentas...

O resto da frase ficou no ar quando Ran se curvou para examinar os caroços pretos. Taeshin ouviu o lorde alto soltar um chiado consigo mesmo.

— Creio que chegou a hora, lorde Hong. Se esses bubões estourarem, vão levar a ruindade para o sangue, e será o fim. Se tiver algo mais a dizer ao seu homem, sugiro que o faça agora. Vou sedá-lo em um instante. Depois disso, bem... podemos apenas torcer pelo melhor.

Taeshin tentou se sentar, mas era como se não tivesse músculos abdominais. A

fraqueza e o medo embaralhavam os sentidos, e ele só conseguia arfar e observar, com os olhos embaçados por lágrimas que o envergonhavam. Lorde Hong fez uma careta ao ver a cena. Taeshin sentiu a mão calejada do homem no seu ombro.

— Boa sorte... — disse ele bruscamente. — Você é um bom rapaz. Tenho toda confiança em você.

Era tão evidentemente falso que Taeshin deu uma risada em meio à dor e às lágrimas, mas o esforço quase o fez desmaiar. Ele ouviu o som dos passos de lorde Hong diminuir enquanto o mestre ia embora. Lentamente, Taeshin tomou consciência do cômodo à sua volta, de um leve borbulhar e do chiado de um jato de gás. E desejou que estivesse louco, para não precisar sentir o que vinha pela frente.

Sem o menor aviso, lorde Ran acionou uma alavanca e ergueu a parte superior da cama. Taeshin soltou uma exclamação de surpresa. Fechou os olhos e sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto.

Para se distrair, observou o lugar do qual ouvira falar apenas em sussurros. O laboratório era comprido e arejado, com uma dúzia de camas enfileiradas. Eram de mogno e em todas havia algo que chamava sua atenção. Numa, havia um macaco sentado com as juntas atravessadas por hastes metálicas. O bicho estava preso pelas hastes, mas continuava consciente. Encarou Taeshin com seus olhos vermelhos enquanto o homem piscava, horrorizado. Aquilo era o inferno, e era lá que ele se encontrava.

Ele virou a cabeça de um lado para o outro, à procura do conforto de coisas mais familiares. Em vez disso, viu pele pálida se mover em um líquido, dobrando sobre si mesma várias vezes, em um recipiente de vidro do tamanho de uma criança. A coisa parecia se mover lascivamente, como se sentisse o seu olhar.

Lorde Ran posicionara sua cama de frente para um pedestal de madeira de nogueira belamente entalhado. Fios finos de metal o ligavam às camas ao redor, de modo que a peça que repousava no pedestal parecia suspensa, presa por todos os lados. Criados carregavam baterias químicas enormes, colocavam-nas sobre suportes e as conectavam a outros fios, como se houvesse algum sentido naquele ninho que montavam. O cheiro de ácido ficou mais intenso, e Taeshin precisou se esforçar para não tossir. Ele suspeitava que desmaiaria se o fizesse e estava desesperado para continuar consciente, apesar da dor. Jamais se sentira tão indefeso em toda a sua vida.

Uma mão pressionou sua testa, sem qualquer aviso ou som de aproximação. Taeshin soltou um berro de surpresa, mas o abafou quando lorde Ran olhou dentro dos seus olhos.

— Você está com uma febre bastante alta, Mestre Taeshin. Eu lhe dei outra dose de leite opiáceo. Os resultados, sem dúvida, serão delírios e alucinações. Foi por isso que o mantive imobilizado. Está me entendendo?

Taeshin assentiu, e o homem pareceu ficar impressionado.

— Você é muito forte. Creio que eu não seria capaz de encontrar um espécime mais apropriado se não fosse pelo seu pequeno passageiro. Você sabe

quantas vezes o rei se recusou a permitir que eu usasse guerreiros vivos? Se pudesse usar jovens saudáveis, eu teria chegado a este estágio há um ano. Em vez disso, me dizem para trabalhar com cadáveres, macacos e homens tão velhos que morrem de susto na minha mesa!

Taeshin via lorde Ran se inflamar com a lembrança. Saliva se acumulava nos cantos da boca do homem e se agarrava aos lábios, de modo que um Taeshin aterrorizado a via formar fios conforme o lorde ficava cada vez mais irritado com suas memórias.

— ...mais de oitenta mil guerreiros no reino! Mas, ao pedir uma dúzia, os materiais para o meu trabalho são negados.

Lorde Ran percebeu que Taeshin não era capaz de entender suas tribulações. Ele suspirou e apertou o nariz com dois dedos angulosos. Os outros ficaram abertos, e Taeshin viu manchas antigas neles, amarelas e pretas. Ele torceu que não fosse nada além de tinta.

— Tragam os outros — ordenou. — Vou trabalhar com o que tenho.

Lorde Ran amarrou um tecido branco sobre o nariz e a boca, e, como se fosse uma deixa, todos os criados fizeram o mesmo. Taeshin sentia o coração martelar no peito. Já não sabia se seria capaz de suportar o que lhe fariam e manter a dignidade. Era estranho, mas isso era o que mais o assustava, mais do que a dor — que outros homens o vissem se render.

Os criados de lorde Ran eram todos jovens e tão esqueléticos quanto o mestre. Era como se aquele trabalho consumisse a carne. Eles se apressaram para cumprir a ordem. Taeshin conseguiu virar a cabeça quando as portas foram escancaradas e três camas com rodas foram empurradas para o laboratório apertado, os fios reorganizados para que conseguissem passar. Em cada cama havia um homem, mas Taeshin não via nada em comum que justificasse a presença deles.

Dois deles começaram a gritar no instante em que viram lorde Ran. Estavam imobilizados com as mesmas tiras de couro, mas Taeshin reparou que não havia nenhum patrono bondoso para tirar a correia do pescoço deles. Eles balbuciavam e praguejavam quando as camas pararam de se mover para que fosse aberto caminho em meio aos fios, muitas vezes sendo preciso desconectar e reconectá-los.

Taeshin se viu numa intimidade terrível com três estranhos. Ele os observou um a um, enquanto lorde Ran e seus criados os ignoravam completamente, ocupados com os equipamentos. Taeshin tremia como se fosse fustigado por um vento congelante, apesar de a temperatura estar agradável e o ar, carregado de odores químicos.

Os dois que se debatiam estavam dolorosamente limpos, com a pele irritada e esfolada, como se a sujeira de anos ou décadas tivesse sido esfregada sem o menor cuidado ou piedade. Um dos homens fora barbeado com a mesma brutalidade, de modo que cortes e escoriações vertiam líquido claro quando ele se contorcia contra as amarras. Taeshin esperou que abrisse os olhos, mas, quando o fez, ele estremeceu. As órbitas não estavam ocas, mas ocupadas por cicatrizes que mais pareciam o interior de uma bochecha ou um músculo. Eram rosadas, variegadas,

e tinham aparência desagradável. Ele se perguntou o quanto aquele homem assimilava do local onde estava.

— Acalme-se, senhor, se for possível — disse.

O homem parou de se contorcer na cama e virou para Taeshin como um cão que fareja alguma coisa. Foi uma experiência desconcertante ver o cego se inclinar contra as amarras rangentes, tentando achá-lo com os sentidos.

— Socorro! Me ajuda! — berrou o homem de súbito. — Por favor! — Ele passou a guinchar num volume surpreendente.

Taeshin viu um grupo de criados reagir. Aproximaram-se com determinação, e ele queria desviar o olhar, mas não conseguia. Dois seguraram as pernas do homem, que chutavam o ar. Outro fez um garrote em seu braço com um elástico até que uma teia de veias roxas ficou visível. O criado deu tapas no braço, deixando a pele vermelha. Puxou o pano que cobria a bandeja, revelando uma seringa de metal e vidro com um líquido branco. Taeshin lembrou que lorde Ran mencionara um leite e sentiu um calafrio quando espetaram a agulha no braço do homem e injetaram o conteúdo. O resultado foi quase instantâneo, e as lamúrias do pobre coitado perderam força. Taeshin o via afundar na cama, seus olhos rosados claramente visíveis, agora que não tinha forças para mantê-los fechados.

O silêncio e o borbulhar de ácido estavam de volta. Taeshin olhou para a cama do outro homem que gritara, na esperança de achar alguma salvação. Este logo encontrou o seu olhar, mas não voltou a gritar. Vira o destino do primeiro e não queria passar por aquilo. Taeshin notou que tinha a mesma aparência esfolada, como se tivessem esfregado à força anos de sujeira de seus corpos. Como se tivessem sido arrancados das sarjetas da cidade para quaisquer que fossem os planos de Ran. Um era cego, os outros... Taeshin sentiu o olhar do terceiro homem. Ele o encarava com algo como desconfiança ou raiva. Era mais musculoso do que os dois mendigos, se é que eram isso. O terceiro fora esfregado com a mesma brutalidade destinada aos outros dois, mas tinha outras marcas e arranhões, como se houvesse resistido o tempo inteiro. Taeshin se dirigiu a ele como um igual, até que soubesse mais.

— Imagino que você não queria estar aqui — disse.

O homem fez que não com a cabeça, mantendo os olhos ocupados. Era visível que ainda esperava encontrar uma saída. O que era algo admirável ou uma tolice, Taeshin não tinha certeza. Continuou a encará-lo, e o olhar do homem se fixou nele com irritação.

— O que você quer? Você é o moleque de algum lorde, não é? — rosnou o homem de repente.

— Meu nome é Taeshin. Lorde Hong é meu mestre e patrono. E você? — Ele supôs que a pergunta não faria sentido para o sujeito, mas se surpreendeu com a resposta.

— Samson Edo, último da casa Ruijin.

— A casa Ruijin é honrada — respondeu Taeshin, reavaliando o homem.

— Foi no passado, mas hoje está em decadência.

— Você serviu a uma casa? Mesmo? — perguntou ele com uma curiosidade

genuína. Não conseguia explicar a presença de um espadachim naquele lugar, mas imaginava que o mesmo podia ser dito a seu respeito.

— Sim, até que fui ferido e o corte infeccionou — o homem rosnou em resposta. — Foi então que descobri o que é lealdade, e como ela se dá de uma única maneira, de nós para eles. Foi assim que descobri o meu valor.

Ele chutou os cobertores que lhe cobriam as pernas. Quando caíram no chão, Taeshin olhou para baixo e empalideceu ao entender. Uma das pernas terminava logo abaixo do joelho numa massa em tons de rosa e amarelo. Parecia um nó, e Taeshin balançou a cabeça, compadecido.

— Sinto muito, Mestre Edo — disse.

O homem corou com a cortesia. Pela maneira como se contraiu, Taeshin sabia que ele teria feito um gesto para dispensar aquelas palavras se não estivesse imobilizado. Era parte do seu ofício ler os movimentos de outros homens e avaliar a ameaça que representam. Taeshin via raiva na forma como o outro estava sentado, mas desespero em seus olhos escuros.

— Faz tempo que não sou chamado assim — murmurou o homem. — Não sou mais um mestre, nem um Ruijin. Disse isso apenas porque vi o seu desdém, sua arrogância. Você nunca foi ferido, filho. Nunca viu nada seu ser arrancado. Eu já. Eles tiraram tudo de mim. Quando fizerem isso com você, talvez neste lugar, você vai entender.

Taeshin se forçou a desconsiderar o mau agouro. Não sabia se o homem fora maltratado, ou se era louco. Inclusive, ouvira histórias de homens que afirmavam pertencer a famílias nobres quando não possuíam laço algum. Mas aquele era um jogo perigoso. As casas de Shiang eram severas com aqueles que manchavam sua honra e seu nome.

Taeshin suspirou e sacudiu a cabeça. Não podia se preocupar com o destino de estranhos, não importava o que lorde Ran fizesse naquele lugar. Seu abdome doía como um dente podre, mas, quando se mexeu na cama, a dor irrompeu e o fez grunhir. Os criados pareciam não ter notado. Só os outros três poderiam ter ouvido. Ele pensou ter visto aquele que se dizia Samson Edo franzir os lábios de desdém, mas Taeshin o ignorou. Certos homens carregam veneno demais em si para sossegarem. Sentia que Edo era um deles, um homem amargo. Ele conhecera outros homens que perderam uma perna ou uma das mãos. E isso não os destruiu, não daquele jeito. Os fortes permanecem fortes; os fracos sucumbem. Essa era a verdade.

De repente, o segundo homem sorriu para ele, soltando um chiado que podia ser uma risada. Taeshin encarou o rosto que havia se enrugado, mostrando as gengivas murchas com dentes acinzentados. O homem ria dele enquanto lágrimas escorriam dos olhos. Taeshin lembrou dos bêbados que mendigavam na cidade velha, homens com o cérebro apodrecido. Quando sustentou seu olhar, o sujeito ergueu o queixo e falou, mas as palavras não passavam de grunhidos e a risada ofegante recomeçou. Se foi levado à loucura ou se bebeu até encontrá-la, Taeshin não tinha como saber.

Ele observou o grupo de homens debilitados com um novo olhar. Um era

cego, o outro, coxo e o terceiro, arruinado pela bebida ou pela pobreza. Taeshin pensou nos próprios caroços, que prometiam morte e agonia sem fim. Ele ergueu a cabeça quando lorde Ran retornou, os olhos brilhando com expectativa. Viu o lorde do Comércio do reino examinar e manusear cada um deles, indiferente à sua dignidade. Quando veio até ele, o homem o pressionou contra a cama reclinada. Taeshin não tinha forças para resistir enquanto tinha espasmos na lateral de seu tronco que o faziam arfar. Ele sentiu os dedos do homem afivelarem novamente a correia no seu pescoço, imobilizando-o por inteiro.

— Pronto, assim está melhor — disse lorde Ran. — Torço por você, Mestre Taeshin. De todos esses homens, você é o mais... completo. Nada menos que um dos escolhidos de lorde Hong! Apenas o nosso Edo aqui recebeu treinamento, e isso foi há vinte anos. Você, por outro lado, é jovem e forte, talvez forte o bastante para sobreviver. Se eu tivesse outros três de você..., mas não importa. Tenha coragem, senhor. Resista. Se alguém aqui tem uma chance, esse alguém é você.

Crueldade

Marias sabia que estava respirando rápido demais, seu coração batendo como o de uma lebre. Abrigava-se na sombra cada vez menor do portão da cidade enquanto ambulantes, guardas e trabalhadores circulavam por ali, cuidando da própria vida. Ela percebeu que aqueles que se mantinham em movimento tinham algum tipo de imunidade, como se isso os poupasse de serem notados. Sentia que despertara o interesse de algumas pessoas: um açougueiro que abria o seu comércio, um estudante que comia um pão cozido a vapor com recheio de pasta doce de feijão. Ficar parada ali também a fez ser notada por quem sabia que não estava ali antes. Marias não queria ser confrontada, mas que escolha tinha? Fazia dois dias que Taeshin desaparecera. Ela não tinha como receber o pagamento do mestre, se é que ainda estava sendo emitido em seu nome. Uma escrava doméstica jamais teria permissão para receber o pagamento de um homem, mesmo que soubesse qual dos escritórios na área do palácio era o correto. Parada na calçada, ela roía as unhas, mordendo a ponta dos dedos até ficarem doloridos e em carne viva. Taeshin não era um homem rico, ela sabia disso. Já havia atrasado um ou outro pagamento, e usava o nome e a reputação para fazer os comerciantes esperarem. Mas não fora visto desde que desmaiou perante meia dúzia de famílias nobres e do rei em pessoa. A notícia se espalhou como se tivesse asas. Aqueles a quem Taeshin devia dinheiro ficaram sabendo e bateram à porta de sua casa naquela mesma noite. Guerreiros que ficavam doentes não tinham proteção contra tais homens. A postura solícita de todos eles sumiu no instante em que se viram em posição de vantagem. Marias se sentou sozinha no alto da escada e abraçou os joelhos, vendo sombras irritadas espiarem pelo vidro.

Pelo menos não arrombaram a porta. Alguns credores deixaram meninos vigiando a casa para o caso de Taeshin voltar, ou talvez para serem os primeiros da fila quando sua propriedade fosse leiloada. Marias morreria de fome ou congelada se tivesse ficado em casa sem acender sequer um lampião, que poderia denunciar sua presença. Em vez disso, ela se esgueirou pela pequena janela no quarto de Taeshin e fugiu pelo telhado.

Sentia uma certa liberdade, estava acima da cabeça de homens e mulheres que passavam. Cuidavam da própria vida lá embaixo e, até onde ela podia dizer, mal olhavam para cima. Com certeza ninguém a vira sair. Não ouviu gritos, guardas não foram chamados aos berros para capturar uma escrava fugitiva.

Marias envolveu o corpo com o manto de qualidade. Nunca o usara antes. Ela achava que havia pertencido à mãe de Taeshin e ainda tinha um leve cheiro de perfume. Mas o manto a protegia dos olhares de quem passava. Num impulso, ela estendeu a mão para pedir esmola, o que a tornou ainda mais invisível para os vendedores e comerciantes que chegavam à cidade. Seu rosto estava sujo de terra e as mãos, imundas, depois de engatinhar sobre as telhas verdes. Aquilo era um disfarce ou sua nova realidade. Por hora, ela preferia acreditar que era um disfarce.

Taeshin costumava guardar alguns trocados em um prato redondo ao lado da porta. Para seu azar, havia algumas poucas moedas de renminbi ali. Ela gastou o que restava de dinheiro com pão e um punhado de larvas de bicho-da-seda secas, sempre atenta às conversas alheias e fazendo perguntas como uma fofoqueira, sempre que possível. Pensou em procurar Pequena Mung outra vez, mas ainda não estava tão desesperada, não no primeiro dia. Mas, depois de mais um dia sem notícias de Taeshin, já não tinha mais certezas e perdia a esperança. Comeu o restante da comida na noite anterior, e ouviu apenas boatos de que Taeshin tinha sido levado pelo lorde do Comércio. Marias pensou em um homem bondoso, tratando a doença de Taeshin com emplastros e médicos. Nenhum dos vendedores ambulantes lhe dizia onde era a casa do tal lorde. Quando os pressionava, sentiam que sua ansiedade era perigosa. Olhavam mais uma vez para sua aparência suja, pressionavam os lábios e a mandavam embora.

Marias sem dúvida sentia fome o bastante para pensar em roubar, mas sabia muito bem o que acontecia com os escravos que o faziam. Decidira que preferia morrer sozinha, e não despida e enforcada na praça mais próxima. Ela foi tomada por uma onda de tontura e tentou se apoiar no poste ao lado, esbarrando em um soldado que passava. O homem a olhou desconfiado a princípio, e depois com mais confiança ao notar sua pobreza evidente. Algo malicioso surgiu em seus olhos e Marias se esquivou, mas ele agarrou seu braço.

— Você devia vir até a casa da guarda, meu anjo, lá é agradável e aconchegante. Temos comida e vinho, se quiser. Vamos.

Marias puxou o braço. Ela sabia muito bem o que a aguardava se fosse tola a ponto de ir com o homem, ainda mais se descobrissem sua marca.

— Me deixe! — berrou ela. A raiva ou talvez a fome lhe deu confiança. Ela era uma mulher livre naquele momento, e se agarrava ao pouco de dignidade que ainda lhe restava como o manto ao redor de seu corpo.

O guarda sorriu com desdém, enrubescendo. Era mais jovem do que ela pensara e estava constrangido com os olhares em sua direção. O açougueiro observava a cena, Marias notou. O guarda não tentou agarrá-la outra vez, mas seu rancor e desejo de ferir eram visíveis.

— Vá embora, suma daqui — disse ele com um tom de voz áspero e alto demais. — Você não vai ficar pedindo esmola aqui não, vadia.

Marias sentiu o rosto corar sob a sujeira. Aquilo a machucava, mesmo depois de tantos anos. Mas ela estava aliviada por poder se misturar à multidão outra vez. Era a única vitória que podia ter contra aquele homem e tudo o que ele era:

forte, violento, treinado, limpo e livre. Marias desejou que Taeshin estivesse ali, para jogar o sujeito sobre seus joelhos e estapeá-lo como se fosse um tambor. O pensamento aliviou um pouco a dor daquele encontro. Ela começou a abrir caminho em meio aos pedestres, ignorando mãos que Tateavam sua roupa à procura de uma bolsa sob a capa. Não tinha algo para ser roubado, nem algo que fizesse seu estômago parar de roncar como uma rã.

Mais adiante na rua ouviam-se gritos de animação. Marias ficou na ponta dos pés para ver, segurando-se em um pequeno poste de pedra para manter o equilíbrio à medida que mais e mais pessoas avançavam para ver o motivo da comção. Ela se agarrou como um carrapato ao poste, recusando-se a ser arrastada de um lugar de onde conseguiria ver quais dos mestres espadachins do rei atravessavam o portão a cavalo. O boato corria pelas ruas, e ela estava convencida de que, de alguma forma, um deles seria Taeshin. Por mais louco que fosse, ela não podia permitir que deixassem Shiang enquanto procurava pelo seu mestre, não sem ver o rosto deles. A ideia de que, em sua fraqueza e fome, poderia não o ver a atormentaria se não olhasse. Disso ela tinha certeza.

Era um grupo modesto, se comparado a outros que já vira. Procissões militares podiam marchar ao longo daquelas ruas por horas a fio: milhares de homens em fileiras perfeitas, com os estandartes das casas nobres tremulando acima deles. Em comparação, aqueles quatro cavaleiros poderiam ter atravessado Shiang praticamente despercebidos. Mas a multidão só crescia, e Marias ficou sem ar.

Em uma cidade que reverenciava a arte da espada, os verdadeiros mestres eram considerados tesouros nacionais. Até mesmo Marias já ouvira falar de Hondo, Primeiro Espadachim de Shiang. Ele parecia ser mais jovem do que ela esperava, montado num alazão de pelo brilhante com as mãos no pito da sela. Ela acreditava que um grupo dos melhores espadachins não poderia deixar de incluí-lo. Apesar de já estar na casa dos 50, ele vencera torneios há trinta anos e derrotava todos os adversários.

Ela não sabia como os três companheiros de Hondo se chamavam, mas a multidão ao redor a ajudou, gritando seus nomes a plenos pulmões. Os gêmeos Hi e Je eram indistinguíveis, é claro. Eram guerreiros idênticos e, pelo que diziam, se tornaram mestres treinando juntos todos os dias, parando apenas para dormir e comer.

Marias pestanejou ao descobrir que conhecia o quarto cavaleiro. Bosin era um homem enorme, que montava um cavalo mais apropriado para o arado que para a guerra. Era uma besta que aapequena até mesmo o próprio mestre, cuja cabeça ficava mais alta do que a dos outros três. Deus dera a Bosin dádivas incomuns quando criança, diziam que era capaz de erguer qualquer homem acima de sua cabeça. Sem treinamento, não seria páreo para um espadachim Mazer. Mas era tão rápido e letal quanto qualquer um deles — e muito mais forte. Normalmente, atraía admiradores como se fosse um cometa passando pela cidade. Marias o vira duas vezes no decorrer dos anos. Em ambas as situações, ergueu os olhos para ver quem poderia estar rindo tão alto. Bosin era um homem

de ouro, muito acima das mesquinhas e frustrações da vida cotidiana, pelo menos era assim que ela o imaginava.

Marias esticou o pescoço, tentando encontrar Taeshin entre os cavaleiros. E ficou surpresa ao ver guerreiros de tamanha distinção viajando sem criados ou escravos para servi-los. Tudo bem que seus alforjes estavam abarrotados, mas eles precisariam acender as próprias fogueiras na selva. O cavalo de Bosin levava tanta coisa que parecia carregar o dobro do próprio peso. Mas Taeshin não estava lá.

Marias soltou o poste, e o espaço foi imediatamente ocupado por aqueles que tentavam obter um vislumbre dos mestres de Shiang. Sem fazer muito esforço, ela foi se afastando da multidão e se livrou do empurra-empurra conforme sua força se esvaía. Ela tomou o rumo de casa, mas mudou de ideia e seguiu para o mercado outra vez. Ao final do dia, os feirantes sempre descartavam as mercadorias que estragavam. Vira doentes e miseráveis se reunirem para receber comida na noite anterior, de mãos estendidas. Não se sentira pronta para brigar com eles naquele momento, mas agora sabia que ficaria fraca demais se deixasse a chance escapar. Marias ainda não estava pronta para desistir. Ela se perguntava como seria quando estivesse.

Taeshin jamais sentira a dor de uma corrente elétrica na vida. Parte de seu treinamento nos passos Mazer era simplesmente receber golpes, tanto em lutas quanto como em um exercício isolado, para forçar os ossos a ficarem mais fortes. Nada treina o corpo tão bem para o combate quanto uma surra. Ele vivia com contusões e ossos quebrados desde os 7 anos, quando foi levado para o alojamento infantil pela primeira vez. Recebeu uma surra de boas-vindas de seus companheiros que o deixou desacordado e com dois dedos quebrados.

Nada disso o preparou para a impotência que sentiu naquela sala comprida. Passara a temer o som da porta abrindo quando lorde Ran chegava para receber atualizações dos criados aos sussurros. Os quatro homens presos às camas não pareciam mais ser vistos como indivíduos pelo nobre. Lorde Ran e sua equipe circulavam e trabalhavam em meio a eles como se os quatro não tremessem e os encarassem. O cego pedia ajuda de tempos em tempos, como se o som estivesse reprimido dentro dele e viesse à tona. Ninguém respondia.

Ofereceram água para eles. Quando o sol poente tingiu as janelas de dourado do outro lado do rio, um dos criados até chegou a alimentá-los, um a um, com colheradas de uma papa de vegetais cozidos. Taeshin estava faminto, mas ainda assim virou a cabeça e recusou a comida, trincando os dentes. Já passara fome antes. Aceitar caridade de pessoas que o viam apenas como mais um macaco amarrado a uma cama seria como se render.

Quando a noite caiu, os criados de lorde Ran acenderam velas e em seguida as usaram para atear pequenos jatos de gás detrás de vidros, fazendo a luz desabrochar outra vez na longa sala. Taeshin conhecia lampiões, mas jamais vira nada que tivesse tubos e engenhocas escondidos nas paredes. Ele franziu o nariz quando o bêbado magricela e desdentado urinou na cama. O homem chorava, percebeu ele. E ficou atento a qualquer expressão no rosto dos criados, mas, no

instante em que viram o que tinha acontecido, eles tiraram o lençol sujo, trouxeram outro limpo e secaram o sujeito como foi possível. Taeshin se perguntou se soltariam as amarras caso evacuasse. Estava quase desesperado a ponto de tentar.

Grandes recipientes com ácido sulfúrico e metais que ele não conhecia ainda borbulhavam nas mesas, desprendendo uma névoa esbranquiçada que pairava acima de cada um como nuvens de chuva. Taeshin tremia enquanto tentava compreender o que tinha acontecido. Lorde Ran havia girado um botão circular de metal escuro, e os resultados foram como magia hostil em seu corpo. Primeiro, os músculos se contraíram sozinhos, fora de seu controle pela primeira vez na vida. Ele viu as veias saltarem em seus antebraços, e ainda sentia o maxilar e o pescoço doloridos depois de tanto tempo tensionados. No entanto, lorde Ran não parecia ter um objetivo em mente ao operar aquela máquina. Era como se ainda estivesse ajustando e testando os mecanismos do equipamento. Taeshin viu os homens nas outras mesas arquearem as costas, um a um, e teve a chance de ver o que acontecia com ele próprio quando os fios estavam conectados. Era uma visão vil, pensou. Os olhos de um homem podiam se tornar selvagens com a dor. Deitado na cama, Taeshin sentiu um espasmo, apesar de os fios terem sido desconectados. Aquilo também trazia outro tipo de medo, de terem arrancado parte do seu autocontrole, um homem que trabalhara duro para se tornar mestre da própria carne. Era uma das poucas coisas que possuía, e aquela máquina podia arrancar-lhe até mesmo isso.

Ninguém explicou por que o colocaram ali, nem por que os fios, como se fossem uma mão invisível, fizeram seus músculos se contraírem. Lorde Ran ignorava as perguntas como se não as ouvisse, movendo-se como um fantasma ao conferir cada conexão enquanto lia suas anotações em voz alta e murmurava instruções para si mesmo e também para os criados.

Lorde Ran se retirava da sala de vez em quando, talvez para comer ou descansar. Taeshin ainda tinha espasmos e decidira que não ia dormir, não naquele lugar onde os sentidos gritavam para que ficasse acordado, para que encontrasse uma saída mesmo que precisasse usar os dentes. Se ao menos conseguisse alcançar a amarra de um dos pulsos com os dentes, ele teria tentado. Mas tudo que podia fazer era se recostar e fechar os olhos.

— É Taeshin, não é? — disse uma voz.

Era o homem grande do outro lado, o que perdera a perna. Os criados ainda não haviam repostado o cobertor dele, e Taeshin ainda via as marcas e cicatrizes rosadas do coto. Ele as estudou quando o homem se recostou e fechou os olhos. Era uma coisa fascinante para um jovem, especialmente para um que entendia de anatomia. Os mestres espadachins estudavam as estruturas do corpo. Aquilo os deixava mais habilidosos na hora de retalhar um homem.

Taeshin assentiu.

— Você sabe o que eles estão fazendo com a gente?

Taeshin ergueu os olhos. A sala comprida estava em silêncio, como se a equipe estivesse dormindo. Não tinha dúvida de que um dos criados entraria a qualquer

momento, mas estavam sozinhos, ainda que por pouco tempo.

— Eu achava que seria curado. Mas todos esses fios... não gosto deles.

— Pensei que fosse tortura — disse o cego de repente.

Taeshin e o soldado olharam para ele, fazendo careta para os volumes rosados no lugar dos olhos. O homem pareceu sentir o escrutínio e se curvou para a frente até onde a correia na garganta permitia. Os tendões do pescoço saltavam como fios sob a pele.

— Olhem bem, rapazes. É isso que o ácido faz com você. Conheço esse cheiro, já o senti antes. Não vamos sobreviver, já estou avisando. Eu me conformaria se fosse vocês. Nunca pensei que seria pego duas vezes, mas eu não tinha como ver o que estava por vir, tinha?

O homem desatou a rir, e Taeshin achou aquele som frio. Ele se debateu contra as amarras. Os caroços pretos espalharam agonia, mas por algum tempo ele ficou meio alheio a tudo, puxando e se debatendo, usando todas as suas forças contra as tiras de couro. Quase não reparou os criados entrando depressa e contendo-o com mãos frias. Os homens conferiram as amarras e assentiram um para o outro.

Pouco a pouco a sala comprida voltou à vida. A penumbra serena da madrugada foi substituída pelo brilho da manhã enquanto os criados desligavam o gás dos lampiões. Taeshin estava exausto e cheio de dor. Passou algum tempo se perguntando o que seria de Marias. A jovem não sabia onde ele estava, concluiu. Ninguém pensaria em lhe contar. A ideia de não estar lá para protegê-la provocava emoções estranhas e desconfortáveis.

Os criados se enfileiraram nas laterais da sala, a boca coberta por panos limpos atados atrás da cabeça. Ficaram em silêncio por uma eternidade, e os únicos sons que se ouviam eram os lamentos do homem magro e as pragas sussurradas pelo soldado. O homem sem olhos não voltou a falar e pareceu mergulhar de volta em seu inferno pessoal. Taeshin ficou pensando na própria vida e pedindo perdão por todos os seus pecados e momentos de crueldade. Só isso que importava, dizia seu pai. Deus não se preocuparia com a dúzia de homens que ele matou; afinal, eram oponentes que entraram no combate por vontade própria. Eles escolheram o seu destino e arriscaram a vida ao enfrentá-lo com uma espada. O que realmente importava eram as vezes em que foi cruel, quando causou dor deliberadamente. Não os acidentes, pois ele não era nenhum santo — tampouco as vezes em que pediu desculpas e se redimiou. Pelas suas contas, restavam apenas três ocasiões. Apesar de se arrepender de todas, achava que não era um número tão alto para um homem da espada. Não em Shiang, pelo menos.

Quando o sol nasceu, lorde Ran voltou à sala com aparência renovada. Ele limpava a boca com um pano e havia trocado de roupa. Taeshin se perguntou se o homem sabia ou se importava com o fato de que os quatro tinham urinado na cama durante a noite e precisaram ter os lençóis trocados. Era uma humilhação, mas ele suspeitava que lorde Ran não dava a mínima para esses detalhes.

O homem sorriu quando as cores do amanhecer invadiram a sala. Dava para ver que estava de bom humor.

— Cavalheiros! — disse. — Obrigado por sua paciência. Não vai demorar muito mais tempo, eu prometo. Pode reduzir as lâmpadas a gás, por favor? Sim, pode desligar, na verdade — ele instruiu um criado, que atravessou a sala e girou os pequenos botões de latão até que apenas a luz do sol banhava as paredes.

Taeshin fez uma careta ao lembrar da dor enquanto o lorde do Comércio reconectava os fios no dorso das mãos deles. As enormes baterias foram movidas para mais perto, o que fez Taeshin piscar e sua respiração ficar mais curta quando o cheiro de ácido queimou em sua garganta.

— Lorde Ran, o senhor pode, por favor, me soltar? — disse Taeshin com firmeza. Prometera a si mesmo que faria isso assim que o visse. O soldado à sua frente achou graça e acrescentou o seu próprio pedido.

— Eu também, milorde. Gostaria de encerrar o expediente.

O bêbado e o cego nada disseram, prostrados em suas amarras e suas roupas úmidas.

Lorde Ran negou com a cabeça.

— Sinto muito que tenha demorado tanto, cavalheiros. Vocês não fazem ideia do quão delicados são esses ajustes, do quanto preciso ser cuidadoso. Tenho apenas uma chance para provar a minha teoria. Se desperdiçar essa chance por falta de cuidado, jamais me perdoarei; posso, inclusive, jamais ter outra oportunidade. Podem ter certeza de que a minha intenção é curá-los. Para alguns de vocês — ele inclinou a cabeça para Taeshin —, creio que seja a única esperança. Portanto, tenham fé na ciência e na magia, senhores. Tenham fé em mim!

— Por favor, milorde. Eu prefiro não arriscar — disse o soldado novamente.

Lorde Ran o ignorou, mas seu rosto corou e o bom humor desapareceu.

— Coloquem a pedra no lugar — ordenou o lorde aos criados.

Eles trouxeram uma caixa e dela retiraram uma pedra do tamanho de uma mão aberta, ou um pouco maior. Era de um branco leitoso, salpicada de um dourado que refletia a luz do sol que jorrava pelas janelas. Taeshin não conseguia desviar os olhos do objeto. E viu uma reverência semelhante em lorde Ran quando este pôs a mão na pedra.

— Não é bela? — murmurou, mas a pergunta não era dirigida a nenhum dos homens acamados.

Ele sorriu com mais suavidade dessa vez, sua irritação amenizada por aquela presença.

— É uma fonte de magia, cavalheiros, se puder ser extraída e utilizada. Os meus equipamentos sugerem uma vasta reserva de energia nesta pedra branca, mas, até há pouco tempo, eu não conseguia uma maneira de extraí-la. — Ele apontou para as baterias com um gesto amplo.

Taeshin voltou a se debater, quase descontroladamente. Não tinha como impedi-los de posicionar a pedra no meio daquele emaranhado de fios, tampouco arrancar aqueles presos ao seu tronco, e lágrimas de agonia e terror escorreram por seu rosto. Os homens nas camas foram cobertos por grossas tramas de tecido e metal, eles próprios quase transformados em máquinas. Taeshin sentiu a bile

subir e queimar sua garganta enquanto lorde Ran conferia as conexões mais uma vez.

— Afastem-se — ordenou aos criados. — Não encostem nesses homens agora, sob risco de vida.

Ele manteve a mão em um botão, e Taeshin só podia observar. Lorde Ran assentiu para todos.

— Preparem-se, cavalheiros. Chegou a hora.

Taeshin viu a mão girar e sentiu um jorro de tensão invadi-lo e crescer de forma incontrolável, fazendo seu corpo arquear contra as amarras. Lorde Ran gritava alguma coisa, e os criados corriam de um lado para outro. Os homens nas camas se contorciam e debatiam. Taeshin via luz emanando deles, atrás de seus dentes e dentro dos olhos. O mundo inteiro parecia mergulhar em um clarão, e ele sabia que caminhava com a morte.

Poeira adentro

Era difícil lembrar o sabor das coisas, pensou Gabriel. Ele lembrava que o limão era azedo, mas aquela palavra já não tinha mais um significado real. Suas memórias haviam perdido o conceito, como se todas as cores tivessem desbotado.

Ele meio que esperava que a morte fosse o vazio, mas não era. Quando morreu e acordou surpreso em uma planície fria, ele esperava por valquírias, ou mesmo anjos. Em vez disso, viu a si mesmo de armadura, em meio a uma poeira cinzenta. Os exércitos dos mortos o rodearam, aceitando sua presença. Ordens eram bradadas acima e abaixo pelas linhas de combate, e aquilo era familiar, quase reconfortante. Ele lutou por uma eternidade, vendo almas evaporarem quando golpeadas. Isso se fossem almas; ele não sabia. Lutava porque não havia mais nada na planície — e porque era o que fazia de melhor quando estava vivo.

Ali era sempre a hora que antecede o amanhecer, quando o ar estava frio e as mãos, duras e dormentes. Ele vagava e lutava; então, quando a batalha terminava, todos se sentavam, fitavam o nada e até dormiam. Aí as almas voltavam e os soldados se levantavam novamente. Elas não pareciam se importar com a repetição, mas aquilo sempre o fazia querer berrar de frustração. Mas não o mataram, nem uma única vez em inúmeros anos. Ainda lhe restava aquele orgulho em meio à poeira.

Havia uma colina perto do campo de batalha, uma elevação suave naquela terra que Gabriel sempre dizia a si mesmo que exploraria. Mas, toda vez que acordava enrolado no cobertor, toda vez que era chamado, ele apenas levantava e batia a poeira do corpo. Não podia abandonar a formação, os homens ao seu redor. Então cuspiu no chão, estalava o pescoço e pegava o escudo de latão aos seus pés. No calor da batalha, às vezes ele espiava a colina à sua esquerda e dizia a si mesmo que não atenderia ao próximo chamado. Mas sempre atendia — e uma parte sua urrava, sabendo que para sempre atenderia.

Naquela manhã, quando se levantava e se preparava para mais um dia, Gabriel correu os olhos pela planície como fizera incontáveis vezes. Seria um dia difícil, sua coragem seria colocada à prova. Disso ele tinha certeza. Ao erguer a cabeça, viu uma luz surgir no alto da colina, um grão de ouro a distância, como se uma fogueira ardesse no cume. Surpreso, ele ficou imóvel e protegeu os olhos da luz.

— O que é aquilo? — disse, voltando-se para o homem ao seu lado.

Lutavam lado a lado há anos, mas Gabriel não sabia seu nome. Percebeu que nunca se dirigira a nenhum deles até aquele dia, como se sua boca tivesse sido

costurada sem que percebesse. O estranho tinha um rosto cruel, os dentes pontiagudos. Gabriel já ouvira falar de guerreiros que faziam aquele tipo de coisa. Assim como a espada, o medo também era uma arma.

— Nunca vi isso antes — disse o homem.

Sua voz também parecia fora de uso, quase um coaxar. Era a voz de um homem morto, e Gabriel analisou todos à sua volta com um novo olhar. A maioria se preparava para a batalha do dia, como faziam toda manhã há mais tempo do que ele era capaz de lembrar. Sempre usaram armaduras tão diferentes? Não havia um padrão de estilo. Até mesmo as espadas eram de diversas formas e tamanhos.

Nas fileiras próximas a eles, outros dois pararam de conferir as armas e de se preparar. Ambos ergueram a mão para estudar o alto da colina, lembrando que precisavam proteger os olhos do sol. Um dos homens olhou para Gabriel.

— Você vai ver o que é?

— Sim — disse Gabriel, decidido.

Ele cogitou se poderia, mas, enquanto pensava, linhas de combate se formavam ao seu redor e uma legião de soldados começou a marchar na direção do inimigo. Nenhum dos quatro os acompanhou. Eles ficaram para trás, e o exército inteiro se afastou. Gabriel esperou que um dos oficiais gritasse seu nome e o chamasse de volta, mas eles olhavam para a frente, concentrados no inimigo, como faziam há... ele sacudiu a cabeça. Há tempo demais.

Ele olhou para os outros três. Eram jovens e fortes, com armaduras e armas em bom estado. O primeiro com quem falara vestia uma armadura de metal tão ricamente ornamentada como jamais vira, com desenhos e espirais gravados no metal. Os outros dois usavam armaduras mais simples, de couro e latão ou bronze, e portavam espadas curtas que ele conhecia muito bem.

— Vocês vão me seguir? — perguntou Gabriel.

Havia liderado milhares de homens em vida, ele lembrou de repente. Vivera pelo sangue e pela conquista, e chegou a construir um império a partir de florestas e planícies. Não entendia por que fora relegado a marchar e lutar todos os dias naquele lugar cinzento, mas não sentia raiva do próprio destino. Assim como o sabor do limão, a ira era uma coisa que esquecera.

— Eu seguirei — disse o primeiro homem num rompante.

— Eu também — acrescentaram os outros dois.

Gabriel sorriu, mas era uma expressão estranha naquele lugar.

Ele fez um sinal, e os quatro seguiram rumo à colina e ao brilho de luz no alto dela. Atrás deles, o exército avançava vagarosamente, os oficiais berrando ordens e formações. Aquele seria o dia em que finalmente venceriam. A vitória lhes fora prometida, e eles dariam a própria vida de bom grado se este fosse o preço.

Mas Gabriel e os outros se afastaram, voltados para o olho dourado que se abria acima da planície. Após algum tempo, eles passaram a temer que o olho se fechasse antes que o alcançassem. Apesar de não conseguirem explicar a urgência que sentiam, os quatro começaram a correr.

Lorde Ran gemeu e se levantou do chão. Não levava um soco no rosto desde

criança, mas a sensação foi instantaneamente familiar. Seus lábios estavam inchados e cortados, deixando a boca com gosto de sangue. Os criados estavam espalhados pela sala comprida. Um tinha uma mão no rosto, como se tivesse sido golpeado com alguma coisa. Lorde Ran viu sangue escorrer entre os dedos do sujeito. Ele sacudiu a cabeça e sentiu tudo girar. Então encostou em um galo na nuca e fez uma careta. Caíra feio, isso era óbvio. O ar pesava com cheiro de ácido e fogo, e, no centro de tudo, as quatro camas com rodas continuavam ao redor da Pedra Aeris, adornadas por um emaranhado de fios.

Seu coração acelerou com uma esperança súbita e ele se aproximou para averiguar. Era um momento de pura expectativa e durou o tempo suficiente para que ele chegasse às camas e visse as mesmas figuras miseráveis que lhe foram entregues. Ele murchou diante da visão de bocas abertas e línguas inertes. Os olhos cegos continuavam cegos. Tampouco havia dúvida de que lá estava o coto de perna, que tinha espasmos enquanto ele o fitava. Lorde Ran suspirou ao examiná-los. Foi um fracasso. Talvez as ligações com a pedra não fossem grossas o bastante. Ele viu que alguns dos fios que passavam sobre os homens superaqueceram, deixando queimaduras avermelhadas na pele. O tecido tramado que cobria os terminais soltava fumaça e estava preto em alguns pontos. Ele sacudiu a cabeça, acompanhando os fios até o pedestal e a fonte da energia que buscava extrair.

Quando a viu, notou que a pedra branca tinha algo de diferente. Lorde Ran congelou, assustado. Antes a superfície era lisa, de um branco leitoso salpicado de dourado. Ele havia passado centenas de horas trabalhando com ela, conhecia a Pedra Aeris tão bem quanto as próprias mãos. Ela atraía o toque, e Ran a manuseara milhares de vezes. No entanto, de alguma forma, aquela superfície perfeita agora estava granulosa, como se tivesse sido queimada por ácido.

Esquecendo dos homens por completo, lorde Ran soltou um grunhido e curvou-se a ponto de quase encostar o nariz na pedra. Será que o ácido da bateria havia espirrado sobre ela? Estava com o coração na boca quando estendeu a mão, os dedos trêmulos. Ao primeiro toque, a pedra se desfez em pó branco, mais fino que farinha de trigo, de modo que a maior parte virou fumaça ou vapor.

Ele soltou um berro angustiado quando seu bem mais precioso foi reduzido a nada. Lorde Ran apoiou as mãos no pedestal e sustentou o próprio peso com os braços entrelaçados, a cabeça curvada em sofrimento. A pedra lhe custara boa parte da fortuna da família. Por pouco não a comprou por uma ninharia, mas, num capricho, lorde Wen fez alguns lances por pura maldade. O preço final o forçou a vender sua casa de veraneio. Pior, Ran passara anos estudando a pedra, buscando uma forma de usar as forças que sem dúvida havia ali. Negligenciara sua posição pública por essa obsessão, permitindo que as famílias nobres prosseguissem com seus jogos comerciais inúteis. Tudo aquilo por nada. Sabia que os moradores da cidade o chamavam de lorde da Ruína sempre que o culpavam por uma colheita ruim ou quando as docas precisavam ser drenadas de novo. Pela primeira vez, o nome combinava com seu desespero.

— Milorde... — começou um dos criados. — A pedra foi...?

— Destruída. Saia — disse lorde Ran.

Ele sacudia a poeira e os cacos de vidro do casaco enquanto os criados deixavam a sala, alguns amparados por outros. Então ficou sozinho com o cheiro de carne queimada e os pedaços de quatro anos de sua vida espalhados pelo chão.

Permaneceu parado, olhando para os homens mortos que levava como prisioneiros para aquele lugar. Talvez, se o rei tivesse permitido que usasse espécimes jovens e saudáveis, o experimento não teria falhado! Ele fechou os olhos, subitamente preocupado. Lorde Hong esperava notícias do seu homem. Se o rei descobrisse que havia usado os mendigos, contrariando a ordem real... Lorde Ran olhou para a comporta de metal. Não passava de uma rampa metálica que desembocava no rio. Seria um trabalho sangrento e desagradável, mas, se o rei descobrisse que ele desobedecera a uma ordem explícita, nem mesmo a influência de sua família o salvaria. Lorde Ran estremeceu só de pensar. Os criados já podiam ser liberados. Sem dúvida estavam por perto, caso ele os chamasse novamente. Ele mesmo podia desovar os corpos no rio. Uma vez abaixo da superfície, o que quer que fosse desaparecia para sempre. A não ser que um daqueles pescadores imundos os fisesse, pensou com amargura. Precisaria espantá-los antes.

Lorde Ran estendeu a mão e, com o polegar, levantou a pálpebra do espadachim, meneando a cabeça. Mas ficou subitamente imóvel, sem acreditar. A pupila se contraiu com a exposição à luz, ele tinha certeza. Com a mão trêmula, levantou a outra pálpebra e viu acontecer de novo. O peito deles não subia ou descia. Os quatro homens continuavam inertes e lívidos como mortos, mas, se os olhos reagiam, ainda havia vida neles.

— Preciso de assistência aqui! — rugiu lorde Ran.

Ele pressionou o ouvido contra o peito do cego e foi recompensado com uma batida distante, seguida por um longo silêncio antes que ouvisse uma nova batida. Estavam vivos. Em um sono tão profundo que mal estavam a um sopro da morte, mas vivos!

Os criados entraram correndo e viram o mestre apontar para os quatro homens.

— Soltem amarras. Esfreguem e movam braços e pernas para restaurar o movimento do sangue. Eles estão apenas dormindo. Pode ser que morram, mas não vai ser por falta de vontade. Não por falta de trabalho! Mexam-se!

Ele os treinara bem. Em duplas, libertaram os homens inertes e passaram a massagear e mover seus braços e pernas para a frente e para trás. Ran viu o resultado na cor que voltava aos poucos às faces empalidecidas, a doce cor do triunfo da vida sobre a morte.

O bêbado foi o primeiro a emitir um som, ainda que fosse um gemido de dor. Talvez por ter sobrevivido a mil noites de vômito, dor e inconsciência, ele voltava a si antes de homens mais jovens e fortes.

— Este está vivo, milorde! — disse um criado.

Ran viu o velho bêbado erguer a mão e fitá-la como se a visse pela primeira vez.

O lorde chegou mesmo a sorrir quando o cego começou a tossir em sua mão e jogou as pernas para o lado da cama. Ele foi o segundo, depois do bêbado, mas o sujeito grandalhão veio logo depois. O velho soldado pigarreou como se sentisse um incômodo na garganta, emitindo um som como um rangido. Era evidente que sua perna ainda era um cotoco, uma prova de fracasso ao alcance dos olhos.

Lorde Ran franziu a testa de repente. Todos os testes que fizera indicavam uma enorme reserva de poder na Pedra Aeris. Se aquela coisa tinha algum propósito, só podia ser operar como uma bateria, mas uma bateria do tamanho de um palácio real. No entanto, estava reduzida a um monte de pó no centro daquele pequeno grupo. Para onde teria ido a energia, senão para dentro dos homens?

Um dos criados estava esfregando o peito do espadachim de lorde Hong com um unguento que cheirava a amônia. O jovem começou a tossir quando o odor o atingiu, empurrando o criado. Lorde Ran sorriu, apesar do desespero do rapaz. Sabia que alguns colegas o consideravam insensível. E, para falar a verdade, ele se orgulhava da própria falta de sentimentos. Se pedissem que escolhesse entre a vida dos quatro homens, não teria a menor dificuldade em julgar quem era mais valioso do que o outro. Alguns clérigos tagarelavam sobre como todos os homens são iguais, mas uma mera criança podia ver que estavam enganados. Certos homens corriam mais rápido. Outros geravam conhecimento onde antes não havia nada — ou apenas pistas fascinantes em livros antigos.

Se um dos homens fosse curado, lorde Ran aceitaria de bom grado a morte dos demais. Mas, na derrota, estava satisfeito ao ver que o preço fora menor do que imaginara. O rei não teria motivo para fechar seu laboratório, como prometeu que faria. Lorde Ran só precisaria encontrar outra pedra-fonte como a Aeris. Se aquela lhe custara toda uma vida e uma fortuna, talvez a próxima viesse com mais facilidade.

Lorde Ran ergueu os olhos quando ouviu um gemido de dor do criado com o unguento. O espadachim de lorde Hong lhe agarrou o pulso, esmagando seus ossos.

— Senhor! — disse lorde Ran. *Qual* era o nome do sujeito? Alguém disse, mas ele era péssimo com nomes e nada lhe ocorria. — Senhor, você não foi ferido. O experimento chegou ao fim. Está vendo? Em nome de lorde Hong, solte esse homem agora.

A mão que agarrava o criado fechou, convulsa, e o pulso do pobre coitado foi esmagado com tanta facilidade que parecia osso de galinha. O criado guinchou de agonia e caiu desfalecido. Nem assim o espadachim o largou, mas se levantou e puxou o pobre homem até que ficasse de pé.

— Quem... o que é este lugar? — exigiu o espadachim.

— Taeshin! — bradou lorde Ran ao recordar. — O senhor está em segurança, eu juro. O experimento foi encerrado.

Ele viu o jovem guerreiro avançar um passo, ainda agarrando o criado lamentoso. Uma expressão de dor cruzou o rosto de Taeshin, que abriu a mão e a levou ao tronco. Livre por fim, o criado recuou como um cachorro surrado,

choramingando.

O espadachim ergueu os olhos, confuso. Ele pressionou os carões pretos sobre as costelas e emitiu um som baixo que virou um urro.

— Assim não dá — disse Gabriel. — Quem é esse tal Taeshin? Estou em Shiang? Meu Deus, estou em casa outra vez?

Lorde Ran pestanejou. Ele viu o cego bater nas mãos que o tocavam e se levantar. Um a um, os outros fizeram o mesmo.

— Eu não tenho olhos — disse o cego.

— Minha perna se foi — disse o outro. — Não consigo ficar de pé.

— Eu consigo ver, irmão — respondeu Gabriel com satisfação. — Eu consigo ficar de pé.

Marias correu pelo mercado, embrulhada na capa. Ficou desolada ao ver a casa da vidente vazia e fria. A única janela naquele terraço descuidado estava coberta por uma veneziana suspensa por um pregador de madeira cravado por um prego. A casa parecia abandonada. Marias espiou pelas frestas e socou a porta, mas ninguém a abriu e ela desistiu, derrotada. A escrava apoiou as costas contra a porta e escorregou até se sentar no degrau largo da soleira, voltada para a rua. Vendedores e transeuntes se empurravam sem nem ao menos olhar em sua direção, e uma chuva fina começou a cair, de modo que suas lágrimas foram lavadas tão rápido quanto surgiram.

Ela se virou ao som de cascos e se pôs de pé, apressada, ao ver a velha senhora praguejando e gesticulando que alguém saísse da frente de sua pequena charrete. O veículo tinha uma aparência frágil e era puxado por um jumento de orelhas compridas. Mas Marias viu que estava abarrotado de feno e tecido, tudo amarrado com barbante.

— Senhora! — chamou Marias.

Ela pulou para ser vista acima da multidão, acenando e berrando até que a vidente conhecida como Pequena Mung a avistasse. O jumento não queria parar, e Pequena Mung ficou com o rosto corado pelo esforço de frear o animal a uns dez passos da porta.

— Então você me encontrou, querida. Encontrou o seu mestre também? — ela perguntou por cima do ombro.

Marias negou com a cabeça e viu uma expressão piedosa se formar nas feições duras da mulher, suavizando-as.

— Queria pedir que a senhora tentasse outra vez. Mas... a senhora está partindo? — perguntou Marias.

Ela observou Pequena Mung pensar numa resposta, parando apenas para xingar alguém que se queixou de ela estar bloqueando a rua com a charrete. A certeza da velha senhora era evidente. Aquilo foi um duro golpe para Marias. Conhecia tão pouca gente na cidade. Era difícil vê-la abandonar Shiang.

— Você também devia partir, querida — disse Pequena Mung. A vidente se curvou para murmurar alguma coisa, Marias se aproximou da charrete e ficou na ponta dos pés. — Algo terrível chegou a Shiang. Esses tolos não usam direito o

sentido com o qual nasceram. Fique de olho nos videntes, querida. Se eles começam a deixar uma cidade, é hora de fugir.

Primeiro Espadachim

Hondo observava os companheiros se prepararem para dormir sob as estrelas. Os gêmeos, Hi e Je, trabalhavam quase como se fossem um só. Havia uma familiaridade irritante naqueles irmãos que incomodou Hondo por dois dias até que entendesse por quê. Seus pais ficavam tão à vontade um com o outro quanto os irmãos. Ver os gêmeos prepararem uma refeição o fez se sentir quase um menino outra vez, como se fosse meio século antes. Quando um dos irmãos estendia a mão para pegar uma faca ou bolsa de temperos, o outro já lhe entregava, sem precisar erguer os olhos. Hondo se lembrou de uma ópera que assistiu em Shiang, de uma cena na cozinha que tinha o mesmo ritmo, quase como uma música. Os dois jovens pareciam ser secretamente disciplinados em todas as coisas, de modo que a refeição que prepararam para o acampamento tinha sabores delicados e foi servida em tigelas de madeira limpas. Hondo também os vira em demonstrações de luta corporal várias vezes. Sabia que os irmãos eram oponentes temíveis, em parte graças a essa conexão tão íntima.

Bosin era outra história. Aos olhos de Hondo, o enorme cavalo Shire preto era tão ridículo quanto o homem que o montava. Ele corou de constrangimento quando passaram pelas primeiras vilas e cidadezinhas próximas a Shiang. É claro que os moradores foram para as ruas à primeira visão dos espadachins. Alguns pareciam reconhecer Hondo por sua armadura preta laqueada ou os gêmeos por suas espadas idênticas com cabos de ouro. Em um reino que idolatrava mestres espadachins, todos os quatro eram famosos. Hondo ignorava os gritos e as crianças estendidas para que as abençoasse. Ele e os gêmeos se mantinham impassíveis ao cavalgarem. Afinal, estavam a serviço da Coroa, numa missão delicada que lhes fora dada por seus nobres mestres e, através deles, pelo rei em pessoa.

Hondo balançou a cabeça de leve com a memória desagradável. Não precisavam de instruções ou suprimentos, já que estavam bem próximos de Shiang. Queriam apenas deixar para trás os primeiros quilômetros e campos impecavelmente bem-cuidados. Mas Bosin tinha se exibido para os moradores. Não dava para descrever de outra forma. Aquele espadachim enorme ficou de pé sobre seu cavalo de tração e caminhou das ancas até o pescoço do bicho. Que, por sua vez, era tão gigante quanto o próprio Bosin, uma besta com as costas do tamanho de uma mesa de jantar. E é claro que não era castrado. As partes íntimas

do bicho eram proporcionais ao seu tamanho e balançavam na jornada para o oeste. Bosin parecia se divertir com o rosto corado das donzelas ao verem o que balançava lá embaixo. Ele tampouco estava acima de comentários sugestivos sobre o tema, deixando-as boquiabertas ou às gargalhadas.

Hondo trincou os dentes. Um homem não escolhe a família nem os companheiros de viagem, já dizia o velho ditado. Mas pensar em passar meses na estrada com Bosin era insuportável para ele. Acabariam batendo de frente, disse ele tinha certeza. Não perdia uma luta há trinta anos, mas o tamanho do sujeito o preocupava. Era fácil demais imaginar Bosin caindo sobre ele como uma árvore. Seria difícil parar tamanho homem, Hondo admitiu contrariado. Pelo menos, sem matá-lo. Contudo, mesmo o maior dos corações podia ser atravessado por uma espada. Esse era o propósito de uma espada.

Bosin terminou a refeição preparada pelos gêmeos. Ele usou um punhado de mato para limpar a tigela e a devolveu, mas tinha o olhar inquieto, procurando por mais alguma coisa. Hondo ergueu os olhos, exasperado. Já tinha sido ruim o suficiente na noite que passaram numa hospedaria. O espadachim santo observou, perplexo, Bosin comer por três e beber tantos copos de aguardente que a taverna inteira parou para vê-lo. Alguns clientes contavam em voz alta toda vez que Bosin esvaziava um copo e o batia no balcão. Era um lugar pouco acolhedor, mas foi tomado por gritos de alegria quando o enorme espadachim finalmente se rendeu, sacudindo a mão. Com um sorriso amistoso, Bosin cambaleou até uma poltrona em frente à lareira, onde roncou a noite toda.

Hondo se perguntara como seria quando aquele sujeito se visse na selva, sem criados ou escravos para alimentá-lo. Tudo levava a crer que ficaria irritado, como uma criança contrariada. Hondo sentia o olhar de Bosin varrer o acampamento, buscando alguém para distraí-lo. Em resposta, o espadachim santo de Shiang preferiu fechar os olhos e se sentar de pernas cruzadas a continuar observando. Não precisava de amigos. Na verdade, não precisava de companheiros.

Hondo queria tempo para refletir sobre as ações do rei. Sua Majestade Yuan-Choji estaria sinalizando o fim de sua carreira ao mandar os outros três com ele? Seria uma jogada sutil para um rei tão jovem, mas Choji não era desprovido de malícia. Hondo tinha 56 anos, e homem nenhum, nem mesmo um espadachim santo, era capaz de parar o tempo para sempre. Ainda era forte e assustadoramente rápido. Praticava os passos Mazer todos os dias e corria por horas quando tinha uma oportunidade. Era esguio e flexível, o mestre da maioria dos homens. O problema é que não estava mais tão em forma ou era tão veloz quanto já fora. Apesar de todo o talento que possuía, seu eu mais jovem poderia deixá-lo em pedacinhos — e apenas um dos dois estaria suando ao final. Hondo suspeitava que seria capaz de surpreender aquela versão mais jovem com um ou dois truques, mas também sabia que a idade rouba mais do que apenas velocidade. A própria mente perde flexibilidade, perde a capacidade de reagir a novos fatores.

Ele se lembrou de quando um pombo trombou com seu rosto quando treinava nos jardins seis meses atrás. Não é que o pássaro o tenha surpreendido. O

pombo poderia ter cruzado o seu caminho em qualquer estágio de sua vida. Mas sua versão mais jovem teria sacado a espada e o cortado em pleno voo. Em vez disso, Hondo deu um passo para trás, assumindo uma postura defensiva. Disse a si mesmo que não ter usado a arma era um sinal de experiência. Era a verdade, mas não toda. Em parte, não fora rápido o bastante para acertar o pombo enquanto ele estava ao seu alcance. Quisera reprimir aquele pequeno momento de decepção quando finalmente o entendeu. Se não houvesse refletido sobre o evento e revivido cada...

— Você está meditando, não é? — disse Bosin de repente. — Eu nunca consegui. Eu sempre caía no sono. Não importava o quanto tentasse ficar acordado. Esvaziava a mente e não pensava em nada, mas logo depois eu estava roncando, e os mestres me mandavam para mais uma surra. Batiam em mim como se eu fosse um tapete empoeirado, Mestre Hondo. Ah, eles me moíam de pancada.

Bosin riu com a memória e em satisfação com a própria descrição. Hondo desistiu de sua análise interna e abriu os olhos. Lembrou-se de que ainda tinham um bom tempo de estrada pela frente. O certo a se fazer era manter a educação. Precisava ignorar a vizinha que lhe dizia que era educado em parte porque tinha medo, que Bosin era como um boi e tão irracional quanto um. Ele deixou esse pensamento de lado para analisá-lo depois. Não gostava de sentir medo, se era mesmo disso que se tratava. O medo era um espírito animal que o fazia sentir raiva, e Hondo preferia se manter calmo.

— Cavalguei doze horas hoje, Bosin. Creio que avançamos oitenta quilômetros e estou muito cansado. Agora que já comemos, prefiro meditar e depois dormir, mas posso fazer a primeira vigia, se você quiser.

— Ah, não vou conseguir dormir esta noite — respondeu Bosin, animado. — Estou acostumado demais a dormir numa cama! Quando eu era menino, dormia em qualquer lugar. Era capaz de dormir numa árvore, mesmo se houvesse lobos por perto. Mas agora não. Agora que tenho 30 anos, o chão me repele e passo horas acordado. Acho que tem alguma coisa dentro do meu gibão que não para de me picar. Você pode olhar?

— Não, eu não posso olhar — respondeu Hondo, já exasperado.

Apenas 30! A notícia era irritante. Como aquela sensação de paz tão difícil de ser conquistada desmoronava rapidamente quando Bosin abria a boca! Era extraordinário. Hondo se perguntou se ficara acostumado demais a ter o respeito dos outros. Até mesmo homens nobres costumavam tomar cuidado para não o ofender. A maioria dos homens pisava em ovos com aqueles que eram capazes de ridicularizá-los e tirar-lhes a vida por impulso. Diziam a si próprios que respeitavam o título de “espadachim santo” que havia conquistado. Mas sempre houve medo também. Pelo visto, Bosin não compartilhava dessa cautela.

— Você não tem medo de mim, não é mesmo? — perguntou Hondo. Ele havia se acostumado a não evitar uma pergunta difícil apenas porque poderia não gostar da resposta. Disse assim que sentiu o primeiro desejo de se calar. Não admitia desonestidade, de si ou dos outros. Era um câncer para a paz de um

homem.

Bosin o fitou e piscou os olhos devagar, sem saber se estava sendo motivo de chacota. O gigante franziu a testa exageradamente, e Hondo quase conseguiu ver os pensamentos se chocando uns contra os outros.

— Lorde Inijui veio me dizer que eu fui escolhido dentre muitos outros... — disse Bosin lentamente. — Disse que era uma grande honra e que eu acompanharia você, e esses rapazes calados também. Ele não disse que eu deveria ter medo de alguém, Mestre Hondo. Por que eu teria medo? Vi você lutar pelo velho rei há vinte anos, quando ainda era um menino. Vi você naquela época e disse a mim mesmo que um dia me tornaria um mestre. Foi um grande dia para mim. Não tenho como temer o herói da minha infância.

Hondo se pegou sorrindo com a sinceridade do grandalhão. Ouvira aquela história, ou uma versão parecida, milhares de vezes.

— Você gostaria de praticar comigo? — ele se viu perguntar. Arrependeu-se da oferta assim que a fez, mas não tinha como voltar atrás. Para sua surpresa, Bosin negou com a cabeça, depois se deitou, puxou a coberta e cruzou as mãos sobre o peito.

— Não quero feri-lo, Mestre Hondo. Você era mais jovem naquele tempo. Na verdade, não pratico combate há anos. Aconteciam acidentes demais. Eu faço a segunda guarda, se quiser.

Perplexo, Hondo observou aquele homem enorme se acomodar. A boca de Bosin já estava aberta algum tempo depois. Apesar da convicção de antes, o sujeito pareceu ter adormecido com a facilidade de uma criança, sem sinal de medos ou preocupações. Hondo viu os gêmeos trocarem olhares e se ajeitarem em seus cobertores próximo às chamas. A noite seria fria. Ele dobrou o próprio cobertor num quadrado, para não permitir que o sono o pegasse desprevenido. Hondo se levantou e foi até as árvores para esvaziar a bexiga e praticar, tentando não ouvir os roncos que ecoavam às suas costas.

Gabriel flexionou as mãos e os braços, satisfeito com sua musculatura e condicionamento. Não fossem pelos carcos repulsivos sobre as costelas, seria um corpo tão bom quanto o que tivera em vida. Contudo, enquanto pensava naquilo, percebeu que não se lembrava de sua antiga forma. A identidade parecia estar ligada à carne, com uma intensidade maior do que ele jamais compreendera. Já não sabia se havia sido mais alto ou mais baixo em sua prévia existência. Até as memórias da planície cinzenta começavam a desaparecer, apesar de saber que escapara de lá. Ele e os outros três foram jogados de volta ao mundo.

Ele virou o rosto para o raio de sol que atravessava a janela com vista para o rio. O calor o envolveu, calor de verdade, pela primeira vez em uma era. A manhã finalmente chegara, em toda sua glória. Ele soltou o ar e inspirou profundamente, desfrutando cada sensação.

Um homem estava falando. Um homem que bloqueava a luz que o banhava. Gabriel entendia a maioria das palavras, apesar de soarem estranhas, como se o interlocutor fosse de uma região diferente. Algumas não passavam de asneiras.

Sem pensar, Gabriel estendeu a mão e agarrou o pescoço do homem, com força o bastante para calá-lo.

Gabriel viu a sala inteira ficar paralisada. Os criados se denunciavam pela postura solícita. O homem que segurava era — ou havia sido — o mestre daquela sala.

— Qual é o seu nome? — perguntou Gabriel.

Dava para ver que o sujeito estava aterrorizado. Ele tentou forçar os seus dedos, mas pareciam ser de bronze. Gabriel franziu ligeiramente a testa, então ergueu um pouco mais o braço e o homem foi forçado a ficar na ponta dos pés. Lorde Ran gorgolejou.

— Fique em silêncio — disse Gabriel. Aquele corpo... não, era mais do que apenas músculos. Era mais forte do que ele conseguia acreditar. Quando agarrou o pescoço, foi como o bote de uma cascavel. Os olhos mal conseguiram acompanhar seu próprio movimento, mas os tendões não se romperam, os músculos não se distenderam. Gabriel se sentia tão vivo e alerta que era como se o mundo todo o inundasse.

Ele largou o lorde sufocado e caiu de joelhos, segurando a cabeça com as mãos. Consequia sentir o gosto do ar! Sentia o cheiro de enxofre e vinagre e, santo Deus, sentia o cheiro de violetas, da água do rio e de excremento, tudo misturado num grande e pulsante hino à vida. Não havia *nada* no campo de batalha a não ser escuridão e dor. Enfaixara milhares de feridas, apenas para vê-las curadas ou cicatrizadas na manhã seguinte. Mas aquilo não era vida. Cem anos daquilo não foram tão vívidos quanto um único momento naquela longa sala. Era uma segunda chance.

Ele se levantou, fitando o homem pálido que ainda tentava falar.

— ...Taeshin, você está muito doente. Consegue me ouvir? Entende o que estou falando?

— Você fala como um camponês — disse Gabriel com um sorriso largo. — Isto é Shiang? Que reino é este? Quem ocupa o trono de jade?

Viu o homem agitar as mãos como se tentasse acalmá-lo. Gabriel achou melhor ser paciente. Sabia apenas uma coisa. Não voltaria para aquele lugar sem lutar. Não importava se aquele estranho falasse com ele como uma criança ou um louco. Precisava descobrir tudo o que fosse possível, o mais rápido possível, para proteger o milagre.

— O rei Yuan-Choji ocupa o trono, Taeshin, como você sabe. Você o viu alguns dias atrás, lembra?

— Os Yuan? Eles são oleiros, não? Shiang foi invadida ou algo do tipo? — perguntou Gabriel.

Ele viu um olhar de incompreensão cruzar o rosto do outro homem e tentou falar devagar.

— Que ano é este?

Lorde Ran o fitou confuso e com medo genuíno. E respondeu com cuidado, já que ainda sentia a garganta dolorida. Ouvira suas vértebras estalarem sob aquele aperto e não conseguira tirar um único dedo do lugar. Sua vida esteve nas

mãos de outro homem, e ele ainda estava abalado pela experiência.

— É o segundo ano de Yuan-Choji, Yuan duzentos e quatro.

— Antes disso — disse Gabriel, frustrado.

— A cidade... dizem que Shiang foi fundada há onze mil anos. É isso o que você quer dizer, Taeshin?

— Cale-se — disse Gabriel. Ele engoliu em seco ao entender. Se aquele imbecil trêmulo estivesse certo, esteve morto por muito tempo. — O que você estava fazendo aqui? — indagou ele de repente. — Esses homens, o que eles significam para você?

— Você está bem? Está tendo alucinações? — questionou lorde Ran.

Ele deu um passo para examinar os olhos de Taeshin, e Gabriel lhe deu uma bofetada com uma força extraordinária, bem maior do que pretendia. O lorde do Comércio foi ao chão, os olhos vidrados pelo impacto. Gabriel bradou um xingamento antigo em frustração. Sem respostas para suas perguntas, ele começou a caminhar pela sala, examinando os fios até parar em frente à poeira branca que parecia ser o centro de tudo.

— Esta coisa... o que é? — perguntou a ninguém em especial.

Os criados o fitavam boquiabertos, mas um deles achou melhor responder a um homem capaz de esbofetear lorde Ran daquela forma.

— Era a Pedra Aeris — disse. — Lorde Ran esperava criar guerreiros melhores com o seu poder. Ele disse ao rei que era para curá-los, mas queria cavaleiros aprimorados para proteger Shiang. Mas não deu certo e a pedra virou pó.

Gabriel pensou no olho dourado que se abrira na colina. Ele havia sido arrastado para lá, com três outros guerreiros. Pensou também nos amigos e generais que conhecera em vida. Se pudesse trazê-los de volta, como ficariam felizes.

Não conseguiu concluir o pensamento. A dor em suas costelas ficava mais e mais insuportável. Já sentira uma agonia como aquela antes — no dia em que abriu os olhos na planície cinzenta pela primeira vez. Ele gemeu enquanto chamava o corvo, sentindo uma lágrima escorrer pelo rosto. Poucas eram as pinturas e esculturas que vira na vida que provocavam tanto prazer quanto a sensação de chorar. Estar vivo era um prazer inexplicável, agora que sabia o que vinha depois. Ele subitamente pensou num limão, e sua boca salivou e se contraiu com a mera possibilidade. As sensações eram arrebatadoras, mas a dor era mortal. Ele se esforçou para concentrar-se nela.

Arrancou a camisa que lhe cobria o peito e assobiou ao ver os caroços pretos e reluzentes revelados. Palpitavam como algo vivo. Ele tinha a impressão de que estavam em compasso com seu coração, que disparou naquele instante. Se aquela podridão chegara ao seu coração pulsante, certamente morreria.

Aquele pensamento era um tipo distinto de agonia. Esquecera a vida. Tê-la atirada em seus braços outra vez, e depois roubada, seria um novo inferno. Gabriel levou as mãos às protuberâncias e sentiu algo mexer dentro de si, como se seu equilíbrio estivesse alterado. Ele franziu a testa e fechou os olhos. Sentiu calor em seus dedos, mas logo desapareceu. Era enlouquecedor, como procurar uma

agulha no palheiro. Ele puxou alguma coisa que estava dentro dele, repetidas vezes, até conseguir segurá-la. Calor fluíu de sua mão para a lateral de seu tronco. Ele abriu os olhos quando os criados se aglomeraram ao seu redor, atraídos por um fascínio ainda maior que o medo que sentiam. Os caroços estavam sumindo sob sua pele. Veias surgiam e sumiam como mapas de fios púrpura, como redes vindo à tona apenas para voltarem a submergir. Gabriel engasgou quando algo se alojou em sua garganta e vomitou, despejando ácidos na cama onde deitara.

Lorde Ran recuperou a consciência e se levantou. Viu Taeshin de pé, arfando e com o peito nu, limpando a boca com a mão. Os criados olhavam para o volume rosado e reluzente que manchou o lençol com sangue agudo. Não havia sinal dos bubões na pele do jovem guerreiro.

— Como isso é possível? — perguntou lorde Ran, trocando a desconfiança de antes por euforia.

Gabriel o ignorou. Mantinha a mão direita erguida em uma espécie de espanto atordoado. O cego continuava em sua cama, com olhos vazios. Gabriel sentiu o calor acumular-se em sua mão até ficar praticamente insuportável, então deu a volta na cama e a pressionou contra o rosto do sujeito. O cego guinchou, mas de susto, não de dor. Quando Gabriel tirou a mão, olhos castanhos o fitavam. O homem caiu deitado, sacudindo a cabeça e derramando lágrimas que não conseguia chorar antes.

— Qual é o seu nome? — perguntou-lhe Gabriel.

— Thomas — disse ele.

Num impulso, Gabriel foi até o homem sem uma perna, com o poder reverberando dentro de si. Nunca sentira nada assim na vida, até aquele momento. Se tornou um deus num piscar de olhos, maior que a vida.

Segurou o coto da perna do homem e o ouviu gemer. Gabriel se curvou e visualizou a perna crescendo, tendões e músculos enovelando-se, ossos crescendo como corais no ar. Quando abriu os olhos, o pé ainda estava se formando. Fitou-o, maravilhado, então subitamente com incerteza.

O oceano que se agitava dentro dele perdera força. Dava para sentir, da mesma forma que sentiria um braço adormecer ou a sensação de cansaço. Ele não era um deus. O que quer que o trouxera de volta era limitado — e ele havia desperdiçado demais com estranhos. Retirou a mão com um xingamento. O homem na cama berrou, buscando-o com as mãos como faria uma criança.

— Termine, irmão! Por favor.

O pé estava mesmo inacabado, sem dedos. Terminava numa massa de tendões e veias que se emaranhavam. Sob o olhar de Gabriel, a massa ficou flácida. Depois de um instante sem fazer nada, começou a sangrar.

— Não posso arriscar usar mais — disse Gabriel. — Termine você mesmo, se tiver força. Já fiz tudo que podia por você.

Ele observou o guerreiro fechar os olhos e se esforçar para concluir o trabalho. Veias e tendões pulsaram algumas vezes, mas não despertaram e nem se teceram em carne, como antes. Gabriel se perguntou se, por ter atravessado o olho primeiro, tinha mais poder, ou se seu treinamento o tornava mais capaz de

controlar aquelas forças. Não importava. Agora que sabia que havia um limite, gastaria suas moedas com mais atenção.

O quarto homem não se debateu contra as amarras que o continham. Gabriel nunca soube seu nome, mas havia pouco sinal de vida no sujeito prostrado na cama.

— Bom — disse. — Um de nós era cego e o outro coxo. Alguma coisa asquerosa me corroía por dentro. — Ele olhou para o homem em cuja garganta deixara hematomas. — E esse aí? Era um leproso? Onde o encontrou?

Lorde Ran o fitava com um fascínio silencioso, incapaz de explicar o que acontecera.

— Ele era um bêbado — respondeu. — A mente dele se foi.

Gabriel o examinou de perto, tentando lembrar qual dos companheiros de batalha se encontrava naquela carcaça deplorável. Assim como Thomas estivera cego, alguém estava preso numa mente praticamente apodrecida. Gabriel estremeceu. Aquilo seria um verdadeiro tormento. Mas não podia gastar mais daquilo que o trouxera à vida. Já dera demais.

Gabriel queixou-se daqueles excessos, mas estava inebriado de vida, intoxicado e enlouquecido. Brilhara forte demais por um tempo. Mas o bom senso e o controle estavam de volta.

— Entendi. Não há nada que eu possa fazer por ele agora. Leve-nos ao palácio, lorde Ran — ordenou. — Gostaria de ver esse rei oleiro Yuan com meus próprios olhos.

— Taeshin? — disse lorde Ran. Ainda não conseguia acreditar no que testemunhara e não sabia se deveria estar com medo ou exultante.

— Me chame de Gabriel — respondeu. Gabriel sentiu um sussurro de protesto dentro de si, como se algo não houvesse lhe caído bem. Ele arrotou ao levar a mão fechada à boca. Sua mãe lhe dera o nome de um anjo, lembrou. Bem, ele seria a estrela da manhã de Shiang. Seria a luz retornada.

Tigre

Tellius evitava o olhar do arauto real, Morbon. O homem tinha o rosto corado e olhos atentos, peito amplo e um prazer quase patológico pelo volume da própria voz. Há apenas um ano, Lady Sallet o trouxera do mercado, onde os preços baixos de seus peixes se faziam ouvir sobre todos os demais. Morbon havia sido convocado e examinado em busca de algum tipo de assistência mágica. O volume de sua voz se provou um talento natural, assim como sua habilidade de convencimento para conseguir um emprego. Dentro de um mês, proclamações da família Sallet e até mesmo reais eram feitas pelo homem nas praças e esquinas da cidade.

Tellius ouviu dizer que Morbon fora agredido duas vezes nas ruas estreitas próximas ao rio. O que explicava o hábito de andar sempre acompanhado de dois guardas com o uniforme real. Mas, apesar do peito inflado e do sentimento de importância de Morbon, Tellius não queria ouvir a notícia que o mantinha em seu encalço.

Dizer que a vida de Tellius mudara nos últimos dois anos seria uma simplificação absurda. Enquanto a cidade era atacada por sua própria legião, comandada por uma das Doze Famílias, um velho do leste encontrou o amor de sua vida. Ele nem procurava por isso. Em meio ao banho de sangue, ao caos e à magia descontrolada, Lady Sallet teve a vida dele em suas mãos mais de uma vez. Para sua surpresa, ela resistira ao impulso de fazê-lo desaparecer. Nunca foi uma mulher de soluções fáceis.

Depois de dois anos, ele agora já a conhecia bem melhor. Apesar da tendência a abrir caminho pela vida como se fosse um navio, Lady Sallet estivera mais sozinha do que ela própria percebia. Em seus momentos mais contemplativos, Tellius sabia que se sentira da mesma forma. Os homens são feitos para terem companheiros. Ele se dessensibilizou ao mundo — um homem triste e muito mais frio, em retrospecto. Mas apreciava uma bela mulher, não tinha como negar. Não era apenas uma união espiritual de almas solitárias. Lady Sallet tinha o peito amplo, diria sua mãe, como se descrevesse a mobília. Na verdade, Win Sallet o encantava e era parte do motivo pelo qual ele desejara mudar. Apesar de talvez ter uma aparência um tanto desleixada, Tellius vestia uma boa túnica de veludo verde-escuro e fizera a barba havia apenas dois dias, os fios grisalhos mal apareciam.

A cidade funcionava como um relógio sob os dois, e Tellius acreditava que parte disso era graças a ele. O novo rei era um rapaz calado e obediente, que parecia orgulhoso do relacionamento entre Tellius e tia Sallet, como os chamava. O menino Arthur fora coroado dois anos antes, nos escombros da guerra civil. Muitos na cidade ainda acreditavam que amadureceria no cargo. Tellius sabia que, no fim das contas, isso não ia acontecer, mas era algo que se revelaria com o tempo. Não havia pressa. Os habitantes de Darien conviviam com a magia no dia a dia. Aceitariam um menino golem como rei depois que ele governasse por alguns anos sem que a cidade se tornasse um pandemônio. A paz era a chave de tudo, Tellius dizia aos rapazes da velha turma, sempre que se encontravam para umas cervejas na Estalagem Vermelha. As pessoas queriam viver em paz. A menos que estivessem decididas a massacrar estranhos com uma machadinha, isso era o melhor que o rei e as Doze Famílias podiam fazer — simplesmente deixá-las em paz.

Como o companheiro sem título da líder da Casa Sallet, Tellius estava feliz em viver bem e com discrição, sem jamais incomodar ninguém ou passar fome outra vez. A vida o presenteara, e Tellius não iria contrariá-la desdenhando da dádiva. Na sua idade, um resfriado forte bastava para que vivesse seu último inverno de qualquer modo.

Tellius percebeu que Morbon o avistara e abria caminho pelos visitantes do parque real, não exatamente o perseguindo. Tellius apertou o passo. Considerava sua caminhada diária pelo parque real uma chance de organizar seus pensamentos em paz. O sujeito não tinha o direito de ir atrás dele. Ele podia muito bem ser um sapo-boi com aquele peito enorme. Nenhum homem devia ser precedido num recinto por uma parte do próprio corpo.

Tellius riu consigo mesmo. Precisava contar aquela para Win. Lady Sallet tinha um senso de humor surpreendentemente indecente, o que era apenas uma das muitas coisas imprevisíveis que descobrira a seu respeito desde que estavam juntos. Um homem não devia ser tão abençoado, ele pensou, apertando o passo e começando a ofegar. Que o maldito sue.

— Mestre Tellius! — ouviu atrás de si.

Tellius andava ainda mais rápido. Sorte demais atrai o azar, mas ele esperava ser um pouco imune depois de tantos anos de sofrimento e exílio. Se havia algo parecido com justiça no mundo, Lady Sallet era sua recompensa. Disse isso a ela uma vez. A mulher riu e lhe provou que era verdade.

Tellius ouvia Morbon ofegar como um fole velho às suas costas. Sentia que seus pensamentos mais profundos se distanciavam, as conexões perdidas. Ele parou, fitando o vazio, quando o arauto real o alcançou e apoiou as mãos nos joelhos. Morbon estava rosado como um salmão, uma iguaria que Tellius experimentara apenas depois de ir morar na propriedade Sallet. Ele e a senhora da casa mantiveram uma aparência respeitosa, vivendo em casas separadas por quase um ano, até que ele se esqueceu onde estava e foi encontrado dormindo na cama da amada.

Tellius esfregava o queixo enquanto observava a paisagem, dando a Morbon

tempo para recuperar o fôlego. Sua barba por fazer tinha os pelos completamente brancos, e Win dizia que lhe dava um ar de vagabundo. Talvez estivesse na hora de se barbear outra vez, ou melhor, de ser barbeado pelo exército de empregados que mantinham o palacete Sallet funcionando. Eles eram muito protetores com sua senhora, Tellius percebera. Talvez por isso não incomodasse o barbeiro com muita frequência, um homem que segurava uma navalha longa e brilhante em sua garganta favorita.

— Mestre Tellius, eu o chamei... — Morbon fez uma pausa, aparentemente precisando de mais tempo.

— Ah, Morbon! Você estava me procurando? Não fazia ideia. Venho até aqui às vezes, para ver o novo palácio sendo erguido. Imagino que será um prédio extraordinário quando estiver pronto, você não acha?

O rosto do arauto aos poucos ia empalidecendo. Tellius cedeu.

— É a Lady Forza outra vez?

Morbon assentiu, os olhos saltados.

— Sabe, Morbon, você devia fazer esse passeio toda manhã, em passo acelerado. Não quando eu venho, entenda. Mais cedo, bem mais cedo. Você verá que não vai mais ficar tão ofegante. Esses pulmões precisam funcionar, não é? — Na verdade, Tellius estava se sentindo um pouco mal por ter feito o homem segui-lo por tanto tempo. Não era culpa do arauto que Lady Forza fosse tão insistente.

— Sim, Mestre Tellius. Lady Forza se recusou a partir até que o senhor ouça o que ela tem a dizer.

— Já ouvi o que ela tem a dizer, Morbon. Várias vezes. A troco de nada.

O arauto, que já havia recuperado o fôlego e a postura ativa, lançou um olhar reprovador para o velho que o fizera persegui-lo pelo entorno do palácio real. Sabia que fora de propósito.

— Mesmo assim, senhor. Lady Sallet me pediu que insistisse. Ela disse que prefere não entreter Lady Forza com tanta frequência e pediu que, por favor, o senhor a trate com cortesia.

— Lady Forza é uma velha estúpida, Morbon.

— Senhor! Por favor!

O homem estava escandalizado. Ficou tentado a lembrar-lhe que berrava o preço dos peixes do dia apenas um ano atrás, mas seria crueldade. Não há arrogância como a dos recém-engrandecidos, ele pensou. Acreditava que podia se incluir no mesmo grupo raro. O pensamento era um tanto desagradável, e ele subitamente sentiu o colarinho o incomodar, então correu um dedo pela gola.

— Já falei com Lady Forza antes, Morbon. Acredito que deixei instruções claras para não ser importunado por ela de novo. Restam-me poucos anos de vida para desperdiçar uma hora sequer com as folhas de chá e as previsões de Lady Forza.

— Desta vez ela trouxe a pedra, senhor — disse Morbon.

Tellius mordeu o lábio, pensativo. Não podia negar que estava interessado em ver aquela coisa. Por ser o maior tesouro de sua casa, Lady Forza jamais permitira

que saísse de sua propriedade.

— E Lady Sallet pediu que você insistisse, foi?

— Sem dúvida, senhor. Disse que eu não deveria deixá-lo escapar.

— Consigo ouvir a voz dela falando isso, Morbon.

— Acredito que sim, senhor.

— Que diabo — disse Tellius. — Está bem. Leve-me para mais uma tarde desperdiçada. Será que posso ao menos pedir que me chame para uma reunião urgente logo depois de um tempinho? Isso já funcionou antes.

Morbon ainda estava enopado de suor. Ele passou um lenço no rosto, usando-o para enxugar as dobras rosadas. Seus olhos tinham um brilho malicioso ao responder.

— Mas é claro, senhor. Estou a seu dispor.

Tellius olhou para ele e sorriu.

— Bom para você, Morbon. Você não virá me chamar, não é? Não haverá chamado urgente algum.

— Ah não, senhor — admitiu Morbon. Ele sorriu ao falar e enfiou o lenço no bolso do colete. Tellius riu ao se virar.

Lorde Ran caminhava quase em transe pelas ruas de Shiang. Por mais que tentasse, não conseguia entender o que dera errado, nem como acabou acompanhando os quatro homens usados no experimento até o palácio real. Sempre que parava ou hesitava, recebia uma cutucada nas costas daquele que se chamava Gabriel, que conhecera como Taeshin, um dos espadachins de lorde Hong. Os guerreiros não portavam espadas numa cidade onde espadachins eram tratados com rapapés e cautela. Não se perdoavam insultos num lugar como aquele, mesmo se um homem estivesse armado ou não. Lorde Ran seguia aos tropeços, questionando-se se era um prisioneiro. Sua mente ainda rodava. De certa forma, o experimento foi um sucesso. Todo o poder da pedra se extinguiu, mas três dos homens foram curados. A última e miserável criatura cambaleava atrás deles. Gabriel amarrou uma corda no pescoço do sujeito e o levava como se fosse um animal de estimação. Lorde Ran não via o menor sinal de lucidez em seus olhos. Olhou para trás apenas uma vez e estremeceu diante da expressão vazia do homem.

As ruas estavam movimentadas àquela hora da manhã, com metade da população a caminho do trabalho ou já anunciando seus preços e produtos para quem passava. Por um tempo, o caminho parecia se abrir à frente deles. Havia algo de errado no pequeno grupo que seguia de maneira decidida pela avenida oeste, algo que contrastava com o ritmo natural da cidade e do comércio. Para aqueles com olhos para ver, isso já servia como um alerta para recuarem um passo e observarem em silêncio até que passassem. Um homem que tende a ignorar o que acontece à sua volta não vive muito, pelo menos não em Shiang. Havia muita gente disposta a se sentir ofendida — e muitos espadachins capazes de aplicar punições no mesmo instante. Num dia comum, a cordialidade entre estranhos poderia ser uma forma de arte tão elaborada quanto uma cerimônia real.

Lorde Ran parou de repente quando um grupo de guerreiros Mazer se manteve no meio da rua. Seis jovens guardas de uma casa nobre deram uma olhada nos homens que desciam a rua com uma atitude imponente, mas não viram ameaça no pequeno bando. Nem mesmo um homem puxado por uma coleira era de todo incomum numa cidade onde os escravos eram punidos das formas mais variadas.

Uma jovem descia os últimos degraus de um prédio alto. Lorde Ran presumiu que fosse a amante de algum nobre, que exibia os homens e o poder dele para a vizinhança. Os seis haviam levado uma liteira e chegaram mesmo a abrir caminho até a cabine. Ela corou com a atenção que despertava ao caminhar sobre o junco plano.

Gabriel se adiantou para ver por que pararam. Viu lorde Ran se encolher e o ignorou, analisando a cena e principalmente a mulher com um interesse evidente.

A moça sentiu o olhar e hesitou. Não era comum que um homem encarasse uma mulher de maneira tão escancarada, muito menos na presença de espadachins. Lorde Ran a viu franzir os lábios de irritação quando Gabriel continuou a observá-la com um leve sorriso no rosto.

Um dos seis espadachins olhou na direção do que chamava a atenção da moça. O jovem guerreiro franziu a testa, cutucou outro guerreiro que estava ao seu lado e sussurrou alguma coisa. Lorde Ran soltou um gemido.

— Gabriel — disse com o canto da boca. — Esses homens vão matar todos nós se não demonstrarmos mais respeito. Por favor, desvie o olhar da jovem.

— Não, acho que não vou desviar — disse Gabriel.

A beldade sobre os juncos o enfeitiçara, mas ele não sabia se a jovem era mesmo uma bela visão ou se aquilo era uma reação por estar vivo outra vez. Ele sentiu um respingo de lama preta em seu rosto com um calafrio de empolgação e desconfiou que ainda estivesse alterado. Pelo visto, passara tempo demais na terra cinzenta. Diziam que o melhor tempero para qualquer comida é a fome. Talvez todas as mulheres fossem rainhas para quem já esteve morto.

Ele sentiu as bochechas corarem e teve uma reação física que o constrangeria em sua vida anterior. Outro espadachim percebeu o olhar fixo do estranho. O homem se ofendeu e bradou, exaltado, dando algum comando para os outros. Gabriel por fim desviou o olhar da jovem e o fixou no homem que avançou com uma postura desafiadora. O espadachim usava uma armadura boa e forrada, além de possuir uma bainha ligeiramente curva no lado esquerdo do quadril. Gabriel sorriu. Empunhou uma lâmina como aquela na manhã anterior, mas não a trouxe. Sua mão se lembrava dos muitos anos de guerra, os dedos inquietos para sentirem outra vez o peso do aço ondulado.

Ele esperou um instante, mas já era tarde demais. Confrontado com aquele sorriso enfurecedor, o espadachim investiu para cima dele, sacando a espada num movimento que Gabriel conhecia tão bem quanto a própria respiração. Ele se esquivou do primeiro golpe, tão rápido que foi capaz de ver os olhos do homem se arregalarem. Gabriel riu. Nunca fora tão rápido. Não sabia se eram os séculos lutando todos os dias ou a pedra que o trouxera de volta, mas até mesmo um

espadachim Mazer lhe parecia lento. Ele tocou o braço estendido pelo homem ao desviar, não para ferir, mas para erguê-lo um pouco e impedir que a ponta da espada atingisse o chão. Era uma bela arma, e Gabriel não queria que fosse danificada.

O espadachim se recuperou, mas estava desequilibrado. Agachando-se, desferiu um golpe curto, de cima para baixo. Gabriel acertou a lateral de sua cabeça, e ele desmoronou no mesmo instante, morto ou inconsciente. A espada caiu dos dedos inertes e Gabriel a pegou. Satisfeito, cortou o ar num movimento amplo. Todo ar que inspirava era diferente! Estava inebriado, era como ficar bêbado só com o ar. Antes, estava cego, surdo e mudo, seus sentidos adormecidos naquele lugar cinzento. Ali, estava mais vivo do que nunca.

Os outros guerreiros observaram, incrédulos, seu comandante ser derrotado com um único golpe. Atacaram, como foram treinados a fazer, para limpar a mancha da desonra e trazer justiça imediata. Gabriel se movia em meio a eles, aproximando-se mais do que a maioria dos homens gostaria, de modo que era quase uma dança de amantes, apesar das gotas de sangue se espalhando pelo ar. Ria a cada golpe, imerso num prazer sombrio.

Em instantes, a rua estava em silêncio e o último homem tombava no chão, sangrando. Gabriel passou dois dedos pela lâmina e ajoelhou-se para desatar a bainha do primeiro homem. A jovem começou a gritar, mas calou-se quando ele a encarou. Gabriel sustentou o olhar, e ela ficou imóvel.

— Venha, minha querida — disse. — Vou para o palácio. Você gostaria de conhecer o rei?

Ele estendeu a mão, e, atordoada, a jovem a pegou. Gabriel sorriu para ela.

— Ah, “Ela caminha bela como a noite”. Sentir isso outra vez...

Ele se virou para o pequeno grupo que liderava. O homem chamado Thomas o observava um pouco tenso. Ao seu lado, as ataduras do soldado com metade do pé já estavam ensopadas de sangue. Era como se calçasse uma bota de sangue, e estava pálido como a morte e quase tão ressentido. O homem na coleira olhava para a frente e respirava, aparentemente alheio a tudo que acontecia. Dos três que retornaram, sem dúvida ele era o companheiro mais tranquilo. Gabriel meneou a cabeça e arqueou as sobancelhas para lorde Ran.

— Esses foram mesmo os melhores que você conseguiu encontrar? — disse.

— Não tive permissão para usar homens saudáveis — disse lorde Ran. — Nem mesmo esses. Todos vocês deviam estar mortos. — Ele murmurou a última frase, mas Gabriel o ouviu.

— Já estive morto — disse. — E não recomendo.

Lorde Ran piscou. Estava aturdido e desorientado desde o amanhecer. Não lembrava de ter sentido tanto medo na vida, mas algo naquele que se chamava Gabriel inspirava um medo constante e exaustivo. Era como se sua vida fosse ser decidida pelo lançar de uma moeda a cada batida de seu coração, podendo ser tirada a qualquer momento. O lorde se perguntou por quanto tempo sobreviveria.

Quando Gabriel tomou o rumo do palácio, lorde Ran tocou a faca escondida

em seu cinto. A lâmina era parte da fivela, era a arma de um covarde, mas podia dar fim ao horror daquele dia se conseguisse cortar a garganta do guerreiro. Mas não conseguia ignorar a sensação de que talvez nem isso fosse suficiente.

Ele viu o homem que fora Taeshin se virar em sua direção. Era como se o sol houvesse voltado.

— Você me parece nervoso, lorde Ran. Não há motivo para isso. Você conhece a pedra e os fios, tudo que preciso para fazer isso outra vez. Acredite, neste momento, você está mais seguro do que qualquer outro morador de Shiang. Talvez eu o faça rei.

— Eu... milorde... havia apenas uma pe-pedra. Eu não tenho outra!

Enquanto falava, lorde Ran se amaldiçoou por ser um tolo. O louco estava lhe dizendo que tinha valor e lá estava ele, jogando fora o que o tornava útil!

Gabriel ergueu a cabeça ainda mais e inspirou, como se farejasse a brisa.

— Não, aquela não era a única, irmão. Poder atrai poder. Existem outras pedras no mundo. Pedras que posso usar. Agora, tire as armaduras desses homens, milorde. Pegue duas espadas e as entregue para Thomas e... você. Qual é o seu nome?

O homem com o pé pela metade rosnou a resposta:

— Sanjin. Se terminasse de curar o meu pé, eu teria mais utilidade para você.

— Esse é o seu teste, Sanjin — disse Gabriel. — Eu lhe mostrei que dá para ser feito. Então termine o meu trabalho. Mostre-me que é digno de me seguir, ou sangue até a morte.

Lorde Ran hesitou por um momento. Se fosse tão valioso quanto o guerreiro dizia, não seria morto por se recusar a despir os mortos. Mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Gabriel o empurrou com tanta força que caiu de quatro na rua enlameada.

— Eu dei uma ordem, milorde. Já restaurei a visão de um cego. Quer que eu lhe arranque os olhos? A língua? Sugiro que me obedeça.

Lorde Ran engoliu o medo e começou a remover as peças das armaduras e entregá-las aos homens que trouxera ao mundo. Ao final, o nobre estava todo sujo de sangue e lama, o rosto manchado por todo tipo de imundície onde havia limpado o suor do rosto.

Gabriel, Thomas e Sanjin se observaram vestidos com as armaduras. Não se deram ao trabalho de arrumar uma arma ou cota de malha para o quarto, que chiava baixinho ao respirar, sem entender nada.

— É uma sensação boa, não é, irmãos? — disse Gabriel. — Estar aqui?

A jovem começou a chorar, e ele se virou para ela, tão rápido que a fez se encolher em meio às lágrimas.

— Não chore, minha querida. Esta noite você vai dividir a cama com um anjo, talvez um rei. Ou um deus. Isso não lhe agrada?

Ela sacudiu a cabeça e o choro só aumentou. Gabriel coçou o queixo e emitiu um som exasperado. Mas o dia estava perfeito demais para irritar-se por muito tempo. Ele sorriu para os rostos que os observavam de todas as janelas com vista para a rua.

— Eu prometo, lorde Ran, outros chorarão antes que eu me dê por satisfeito. É bom estar em casa.

Ele pegou a mão da jovem, e ela tentou se desvencilhar num primeiro momento.

— Está vendo esse homem com uma corda no pescoço? — disse ele. — Quer que eu faça o mesmo com você?

Ela sacudiu a cabeça, os olhos arregalados de desespero.

— Então caminhe ao meu lado, querida. Pegue a minha mão e ande como uma rainha. Quem sabe, se me agradar, pode ser que você se torne uma.

A presença de estranhos armados se aproximando dos domínios reais não passou despercebida. Gabriel e lorde Ran atravessaram a linha de pedras escuras que demarcava o território real e foram imediatamente confrontados pelos guardas de um posto de arrecadação real. Os quatro homens se mantinham em posição de sentido, imóveis como manequins, desde as primeiras horas da manhã. E moviam-se com um pouco de dificuldade ao impedirem o avanço de estranhos que não tinham direito de adentrar a propriedade da Coroa.

As construções mais periféricas eram de outra era, com grandiosas colunas de pedra branca, mais grossas que um homem, e portas aparentemente pensadas para que a cavalaria passasse sem que os homens precisassem abaixar a cabeça. Se era verdade que os espadachins que faziam a segurança dos coletores de impostos e arquivistas reais já tinham passado do seu auge, ainda assim não havia como negar que eram experientes. Eles foram para a rua e se espalharam por um ponto de afunilamento pensado exatamente com esse propósito.

A visão de uma jovem com o rosto marcado por lágrimas não amenizou a tensão que se revelava na postura dos guardas. Tampouco o homem que chiava com uma corda amarrada ao pescoço. Os quatro guardas trocaram olhares, e o veterano ergueu a mão aberta. Não estava preocupado com o que via, apesar de terem interrompido uma manhã até então tranquila.

Gabriel respirou fundo, mas foi o homem que se chamava Thomas quem falou primeiro. O antigo cego se adiantou até ficar à frente do pequeno grupo. Seus olhos castanhos eram estranhamente penetrantes, e ele sorria ao se mover. Pressionou o peito contra a palma estendida para detê-lo, testando a força do guarda.

O capitão franziu a testa ao presenciar aquela bravata. Servira à família real com distinção por cerca de trinta anos, antes de aceitar um posto menor no qual teria paz até a aposentadoria. Ele abriu a boca para interpelá-los quando reconheceu lorde Ran. Sua atitude mudou de imediato.

— Milorde, não vi o senhor. Por favor, aceite as minhas desculpas. Posso ajudar?

— Lorde Ran precisa de uma escolta até o palácio — disse Gabriel com serenidade. — Ele tem um assunto urgente para tratar com o rei.

O guarda se voltou para o interlocutor, e seus olhos se arregalaram.

— Taeshin? Pensei que estivesse doente... — A confusão se desfez quando

lembrou que o homem de lorde Hong fora levado ao lorde do Comércio para ser tratado. Pelo visto, havia sido um sucesso. — Fico feliz por ver que você se recuperou.

O guarda acenou com a cabeça para os outros três, que tiraram a mão do cabo da espada e, sem uma palavra, voltaram para seus postos ao pé das colunas do posto de arrecadação. Gabriel pareceu ficar um pouco decepcionado.

— Eu o levarei ao senescal real, lorde Ran — prosseguiu o capitão. — Mas não sei quando Sua Majestade o receberá, é claro.

— Eu não... — começou lorde Ran. Gabriel o interrompeu:

— Lorde Ran precisa falar com o rei imediatamente. Vá na frente e anuncie a nossa chegada. Não há nada nesta corte que seja mais importante que isso.

O guarda franziu a testa mais uma vez. Não entendia por que Taeshin estava dando ordens como aquelas, ainda mais para um superior. Mas obedecia a ordens feitas naquele tom havia trinta anos, então fez uma reverência e partiu ruidosamente. O pequeno grupo o seguiu em um ritmo mais lento.

— Milorde Ran — disse Gabriel em voz baixa. — Se você gritar em alerta, eu juro que não vou matá-lo. Mas farei sofrimento abater-se sobre você. Até você não aguentar mais. Está me entendendo?

Lorde Ran assentiu, derrotado. Esfregou o nariz, e sua mão ficou suja de sangue. Seu nariz sangrava. Estava perdido, era um velho confuso e vencido. Uma chuva fina começou a cair, formando uma névoa úmida sobre o calçamento de pedra.

Forza

Tellius entrou numa câmara cujo teto erguia-se dez metros acima de sua cabeça. Metade dos cômodos do palacete Sallet era decorada com cordas de gesso. No salão de entrada, formavam laços e volutas nas paredes, pintadas de dourado sobre o verde-sálvia. Tellius descobrira que verde era uma cor muito comum nas propriedades dos Sallet. E, francamente, já estava ficando enjoado. Sabia que a cor devia aliviar a raiva e lembrar os convidados da nobre pedra que elevara os Sallet à condição de uma das famílias mais importantes da cidade de Darien. Tinha uma aparência ácida demais para o seu gosto. E, até onde sabia, a intenção era essa. O verde podia representar a primavera, saladas frescas e campos abertos. Ou podia ser bile, mofo e amargura.

Tellius sentiu um aperto no peito à visão da velha senhora o aguardando. Ela provavelmente já estava na casa dos 80, mas Lady Forza parecia um passarinho com seus gestos rápidos e olhos espertos. Mesmo assim, ele sorriu e apoiou um joelho no chão quando ela virou a cabeça.

A expressão da mulher estava tão aliviada que Tellius sentiu uma pontada de culpa por ter conduzido Morbon numa dança elaborada para evitar ser convocado, mas ele logo deixou o sentimento para lá. Já tinha aturado outras duas reuniões sem um propósito específico. Sabia que Win queria que ele se interessasse pelos negócios da Casa Sallet. Era um bom sinal para o relacionamento deles que ela desejasse demonstrar confiança nele, ainda mais em público. Tellius acreditava que ela era sincera ao dizer que valorizava sua opinião — mas por que seria diferente? Ele tivera uma vida interessante. Havia momentos em que se sentia um pouco como se tivessem deixado uma raposa no galinheiro.

Atualmente, as casas nobres costumavam contratar homens durões para desconfiar dos outros em nome deles. Talvez as famílias originais tivessem homens e mulheres de aço. Mas, por trás das paredes dos palacetes, alguns de seus descendentes eram tão inocentes quanto bebês. Um homem não tão íntegro poderia ter se aproveitado, pensou Tellius com um suspiro. Infelizmente, aqueles tempos haviam ficado para trás. Somente um tolo arruinaria o próprio ninho, não importava quão verde fosse.

Ao fazer uma reverência e se preparar para ganhar beijos nas bochechas, Tellius não conseguiu evitar espiar a caixa que repousava sobre uma mesa de ônix e ferro ao lado de Lady Forza. Sabia que aquela caixa não estivera presente em

suas visitas anteriores. Era vermelho-sangue, para início de conversa, tão deslocada naquela sala quanto ele às vezes se sentia.

— Obrigada por me receber, Mestre Tellius — disse Lady Forza.

Usava brincos com pedras preciosas, percebera Tellius ao beijá-la. Rubis refinados, como lágrimas de sangue. O homem desejara símbolos de riqueza como aquele por boa parte de sua vida adulta, basicamente porque, se desmontasse e vendesse as joias, conseguiria se manter aquecido, comer e trabalhar sem interrupções na sua pequena oficina. Tentava se lembrar de que havia sido um lorde, assim como o finado marido de Lady Forza, que forçara a venda da oficina em vez de permitir que pagasse suas dívidas num prazo mais longo. Tellius conseguiu refúgio no sótão da oficina, criando uma espécie de segunda vida para si mesmo. Naqueles tempos era óbvio que não tomava banho com a mesma frequência de agora, mas a lembrança trouxe uma estranha sensação de arrependimento.

— Cara senhora, sinto muito por não poder fazer mais nada por você — disse Tellius.

Ele ocupou um assento de frente para Lady Forza e tentou não demonstrar o quanto estava intrigado pela caixa. Ela sabia muito bem o que o levara até ali, é claro. Por isso arriscou transportar a herança da família pelas ruas. Isso explicava a presença de guardas nas cores da família Forza na propriedade. Favores foram cobrados, o que deixava tudo ainda mais estranho. A curiosidade de Tellius fora despertada. Estava rodeado de mulheres interessantes. Em termos de maldições, aquela não era das piores.

— Ah, sei que o senhor acha que não passo de uma velha estúpida, Mestre Tellius — disse ela.

Ele começou a protestar, mas Lady Forza ergueu uma mão e estalou a língua, os olhos vívidos e bem-humorados. Tinha a estranha sensação de que de alguma forma ela ouvira o comentário que havia feito para Morbon. Seria possível? É claro que sim. Ele praguejou baixinho e corou.

— Minha casa é bem-afortunada, Mestre Tellius. Possuo algumas coisinhas que me são muito úteis. — Ela tocou em um dos brincos, fazendo-o balançar. — O meu falecido marido nunca falava das nossas... vantagens, sabe? Mas agora confio esse conhecimento ao senhor. Na primeira vez que procurei Lady Sallet, meu medo era muito dúvida. Eu estava impaciente. Na minha idade, a impaciência não é assim tão incomum. Se, ao prever o futuro, visse Darien destruída, o senhor não agiria? O senhor ficaria sentado tomando chá sob o deslumbrante sol do fim de outono e não faria nada a respeito? Ou procuraria a casa mais próxima desse nosso novo menino rei esquisito?

— Lady Forza, sinto muito se não levei a sério os seus avisos. O simples fato de a senhora ter trazido a pedra da sua casa até aqui me faz reavaliar as suas intenções. Isso a satisfaz?

A velha senhora fechou os olhos, aliviada. E afundou um pouco na cadeira, como se o simples esforço de manter as costas eretas fosse demais. Foi uma demonstração de fraqueza: em um momento estava assim e no outro ela voltou a

se empertigar. Mas Tellius percebeu e mordeu o lábio outra vez.

— Milady, quanto tempo a senhora tem?

Em resposta, ela sorriu, o que fez seus olhos quase sumirem.

— Fui informada de que o senhor é sagaz, Mestre Tellius, assim como Win. Ela queria que eu provasse que estou falando sério. Queria que eu trouxesse esta pedra, ou não nos teria feito passar pelas últimas reuniões. Ah, não fique tão surpreso, Mestre Tellius. A dama com quem divide a cama é tão astuta quanto sua figura é barroca. Eu ficaria surpresa se ela não estivesse nos ouvindo agora mesmo. Mas, espere, aqui está o meu gesto de boa-fé.

Ela pegou a caixa vermelha e a passou para Tellius. Era um pouco pesada demais para ser confortável. Ele passou a gostar da velha senhora naquele momento e desejou não ter sido tão estúpido. As reuniões anteriores já pertenciam a uma outra vida. Lady Forza se abriu para ele, que retribuiu o gesto. Seus olhos se encontraram quando ele pegou a caixa e assentiu, selando um pacto que prescindia de palavras.

Ele abriu a caixa e olhou para a pedra vermelha do tamanho da palma até a ponta dos dedos de sua mão, arredondada de um lado e plana do outro. Era salpicada de ouro e chamava atenção, assim como a Pedra Sallet. Tellius percebeu o que era e, num silêncio reverente, viu a própria respiração embaçar a superfície lisa.

— É muito bela, Lady Forza — disse ele.

— Obrigada, sempre pensei que fosse. Ela é... Agora, espere um pouco, querido. Eu suspeito que a senhora da casa...

Lady Forza olhou para a porta que dois criados abriam. Lady Win Sallet entrou com pompa, seu vestido chiando ao arrastar nos tapetes.

— Lady Forza, eu sinto muitíssimo. Tratei-a com menos cortesia do que a senhora merece. Tenho muitos compromissos, e não me dei conta de que este era importante. Por favor, aceite as minhas desculpas. Fale agora e prometo que a ouvirei.

A velha senhora olhou, surpresa, de Tellius para talvez a mulher mais poderosa da cidade. Ela assentiu para si mesma, como se confirmasse algo que apenas suspeitava.

— Que sorte vocês têm — murmurou com certa tristeza. — De terem encontrado um ao outro.

Lady Sallet se sentou, alisando as dobras do vestido que ameaçaram aparecer. Nem ao menos olhou para a caixa vermelha. Lady Forza agira com honra e confiança. Nenhuma outra confirmação era necessária depois de um gesto tão extraordinário.

— Por favor, me chame de Win, Lady Forza.

— Neste caso, querida, eu gostaria que me chamasse de Elizabeth.

As duas mulheres sorriram uma para a outra. Tellius fechou a caixa com um estalo, e ambas tiveram um sobressalto.

— Você falou de uma visão, Elizabeth — disse Tellius. Nenhuma das duas respondeu, e ele sentiu uma certa frieza em ambas. — O quê? Então eu devo

chamá-la de Lady Forza?

— Tellius, Elizabeth e eu somos iguais — disse Win. — Como viúvas, somos as senhoras de duas das Doze Famílias de Darien. Por favor, entenda.

Tellius deixou um momento passar. Se fosse um jovem de 20 ou mesmo 30 anos, talvez tivesse saído exaltado, provocando as mulheres com algum comentário ácido que levaria dias para ser apaziguado. Mas, como já tinha passado dos 60 há uns anos, respirou fundo e se controlou. Vai ver aquele era o único consolo da velhice, esse discernimento do que importa — e do que realmente não importa. Metade das batalhas travadas por jovens começam por motivos tão banais quanto o café da manhã.

— É claro. Por favor, prossigam. Eu farei o meu melhor para não cagar no tapete.

Ele fechou os olhos em frustração. Pelo visto, não aprendera nada com os anos.

Quando voltou a abri-los, Lady Forza segurava um lenço sobre a boca e tinha os olhos marejados. Win estava horrorizada. Tellius suspirou e balançou a cabeça.

— Sinto muito, Lady Forza. Às vezes eu esqueço que o linguajar das ruas não costuma ser usado por aqui. Foi um erro meu. Peço licença.

— Não, por favor, fique — respondeu Lady Forza. — Eu disse que você era sagaz e é mesmo. Meu marido teria gostado disso. Agora, deixem-me dizer o que descobri.

Ela se inclinou para a frente, mas fez uma leve careta com o movimento.

— A senhora está tão doente assim? — disse Win baixinho.

Lady Forza riu.

— Como vocês combinam um com o outro. Sim, querida. O meu médico disse que não verei outra primavera. Meu filho, Reno, está pronto para se tornar o senhor da Casa Forza. Tenho certeza de que a procurará eventualmente, para se apresentar. Até lá, sigo sendo a voz da minha casa. Agora, sem mais interrupções, Win! Mas, se chá fosse servido, eu não recusaria.

Lady Sallet tocou uma sineta e deu a ordem à criada que entrou. Lady Forza voltou a falar quando as portas se fecharam:

— Tive uma audiência com o rei, quando ainda acreditava que o pobre Johannes era a voz do trono. Quando ele morreu e a cidade foi atacada, acreditei que aquele, sem dúvida, era o desastre que eu havia previsto. Mas os pesadelos continuaram. É verdade que sou uma velha e não estou lá muito bem de saúde. Não é tão incomum que tenha o sono agitado. Mas vi uma grande quantidade de líquido preto chocando-se contra as muralhas da cidade e passando sobre elas, como uma onda quebrando na praia. Acreditei que fosse a legião Aeris atacando as muralhas, mas já se passaram dois anos desde aquela noite terrível e os pesadelos continuam. Passei a levar a pedra da família para a cama junto comigo e a colocá-la debaixo do travesseiro. Obtive sucesso com isso no passado, ao aconselhar o meu marido nos seus investimentos.

— Um rumor confirmado — murmurou Lady Sallet.

A mulher mais velha inclinou a cabeça.

— Realmente. A pedra nunca foi totalmente confiável, mas eu acertei o bastante para construir uma grande fortuna. Como resultado, os Forza são a família mais rica de Darien. Não digo isso para ser presunçosa, mas para afirmar a minha própria história. Na minha família, quando eu tenho um forte presságio do futuro, as pessoas me ouvem.

Lady Forza olhou de um para o outro e pareceu ficar satisfeita com sua atenção.

— Não sei dizer a forma que a ameaça assumirá, mas vi neve e árvores no gelo. Sinto uma ameaça e acho que virá neste inverno.

— Não no próximo? Ou no seguinte? — disse Tellius.

Lady Forza balançou a cabeça.

— Eu não verei o próximo inverno, Mestre Tellius. Creio que só possa ser neste, antes que vocês, e o meu filho, vejam outra primavera.

Ela respirou fundo e trincou os dentes, de modo que Tellius viu os delicados músculos sob a pele.

— Abra esta caixa outra vez, Mestre Tellius. Confiei a honra da minha família a vocês ao trazê-la. Agora vou até o fim. Dê-me a pedra.

Tellius olhou para Lady Sallet e a viu hesitar e então assentir. Ambos sabiam que as pedras de família eram fontes de poder, ainda que poucos na cidade partilhassem essa informação. A Pedra Forza, erguida por Tellius, era, ao seu modo, tão perigosa quanto qualquer artefato poderoso. Devia fazer séculos, ou milênios, desde que as pedras foram compreendidas a fundo. Ao menos era no que se acreditava. Ocorreu a Tellius que tal conhecimento podia estar guardado com a mesma obsessão que protegia todos os outros segredos de Darien. Ele chegou a essa conclusão enquanto passava a pedra para as mãos enrugadas de Lady Forza.

A matriarca aninhou a pedra como se fosse um bebê, segurando-a na dobra de um dos braços antes de afagá-la com a outra mão.

— Sinto conforto ao tocá-la, sabia? — disse ela em um tom distante. A tensão sumira de sua voz, e ela parecia mais jovem e menos ansiosa. — Sabendo que minha mãe e meu pai tocaram esta pedra, assim como todos os meus irmãos e irmãs. Todos nós repousamos nossas mãos nela, como os meus filhos farão depois que eu me for. Talvez sintam o meu amor quando o fizerem. Espero que sintam.

— O que a senhora queria me mostrar? — perguntou Lady Sallet gentilmente. A pergunta pareceu trazer a velha senhora de volta à realidade. Ele se empertigou e assentiu.

— Se vocês tocarem a pedra comigo, prometo que não irão se ferir. É a única forma de verem o que quero lhes mostrar. Para que saibam que não perdi a sanidade, pelo menos ainda não.

O olhar de Lady Sallet endureceu.

— Você está pedindo muito, Elizabeth — disse ela. — Espere um instante, enquanto convoco a minha guarda pessoal.

— Não é neces... — Lady Forza começou, mas desistiu. Não era uma decisão que lhe coubesse, não nos domínios dos Sallet. Em instantes, dois soldados de

armaduras verdes laqueadas entraram na sala. Tellius ficou agradecido por Win não ter chamado os enormes Verdes Sallet, que tiveram papel vital na defesa da cidade dois anos antes. Aqueles monstros permaneciam em seus silenciosos cômodos próximos ao portão externo, aguardando que os guerreiros mais leais de Lady Sallet entrassem neles e os trouxessem de volta à vida.

Os dois homens que entraram não se mostraram surpresos por terem sido chamados, mas Tellius os viu procurarem uma ameaça maior para sua senhora do que uma velhinha de casaco vermelho-escuro e rubis cintilantes.

— Lady Forza nos pediu para colocarmos a mão na pedra de sua casa. É uma grande honra — disse Lady Sallet para os dois. — Entretanto, se algo der errado, será responsabilidade de vocês salvar a minha vida... ou vingá-la. Fui clara?

Ambos assentiram e sacaram suas espadas. Assumiram uma postura passiva, mas estavam preparados para atacar em qualquer direção. Tellius jurou a si mesmo não fazer movimentos bruscos até que aqueles dois relaxassem. Não tinha o menor desejo de perder uma mão naquela manhã.

Lady Forza não parecia incomodada com a presença dos guardas. Ela apoiou a pedra no tecido vermelho da manga do casaco e, com os dedos da outra mão, tocou a superfície lisa. Sem mais uma palavra, Lady Sallet fez o mesmo.

Tellius viu os olhos de Win perderem o foco e sua respiração ficar mais curta antes de também levar a mão à pedra. Esteve preparado para atirá-la longe — era estranhamente difícil tocar aquela coisa. No mesmo instante, ela o lembrou carne, mas, quando a tocou, sentiu sua suavidade e um calor inesperado.

Lorde Ran sacudia a cabeça com uma raiva crescente. Raiva de si mesmo, do louco que se chamava Gabriel, do sangue de homens inocentes escorrendo pela sarjeta quando a chuva se intensificou. O senescal do rei estava morto, assim como meia dúzia de auxiliares que tentaram defendê-lo. Guardas reais vieram correndo ao som da luta, e Gabriel, Thomas ou Sanjin os mataram.

Com as colunas da guarita à frente do grupo, transeuntes corriam com tábuas de bambu sobre a cabeça ou guarda-chuvas de papel de seda impermeabilizada com cera se fossem de alguma casa nobre. Fugiam com medo, sem ousar olhar para os lobos que estavam entre eles.

Gabriel não parecia ter reparado que chovia, ou então desfrutava da sensação dela. Estava no meio da rua, com o rosto ligeiramente erguido e os olhos fechados. Soltou a mão da jovem, que tremia ao seu lado com o vestido ensopado. Mas ela não tentou fugir. O rosto de Gabriel tinha uma expressão extasiada, mas não de paz. Lorde Ran temia o momento em que o homem abriria os olhos outra vez.

Adiante daquele pequeno grupo, fileiras de espadachins em suas armaduras aguardavam em silêncio, com armas em punho. A notícia de que havia violência nas ruas se espalhou rápido. Gritos alarmados já soavam por todo lado. Como se um rastrilho houvesse sido abaixado, o caminho à frente fora bloqueado. Homem nenhum se aproximaria dos aposentos reais com uma espada ensanguentada e pingando água de chuva. Nem lorde Ran, nem os amigos e parentes mais

próximos do rei. O comandante da guarda real decidiu deter o grupo estranho ali e se desculpar depois, se houvesse se precipitado.

Lorde Ran respirava entre os lábios franzidos, produzindo um chiado quase igual ao do imbecil que tropegava atrás deles. Era a coisa certa a se fazer.

Trinta e seis homens os encaravam na rua estreita. Lorde Ran sabia que os espadachins Mazer treinavam em grupos de doze, de modo que podiam se dividir em trios, quartetos, sextetos ou duplas em um piscar de olhos. Isso possibilitava mais formações do que com grupos de dez. Ele sacudiu a cabeça para limpar a mente, pensando se conseguiria usar o som da chuva para disfarçar sua retirada e sumir na surdina. Não queria fazer parte do que estava por vir.

Lorde Ran olhou sobre o ombro e sentiu um aperto no coração. Mais homens de armadura corriam para a retaguarda deles, carregando escudos e espadas sacadas. A chuva era um inimigo cruel para o aço, como bem sabia lorde Ran. Todos aqueles espadachins ficariam furiosos por ter de sacar a lâmina no molhado. Horas de lubrificação e secagem os aguardavam. Ainda assim, o lorde reparava na postura arrogante que assumiam. Aquilo era apenas seu dever, não passava de um bando de camponeses enlouquecidos correndo por aí com espadas roubadas. Nenhum deles via o pequeno grupo como uma ameaça, de fato.

Lorde Ran engoliu em seco. Não havia escapatória. Ele se deu conta de que morreria naquele lugar. Sua única opção era se ajoelhar na rua de pedra e rezar.

Gabriel abriu os olhos e sacudiu as gotas de chuva da espada que empunhava com um movimento brusco. Viu o brilho do óleo quando a virou, e observou as gotas respingarem no aço e ricochetearem da lâmina.

— Guardem suas espadas — ordenou um capitão da guarda que lorde Ran reconheceu. O homem fora laureado, e promovido, em duas competições organizadas na cidade.

— Vocês estão presos por assassinatos ilícitos, em nome do rei. Este é o último alerta. Ponham suas armas no chão e vivam até suas execuções. Ou morram aqui, na chuva.

A voz do homem ficou menos hostil, como se tentasse persuadi-los.

— Vamos lá. O que quer que seja, vocês terão a chance de se defender no tribunal. Não me façam matá-los.

— Senhor, por favor! — disse a jovem, com voz esganiçada. — Eu sou uma prisioneira.

Gabriel sorriu. Thomas, que antes estivera cego, estava à sua esquerda. Sanjin, com os cabelos como um ninho de rato e uma poça vermelha ao redor do pé pela metade, arreganhou os dentes. O último deles emitiu seus chiados, parecendo que ria sem alguns dentes.

— Nós lutamos todos os dias durante o curso de eras — disse Gabriel. — E agora eu sou... mais rápido. Venha, senhor, se desejar. Venha nos testar.

O capitão deu de ombros.

— Peguem-nos — ele ordenou.

Lorde Ran se atirou no chão e cobriu a cabeça com as mãos. A jovem gritou de terror e se agachou. Fileiras de espadachins investiram contra o pequeno grupo

que os desafiava, vindas de todos os lados.

Tellius estava na muralha de Darien, sentindo a força de um vendaval contra seu corpo. Olhou para os lados e viu Win e Lady Forza. Cada um deles era açoitado pelo vento que rugia em seus ouvidos, alto demais para que ouvissem qualquer outra coisa. Ele sempre gostou de uma boa tempestade, mas aquela não era natural, era como se um grande volume de terra houvesse desabado, deslocando mil quilômetros de ar na direção da cidade. O vento o invadia a cada respiração, de modo que era preciso fechar os olhos e se curvar.

— Ali! Está vindo! — gritou Lady Forza.

Tellius abriu os olhos e sentiu os testículos se retraírem. Uma muralha preta se erguia no horizonte, e a cidade às costas dele de repente parecia pequena e vulnerável. A onda crescia cada vez mais e trazia consigo trovões, além do vendaval.

Num instante, a ventania parou, mas a onda continuava vindo. Tellius ergueu os olhos até ver que não quebraria antes de chegar à cidade, que passaria por cima deles. Seriam varridos como se jamais houvessem existido.

— Não — disse ele, mas não passou de um sopro. Aquela onda não podia ser detida, da mesma forma que a morte não podia ser detida. Sabia disso no fundo do seu ser.

O chão era tragado pela base da onda, que avançava e arrancava as pedras da estrada. Elas manchavam a escuridão como uma fita subindo pela superfície da água. Tellius agarrou a mão de Win quando a onda os alcançou — e eles se foram.

Ele puxou a mão da Pedra Forza como se tivesse sido picado. Win levou a ponta dos dedos aos lábios como uma menininha pega de surpresa por urtiga. Lady Forza estava mais contida, mas assentiu para ambos. Ela estendeu a pedra, e Tellius hesitou em tocá-la outra vez, então, constrangido, pegou-a decidido e a guardou na caixa. Sentiu no ar o cheiro de sal e algas ao tocá-la, de modo que foi difícil não vacilar. Não queria ver aquilo outra vez.

— Pronto — disse Lady Forza. — Agora vocês viram o meu sonho. Agora vocês entendem.

Regressados

Gabriel estava de pé, cercado de cadáveres. Ouvia gemidos, o que lhe pareceu apropriado. Havia sangue por toda parte, e isso de alguma forma o afetou. Não havia sangue no lugar cinzento, lembrou de repente. Homens gravemente feridos gritavam desesperados, mas desapareciam ao serem pisoteados.

Ali, o sangue fresco se misturava com a chuva, escorrendo pelas pedras do pavimento. Havia corpos inteiros e retalhados por toda parte. Aquilo evocava memórias antigas, de sua primeira vida. Gabriel conseguia ouvir os suspiros finais de moribundos, intestinos sendo esvaziados com a morte. Os mortos relaxavam, ele lembrou. Dormiam como crianças.

A chuva parou, mas tudo pingava, gotejava e se tornava vapor ao raiar do dia. O sol surgiu primeiro como uma barra de ouro entre as colunas da guarita, então iluminou os mortos e os vivos. O som de choramingos deu lugar ao choro descontrolado à medida que a jovem se levantava lentamente. Havia sangue no seu vestido, ele viu. Gabriel sorriu para ela.

— Pronto, querida. Não foi tão ruim assim, não é?

Ele ainda não conseguia acreditar na própria velocidade, nem na força que tinha. Lutava com seus velhos instintos, e talvez ele e os companheiros houvessem praticado mais do que a maioria dos homens seria capaz, levando o equivalente a vidas inteiras para aprender a arte do aço. Mas, quando ele se movia, era como se uma sombra se abatesse sobre o adversário. Aqueles que o enfrentavam mal tinham a chance de gritar antes de serem golpeados.

Mover-se tão rápido deveria ter distendido suas juntas, quebrado seus ossos. Mas o que quer que tenha aberto um buraco na colina do lugar cinzento, o que quer que tenha permitido que trouxesse de volta o olhar de um homem e criasse carne nova em cicatrizes antigas, isso ainda o preenchia. Tornava-o rápido como um pensamento e forte como o ódio.

Gabriel olhou ao redor, vendo corpos e pedaços de armadura espalhados por toda parte. Ele havia se tornado o anjo caído, a história de que mais gostava quando criança. Ele era um raio — e queimava. Começou a rir, mas sabia que era loucura. Precisava de um lugar silencioso para descansar e pensar. Olhou para a guarita que ainda assomava adiante. O som de passos apressados e o retinir de armaduras se aproximava.

Gabriel mais uma vez tomou a mão da jovem, que tentou se desvencilhar, sua

beleza manchada pelo medo.

— Vamos — disse ele. — Não podemos lhes dar tempo para pensar numa defesa... eu...

Ele olhou para baixo e viu que parte do sangue que lhe escorria pelas pernas era seu. Uma onda de fraqueza o fez cambalear, trazendo uma súbita certeza. Não. Atearia fogo no mundo antes de voltar.

Com muita força de vontade, Gabriel levou a mão esquerda às costelas. Precisou de apenas um instante para acessar o grande mar que bebera, a torrente que ainda o preenchia. Não conseguiu afastar o desejo de ter de volta o oceano que descobrira ao acordar, que havia desperdiçado nos outros dois por tolice. Ele se voltou para Thomas e viu que seus olhos castanhos o observavam com firmeza. Pelo menos o homem era leal. Não tinha a mesma certeza quanto a Sanjin, que via o mundo com amargura e era incapaz de curar a si mesmo.

Gabriel esperou um instante, e o sangramento parou. Um leve calor fechara o corte, ainda que ele pensasse em bestas e canhões. Ele pegou a mão da jovem e a beijou.

— Apenas mais um pouco, minha querida. Fique perto de lorde Ran e estará em segurança. Ah, não chore! Você achou que eu permitiria que a machucassem? É claro que não. Agora, preciso perguntar se você vai fugir?

Ela fez que não, assustada e de olhos arregalados. Gabriel tocou seu rosto, vendo como estava fria.

— Bom. Então pegue a coleira do bobo e traga ele conosco.

Gabriel passou pela guarita, com Thomas à sua direita e Sanjin mancando logo atrás.

Tellius andava de um lado para o outro, acompanhado em sincronia pelas cabeças de cerca de quarenta homens e mulheres. As Doze Famílias de Darien não estavam ali por causa dele, é claro, mas por causa de Lady Sallet e, especificamente, porque foram convocados pelo menino rei.

Arthur ocupava o trono ao lado do homem que o encontrou nas ruas e o ensinou os passos Mazer. O golem parecia calmo, mas escutava atentamente enquanto Tellius apresentava o plano. Pelo semblante dos chefes das famílias, era evidente que não estavam felizes. Arthur os olhou um a um, observando as velhas linhagens de homens e mulheres. Reconhecia traços que ainda sobreviviam nos descendentes de um império mais antigo. Homens como lorde Hart, com sua vasta cabeleira grisalha e a preciosa Fronteira Azul. Ele havia sido parte da defesa da cidade. O mesmo não podia ser dito de muitos outros. Enquanto Lady Sallet e lorde Hart estavam nas ruas, arriscando sua vida, onde a família Regis estava escondida? Ou a De Guise, com sua espada? Poucas das Doze Famílias obtiveram glória naquele Festival da Noite da Ceifa, dois anos antes. Talvez, pensava Arthur, isso explicasse por que agora resistiam a Tellius. Por meio de discussões, lembravam aos demais sua autoridade — e interpretavam um papel. Era possível que Tellius não estivesse totalmente enganado em sua avaliação, Arthur admitia. Como rei, sentia-se responsável por todos eles, mas havia idiotas demais no

mundo. Naquela sala, sem dúvida. Perdera a conta das vezes em que um deles tentou passar a mão na sua cabeça. Era tentador sacar a espada e acabar com eles, mas Lady Sallet proibira qualquer manifestação do tipo. Um rei contratava homens para preservar sua dignidade. Ele não sujava as próprias mãos. Aparentemente. Arthur chutou a perna da cadeira com a ponta do sapato.

— O que você está pedindo... — começou lorde Bracken e se levantou para falar. Tellius o encarou com firmeza e prosseguiu antes que o homem continuasse a falar.

— Eu não peço nada, milorde, além das minhas responsabilidades como cidadão leal. A Coroa pede isso a vocês. A Coroa e a família Sallet.

— Sim, é claro que sim — disse lorde Bracken. Era um homem de peito largo e o único do grupo a usar a pedra da família em público. Em um tom escuro de púrpura, estava fixada em um braçal de ouro no antebraço de lorde Bracken. Diziam que ele jamais o tirava. Mais de um lorde ou lady olhava para a pedra, fitando-a novamente de tempos em tempos.

O homem afagou as orelhas de um grande cão de caça dourado sentado ao seu lado. A língua pendia da boca do animal, que olhava ao redor com o interesse vívido de uma criança, fazendo algumas pessoas desviarem o olhar. Havia boatos sobre os animais da mansão Bracken, assim como havia boatos sobre a pedra usada pelo lorde.

Lorde Bracken tentou outra vez, dirigindo suas palavras ao menino sentado no trono e a Lady Sallet, logo ao lado. Ela era a única que realmente detinha poder naquela sala, pensou Bracken. Além dele próprio e, talvez, de Regis e De Guise. Os outros apenas faziam de conta que tinham poder. Ele sentiu um olhar e notou que era observado por lorde Canis. O homem o encarava com a frieza característica de seu clã. Bracken se esforçou para desviar o olhar.

— Mestre Tellius, creio que talvez “a Coroa” não tenha considerado as dificuldades ou os custos envolvidos na sua proposta. O senhor quer que treinemos toda a população como um exército? Que alimentemos, vistamos e armemos todos com nosso dinheiro? Isso por si só é... Não, voltarei a isso depois. O senhor sugeriu que enviássemos equipes de engenheiros para inspecionar as muralhas da cidade e procurar meios de reforçar nossas defesas. Não é algo absurdo. Eu ficaria feliz em participar de uma proposta como essa. Mas o senhor quer que cavemos trincheiras e arapucas e sabe mais a Deusa o quê, perturbando a vida nas fazendas e vilas ao redor da cidade nesse esquema mirabolante?

— Até onde eu sei, as Doze Famílias de Darien utilizam a defesa da cidade como justificativa da sua autoridade para governar — rebateu Tellius de pronto. — Se o senhor não defenderá Darien, então talvez deva considerar como isso afeta o seu papel principal. Talvez o senhor deva pensar se a cidade precisa mesmo de um lorde que não...

— Tellius — murmurou Lady Sallet.

Ele calou a boca em vez de elevar ainda mais o tom de voz.

Lorde Bracken olhou para os lados à procura de apoio. Viu apenas um ou dois homens assentirem, o que em parte se devia a um instinto de preservação ou uma

cautela cultivada por muitos anos. Havia poucas alianças entre eles, infelizmente.

— O que o senhor não está considerando é o que acontecerá com a cidade enquanto isso estiver em curso — disse Bracken, que deliberadamente colocou de lado a exasperação e a raiva para responder, sabendo que falar devagar e com clareza dava mais força às suas palavras naquele lugar. — Enquanto treinam como um exército, os homens não trabalham. Então a comida apodrece nos campos. Navios permanecem ancorados e não são descarregados nas docas. Toda a economia de Darien para por falta de almas para fazê-la girar! O que o senhor pede trará pobreza para dezenas de milhares, até mesmo fome. O sistema funciona, Mestre Tellius. Apenas um homem corajoso colocaria a mão nas peças e engrenagens de Darien!

Tellius voltou a andar de um lado para o outro.

— Há dois anos, milorde, a cidade estava despreparada para um ataque. Ninguém previu o que aconteceria. Nós perdemos o rei, e a legião Aeris entrou pelo portão oeste antes que alguém ao menos entendesse que a cidade estava em perigo. Há coisas sobre aquela noite que ainda não entendemos, mas não estávamos preparados. Isso é certo. — Contra a própria vontade, ele voltou a levantar o tom de voz em frustração.

— O senhor está nos pedindo para parar a cidade por causa de uma visão? — interrompeu lordê Hart.

Tellius sabia que ele tentava ser útil, e não enfraquecer seu argumento. Mas ainda era difícil responder com calma.

— Não, milordes, não é isso que peço. É verdade que Lady Forza viu um ataque à cidade, como eu disse. Creio que...

— Essa onda escura — cortou lordê Bracken com a voz carregada de desdém. — Mas há outros videntes em Darien, Mestre Tellius. Nenhum deles nos procurou. — Ele se sentou, como se o argumento fosse irrefutável.

— Nenhum deles tem a Pedra Forza! — Tellius respondeu secamente. — Mas a questão não é essa. A Coroa deseja que os seus lordes se preparem para um ataque, que avaliem nossa capacidade de reagir a um evento de grandes proporções como o da Noite da Ceifa. Esta convocação real foi instigada pela visão de Lady Forza, sim, mas esse *não* foi o motivo. O motivo é que jamais devemos ser pegos de surpresa outra vez! Há dois anos, você quase perdeu tudo que preza, lordê Bracken. As Doze Famílias, a sua própria família, teriam sido dizimadas numa guerra civil. Sua Majestade pede apenas que façamos treinamentos pela cidade, para avaliarmos a nossa prontidão. Para estarmos preparados. Sua Majestade pede que as Doze Famílias avaliem a nossa força. Se tudo correr bem, isso pode passar a fazer parte do nosso calendário, a cada quatro ou seis anos.

Tellius via aceitação relutante na sala. Alguns nobres arqueavam as sobrancelhas e sondavam aqueles que chamavam de amigos. A ideia ganhava as primeiras raízes.

Lady Sallet se levantou. Tellius se sentou e enxugou a testa com um lenço. Era a sua vez de observar os nobres, enxergar onde a resistência poderia causar

problemas. Antes disso, olhou para Win, empertigada perante a plateia. Seu instinto era sempre protegê-la, mas era um prazer relembrar que ela podia dominar o recinto.

— Milordess, miladies — começou Win. — Sua Majestade pede uma demonstração, como vocês ouviram. Uma avaliação das defesas da cidade. Creio que o povo de Darien gostará de ver os guardas das casas nobres marchando pelo calçadão, e muitos adorariam participar de um treinamento. Recebi algumas solicitações para a formação de milícias civis nos dois últimos anos. Afinal, naquela noite eles lutaram bem enquanto pedreiros, carpinteiros e açougueiros. Sem treinamento, lutaram pela cidade e por suas próprias casas e famílias. É razoável armar tais homens para o futuro, não importa o que ele reserve. Como Mestre Tellius disse, isso pode ter sido instigado pela visão de Lady Forza, mas acredito que tem um embasamento sólido. Pode ser uma grande oportunidade. Darien sem dúvida enfrentará ameaças no futuro, venham elas neste inverno ou daqui a doze anos. Estarmos preparados para elas é uma mera questão de bom senso.

O clima mudou um pouco quando lorde Canis se levantou. O nobre tinha o cuidado de respeitar as formalidades mesmo em reuniões informais, e aguardou completamente imóvel até que Lady Sallet inclinasse a cabeça e se sentasse. Ela podia ter a confiança do rei, mas os Sallet não estavam acima de nenhuma das outras grandes famílias.

Lorde Canis era um homem esguio de aparência forte. Dizia-se que passava horas treinando com sua espada todos os dias, e que não sentia prazer na comida ou no amor. Havia mesmo rumores de que a família Canis não sentia prazer em nada, uma peculiaridade da pedra preta que possuíam. Lady Sallet estremeceu ao pensar naquela sina. A “Pedra Canina”, como era chamada em referência ao nome da família, tinha a capacidade de curar os ferimentos mais terríveis. O próprio lorde Canis tinha sido curado de uma doença que causava apodrecimento e que teria lhe custado uma perna na infância. O preço era a estranha frieza que Lady Sallet sentia nele, mesmo do outro lado de um salão. A pedra consumia a gentileza e o calor. Havia quem dissesse que ela consumia a alma. Mas ela continuava sendo um tesouro vital da cidade. Ninguém jamais quebraria a Pedra Canis, não se tivesse entes queridos.

— Vossa Majestade, milordess e miladies, Lady Sallet, Mestre Tellius — começou lorde Canis, fazendo uma reverência para o rei. — Se treinarmos os súditos da Coroa como soldados, eu me pergunto quanto tempo levará até que tenham suas próprias exigências. Há um grande risco nessa proposta, não é mesmo? Se a cidade for atacada, sim, há mérito em fortalecer nossas defesas. Mas, se não for, e tivermos fornecido armas a cada homem adulto da cidade, quanto tempo sobreviveremos?

Ele fez uma pausa, como se convidasse objeções. Lady Sallet falou de imediato.

— O povo da cidade é leal ao rei, lorde Canis. Talvez não tanto aos lordes do rei. Isso não vai mudar.

— Milady, nós não governamos por consentimento, mas pela capacidade de destruir. Os seus guerreiros verdes, juntos talvez do escudo Regis, da espada De Guise, da fronteira Hart. Multidão alguma jamais seria capaz de tirar-nos do poder. Mas a sua proposta é criar um exército enorme, treinar e armar regimentos inteiros. Vocês dariam a eles essas novas armas de fogo? Quanto tempo levará até que alguém sugira armá-los assim, em vez dos meses ou anos de treinamento com a espada? Não, o que você descreve é uma mudança no equilíbrio do poder, milady. Talvez uma mudança fundamental.

O rei limpou a garganta, e tanto Lady Sallet quanto lorde Canis se sentaram. Arthur se levantou e deu alguns passos à frente. Estava vestido de branco e parecia um menino de uns 10 ou 12 anos de idade no máximo. Poucas eram as pessoas naquela sala que sabiam de sua natureza, mas o aceitaram enquanto o corpo do antigo rei esfriava, enquanto ainda havia escombros e corpos espalhados por toda a cidade. Não fizera nada que pudesse preocupá-los desde então, apesar de haver quem acreditasse que era controlado pelos Sallet.

— Caro lorde Canis, creio que esteja enganado — disse Arthur. — Eu estava no portão oeste durante o ataque da legião. Observei do alto, e também lutei no portão. Vi o povo de Darien se unir para combater os invasores. Eu os vi pegar quaisquer armas que tinham para enfrentar soldados treinados. Eles não tiveram misericórdia. Eles não fugiram. É verdade que não vi nem sinal do escudo Regis ou da espada De Guise naquele dia, apesar de ter visto os guerreiros Verdes Sallet. É possível que esses artefatos sejam capazes de resistir à fúria avassaladora de uma cidade inteira. Mas eu duvido. Acredito que já governamos por consentimento, e que essa percepção pode ser vista em toda e qualquer transação. Ou você engana os seus fornecedores, milorde? Toma suas filhas contra a vontade deles? Escraviza os filhos deles?

Lorde Canis desviou o olhar por um momento, refletindo sobre o que ouvira.

— Seus argumentos foram bem colocados, Vossa Majestade. Refletirei sobre eles.

Ele se sentou, e a tensão se dissipou. Arthur sorriu para todos.

— Eu falei mais hoje do que durante todo o mês passado. Lady Sallet e Mestre Tellius têm a minha confiança neste assunto. Deixarei a cargo deles os cuidados com a defesa da nossa cidade. Roguem, senhores e senhoras, que nunca tenham motivos para pensar neste dia e agradecer.

Todos no salão se levantaram para fazer uma reverência ao rei de Darien. Arthur deu meia-volta e se retirou. Os nobres aguardaram até que a porta fosse fechada para se erguerem. O instinto de lealdade era enraizado, visto que suas posições dependiam da Coroa. Tellius sentiu a mudança na sala e assentiu, satisfeito.

— Muito bem, milordes. É hora da delegação de responsabilidades. Imaginem por um instante que um inimigo se aproxima de Darien. Como devemos botá-lo para correr? Como quebramos seu nariz?

Gabriel liderava seu pequeno grupo por amplos corredores de mármore,

apressando-o sempre que lorde Ran ou a jovem pareciam que iriam desabar. Ao olhar para trás, viu que deixavam um rastro de pegadas ensanguentadas, como uma ferida.

Perdera a conta do número de homens que os enfrentaram. Sua velocidade absurda não diminuía, apesar de ter sido ferido outras duas vezes em combate. Até onde sabia, os cortes foram causados mais por acidente do que pelo talento dos adversários. Os espadachins Mazer do seu tempo eram gigantes. Esses pareciam ser de uma estirpe menor, a menos que ele apenas estivesse maior que eles. Não considerava essa vantagem desagradável, pelo menos não naquele momento. Descobrir que era mais rápido e mais forte que todos os oponentes, na verdade, o deixava eufórico.

À sua frente, dois mestres aguardavam imóveis e aparentemente calmos, espada em punho. Gabriel viu seus olhos se arregalarem e sentiu o coração deles acelerar. Ele sabia que estava sujo de sangue. Sentia os dedos pegajosos. Aquilo era algo de que não sentira falta no lugar cinzento. O sangue era uma coisa desagradável, a essência de um homem espirrada para o mundo.

— Thomas? — disse Gabriel para o companheiro de armas. — Você se importa?

Ele apontou para a porta e parou para tirar algo do olho. Seus dedos ficaram vermelhos e ele percebeu que sua aparência estaria aterrorizante quando entrasse na sala do trono de Shiang. A ideia o divertia. Todo homem usa uma máscara. Acontece que a dele era feita de sangue. Talvez, de certa forma, fosse mais honesta que a da maioria.

O homem chamado Thomas avançou, erguendo a espada em posição de guarda, como se estivesse prestes a iniciar um duelo formal. Os dois oponentes se posicionaram para enfrentá-lo e Gabriel viu o homem que estivera cego se transformar num borrão, sua espada era um rastro de prata que não conseguiam ver para deter. Com seus sentidos aguçados, Gabriel foi capaz de ver a expressão dos homens passar de determinada para perplexa e depois se tornar alarmada.

Não tiveram tempo de sentir medo. Thomas acabou com os dois rapidamente, com golpes na garganta a um fio de cabelo acima da gola da armadura. Gabriel o cumprimentou com a espada quando o guerreiro olhou para trás.

— Muito bem, irmão — disse.

Thomas sorriu e escancarou as portas da sala do trono. Entraram juntos, com a mulher tentando esconder o rosto com uma das mãos e lorde Ran cambaleando e atordoado, como se houvesse perdido o juízo.

Não tinham parado desde que passaram sob a sombra da guarita. Gabriel ainda suspeitava que haveria um exército à sua espera naquela sala, mas deixara para trás um rastro de espadachins mortos. Quando parava, o sangue que o cobria gotejava, formando um círculo ao seu redor. Ele agitou a espada, marcando o piso reluzente com respingos de sangue.

No fundo do salão, o jovem rei se levantou do trono e pegou a espada da dinastia Yuan. Gabriel sentia o poder da arma ao avançar pelo salão real. Aquilo despertou uma fome dentro dele e o lembrou mais uma vez de todos que gostaria

de ver de volta ao mundo. Lorde Ran conhecia o segredo. Tudo de que precisava era outra pedra.

— Vossa Majestade não vai acreditar, mas este salão está tal e qual era há mil anos, talvez mais. Vocês, oleiros, cuidaram bem dele.

Gabriel se movia rapidamente ao falar, com Thomas feito um leopardo ao seu lado. Sanjin era mais lento e ficou para trás com seu pé pela metade. A jovem, que segurava a coleira do bobo, e um lorde Ran choroso ficaram para trás.

Gabriel passou a dar passos mais largos ao se aproximar do rei.

— Achei que os seus espadachins seriam melhores, Vossa Majestade — disse.

— Mandamos os melhores para longe.

O rei tentou se mover abruptamente quando falou, mas Gabriel estava preparado. Ele observou o jovem desferir um golpe amplo e ergueu a espada, para que as lâminas se chocassem. Para sua surpresa, a arma real atravessou a que empunhava, como se o aço não passasse de argila. Gabriel precisou girar rápido sobre um calcanhar para evitar que a lâmina terminasse em suas costelas.

No entanto, apesar da magia daquela espada, seu portador era pouco mais que um menino. Gabriel se viu segurando um toco de espada, de apenas dez centímetros. Ele deu de ombros e o enterrou no pescoço do rei.

O jovem o fitou, chocado. Gabriel estendeu o braço e pegou a espada Yuan quando a mão do rei se abriu e sua vida se foi.

— Obrigado. É uma bela lâmina.

Ao se sentar no trono com a espada real sobre seus joelhos, Gabriel franziu a testa. Era estranhamente decepcionante. O salão real estava vazio, exceto pelos poucos que levava para lá. Ele sacudiu a cabeça, contrariado. Passara um longo tempo no lugar cinzento. A felicidade era fugaz. Ainda assim, ele precisava buscá-la, e era como arrancar um ouriço-do-mar de uma pedra. Superados os espinhos e os ferimentos, a carne era tenra e boa. Ele ergueu os olhos com aquele pensamento e viu a jovem que levava para o grande salão. Ela também estava suja de sangue, com respingos espalhados pelo vestido. Seus olhos estavam escuros de horror com tudo que vira aquele dia.

Gabriel soltou o ar e relaxou na cadeira.

— Venha — disse. — Vou ordenar que as costureiras reais substituam esse trapo.

Observou-a se aproximar, como se estivesse presa por cordéis que apenas ela podia ver. Ao chegar, a jovem afundou nos degraus, de modo que o vestido se espalhou ao seu redor. Ela manteve a cabeça baixa.

Gabriel a encarou, vendo a beleza que lhe chamara a atenção na rua. O nome de sua esposa era Laila, mas não combinava com a moça. Ele recordou o nome da rainha do seu tempo.

— Eu a chamarei de Song — disse. — Era um nome real no passado, de uma casa real. Isso lhe agrada?

A jovem usou a manga do vestido para limpar o nariz e as lágrimas. Um instante depois, assentiu. Ele sorriu, satisfeito.

— Bom. Este é o primeiro dia, minha querida. Você verá algumas

mudanças...

Escutou um ruído que parou logo em seguida. Ele hesitou. Nem Thomas nem Sanjin reagiram, mas o bobo na coleira se virou como um cão para o mestre. Gabriel piscou. Não foi exatamente um som, mas uma vibração no ar, uma pulsação, ou um chamado. Viera do oeste, de impossivelmente distante. Ele esfregou o rosto, subitamente cansado.

— Thomas? Convoque a corte. Acho que vou falar com eles antes de comermos. E chame um barbeiro para mim.

Milícia

Taeshin estava numa encosta cinza coberta de pedras soltas. Nada crescia naquele lugar, enquanto na planície abaixo dois grandes exércitos se enfrentavam. Ele observava a cena com espanto e resignação. Então aquilo era a morte.

Havia outros homens por perto quando abriu os olhos. Sem lhe dirigirem a palavra, desceram a encosta para se juntar às linhas de combate dos exércitos, pegando espadas e escudos caídos. Taeshin não sabia por que não havia feito o mesmo, ou por que ainda sonhava com o mundo que conhecia. Ficara ali, incapaz de ir ou voltar, num lugar cheio de uma poeira cinza, aguardando. Quando cerrou os olhos e os punhos, os sons foram desaparecendo e ele não estava mais naquele morro acima da planície. Se fizesse força até sentir o corpo tremer, conseguia sentir outro lugar na escuridão, onde olhos assustados o observavam andar de um lado para o outro.

Gabriel caminhava de um lado para o outro à luz de velas. Duzentos homens e mulheres haviam sido convocados durante a noite para se apresentarem a ele. Alguns ainda choramingavam, enquanto os demais estavam calados e vigilantes, preparados para aguardar pelo que quer que fossem ouvir. A maioria deles não podia ser de pastores, ele pensou. As pessoas se dispunham a encarar trabalho duro e invernos frios para alimentar suas famílias. Elas eram assim. Para a maioria delas, não fazia diferença quem ocupava o trono, exceto por alguns amigos próximos e parentes do rei.

— O meu nome é Gabriel Hernan Cortez — disse à audiência. — Certa vez, fui embaixador desta cidade, ah, muito além das lembranças de...

Ele fez uma pausa e afastou as palavras com a mão. As pessoas o observavam como gado à espera do abate, percebeu Gabriel. Vira aquilo antes, quando era menino e os matadouros funcionavam dia e noite. Os animais encaravam a escuridão quando ele erguia a tocha. Tinham os olhos pretos, muito pretos, ele lembrava. Aquela gente toda no salão tinha o mesmo olhar à luz das velas, como se vissem a morte.

— O que importa esta noite é que eu derrotei os Yuan em combate. Seja lá como os seus reis são escolhidos, isso deve bastar para a maioria de vocês. Estou disposto a enfrentar qualquer campeão que desejarem trazer, mas até lá...

Ele se interrompeu outra vez ao ouvir o mesmo som que vibrara no ar mais cedo naquele dia. Nenhuma das pessoas reunidas para ouvi-lo esboçou qualquer reação.

— O que há naquela direção...? — perguntou-lhes Gabriel.

Ninguém ousou responder, e ele estava prestes a perder a calma quando a jovem ajoelhada aos seus pés falou:

— O oeste, Vossa Majestade. O reino.

Ele sacudiu a cabeça.

— Depois, mais longe. Sinto alguma coisa distante... O que há depois do reino nesta era? A Espanha ainda resiste? Ou Roma?

Os nomes não significavam nada para eles, e Gabriel franziu a testa. A mulher que chamara de Song se limitou a erguer as mãos, confusa.

— Meu senhor, o que mais haveria além do reino?

Gabriel a fitou, perplexo.

— Jura? Você perdeu muito, minha cara, saiba disso ou não. Algum de vocês? Quais nações existem a oeste?

Um homem ergueu a cabeça na multidão, vendo o monstro que matara seu rei. Ele falou, com a voz carregada de ódio:

— Existe uma cidade chamada Darien, alguns milhares de quilômetros a oeste. Um reino tão grande quanto este, pelo que dizem. Talvez o senhor devesse procurá-lo.

Gabriel riu.

— Muito bem. Estava começando a achar que não havia espírito de rebeldia em nenhum de vocês! Como vocês se acovardam! Eu devia torná-lo meu criado, rapaz.

— Eu jamais lhe serviria — respondeu o homem. Ele mantinha a mão no cabo da espada, pronto para ser atacado.

Gabriel respirou fundo e soltou o ar, sentindo toda a tensão ir embora.

— Já vi sangue demais por hoje. Convoquei-os apenas para dizer isto: toquem os seus negócios. Façam pão nas cozinhas. Cuidem dos cavalos reais. Façam tecido, lavem, remendem, façam seja lá o que vocês fazem na residência real. Mas façam para mim. Pronto, já disse tudo. Voltem aos seus afazeres.

Eles começaram a sair, seus rostos exibindo um alívio enorme. Gabriel os observou por um tempo e depois se voltou para Thomas e Sanjin. O pé deste estava enfaixado com ataduras novas, mas já se via um ponto vermelho do tamanho de uma moeda. Ele sentiu o ódio de Sanjin quando seus olhares se encontraram. Gabriel sabia muito bem que o homem queria que ele o curasse. Aquilo se tornara uma queda de braço entre eles.

— Algum de vocês sentiu aquilo? — disse Gabriel.

Thomas fez que não e Sanjin deu de ombros.

— Onde está o bobo?

Thomas gesticulou com a cabeça e Gabriel viu que o último dos regressados estava amarrado a um dos bancos, como um cão. A calça do bobo estava manchada de urina, e ele sorriu ao ver que Gabriel o observava.

— A mente dele se foi — disse Thomas. — Não sei se poderia ser curado a essa altura. Talvez seja melhor acabar com o sofrimento dele.

O bobo sacudia de tanto rir, emitindo chiados desagradáveis que ecoaram na

abóbada em cruzaria acima. Lentamente, ele ergueu a mão e apontou para o oeste.

Cavalar quase quinhentos quilômetros dera a Hondo uma sensação de clareza mental, se não de paz. Ele observava a multidão sem exibir qualquer sinal da turbulência que o incomodava. A cidade de Shiang era um lugar distante para as pessoas que viviam naquelas colinas, que era lembrado nas visitas anuais dos cobradores de impostos e fiscais da capital. Apenas a professora havia nascido nos arredores de Shiang, ele fora informado. Eles pareciam achar que isso era uma grande distinção. Os demais eram nascidos e criados naquelas mesmas fazendas há séculos.

O rosto deles era um pouco mais alongado do que o das pessoas de sua terra, os olhos fundos e escurecidos por cílios compridos, de modo que algumas mulheres eram quase apresentáveis. Ainda assim, estenderam um retrato bordado do rei Yuan e arrumaram para os seus campeões uma longa mesa de banquete numa campina. Eles também faziam parte da nação. Hondo desejava poder sentir o mesmo que eles, sem sua constante necessidade de refletir e examinar. Levar uma vida simples, rústica! Ele sabia que os invejaria quando estivesse a mil quilômetros dali. Naquele momento, no entanto, considerava-os profundamente irritantes.

Hondo sentiu que outro aldeão o olhava com admiração, em busca de alegria compartilhada. Vira o mesmo impulso em casamentos e nascimentos de crianças saudáveis. Não havia nada de errado com aquilo, lembrou a si mesmo. A alegria era uma coisa frágil, mas capaz de dominar um homem.

Sempre que o olhar daqueles que procuravam essa conexão encontrava o seu, eles desviavam o olhar imediatamente. Era doloroso quando acontecia, como uma lasca de gelo enterrada na alma. Mas ele não podia fingir sentir algo que não sentia! Não podia rir, não quando sabia que seus olhos permaneciam tão frios quanto ele próprio. Outros homens recuavam quando ele imitava os berros e o falatório. Percebiam a falsidade, ou que eram observados.

Ele se perguntava se os gêmeos sentiam o mesmo, mas, como raramente falavam, era difícil saber o que aqueles dois pensavam sobre o que quer que fosse. Hondo os aceitara como companheiros de viagem, mas a dupla era tão fechada que tinha a impressão de que jamais os conheceria de verdade. Era uma discrição que ele respeitava. Certos homens eram feitos para ser frios, acreditava ele. Era tão natural para um homem quanto o desejo diante da beleza. Se algo separava o homem dos...

A linha de pensamento de Hondo foi interrompida quando Bosin apareceu ali carregando um dos gêmeos nos ombros. O gêmeo apertava sua cabeça entre as pernas com tanta força que o rosto do grandalhão estava em um tom de vermelho vivo, mas isso não o impedia de cambalear em meio à multidão embevecida.

O ferreiro da vila vinha mais atrás, carregando o outro gêmeo e dando o seu melhor para alcançar os outros dois. Hondo suspirou consigo mesmo. Jamais conhecera alguém como o espadachim gigante. Não tinha certeza se estava

gostando da experiência. A multidão entoava o nome de Bosin, ele percebeu. O povo havia clamado por uma prova de força com o homem local, e Hondo estava pensando em uma desculpa educada quando Bosin concordou e botou um dos gêmeos nos ombros. Depois disso as coisas ficaram caóticas, e os moradores da vila gargalhavam quando as duplas partiram.

Os dois pares correram até um carvalho distante e voltaram. Alguns moradores acompanharam o ferreiro cambaleante para incentivá-lo. Hondo notou com alguma surpresa que pelo menos a mesma quantidade de gente torcia por Bosin, mesmo contra o conterrâneo. O guerreiro grandalhão parecia estimular o riso, mas era sem rancor. Hondo balançou a cabeça. Jamais entenderia aquilo. Para certos homens, qualquer encontro com outras pessoas exigia algum esforço, uma leve tensão que era capaz de esgotá-los no final do dia. Para outros, como Bosin, o mesmo contato com as pessoas parecia ser revigorante. Não havia falsidade. Bosin gostava de gente. As pessoas sentiam isso e gostavam dele também. Simples assim.

A linha de chegada era um cocho para cavalos no centro da praça. Hondo se perguntou se devia estar feliz que pelo menos um de seus companheiros reais estava vencendo a corrida, mas era difícil não se irritar com a manhã perdida. Ele viu Bosin botar uma das mãos no cocho, consumando a vitória. O gêmeo em seus ombros saltou para o chão e agradeceu com reverências em todas as direções, antes de desferir socos e chutes no ar sob urros da multidão. Um farto almoço fora servido em mesas ao ar livre, à espera da volta deles. A vila ganhou um ar de festival da colheita ou de casamento. Eles com certeza não esqueceriam a chegada dos quatro mestres. Hondo se perguntava se lembrariam de seu nome quando a história da corrida fosse contada para as próximas gerações. Ele duvidava amargamente.

Bosin e o gêmeo — se era Hi ou Je, Hondo não saberia dizer — voltaram para exortar o ferreiro até a chegada. Bosin ainda tinha o rosto avermelhado e estava ensopado de suor, mas bradou e torceu com os demais, gesticulando para o cocho. O segundo gêmeo, que estava tão animado quanto, equilibrava-se agachado como um macaco sobre os ombros do ferreiro.

O pobre aldeão estava quase morto. Correr quase dois quilômetros para ir e outros dois para voltar carregando um homem nas costas era um teste de resistência respeitável. Hondo observou com admiração quando o ferreiro se empertigou e deu os últimos passos com certa dignidade, até colocar a mão no cocho de pedra enquanto a multidão gritava. Bosin o abraçou e gritou alguma coisa no seu ouvido depois que o segundo gêmeo saltou para o chão e começou a dar estrelas e saltos-mortais.

Bosin se encaminhou para a mesa de banquete. Viu um porco assado e estava com tanta fome que seria capaz de comer o bicho inteiro sozinho. Ele parou subitamente quando viu Hondo.

— Aí está você! — disse Bosin.

Hondo se esforçou para não recuar quando Bosin veio em sua direção. O tamanho do sujeito não falhava em deixá-lo nervoso. Para seu horror, o

grandalhão tentou erguê-lo. Hondo precisou golpear o cotovelo dele com o nó do dedo com força suficiente para deixar o braço todo dormente.

Para sua surpresa, Bosin não pareceu perceber e o carregou como uma criança.

— Ponha-me no chão, seu boi — disse Hondo, corando. — Tire as mãos de mim.

— Deixe que o vejam! — disse Bosin, rindo. — Este homem é o maior espadachim de Shiang! — gritou para a multidão. — O espadachim santo!

Hondo agarrou uma das mãos que o segurava e a torceu com força, ao que Bosin grunhiu de dor e surpresa.

— Ponha-me no *chão* — disse.

O grandalhão o atendeu, esfregando o pulso com a outra mão. Hondo viu os sorrisos à sua volta desaparecerem e ficou subitamente irritado com todos.

— Gostaria de meditar no meu quarto. Muito bem, Mestre Bosin. Foi uma bela corrida.

Ele sentia que dizer uma palavra a mais desencadearia uma amarga repreensão. Então trincou os dentes e fez uma reverência para os três companheiros. Os gêmeos pareceram ficar cabisbaixos. Isso, pelo menos, lhe deu alguma satisfação.

Aos poucos, a multidão calava enquanto Hondo passava. Ele sentia uma raiva gélida de Bosin crescendo dentro de si. O sujeito não parecia ter senso de dignidade, por si mesmo ou por ninguém. Em tempos mais tranquilos, Hondo talvez o invejasse. Naquele momento, sentia apenas humilhação, e, como todo homem sabe, a humilhação é irmã da raiva. Ele deu as costas para a multidão e tentou não ouvir quando voltaram a gritar o nome de Bosin.

Hondo percorrera oitenta quilômetros naquele dia, e não era mais tão jovem. Ele tentou meditar, mas, quando voltaram para suas camas no quartinho acima da taverna, os gêmeos encontraram-no roncando baixinho. Hi e Je se entreolharam numa conversa particular, seus olhos brilhantes pela noite e pelo vinho.

Gabriel acordou e viu a jovem que tomara como amante experimentando um novo vestido. Ao que parecia, Song sabia como fazer os criados do palácio seguirem suas ordens. Eles faziam o que ela mandava sem hesitar, colocavam alfinetes e costuravam como ela os instruíra. Deitado na cama do rei, Gabriel a observava, pensando no que fizera. Tirá-la dos guardas foi mais uma demonstração de poder do que de desejo, pelo menos a princípio. Tomara cuidado com desejos repentinos depois de tanto tempo na terra cinzenta. No entanto, ela foi até sua cama por vontade própria na noite anterior. Ele esperava lágrimas, mas a jovem o surpreendeu ao empurrá-lo contra a cama e sentar nele. Deixou que ela segurasse seus braços por algum tempo e, assim que se cansou daquilo, foi mais gentil do que planejava. Quando finalmente dormiu, viu cenas aterrorizantes nas quais acordava no outro lugar, com todos os prazeres roubados e apenas a eternidade como conforto. Tentava se agarrar ao ar, ele lembrava, mas era arrastado para baixo de qualquer forma. Como sempre, seus sonhos foram terríveis. Mas o sol nascera e, ao abrir os olhos, tudo o que via era movimento e

criados ocupados. Song trouxera algo semelhante à ordem de volta aos aposentos reais.

Gabriel se apoiou nos cotovelos e coçou as costelas, desprendendo lascas de sangue seco. Ele fez uma careta. Não era um selvagem. Em sua primeira vida, sempre foi um homem asseado e se lavava duas ou três vezes ao dia. O dia anterior foi de morte e matança. Hoje ele se banharia e faria amor com sua amante. Encontraria uma armadura limpa e treinaria com a maravilhosa espada empunhada pelo rei Yuan-Choji. Talvez cavalgasse pelos jardins reais. Fazia muito tempo desde que desfrutara de pequenos prazeres, ou de qualquer coisa além de guerra. Gabriel sentia o cheiro de grama e flores, mas essas coisas... Ele teve um sobressalto ao sentir a pulsação no ar outra vez. Sabia onde estava o oeste naquele momento.

Seu humor piorou, e Gabriel saltou da cama nu, ignorando os gritos e a correria das criadas ao saírem do quarto às pressas.

— Lady Song, onde está Thomas?

— Esperando do outro lado da porta, Gabriel — respondeu. — Vou chamá-lo.

Não havia medo nela, mas uma certa malícia, como um gato com o bigode ensanguentado. Gabriel percebeu que ela o lembrava de sua primeira esposa, que havia fugido com um de seus capitães. Ele se perguntou se aquela seria mais confiável, ou se mais uma vez escolhera mal. Todo homem tem seus padrões, pensou. Bons ou ruins, seus padrões faziam dele o que era.

Ele sentiu a pulsação outra vez, como se o ar se movesse em silêncio. Não era uma sensação agradável. Era um chamado, uma consciência. Ou um despertar. Sentia uma corda puxando seu peito, não como dor, mas como se a matéria de que era feito estivesse sendo sugada. Naquele momento ele só queria partir. Pegar um cavalo e a espada Yuan e responder ao que lhe chamava.

Thomas entrou e apoiou um joelho no chão. O homem parecia satisfeito com seu novo papel, mas Gabriel percebia que ele era um pensador. Nem todo homem deseja liderar. Alguns ficavam felizes em assumir a posição de segundo ou terceiro. Gabriel esperava que Thomas fosse um deles. Não queria matá-lo. E, é claro, não sabia se seria capaz.

— Thomas — disse ele. — Você sentiu essas... vibrações no ar?

— Sim — respondeu Thomas. Gabriel fechou os olhos, aliviado. Andava se perguntando se estaria ficando louco, como o bobo. — Na noite passada e ainda há pouco. O que você acha que elas são?

— Nós fomos trazidos de volta com uma pedra, Thomas. Poder atrai poder.

Gabriel sabia que tinha razão ao proferir as palavras. Qualquer que fosse a pedra usada por lorde Ran, havia rastros de outras a oeste. Pedras atraíam pedras — e ele e Thomas carregavam uma dentro de si. Gabriel sentia que era capaz de ignorar aquilo; a questão era se queria fazer isso.

— Se eu tivesse outra pedra — disse ele lentamente —, e lorde Ran para me ajudar, poderia trazer de volta homens em quem confiei em vida.

Ele falava com cautela, analisando os pensamentos. Voltara ao mundo no dia

anterior e era rei há menos de doze horas. Muitas coisas aconteceram em pouco tempo, e ele sabia que precisava de tempo para se estabelecer e refletir.

— Sanjin disse alguma coisa? — perguntou Gabriel. — Ele estava atrás de você quando atravessamos. O bobo veio depois dele. Talvez seja simples assim, Thomas. Eu vim primeiro, então sou o mais forte.

Gabriel deu de ombros. Havia muito que não sabia. Apesar da nova velocidade, do novo poder, ele era como um recém-nascido.

Ele e Thomas ergueram o olhar quando o alfaiate real entrou no quarto e se ajoelhou, trazendo uma dúzia de criados à presença de Gabriel. O novo rei de Shiang estava nu diante deles, sem se incomodar com isso ao lembrar o verso de uma poesia que conhecera no passado. Era bom estar vivo naquele dia... mas ser jovem, ah, ser *jovem* era o paraíso.

No alto das muralhas da cidade, o vento era revigorante e soprava sem parar. Tellius deu um tapinha no ombro de um capitão da guarda. O homem agira bem, mas é claro que sob ordens de seu mestre, lorde Bracken. Uma coisa que descobrira sobre as Doze Famílias: elas podiam discutir se o sol se punha no leste ou no oeste, mas quando concordavam, quando *agiam*, elas agiam rápido.

As defesas de Darien precisariam ser destruídas antes de serem reconstruídas. Pedras estavam sendo removidas ao longo de toda a muralha externa, e novos carregamentos chegavam pelo rio, em barcas vindas das pedreiras de Woodville. Novas fortunas eram feitas, e meticulosamente contabilizadas, Tellius tinha certeza. Haveria novas dívidas e favores a pagar quando a reformulação das forças armadas de Darien proposta pelo rei estivesse concluída.

Tellius pressionou os polegares contra os olhos, vendo lampejos verdes. Estava cansado e não era jovem. Mas de alguma forma tornara-se o chefe do projeto, e tinha centenas de demandas e decisões que precisavam de sua atenção todos os dias. Ele olhava para as ameias da grande muralha, que fazia uma curva a distância. A verdade era que aquela reforma já deveria ter sido feita há muito tempo. Deveria ter começado após o ataque dois anos antes, mas agora não havia sentido em remoer esse erro.

Por toda a cidade, as defesas eram catalogadas e consideradas obsoletas, inexistentes ou sob necessidade urgente de recursos e mão de obra. Como resultado, uma fortuna em ouro escoava do tesouro real e das casas nobres. O rei podia exigir das Doze Famílias toda a sua riqueza. Esse era o antigo pacto que existia entre todos eles, e, ainda que se queixassem, não podiam negar seus resultados ou dizer que o dinheiro sumia com a corrupção. As novas muralhas erguidas com pedra clara eram dignas de uma fortaleza, altas e reforçadas com enormes contrafortes.

Nem todos os cidadãos estavam felizes com as obras, tampouco todos os líderes das grandes casas. As famílias que dependiam do comércio viviam reclamando, já que o fluxo de suas mercadorias era detido em favor do de suprimentos. Outros perderam funcionários importantes, que agora eram treinados para lutar fora das muralhas, na planície perto do rio. Tellius passou a

se referir ao lugar como Campus, depois que lorde Canis lhe disse que uma cidade antiga havia criado um campo de batalha para treinar seus cidadãos, um *Campus Martius*.

Daquela altura conseguia vê-lo, o povo de Darien, pequeno contra a vastidão do mundo. Mas eles marchavam, paravam e apresentavam armas. Tellius balançou a cabeça de frustração ao lembrar a influência exercida por lorde Canis na escolha das armas. Os homens que aprendiam táticas e comandos de batalha no Campus estavam armados apenas com espadas, adagas ou lanças compridas. Carregavam escudos e treinavam com eles da mesma forma como seus antepassados faziam. Tellius pedira regimentos com armas de fogo, mas essa foi a única batalha que havia perdido, apesar de poder se provar a mais importante. A família Regis possuía oficinas — e, ao que parecia, lorde Regis era um aliado próximo de lorde Canis.

Enquanto Tellius os observava, alguns poucos homens revelaram suas armas com lufadas de fumaça branca, pouco depois seguidas por estampidos que ecoavam no vento. Ele meneou a cabeça, irritado. Não bastava armar pequenos grupos daquela maneira. Vira as novas armas serem usadas numa batalha nas ruas, o ar vivo com balas e bagos. Naquele momento ele tinha certeza de que testemunhara o fim dos espadachins nos campos de batalha. A mera ideia de um exército se aproximar de outro a pé, agora que existiam armas de fogo, era loucura. Ele trincou os dentes. Quando fora desafiado, lorde Canis citou os arcos e as bestas, dizendo que bastariam para homens comuns. Tellius tinha sido forçado a ceder ao argumento, já que não podia estrangular um lorde na frente de todos. Mas sabia que todos que tinham condições de arcar com os preços crescentes haviam encomendado uma pistola para uso pessoal. Oficinas estavam abrindo para fazer manutenção nas armas de fogo. Algumas estavam a ponto de fabricar as suas próprias — e não demoraria para que a família Hart entrasse no mercado. Caso Canis e Regis soubessem ou não, muitos homens da nova milícia estariam armados com mais do que uma espada ou arco quando chegasse a hora.

Tellius tirou os olhos do campo de treinamento e se voltou para as ruas escuras logo abaixo. Via na multidão os rostos de homens e mulheres que lutavam para botar na mesa o pão de cada dia. Ele os conhecia, lembrou a si mesmo. Era um deles. Nem sempre gostava deles, mas, pela Deusa, agora entendia como pensavam. Talvez lorde Canis tivesse razão em temer o uso de armas de fogo pelo povo, mas esse era um problema para o futuro. Tellius ainda lembrava o lento horror da onda que quebrava sobre a cidade. Acreditava na Pedra Forza e no que mostrara. Nada mais tinha tanta importância — nem os julgamentos de lorde Canis, nem a agitação que poderia estourar no futuro. Antes, precisavam sobreviver até a primavera. Lembrava que lorde Hart dissera alguma coisa sobre dificuldades em conseguir recursos para montar uma loja de armas em seu nome. Os Hart eram simpáticos com os Sallet e se orgulhavam do seu papel na defesa de Darien. Tellius assentiu consigo mesmo. Talvez pudesse convencer Win a fazer o empréstimo que bancos não fariam. Tudo indicava que seria um bom investimento.

Gritos soaram à sua esquerda, e, quando se virou, Tellius piscou ao ver algo que sempre o impressionava. Lorde Bracken fizera arreios para que seus cães carregassem ferramentas e equipamentos para os homens que trabalhavam nas muralhas. Quando começava um novo turno, os animais invadiam o espaço, carregando pacotes que sacolejavam em suas costas. Não restava dúvida de que eram cães de caça. Ainda era difícil para Tellius afagar algum deles quando os via sentados com a língua de fora, como se risse dele. Eram feras musculosas com cabeças enormes e mandíbulas poderosas, mas lorde Bracken as controlava de alguma forma com a pedra que usava no braço. Para ele era algo tão natural quanto respirar, e Tellius não podia negar que os animais eram úteis. Eram tão rápidos! Passara anos demais do outro lado da lei para se sentir confortável na presença de animais como aqueles. Era fácil demais imaginá-los perseguindo alguém da velha gangue pelas ruas.

Enquanto Tellius observava, os animais foram dispensados de suas tarefas e partiram correndo, como se competissem entre si. Tellius se perguntou se os cães de lorde Bracken gostavam da vida que levavam. Ele suspeitava que sim. Seu dono era grande e impetuoso. Andar acompanhado de uma matilha ruidosa deixava ainda mais difícil não gostar dele, na opinião de Tellius.

Ele foi até a escada e olhou para a cidade, em direção aos portões da propriedade Hart. Encontraria com lorde Hart naquela mesma noite para tratar do empréstimo, decidiu ele, e do que mais fosse necessário. Com certeza Lady Forza se uniria ao acordo. De qualquer forma, Tellius não estava contente que apenas os mais pobres tivessem o acesso a armas de fogo negado. Ele tinha sido pobre. Mesmo que os novos regimentos oficialmente carregassem espadas, não faria mal algum que houvesse também uma pistola em cada cinto.

— Mestre Tellius! Outra barcaça acaba de ancorar. Lady Woodville disse que o senhor precisa vir.

Tellius praguejou entre os dentes quando o mensageiro da casa o encontrou. Outro, com as cores de outra casa, vinha correndo pelas muralhas. Malditos. Não conseguia ter um momento de paz consigo mesmo.

— Estarei lá em uma hora — disse ele sobre o ombro.

O mensageiro trincou os dentes e o seguiu escada abaixo.

— A minha senhora disse que não devo perdê-lo de vista, Mestre Tellius. Lady Woodville disse que o senhor não foi ontem, como havia prometido.

— Lady Woodville pode... — começou Tellius. Ele forçou um sorriso. — Tenho certeza de que ela pode esperar mais um pouco.

Hondo

Hondo acordou com o cabelo preso ao chão pela geada. Sua expiração se tornou vapor e ele suspirou. Odiava o frio. Quando jovem, não se lembrava de sequer notá-lo, mas, depois dos 50, os invernos pareciam ficar piores a cada ano, como se o mundo se afastasse do sol.

Longe da civilização, chegara à conclusão de que não passava de vaidade continuar a fazer a barba e aparar os cabelos. A barba rala que deixava crescer servia de proteção contra o vento, mas o deixava louco de tanto que coçava. Ainda assim, havia tomado a decisão certa. Seu serviço ao rei resumia-se à rapidez e à eficácia com que seria capaz de concluir a tarefa dada. Hondo recebera o nome de um homem que ofendeu a honra do pai do rei. Fosse lá o que esse tal de Telliuss tivesse feito nos seus anos de exílio, naquele momento Hondo só queria encontrá-lo, para que pudesse encerrar sua jornada e voltar para casa com o prisioneiro.

Ele se sentou para observar o nascer do sol branco e a neblina carregada que cobria os campos. Os limites da propriedade haviam sido delimitados pelo dono com muros de pedra e cercas bem-cuidadas. Aquilo não era uma terra primitiva, mas uma fazenda no meio do nada, a talvez quase dois mil quilômetros de Shiang. Tão distante a oeste, Hondo não tinha como calcular o quanto haviam percorrido, apenas estimar muito por alto. Os primeiros dias em que contavam com estradas boas, que sempre havia tavernas e que cursavam trechos de oitenta quilômetros, ficaram para trás há muito. Seu primeiro cavalo passou a mancar e foi trocado por uma égua de menor qualidade de um fazendeiro. O homem ficou à beira das lágrimas, mas a montaria deixada por Hondo valia cem moedas de prata, talvez mais.

Bosin, é claro, apontara, satisfeito, para o seu enorme cavalo Shire, que seguia vagarosamente enquanto montarias mais fracas ficavam para trás. Isso o deixou insuportável por algum tempo, até que Hondo o lembrou dos cães templários de Shiang. Aqueles animais tinham quase a altura de um homem, mas viviam apenas oito ou nove anos. Terriers, por sua vez, viviam o dobro. Bosin passou dias em silêncio depois disso. Como os gêmeos pareciam precisar apenas da companhia um do outro e mal abriam a boca, foi um período de meditação silenciosa que deixou Hondo descansado e pronto para o que viesse pela frente.

A influência de Shiang perdera as forças nos últimos dias, apesar de não haver

uma fronteira definida. Hondo a via nas árvores não podadas, deixadas de modo que se tornavam um perigo para os viajantes, e nas diversas colheitas dos campos. Esses fazendeiros não mandavam suas produções para Shiang. Era distante demais para que chegassem frescas. Talvez esse fosse o limite natural de toda cidade, pensou Hondo enquanto alongava o corpo.

Ninguém sabia ao certo a que distância estaria Darien. Hondo vira mapas do mundo que a chamavam por outro nome que não conseguia pronunciar, mas o rei estava certo de que era o mesmo lugar. Pediu a opinião dos gêmeos e descobriu que nenhum dos dois se dera ao trabalho de consultar os mapas. Os jovens pareciam carecer da curiosidade intelectual que lembrava da sua própria juventude. De alguma maneira, era menos surpreendente que Bosin também não houvesse consultado nenhum mapa. Nada naquele sujeito dava a impressão de uma preparação cuidadosa. “E se eu fosse morto? Como vocês saberiam o caminho?”, perguntara no começo da jornada. Bosin se limitou a dar de ombros e apontar para o oeste.

Francamente, aquele sujeito podia ser enfurecedor. Hondo às vezes passava dias imaginando o espadachim gigante pendurado pelas unhas sobre um penhasco, ou afundando lentamente em areia movediça. Ele gostava de imaginar cenários para as últimas conversas. Desenvolvera algumas variações favoritas. Em nenhuma delas conseguia salvar o grandalhão da morte.

O mundo ficava lindo quando coberto pela geada, ele pensou ao executar seus exercícios matinais com uma precisão de décadas de prática. O mais importante, uma fazenda significava comida em algum lugar por perto. Hondo tirou o gelo do corpo, sentindo um calor se formar e logo sumir do seu peito. Ele voltou a tremer assim que parou de se mexer. O frio da noite o abatera, algo que nunca acontecia na juventude. Ele bateu as mãos à frente e atrás do corpo e soprou o ar com mais força. Estava faminto, mas compraria ovos na fazenda — e um naco de bacon. Talvez também um punhado de cebolas, se conseguisse mantê-las longe de Bosin.

Os gêmeos haviam acordado e abriam suas bagagens, prontos para acender as brasas da noite anterior. Hi, ou talvez Je, cumprimentou o espadachim santo com a cabeça. Para variar, os roncos de Bosin eram abafados por seu próprio corpanzil, já que o frio o fez se encolher em posição fetal. A manhã estava tranquila, e Hondo sentia-se feliz por estar vivo. Apreciava momentos de beleza como aquele, sabendo que chegariam ao fim.

— Não toque na sua espada e você viverá — disse uma voz à direita.

Hondo olhou ao redor e, perplexo, avistou um grupo de homens esfarrapados que corria encosta abaixo em sua direção. Ainda estavam a uns vinte metros de distância e Hondo se reprimiu pela própria desatenção. Passara tempo demais em terras civilizadas! A simples ideia de um cidadão de Shiang se esgueirando para surpreender o espadachim santo era risível. E o resultado foi que não desconfiara de que podia acontecer.

Hondo atravessou o pequeno acampamento e chutou Bosin nas costas, com força, fazendo o gigante resmungar e balbuciar perguntas embaralhadas no seu

sono. Hondo o chutou outra vez, irritado. Não sentia mais frio, notou. Talvez devesse começar seus dias acordando Bosin a pontapés.

Os seis homens que se aproximavam do acampamento se espalharam se posicionando como um leque. Apenas um empunhava uma espada, mas a lâmina estava salpicada de manchas pretas de ferrugem antiga, imunes a qualquer polimento. Três deles carregavam machados de cabo comprido, como lenhadores, enquanto os outros dois traziam apenas facas nas mãos. O par fustigava o ar com elas, como se aquele esforço bastasse para intimidar o acampamento.

Os gêmeos estavam a postos, Hondo viu, com a mão no cabo de espadas que valiam mais do que aqueles esfarrapados veriam na vida. Hondo se perguntou se saberiam reconhecer a qualidade de sua própria espada, feita especificamente para a sua mão pelo maior mestre de Shiang. Sempre que a sacava, a lâmina passava pela boca de latão, emitindo um som melódico semelhante ao que é produzido quando se desliza o dedo pela borda de uma taça de cristal. Em Shiang, a espada Ling ou Sino era tão famosa quanto o homem que a empunhava.

Hondo manteve as mãos relaxadas. Os homens à sua frente não eram dignos daquele som. Enquanto se aproximavam, ele e os gêmeos se posicionaram como um arco. Deixaram um lugar para Bosin, enquanto o gigante se sentava, estalava os lábios e abria um olho de cada vez.

— Quando estiver pronto, Mestre Bosin, nós estamos sendo assaltados — sibilou Hondo.

— Quantos homens são? — respondeu Bosin, olhando em volta com os olhos cheios de sono. Estava quase tão amarfanhado quanto o cobertor, com marcas deixadas pelo próprio peso em seu rosto.

— Seis — retorquiu Hondo.

Bosin se deitou novamente e se enrolou no cobertor.

— Então vocês não precisam de mim — murmurou, fechando os olhos.

Hondo ficou tentado a chutá-lo outra vez, mas, agora que Bosin estava acordado, não tinha certeza de como ele reagiria. Além do mais, fora como chutar uma árvore. Achava que poderia ter fraturado um dos dedos, já que não conseguia dobrá-lo dentro da bota.

— Entreguem suas armas — disse o líder. — Se fizerem isso agora, vocês vão viver.

Hondo se virou para o homem. O sotaque era estranho, então ele respondeu, devagar e com clareza:

— Vocês são “bandidos”? Sim? Roubam dos viajantes?

O sujeito não estava acostumado a ser questionado tão abertamente. Ele fitou o casaco acolchoado de Hondo com uma espécie de desejo. Com certeza era mais quente do que aquele que ele mesmo usava. Viu também a refinada bainha preta com borla laranja. O homem que a carregava era barbudo e um pouco descuidado. E tinha geadas no cabelo.

O ladrão sentia a confiança diminuir e a raiva aumentar. Ele desferiu um golpe com a ponta da espada contra Hondo, aproximando-se. Seus companheiros esfarrapados o seguiam, um passo de cada vez, como uma matilha cercando uma

presa. Hondo poucas vezes vira um bando tão lastimável. Ainda em Shiang fora alertado sobre bandos de saqueadores. Pelo que diziam, eram o terror dos viajantes nas terras desabitadas além da influência da cidade. A realidade, no entanto, era um pouco decepcionante.

— Abaixе essa espada, meu jovem — disse Hondo. — Ela não tirará nada de nós. Mas estou disposto a pagar por direções até Darien. Ganhe uma moeda em vez de roubá-la, sim? Estamos perto da cidade?

O líder dos ladrões piscou ao ouvir a oferta, desconfiando que havia algo errado. O homem, que falava como se estivesse se dirigindo a uma criança, não parecia preocupado com as armas que empunhavam. Os outros dois... O ladrão viu que eram gêmeos. E estavam sorrindo de um jeito muito estranho, os dois vestidos com roupas idênticas, como um espelho. E o último! Mesmo enrolado no chão e resmungando com o falatório, ele devia ter o tamanho de um urso-pardo! O ladrão não tinha interesse algum em vê-lo se levantar. Ele tomou uma decisão.

— Muito bem — disse e embainhou a espada com uma deselegância que fez Hondo estremecer. — *Pax* no acampamento, rapazes. Vamos trabalhar pelo nosso pagamento esta manhã.

— Não vai ser tanto quanto eles possuem — resmungou um dos outros.

Hondo perdeu a paciência. Poupar saqueadores era uma coisa, assim como talvez ignorasse cães selvagens. Afinal de contas ele era um espadachim, e não um açougueiro. Outra coisa bem diferente era ouvi-los reclamar, como se não tivesse acabado de poupar suas vidas. Ele gesticulou para os gêmeos, e um deles avançou em meio aos ladrões. O gêmeo movia-se como fumaça, surpreendendo-os. Para alguém que jamais vira um espadachim Mazer antes, ele parecia um gato correndo por um galho, um equilíbrio tão perfeito que deixaria qualquer homem-feito boquiaberto.

O sujeito que falara estava morto no instante seguinte. O gêmeo sacou a espada e o golpeou em um único movimento. Enquanto Hondo observava com um apreço silencioso, *Hi*, ou talvez *Je*, limpou a lâmina no casaco do sujeito, então a poliu com um segundo pano antes de devolvê-la à bainha, novamente protegida. O simples toque de um dedo nu era capaz de estragar o acabamento espelhado do aço, se negligenciado. Uma lâmina não durava apenas uma vida, mas séculos, se tratada com respeito.

Hondo fez uma reverência para o gêmeo quando ele retornou, honrando sua habilidade. O jovem corou, orgulhoso pelo reconhecimento do espadachim santo ao se juntar ao irmão outra vez. Os bandidos ainda estavam paralisados e horrorizados.

— Pronto — disse Hondo, como se o acontecido não passasse de uma mera interrupção. — Agora, sem mais delongas, por favor. Vocês conhecem Darien? Podem nos dar orientações?

O líder dos ladrões empalideceu ao ver alguém que chamava de amigo sangrar no chão congelado. A geada derretia ao entrar em contato com o sangue, percebeu. Parecia meio atordoado, mas, quando Hondo ergueu a mão, balbuciou

uma resposta:

— O meu pai conhecia bem a cidade. Ele tratava com comerciantes do oeste. Dizia que ficava quase mil quilômetros depois daquelas montanhas, às margens de um grande rio. É uma cidade comercial, meu senhor. Assim que atravessarem os picos mais altos, vocês sem dúvida encontrarão mercadores que a chamam de lar.

— Obrigado — disse Hondo, por mais que esperasse ouvir que ficava mais perto. Ainda assim, catou uma moeda de prata de pouco valor na bolsa e a colocou na mão do homem. — Sigam o caminho de vocês, cavalheiros. Saibam que ganharam seu dinheiro com honestidade.

Os homens se foram como meninos dispensados da aula. Hondo os observou ir embora e depois se virou irritado para Bosin, que desistira de dormir e estava sentado. Ele viu a careta de Hondo e deu de ombros.

— O quê? Vai dizer que precisava de mim para cuidar de uns bandidos magricelas?

— Não era uma questão de necessidade, Mestre Bosin, mas de disciplina e obediência às minhas ordens.

— O rei me enviou para Darien, Mestre Hondo. Ele não disse que eu deveria servi-lo. Não me lembro disso. Você se lembra? Você também estava lá. Ele disse isso? Ele disse “Ah, sim, não se esqueça, Bosin, Hondo será seu mestre na viagem”? Quando?

Hondo se controlou com dificuldade. De repente, não estava mais com fome. Bosin observou o espadachim santo se mover rigidamente e ir selar o cavalo, cada gesto seu carregado de raiva. O grandalhão já se sentia culpado pelo que dissera, mas não sabia como voltar atrás. Em vez disso, esperou num silêncio desconfortável até que Hondo montou e se foi de mau humor, claramente decidido a deixá-lo para trás.

Os gêmeos olharam, nervosos, para Bosin, que continuou ali parado. Ele suspirou e gesticulou para que fossem atrás de Hondo.

— Vão. Cuidem desse velho desgraçado. Eu alcanço vocês depois do café da manhã.

Gabriel se sentia doente. Não havia outra forma de descrever, pois não tinha palavras para o desconforto que sentia. Não era exatamente uma dor, mas quase uma sensação de perda, como se houvesse testemunhado a morte de uma criança e cada instante fosse o aniversário do acontecido... Ele desistiu com um gesto irritado. Há semanas governava uma população aterrorizada em Shiang. Por ordem sua, as famílias nobres e burguesas vieram prostrar-se ante ele. Aqueles que se recusaram ele visitou pessoalmente, deixando marcas de sangue nas paredes de suas casas. O que foi necessário apenas duas vezes, mas ele também fez de exemplo uma terceira família na cidade, para que o Bobo tivesse onde viver e ser cuidado. As outras propriedades foram para Thomas e Sanjin, seu presente para

eles.

Encostado na sacada, Gabriel admirava os edifícios administrativos que chamavam de Centro. Pensou em demolí-los para ter uma vista melhor, mas havia planejado muitas coisas que ainda não tinham sido feitas. Apertou a pedra e sentiu o peitoril rachar, deixando suas mãos empoeiradas. Recebera algo grandioso, mas o preço a pagar por aquilo o estava levando à loucura.

Enquanto formulava o pensamento, sentiu uma leve mudança no ar, como um batimento cardíaco que parecia minar seu autocontrole sempre que a sentiu. Certa vez, ele havia lido sobre um método de tortura que se resumia a gotejar água na testa de um homem enquanto ele ficava amarrado, incapaz de se mover. Gabriel rira da ideia. Conheceu a tortura em muitas formas e, ao comparar gotas d'água com suas facas, seus ferros e sua pequena cela de confinamento, achou que era uma tolice.

Agora ele sabia que a realidade era outra. Na semana anterior, ordenou que uma cama de ferro fosse feita para testar a tortura da gota em um guarda real. O homem já havia suportado três dias, mas naquela manhã começou a gritar e não parecia que ia parar. Tudo por causa de uma gota d'água, ou um chamado que ele não atendia.

Gabriel apertou com mais força e sentiu uma pontada quando um caco do mármore branco lhe cortou a palma da mão. Ele a ergueu, maravilhado, vendo o brilho extraordinário do sangue contra o pó claro. O sangue era o único vermelho de verdade — e apenas quando cheio de vida. Ele escurecia com o apagar da vida. Ficava marrom, depois preto e enfim se tornava a poeira do lugar cinzento. Gabriel estremeceu com o pensamento, e estremeceu outra vez quando a estranha vibração no ar o tocou.

Quantas foram naquela manhã? Seu grande medo era que estivessem ficando mais frequentes. Tentou se convencer de que era apenas imaginação, mas no fundo sabia que não seria capaz de suportar aquelas pulsações para sempre. Ele conseguia sentir que, assim como as gotas d'água, elas sozinhas não eram nada, mas juntas o enfraqueceriam. A água abria caminho até o alicerce, de forma que castelos e até mesmo cidades sucumbiam.

Ele voltou para a sala onde seus ministros o aguardavam, homens e mulheres tirados das ruas e forçados a usarem as túnicas de casas nobres. Foi divertido ver a luz da ganância ou apenas da possibilidade se acender em seus rostos quando ele lhes deu mais do que já haviam sonhado. Acreditava que esses homens e mulheres plebeus seriam leais a ele, mesmo que fosse para proteger o que tinham.

Que prazer era liderar! As pessoas são criaturas simples, no fim das contas. Precisam de comida, calor e família. Queriam poder sobre outros. Os homens querem um harém; as mulheres... ora, quem sabe, na verdade? Sua primeira esposa dizia que as mulheres querem bebês e segurança. Que, se tivessem isso, não pediriam mais nada. Mas ele se perguntava se era verdade mesmo. Sua nova rainha não parecia precisar dele, nem um pouco, agora que Gabriel lhe dera poder. Ela reunira um exército de criados para servi-la. Caçava antigos desafetos pela cidade e ordenava que fossem jogados na lama, para pisar sobre eles. Um

havia se afogado naquela manhã, pelo que disseram. Gostava dela, mas a mulher podia ser cruel, disso não restava dúvida.

— Senhoras e senhores, estava pensando que um baile pode animar as famílias de Shiang...

Ele se calou quando o *tum* atravessou seu corpo. Os outros, é claro, não sentiram nada, limitavam-se a fitá-lo com olhares apáticos e sorrisos solícitos. Gabriel organizou seus pensamentos e tentou outra vez.

— Há cidades comerciais mais ao leste. Pensei em convidar seus embaixadores para a minha coroação. O baile pode ser — *tum* — ...um evento para celebrar um novo reino e uma nova casa real. Não há mais rebeliões em Shiang. Agora que restaurei a execução por traição em todas as suas formas, não há agitação contra o meu governo. Acredito que continuará assim. Pensei em marcar o baile para a lua nova — *tum* — ...maldição! Nenhum de vocês sentiu esse movimento no ar?

Fitaram-no aterrorizados, ele notou, exibindo o branco dos olhos. Eles já o temiam, mas aquilo era medo da loucura, um medo de outra ordem. Ele sacudiu a cabeça para desanuviá-la, forçando os pensamentos de volta ao curso.

— É minha intenção fazer de Shiang uma grande cidade comercial outra vez. — *Tum*. — Passamos tempo demais voltados para dentro. — *Tum*. — Fogo do inferno! O quê? Vocês se afastariam de mim? Talvez vocês devessem ter medo! *Tum, tum, tum!* Nenhum de vocês está ouvindo isso?

— Eu estou, irmão — disse Thomas da porta, com a voz cansada. — Sanjin também ouve agora. O Bobo está atormentado por isso. Ele não faz nada além de guinchar para os criados como se fosse um gato preso numa armadilha. Ele está cada vez pior. Todos nós estamos.

Gabriel ergueu as mãos como se fossem garras, mostrando o sangue vermelho que ainda escorria de uma delas. Não se dera ao trabalho de fazer um curativo ou limpar o corte.

— Está ficando mais difícil de suportar — disse. — Não mais forte, só...

— Só mais frequente, Gabriel, sim. Não há mais dúvida.

Ambos semicerraram os olhos quando a pulsação os atravessou outra vez, como puxões no estômago.

— Se eu deixar Shiang, eles vão me esquecer em um mês — disse Gabriel. — Vão desfazer tudo o que fiz. — *Tum*. — Você sabe disso.

Thomas deu de ombros.

— Gostei de viver como um lorde, mas não posso continuar assim. Nós a conquistaremos de volta, talvez, ou encontraremos outro lugar. Ainda é melhor do que a terra cinzenta, irmão. Não se esqueça disso.

Gabriel assentiu lentamente. Correu os olhos pelos lordes e plebeus que o fitavam.

— Muito bem. Pelo visto, precisarei deixar meu trono e esta cidade para trás. Tragam Sanjin e o Bobo. Há cavalos aqui. Eu responderei a esse chamado. Vou *enfrentar* o que quer que esteja esperando por mim... e se houver pedras, eu as tomarei.

Ele e Thomas aguardaram a pulsação, mas não houve nada. Os dois se

olharam cheios de expectativa. Thomas assentiu.

— Parece que você tomou a decisão certa, irmão.

Com o sol a pino, o rei de Shiang cavalgava pela via oeste rumo ao grande portão. O cavalo de Gabriel estava carregado de mantimentos, e ele trazia a espada real na cintura. Thomas seguia ao seu lado e Sanjin estava atrás deles para ficar de olho no Bobo e em lorde Ran, mas não sem reclamar amargamente por ter recebido uma tarefa insignificante. Seu pé ainda sangrava. Gabriel estava tão aliviado em seguir para o oeste que pensou em curá-lo, mas mudou de ideia no último instante. Talvez reconsiderasse se Sanjin mostrasse um pouco de simpatia e boas maneiras, em vez da carranca habitual.

Poucos na cidade sabiam que estavam de partida. Mesmo assim, multidões se formaram à medida que os cavaleiros a caminho do portão eram reconhecidos. Um ou dois vibraram, mas a maioria ficou em silêncio. Não zombavam nem gritavam, tamanho era o medo do novo rei. Mas podiam encará-lo com raiva e torcer para que o homem percebesse. Era tudo que ousavam fazer.

Gabriel ignorava a multidão taciturna e cavalgava com a postura ereta. Seus novos guardas pareciam nervosos ao vê-lo passar. Não foram informados que o rei deixaria a cidade, e alguns temiam o que poderia acontecer quando a notícia se espalhasse. Gabriel contratara alguns como carrascos também. Sem dúvida seriam comidos vivos sem sua proteção. Haveria fogo e violência no seu rastro. O pensamento arrancou-lhe um sorriso quando chegou ao portão.

— Taeshin! Ah, é você! — gritou Marias.

Uma jovem foi até seu estribo e lhe tocou a bota como se ele fosse uma aparição. Gabriel ficou tentado a afastá-la com um chute, ou apenas esporear o animal e seguir em frente. Por algum motivo, não conseguiu fazer nem uma coisa nem outra e parou o cavalo com um puxão nas rédeas.

— Eu não a conheço — disse.

— Sou eu, Marias! Sua escrava, Taeshin! Ah, o que fizeram com você, Taeshin?

Gabriel sentiu um lampejo de reconhecimento, que surgiu e passou num instante. Aquilo o assustou, e ele quis seguir em frente. Mas ficou onde estava, como se estivesse enraizado no solo.

— Deixe-me ir com você, Taeshin. Por favor. Para onde quer que você vá. Achei que estava morto. Tinha certeza disso. Por favor, Taeshin.

Ela começou a chorar. Gabriel fechou os olhos e tomou coragem. A jovem claramente conhecia o dono do corpo que lhe fora dado. Gabriel não pensara muito nele desde seu despertar. Era bela — e competente, para ter sobrevivido um mês sem o mestre. Ela seria útil na estrada, para cozinhar e cuidar dos animais. Gabriel balançou a cabeça outra vez, confuso. Deixara Song para trás, para o que o destino lhe reservasse, mas partiria de Shiang com uma escrava? Era loucura.

— Suba atrás de mim — disse com a voz rouca por falta de uso.

Talvez fosse um capricho, mas seguia para a natureza selvagem e... não, ele não

tinha explicação. Thomas e Sanjin o encaravam como se tivesse perdido o juízo. O Bobo fez seu chiado, mas se ria ou chorava era difícil dizer, como sempre. Lorde Ran continuava sério, mas se mantinha atento a tudo que faziam. Pelo menos, àquela altura o sujeito sabia que não havia como fugir. Tanto Gabriel quanto Thomas eram tão rápidos quanto um cavalo a galope em campo aberto.

Gabriel sentiu as mãos da mulher na cintura e a pressão de sua cabeça nas costas quando ela o abraçou. Era uma sensação estranhamente reconfortante ao passar pelo portão e deixar Shiang para trás. Iria até a fonte do chamado que o feria. Iria até Darien e o que o aguardava por lá.

Taeshin abriu os olhos na terra cinzenta, imutável, apesar dos exércitos que se enfrentavam mais abaixo. Sentira medo de descer a encosta antes. Não tinha o menor desejo de se juntar às fileiras em série que se massacravam e reapareciam toda manhã quando o céu clareava. O sol não raiava naquele lugar. Não havia o conforto do calor, nem o frio cortante do inverno. Tampouco sentia fome ou sede, mas às vezes ele ansiava por esses sinais de vida.

Carrancudo e calado, observava os exércitos se reunirem. Oficiais percorriam as linhas de frente dos dois lados, encorajando os homens a se esforçarem mais do que antes. Taeshin ouvia seus brados e respostas.

Não era sempre igual, ele começou a perceber. Dois grandes reis se encontravam todos os dias naquele campo para lutar. A despeito do resultado, independentemente de qual lado saía triunfante ao escurecer, eles se retiravam para lutar de novo no dia seguinte.

Ele fechou os olhos, mas não viu cores, não viu os lampejos de cenas estranhas que nunca vivera. De Marias na selva, do tigre chamado Gabriel que caminhava em sua pele. Taeshin sacudiu a cabeça, novamente tendo um acesso de fúria só de pensar que alguém poderia ferir Marias. Aquela era uma emoção verdadeira, ele percebia, uma parte sua que não estava na terra cinzenta. Que o acalentava como o sol nascente teria feito. Mais uma vez, ele decidiu que não desceria até a batalha, não naquele dia.

Alto passo

O funeral de Lady Elizabeth Forza aconteceu uma semana após sua morte, quando a neve já se acumulava nas muralhas da cidade e o inverno fustigava Darien sem piedade. Badaladas soavam em todas as igrejas, abafadas por cobertores acolchoados presos aos sinos para que suas notas fossem tão curtas quanto a vida. Com todos vestidos de preto em contraste com a neve das ruas, o cortejo fúnebre parecia mais sombrio que o habitual. Os líderes das Doze Famílias estavam presentes, inclusive o primogênito de Lady Forza, Reno. Era um homem sério e belo, com seus 40 e tantos anos, um pouco grisalho. Infelizmente, como todos sabiam, ele podia ter herdado a casa da mãe, mas não tinha o talento para usar a Pedra Forza. Uma de suas irmãs mais novas vinha trabalhando nisso, mas, para ela, se fosse basalto ou pórfiro vermelho não faria a menor diferença. Lady Forza tomara nota de tudo o que vira em suas visões, mas sempre havia alguma variação da onda preta se abatendo sobre a cidade. Como Lady Sallet comentara com Tellius em tom de ironia, eles estavam distantes do mar. O que estava a caminho, a destruição que os aguardava, poderia ser praticamente qualquer coisa.

O caixão foi carregado pelo herdeiro e outros cinco homens que Tellius não conhecia, todos vestindo a mesma combinação de casaco preto e colarinho vermelho-escuro. De alguma forma, a neve dava dignidade à cena, e ele esperava que não escorregassem e deixassem cair a senhora de quem passara a gostar. De repente ele sentiu um calafrio ao acompanhá-los e se perguntou se fora tocado pelo espírito de Elizabeth Forza ou se era apenas a sua idade avançada. Tellius ergueu os olhos quando ele e Win passaram sob uma ponte ocupada por criados dos Forza, presentes para prestar uma homenagem silenciosa à sua senhora. O homem que um dia havia sido não conseguiu deixar de pensar que seria uma ótima oportunidade para ladrões agirem. Um deles causava uma comoção, talvez ao derrubar algo do alto da ponte, para facilitar a ação de outros seis abaixo. Seria fácil até demais. Guarda nenhum conseguiria perseguir ladrões na neve, não com uma chance de pegá-los.

Nada caiu do alto enquanto a procissão de lordes passava. Tellius quase ficou decepcionado. Não conseguia se livrar da carranca que tomou seu rosto quando entraram na igreja da Deusa e reverenciaram a sua imagem. Era uma imagem da qual Tellius sempre gostou, uma versão bondosa, mais maternal que a figura

usual, da jovem amante capaz de levar um homem à destruição com a mesma facilidade que o levava ao prazer. Ele a saudou com um gesto de cabeça, exatamente como teria feito com uma velha amiga.

A cidade estava em silêncio com a passagem do cortejo. Talvez a neve e o frio tivessem sua participação nisso, mas Tellius sabia que Lady Forza era respeitada, até mesmo amada. Usara sua fortuna para investir em negócios — e uma coisa não se podia negar, ela tinha talento para a coisa. Até mesmo os armeiros Hart estavam prestes a fazer uma fortuna. Seu filho jamais precisaria contar moedas, assim que a verdadeira extensão de sua herança ficasse clara. Tellius ainda tinha esperanças de poder contar com Reno Forza como o principal financiador das novas milícias que treinavam por toda a cidade e fora dela, no Campus. Os custos de alimentar e equipar oitenta mil homens eram simplesmente espantosos. Com uma fungada, Tellius só esperava que fosse o bastante.

Ele não esquecera a impotência que sentiu ao ver a onda preta quebrar sobre a cidade. Qualquer que fosse o significado daquilo, ele preferia perder uma fortuna e seis meses de vida se preparando para nada do que ficar de calças curtas quando o fim do mundo chegasse. Vendo por esse lado, não era uma ambição das maiores. As novas pistolas Hart que saíam das oficinas financiadas pelas famílias Sallet e Forza seguiam caminho até os regimentos e clientes particulares em caixas cobertas de graxa e palha. O pensamento arrancou um sorriso de Tellius. Ao contrário de lorde Bracken e lorde Regis, ele não temia as massas. No fundo do seu coração, ele era parte das massas.

Tellius não cantou com os outros quando a música preencheu o ambiente. Tornara-se homem milhares de quilômetros a leste dali. Não tinha um vago conhecimento esquecido de velhas ladainhas a que recorrer. As rezas de sua infância eram para um deus diferente, que tudo via com uma indiferença extraordinária. Tellius não tinha tanta certeza de que acreditava na Deusa de Darien, mas aprendera a não contrariar uma mulher vingativa, e não lhe custava nada respeitar a tradição. Um lugar sem ao menos uma tentativa de melhorar a natureza era um lugar frio, como ele sabia muito bem. A jornada era tão importante quanto o destino, e ele escolhera participar dela. Também gostava dos hinos. Alguns eram bem animados.

Quando a cerimônia chegou ao fim, os homens que carregaram o caixão se levantaram, todos sérios e quase do mesmo tamanho. Da igreja na cidade, o corpo de Lady Forza seria colocado numa carruagem e levado para o mausoléu na propriedade da família, um lugar que Tellius jamais vira, mas imaginava que seria bem grandioso. Ele fez uma prece silenciosa para Elizabeth Forza, desejando seu bem e torcendo para que ela o ouvisse.

— Que dia triste — disse lorde Bracken ao seu lado. O homem era mais alto do que ele e parecia gostar disso. Tellius também reparou que um de seus cães, sentado como uma estátua, vestia uma roupa acolchoada. Havia algo de estranho na forma como aqueles cães reagiam, ele pensou. Apesar do controle exercido por Bracken, não conseguia ficar à vontade em sua presença.

— Muito triste — respondeu ele. — Passei a gostar de Elizabeth. Só sinto

muito por não a ter conhecido por mais tempo.

— É claro. Sinto o mesmo. Mas pelo menos fomos poupados da realização de sua profecia. Talvez a construção de muralhas e o treinamento de milícias tenham afugentado o que quer que fosse aquilo.

— O senhor não acredita que ainda possa acontecer? — perguntou Tellius.

Lorde Bracken franziu a testa ao olhá-lo de cima a baixo, como se o velho tivesse acabado de dizer algo estúpido.

— A velha Forza disse que aquilo viria com a neve, não é verdade? Foi o que entendi. E aí está ela. A cidade inteira está tremendo de frio e a lenha chega a custar quatro moedas em alguns lugares. Eu diria que o que ela acreditava que aconteceria passou batido por nós, você não acha?

Tellius percebeu que o homem queria ser tranquilizado. Talvez por ter levado uma vida mais dura, não lhe ocorreu tentar.

— Não, milorde. Eu vi, quando toquei a pedra, guiado por Elizabeth. Uma coisa selvagem, impiedosa, vindo para cá. E, sim, havia neve no chão. Então poderia chegar hoje, amanhã ou em qualquer momento em que tivermos neve nos próximos meses. A única coisa que Lady Forza sabia era que não viveria para ver a primavera. Algo está vindo para Darien no frio, milorde. Eu gostaria que fosse diferente, mas esse funeral não muda absolutamente nada.

Lorde Bracken perdeu o tom conspiratório e empertigou-se. Tellius teve a impressão de que o cão também o encarava com mais hostilidade.

— Talvez — cuspiu ele, como se a palavra tivesse apenas uma sílaba. — Mas eu me pergunto se o senhor não estaria um pouco deslumbrado com a sua nova posição nas Famílias. Não lhe faz mal falar de ameaças anônimas e fazer as velhas senhoras se abanarem e imaginarem o pior, não é verdade? Imagino que o nosso novo lorde Forza doará uma boa fortuna para os fundos da muralha, agora que a mãe se foi, ou isso era parte do seu trato com ela?

Àquela altura Tellius tinha certeza de que o cão o observava com uma intensidade perturbadora. Estava furioso com o que Bracken sugeria, mas suspeitava que ele soubesse muito bem o quanto seus animais eram temidos. Havia algo incomum na Pedra Bracken, inclusive o fato de que podia ser usada como acessório. Talvez aquilo ajudasse a explicar sua arrogância. Tellius conhecia muito bem aquele tipo de gente e o desprezava. Se ele se ofendesse, Bracken diria que não passava de um mal-entendido, que estava sendo sensível demais. Homens como ele viviam por vitórias exatamente como aquela. A melhor defesa era partir para o ataque, depressa e sem piedade.

— Milorde, eu venho querendo lhe fazer uma pergunta. Lembro-me da noite em que a cidade foi invadida há dois anos. Eu lutei ao lado das forças Sallet contra os soldados Aeris. Passei bastante tempo sob fogo cruzado. E não me lembro de tê-lo visto por lá...

Ele esperou, com as sobrancelhas arqueadas, sabendo que o sujeito entenderia aquilo como pretendia. Tellius poderia ter começado a cantar de alegria quando Bracken começou a se alterar, franzindo os lábios.

— Eu não estava na cidade naquela noite, senhor, e sei muito bem que sabe

disso. Se estivesse...

— Ah, eu não duvido que os seus bichinhos teriam sido úteis, milorde. Mas penso que aqueles que não estavam lá, que não defenderam a cidade, bem, pode ser que eles achem que às vezes a batalha precisa ser travada várias vezes, repetidamente, se é que o senhor me entende. Já aqueles que estavam lá... nós conhecemos o nosso valor. Sabemos o que enfrentamos juntos. É um tipo de irmandade, milorde. Agora, se o senhor me dá licença, vejo que Lady Sallet deseja ir embora.

Ele deu as costas para o lorde saturnino e seu cão, que rosnava baixo como se espelhasse as emoções do mestre. Tellius não conseguiu conter um sorriso ao descer as escadas tranquilamente.

Lady Sallet notou a expressão no seu rosto e no do homem que deixara para trás.

— Espero que não tenham entrado numa disputa de qual é o maior, querido — disse ela.

Tellius ficou de queixo caído.

— Essa é uma frase... surpreendente, Win. Onde você a ouviu?

Ela deu de ombros.

— Meu pai costumava dizer isso. Ele era da Marinha. Eu não... Ah! — Lady Sallet corou e levou a mão à boca. — Não a repetirei, então. Mas precisamos do apoio dele, Tellius.

— Ele é um valentão — murmurou Tellius ao se aproximar para beijar-lhe o rosto. — E me irrita quando usa os cães para rosnarem por ele. O sujeito teve o desplante de insinuar que o perigo da visão de Elizabeth passou quando a neve caiu.

— Ele quer acreditar nisso, Tellius. E não foi o primeiro a dizê-lo com todas as letras esta manhã, acredite.

— E quanto aos videntes? — perguntou ele, ainda mantendo a voz baixa.

— Nada de novo. Nenhuma visão em Darien de uma onda preta ou da cidade sob ataque. Eu estou quase pagando por leitores de memórias, Tellius. Para que confirmem o que nós vimos.

— Isso nos faria parecer fracos — disse ele, balançando a cabeça. Lady Sallet assentiu, aceitando seu julgamento num dos temas em que era mais sensato.

— Bracken não é o único a levantar dúvidas. Lorde Canis ainda é contra os regimentos com armas de fogo, apesar de ser uma questão de bom senso. Regis nem tenta disfarçar seu desdém de mim. Acho que não confia em mulheres. Agora que Lady Forza se foi, o vínculo direto foi desfeito. Eu e você somos as únicas testemunhas do que vimos. E eles vão acreditar que queremos ganhar alguma coisa, poder, riqueza, quem sabe? Se os videntes fossem alguma coisa além de promessas vazias, já teríamos uma fogueira sob eles a essa altura.

— Nenhum deles tem a Pedra Forza — disse Tellius, pensativo. — Eu não entendo dessas coisas, Win, mas será que conseguimos fazer com que um deles a toque? Podemos ao menos tentar?

Tellius a viu empalidecer um pouco ao pensar. E esperou com paciência,

sabendo que ela entendia os jogos das Doze Famílias melhor do que ninguém.

— Acho que você ainda não entendeu como foi especial Lady Forza ter levado a pedra de sua família da propriedade dela para a minha. São objetos de veneração, Tellius, principalmente para os súditos. O exemplo mais próximo que consigo pensar seria entregar a coroa real a um deles, uma coroa que tivesse passado pela cabeça de uma dúzia de reis famosos e sido usada em campo de batalha. Entende? O que você está sugerindo não é algo simples. E não posso ordenar Reno Forza a fazê-lo. Ele é o senhor da casa agora. Se decidir manter a Pedra Forza num cofre, ele está no direito dele. Nenhum lorde irá contrariá-lo.

Ela passou a mão sobre os lábios e começou a andar de um lado para o outro. Tellius olhou para os guardas que a esperavam e ergueu a mão, pedindo que não se aproximassem. Conhecia-os bem, e eles o haviam aceitado. Ainda assim, não permitiriam que nada acontecesse a sua senhora.

— Se eu convencer Reno Forza... — prosseguiu ela — a talvez permitir um visitante em sua propriedade, em vez de transportar a pedra outra vez. Mas se juntarmos um vidente e a pedra e ele não tiver a visão, iremos prejudicar nosso caso drasticamente. Homens como Bracken, Canis e Regis fariam petições ao rei para acabar com as milícias e talvez até mesmo com o trabalho nas muralhas da cidade.

— Farsantes não fariam um teste como esse — murmurou ele. — Aqueles que acreditam que estamos exagerando ou que temos outros fins em mente veriam isso.

— Mas, por outro lado, arriscamos que tudo seja dado por encerrado — respondeu ela. Mais uma vez, Lady Sallet passou os dedos pelos lábios. Ele quis beijá-la.

— Então vamos esperar o quanto for possível. Se os outros lordes cortarem os recursos ou começarem a tirar os homens das milícias e das equipes da muralha, nós tomamos uma decisão. Se ficarem apenas resmungando, seguimos em frente. Eu sei o que eu vi, Win. Farei qualquer coisa para impedir que aconteça.

Bosin não era do tipo que sofria em silêncio, descobriu Hondo. Boa parte da cultura de Shiang resumia-se à veneração da autodisciplina. Até chegar à idade adulta, qualquer menino ou menina ouvia milhares de lendas de sacrifícios extraordinários. De homens ludibriados a fazerem um juramento, que mesmo assim preferiram sacrificar a própria vida a quebrar a promessa, ou de outros que voltavam do inferno para cumprir a promessa feita a um rei. De homens que corriam com informações sobre uma batalha até os regimentos reais e morriam ao entregarem a mensagem, de tanto que correram. Dever, disciplina e autocontrole estavam acima de quaisquer considerações pessoais. Eram o alicerce e o coração de sua cultura.

O vento uivava naquela altitude, emitindo sons graves e agudos que, juntos, rangiam e ganiam nos ouvidos, e carregava partículas de neve e gelo que fustigavam a pele exposta dos quatro homens. A dor era suportável, mas Hondo temia ficar cego e caminhava de olhos quase fechados, protegendo o rosto com

uma das mãos sempre que precisava enxergar mais longe. O caminho à frente estava coberto por uma grossa camada de neve, na altura dos joelhos, de modo que cada passo era um desafio e minava suas forças. A superfície branca seria até bela se não fosse tão gelada. O gelo rodopiava em formato de poeira cintilante. Com uma pontada de medo, Hondo percebeu que não sentia os pés. Já vira os resultados do congelamento: dedos podres, nas mãos e nos pés. A dor era brutal até que fossem cortados.

Bosin também não sentia os pés. Hondo sabia disso porque o gigante mencionava a cada poucos passos. O espadachim grandalhão se enrolou em cobertores, de modo que mal conseguia enxergar. Ele se arrastava como um urso perdido numa tempestade de neve, queixando-se a cada passo. Era enfurecedor. Não pela primeira vez, Hondo se perguntou se Bosin teria sido incluído no grupo apenas para se livrarem dele. Imaginava que seu mestre e patrono ficou mais do que feliz ao voluntariar o nome do sujeito para uma tarefa que o manteria fora da cidade por meses, isso se voltasse.

— Não como nada desde esta manhã. — Ele ouviu Bosin dizer de repente. — O meu estômago está uivando como o vento. Estou com o intestino solto e quase estourando, mas não ousa parar e me agachar nesta neve. Ia acabar congelando o pau.

Hondo fechou os olhos com força. Aquele homem sabia como ser grosseiro, às vezes até demais. Descobrira até onde suas baixarias podiam chegar dias antes, quando Bosin escorregou e bateu a canela. Não adiantava pedir que parasse. O jorro constante de reclamações parecia ser quase inconsciente. Hondo também suspeitava que o grandalhão escondia surdez, apesar de ainda não saber a extensão do problema. De qualquer forma, não adiantava falar com Bosin pelo lado direito. Não haveria resposta. Se desse uma ordem pelo lado esquerdo, às vezes notava um olhar surpreso nele. Talvez fosse apenas o vento ruidoso ou o frio inclemente, mas não notara Bosin priorizar um ouvido quando partiram.

Hondo trincou os dentes. Não se prepararam o bastante para atravessar um alto passo de montanha no inverno. Compraram peles grossas no último vilarejo, mas a realidade era muito pior do que imaginaram. Tudo era branco ou cinza e o ar feria os lábios. Hondo escutou com paciência os alertas dos caçadores locais, mas eles não tinham escolha. Isso era algo que ele entendia melhor do que Bosin parecia ser capaz de fazer. Receberam ordens de seguir a oeste até Darien. Se o passo estivesse mesmo fechado, se as pás que carregavam não bastassem para abrir caminho até o outro lado, seriam encontrados depois do degelo. Não podiam esperar até a primavera, como Bosin sugeriu dezenas de vezes. O grandalhão tentara o que considerava ser uma persuasão sutil com os outros três. Como não surtiu efeito, ele admitiu que preferia aguardar até que o passo estivesse liberado. Hondo lembrou a Bosin que não era seu mestre, que ele podia esperar no vale se quisesse enquanto os outros prosseguiam. Para variar, os gêmeos pareciam concordar com ele, e Bosin desistiu, chutando um balde quando foi se despedir do seu cavalo no estábulo. Não poder atravessar o passo com as montarias pareceu irritá-lo mais do que qualquer outra coisa. Depois disso, ficou emburrado

como uma criança e se recusou a falar com os companheiros.

Hondo encarava aquelas costas enormes. Bosin desafiava sua paciência, uma grande irritação que se arrastava. O sujeito era capaz de intimidar um exército. Embrulhado em peles e cobertores de lã pesados, havia momentos em que parecia um urso de verdade. Só a litania de reclamações era indiscutivelmente humana.

Pareceu razoável explicar o dever deles a Bosin ainda na vila. A realidade de, de fato, morrer com o vento uivando nos ouvidos soava como fracasso e desgraça. Hondo abaixou a cabeça outra vez e seguiu em frente. Ele tinha certeza de que perderia a pele das bochechas. Vira montanhistas com estranhas cicatrizes variegadas causadas pelas alturas que atravessaram. Sem dúvida ele seria um desses homens, se sobrevivesse.

— ...não passo de uma pedra de gelo ambulante. Vão me encontrar duro e azul na primavera... Eu devia fazer uma pose, para ser útil. Sim, vou apontar o caminho para os viajantes cansados e eles vão dizer: “Vejam aquele pobre grandalhão que jamais deveria ter tentado atravessar o passo no inverno. Quem será que foi o maldito que insistiu nisso...”

Bosin limpou a garganta e rugiu para o vento como se o desafiasse. Hondo meneou a cabeça até entender que gritava palavras distintas.

— Crânios de cavalo, Hondo! Crânios... de cavalo!

Hondo piscou e, confuso, percebeu que o terreno em que pisavam já não era mais inclinado. Ele parou e, por fim, entendeu. Crânios de cavalo. Foram instruídos a procurá-los.

Mais à frente, semiocultas na neve rodopiante, duas pedras se estreitavam até uma passagem que um homem conseguiria atravessar com esforço. Era o único passo em mais de cento e cinquenta quilômetros de terreno rigoroso e não havia espaço para cavalos. A passagem estreita foi descoberta por um grupo de soldados décadas antes. Antes de atravessarem, eles mataram os cavalos em vez de deixá-los morrer de fome. Com o passar dos anos, outros viajantes pegaram os crânios dos animais e os espetaram em lanças. Os ossos amarelados agora serviam de aviso de onde era o passo.

Hondo observou Bosin se arrastar adiante e ficar de joelhos para subir a rampa de neve compactada. Não havia como ver o caminho à frente, apenas um céu branco que parecia não ter fim.

— Tragam as pás! — gritou Bosin. — Gêmeos, esse é um trabalho para dois jovens campeões. Tragam as pás e abram um caminho para nós.

Para a surpresa de Hondo, Hi e Je se adiantaram sem protestos e começaram a cavar.

— Devagar — gritou Hondo. — O suor de vocês vai congelar, e nós temos um longo caminho pela frente.

Bosin deu uma fungada.

— Depois disso é montanha abaixo, lembram? Nós somos guerreiros de Shiang! Vamos descer correndo.

Sentado num emaranhado de cobertores de frente para o fogo, Gabriel lambia o

sangue do pulso. Ao cair do dia, o silêncio e o ar carregado de mofo das profundezas da floresta pairavam ao seu redor. Estava tranquilo e — ele procurou a palavra — satisfeito, pela primeira vez desde que acordou na sala comprida de lorde Ran. Gabriel olhou para onde o homem estava deitado num tapete de agulhas de pinheiro secas, suas mãos novamente amarradas. Lorde Ran não estava gostando da experiência, mas isso pouco importava. Gabriel precisava do seu conhecimento. Dissera outra vez ao sujeito que, se fugisse, lhe arrancaria os olhos. A ameaça parecia ter funcionado. Gabriel se perguntou se àquela altura o lorde teria uma compreensão melhor do terror sentido por aqueles que usava em seus experimentos. Estar totalmente indefeso pode marcar um homem para o resto da vida.

Eles cavalgaram até o anoitecer e acenderam uma fogueira na floresta, num ponto afastado da estrada, para não serem vistos. Gabriel avistou um veado ao desmontar do cavalo e o perseguiu como um lobo. Foi uma das experiências mais estimulantes que teve na vida, um momento de alegria absoluta, com o vento gelado na garganta e, por fim, sangue quente e carne.

O Bobo não tentou tirar a coleira que colocaram no seu pescoço, apesar de sua pele estar em carne viva. Ele se encolheu em frente ao fogo e dormiu como um cão, ou melhor que um cão, sem sonhos angustiantes ou ansiedades. Gabriel quase o invejou, apesar do homem estar cada vez mais sujo.

As pulsações ficaram menos frequentes conforme eles se encaminhavam para o oeste. Não haviam sumido, mas Gabriel achava que o aumento gradativo da frequência delas fora interrompido, ou até mesmo revertido. Estava grato por isso. A água podia mesmo furar pedra, no final das contas.

Marias serviu aos homens fatias da carne de veado em pratos que encontrou nas bagagens. Gabriel a observou cortar pedaços para si, depois que os outros já haviam comido. Ela se acomodou, cruzou as pernas e se curvou sobre o prato que tinha no colo. Gabriel notou que Sanjin também a observava. Ele franziu a testa. Mulheres sempre causam problemas no acampamento, disso ele se lembrava. Mas ainda não sabia por que tinha permitido que viesse. Será que havia alguma parte sua que não dominava? Algum fragmento de alma que ainda tentava recuperar o que perdera? Ter Marias no acampamento era como cutucar um dente rachado. Precisava entender por que a trouxera. Ou talvez o tal de Taeshin não permitia que a mandasse embora.

Gabriel estremeceu ao lembrar de repente que não estava no próprio corpo, mas no de outra pessoa. Se acostumara tanto à força quanto à velocidade, incomparáveis a qualquer coisa que tivesse conhecido, que às vezes se esquecia disso. Quando se deparava com a própria imagem em um espelho no palácio, isso sempre lhe provocava espanto e confusão. Quem era aquele jovem de cabelos pretos que o encarava? Com olhos castanhos e rosto austero e plano? Sabia que Taeshin era um espadachim, o que explicaria a agilidade e a força, mas não naquelas proporções. Aquilo veio da pedra que os trouxera de volta.

Gabriel ergueu o olhar quando Sanjin se levantou. O homem corpulento ainda mancava e tinha o semblante sombrio, mas havia algo mais, algo parecido

com luxúria à luz do fogo. Enquanto Gabriel observava, ele deu a volta na fogueira e pegou Marias pelo braço. Começou a arrastá-la para longe da luz das chamas, com intenções claras. Ela gritou de espanto e medo, seus pés deixando marcas de chute no chão e espalhando fagulhas da borda da fogueira. Irritado, Sanjin agarrou-a pelos cabelos.

Gabriel se levantou, levando a mão ao cabo da espada Yuan. Ele hesitou, de repente sem saber o que fazer. Por que se importava que Sanjin levasse a mulher? Marias não era sua escrava, não era nada para ele. Quando começou a tirar a mão do cabo da espada ouviu uma voz vindo de dentro dele. *Ele o desafia.*

Era verdade. Soube disso assim que teve o pensamento. Sanjin estava mal-humorado desde os primeiros momentos na sala comprida, quando Gabriel interrompeu sua cura. O pé pela metade era um fardo, mas o homem poderia tê-lo cauterizado com fogo se quisesse. Em vez disso, manteve-o enfaixado e ensanguentado, sofrendo sem descanso. Gabriel sentira seu ressentimento vezes o bastante.

— Solte-a, Sanjin — disse ele. — Você não irá machucá-la.

Gabriel pestanejou ao proferir essa última frase. Não pretendia acrescentar nada ao seu primeiro comando. Naquele instante não sabia se tinha controle sobre si mesmo, e o pensamento o aterrorizou. Tinha ido longe demais para ser expulso de sua nova vida. Abriu a boca outra vez, mas Sanjin já vinha em sua direção. A perna manca atrasava o guerreiro de modo quase imperceptível enquanto ele contornava a fogueira.

Gabriel se viu lutando pela própria vida, a espada Yuan tremeluzindo. Já sabia que a lâmina não lhe serviria da mesma forma de quando tinha sido empunhada pelo jovem rei de Shiang. A espada real de alguma forma fora conectada ao seu sangue, e não reagia da mesma forma ao ser utilizada por Gabriel. Ainda assim, o objeto tinha uma beleza selvagem, um equilíbrio perfeito.

As espadas se chocaram doze vezes em sucessão, como sinos batendo. Tinha vantagem sob Sanjin, percebeu Gabriel. Passado o choque inicial da velocidade absurda do embate, ele entendeu que era melhor. Era uma sensação inebriante. Lutaram lado a lado no lugar cinzento por uma era. Não havia espadachins vivos mais experientes do que eles.

Gabriel aproveitou uma brecha e acertou a mão de Sanjin com a lateral da lâmina, com a força de um golpe de martelo. A espada caiu de sua mão que perdeu força, e Sanjin ficou parado, arfando e com os olhos selvagens, certo de que seria morto.

Gabriel ergueu a espada em posição de guarda.

— Acalme-se, irmão. Ou você vai mesmo morrer por uma mulher? Por uma escrava? A sua vida não vale mais do que isso?

Sanjin aproveitou a oportunidade que lhe fora dada e sorriu com amargura.

— Sinto muito. Estou sempre com dor... é difícil manter a calma.

Gabriel reprimiu uma careta. Pelo visto, o preço da paz seria o pé do sujeito. Ele trincou os dentes.

— Está bem, irmão. Eu vou tentar. Mas ela é minha.

Ele escondeu o choque que o arrebatou ao se ouvir dizer as quatro últimas palavras. Mais uma vez, não tinha intenção de dizer aquilo, mas o fez mesmo assim. Gabriel engoliu em seco, sentindo o suor escorrer, e não apenas pelo esforço físico.

— Mostre o pé, irmão — disse.

Ele observou Sanjin se sentar e desenfaixar o curativo e a bota improvisada que fizera em Shiang. Do outro lado da fogueira, Marias foi deixada a sós para se recompor e enxugar as lágrimas. Ela recolheu os pratos e se afastou do brilho do fogo. Gabriel não olhou em sua direção, preferindo ficar de olho em Sanjin.

O pé estava pior do que esperava. Dava para sentir o cheiro da podridão antes que as últimas ataduras fossem removidas, e ele deu um passo atrás.

— Você devia ter cauterizado o ferimento — disse.

Sanjin deu de ombros, mas agora, olhando com atenção, Gabriel via sinais da doença na suadeira do sujeito. A podridão deixara sua carne com aspecto molhado. Talvez aquilo justificasse a vantagem que Gabriel tivera na luta. O pensamento o fez hesitar, mas ele prometera tentar.

No espaço onde deveriam estar os dedos havia um coágulo de pus seco e veias tortuosas e soltas. Gabriel passou o cobertor de Sanjin sobre seu colo antes de aninhar aquela coisa, esforçando-se para não vomitar com o fedor. Linhas escuras subiam pelos tornozelos, e ele ponderou se sequer seria possível salvar a perna.

— Eu disse que tentaria, e vou tentar, mas você sabe que está apodrecendo. Talvez seja melhor remover a perna, para fazer um corte limpo.

— Não. Você deu *olhos* a Thomas — sibilou Sanjin. — Você consegue curar isso.

Gabriel assentiu. Então inspirou fundo, acessando o oceano que quebrava nas rochas do que quer que ele fosse. Já não era mais infinito, se é que fora em algum momento. Arriscaria a própria existência ao utilizá-lo outra vez? Ele fechou os olhos ao sentir o primeiro formigamento do poder escoando pelos dedos. Ouviu Sanjin arfar, mas, se foi de dor ou alívio, ele não sabia.

Quando abriu os olhos, as veias se agitavam como minhocas. Não. Não tinha força. Sentiu a febre do homem diminuir, mas, quando o oceano começou a se agitar, Gabriel o soltou e se levantou.

— Termine! — disse Sanjin, tomado por desespero.

— Irmão, eu não consigo — disse Gabriel. — Não há mais nada em mim! Veja, fiz tudo o que pude. A sua febre diminuiu. Direi a lorde Ran para ajudá-lo a cauterizar a ferida. Assim, pelo menos, ela não voltará a infeccionar.

Sanjin assentiu, com raiva estampada no rosto. Gabriel ficou satisfeito ao ver aquela frustração. Ele já era perigoso demais estando fraco. Curado, seria como se tivesse garantido a própria destruição. O homem era uma cobra.

Gabriel sentiu uma pulsação no ar. Ele se contraiu quando a sensação o atravessou e viu a mesma reação em Sanjin e Thomas. O Bobo choramingou e apertou os joelhos contra o peito. Apenas lorde Ran e Marias permaneceram inabalados. Aquele não era um acampamento feliz, reconheceu Gabriel.

Seguindo as ordens de Gabriel, lorde Ran aqueceu uma ferradura no fogo até

que estivesse com um brilho dourado e vermelho. Quando a pressionou contra as veias do pé pela metade, emitindo um chiado, Sanjin começou a berrar. Eram gritos altos na escuridão, com a floresta silenciosa ao redor.

PARTE DOIS

Mas antes lá embaixo na guerra
Do que aqui na colina
Com o Juízo Final ou o nada à minha espera,
Solitário na neblina.

John Betjeman

Floresta

Hondo perdeu o salto da bota em algum lugar do alto passo, o que passou despercebido na hora pois estava andando em uma grossa camada de neve. Era uma coisa pequena demais para deixá-lo tão irritado, mas cada um de seus passos ficou estranho depois disso. E ele temia que as pisadas desiguais desencadeassem um velho problema na lombar que o deixaria praticamente inútil. Um homem ativo na sua idade sempre tem partes mais fracas que outras. Sua maestria nos passos Mazer o ajudou a se recuperar de lesões que sem dúvida teriam acabado com outros. Mas o tempo passa para todos os homens. Apesar dos talentos de sua juventude, Hondo sentia pontadas no joelho direito quando pegava peso e tinha dois pontos doloridos nos cotovelos que sempre incomodavam um pouco. Praticamente todas as suas juntas doíam ao se arrastar pelas florestas, e o retorno da circulação de sangue para os pés trazia a sensação de pisar em brasas.

Não ajudava nem um pouco que Bosin achasse graça de sua bota avariada. Aquele urso atravessou a montanha sem um arranhão, é claro, mas disse aos gêmeos que estava com tanta fome que era capaz de comer pelo menos um deles. Nada disso importaria se houvessem encontrado novos cavalos ou mesmo uma vila com um sapateiro minimamente decente para consertar sua bota. Em vez disso, depois de atravessarem toda aquela neve, encontraram apenas mata fechada sem trilhas. Hondo foi obrigado a tirar o salto da outra bota com a faca. Não era o ideal, já que agora seus pés pareciam estar sempre molhados, mas era melhor do que arrebentar as costas.

Hondo ficou calado quando Bosin fez piada sobre como ele ficara mais baixo. Aguentou todas as fracas tentativas de humor com a mesma expressão impassível até que o grandalhão finalmente desistiu.

Já vagavam há cinco dias, com pouca comida e energia, quando cruzaram uma rota madeireira, o primeiro sinal de vida humana que viam desde a travessia do passo. Não era nada além de uma trilha de carroça, com marcas de rodas, mas significava que estavam voltando para a civilização. Apenas com o sol para guiá-los, a floresta parecia não ter fim, como se fosse uma maldição ou um feitiço terrível.

Hondo parou e estudou a trilha, seu entusiasmo ficando mais evidente ao compreender. Estavam todos barbudos e imundos muito além do aceitável, ele pensou de súbito. A perspectiva de voltar a conviver com homens trouxe a

lembança de como deveriam se portar. O que não tinha grande importância na mata, muito menos na neve.

— Devemos seguir a trilha — disse Bosin.

Hondo balançou a cabeça em negativa na mesma hora, apesar de querer tocar o solo com as mãos, para conferir se era real. Só de pensar em deixar aquela trilha para trás já lhe doía o coração, mas seu velho eu ainda estava ali em algum lugar, debaixo dos arranhões e da barba, debaixo dos tremores de frio e da sujeira emaranhada nos cabelos.

— Ela segue em sentido norte-sul, quem sabe por quantos quilômetros. Veja ali o musgo crescendo nas marcas das rodas. Esta trilha não é usada há muito tempo.

— Mas deve haver um acampamento de madeireiros por perto — emendou Bosin, abaixando a cabeça e assumindo a expressão mais teimosa que conseguia fazer.

Hondo se esforçou para falar com calma.

— Os acampamentos madeireiros mudam de lugar depois que as árvores de uma certa área são derrubadas. Esta trilha é antiga. Não vejo nenhuma área descampada por perto. O nosso destino é a cidade de Darien, Bosin, por ordem real. Agora, eu estou tão cansado quanto você, tão molhado quanto você, sinto tanto frio quanto você, mas não vou fraquejar. Nós continuamos a oeste. Se ajudar, pense no seu corpo como um animal preguiçoso que precisa ser surrado. A sua vontade é maior que o seu rabo, Bosin.

Para a surpresa de Hondo, Bosin bufou e quase se dobrou em dois, ficando vermelho ao gargalhar ofegando. Ele estava mesmo doente, percebeu Hondo, ao ouvir sua respiração dificultosa. O grandalhão aguentara bastante sem nem reclamar, como de costume.

— Espero que sim — respondeu Bosin.

— Bom — disse Hondo com gravidade. — Isso não é um comitê. Eu seguirei para o oeste. Você pode me acompanhar ou não, como preferir.

Ele seguiu em frente, e os gêmeos pararam apenas para fitar Bosin, que ergueu os olhos e murmurou um juramento antes de acompanhá-los.

Hondo não olhou para trás, mas sua raiva por estar com a perna retesada passou depois de uma hora. Avançavam novamente em grupo quando o sol se punha adiante, pintando a floresta de dourado. Nas últimas noites, montaram acampamento por volta daquele horário, mas haviam passado por uma trilha mais recente um pouco antes e encontraram as cinzas de duas fogueiras antigas.

Antes que a luz se fosse por completo, ouviram sons de homens mais à frente e emergiram da vegetação rasteira para uma trilha mais larga delimitada por galhos antigos. O caminho levava a um descampado amplo e lamacento, com uma dúzia de abrigos construídos com toras de madeira assentadas sobre a lama e as raízes. Ao estudarem o lugar, os quatro viram serras imensas, além de enormes toras de madeira e pilhas de tábuas prontas para serem transportadas. As mesas e as portas dos vilarejos vinham daquele lugar. Uma fogueira crepitava ali perto em uma pira de pedras, mas não havia ninguém à vista. A noite estava fria, e os

madeireiros não tinham vigias, de modo que o descampado parecia um lugar abandonado, quase desolado.

Era um lugar rústico, pensou Hondo. Por mais que estivesse feliz por ver a luz de lampiões a óleo e pela expectativa de arrumar um abrigo contra o frio, ele sabia que não era comum encontrar estranhos naquelas terras, tão afastadas de tudo.

— Deixem que eu falo — disse ele, encarando Bosin. Duvidava que os gêmeos começariam uma briga naquele lugar, mas Bosin era outra história. — Tenho prata. Vou tentar alugar uma dessas cabanas para nós e providenciar cobertores secos e comida.

— *Muita* comida — resmungou Bosin. — Estou faminto.

— É mesmo? Então você devia ter *dito* alguma coisa! — retorquiu Hondo.

A surpresa do grandalhão foi tão cômica que os dois acabaram sorrindo. Podiam atribuir o clima mais leve à perspectiva da noite tanto quanto a qualquer sentimento caloroso.

Quando os quatro espadachins entraram no acampamento, um lenhador barbudo saiu cambaleando de uma cabana mais adiante. Era a maior construção do descampado, e mais luz vazava pelas frestas nas paredes. A porta aberta permitiu que o barulho chegasse ao lamaçal no pátio principal. O homem ria de alguma coisa até ver os quatro. Quase automaticamente, ele girou sobre os calcanhares e voltou para dentro. Assim que bateu a porta, os homens de Shiang ouviram-no gritar um alerta.

Hondo praguejou entre os dentes. Esperava ter uma chance de se explicar, mas, para os madeireiros, eles estavam com cara de bandidos ou selvagens que chegavam despercebidos, como fizeram ao sair da mata escura. Sentiu sua paciência se desgastar quando a porta foi escancarada outra vez. Hondo suportara neve, fome, chuva, geadas e não poder se lavar ou barbear devidamente. Suportara a companhia de Bosin. Sentia-se dez anos mais velho agora do que na paz de Shiang, onde um homem podia se banhar e era tratado com respeito.

Os trabalhadores saíram em massa de sua taverna rústica, esbarrando um no outro para ver o que acontecia em seu acampamento no meio do nada. Em resposta, Hondo sacou a espada. O som como um sino da espada sendo desembainhada ecoou pelo acampamento e, no mesmo instante, os gêmeos o imitaram. Bosin olhou para Hondo.

— Isso é falar com eles? — disse.

Hondo não respondeu. Aguardava com a lâmina abaixada, em posição de guarda. Para os conhecedores de linguagem corporal, seria um sinal de sua disposição para lutar, mas sem uma hostilidade exacerbada.

Os madeireiros continuavam saindo. Devia haver uns quarenta deles apenas naquela cabana, mas outros saíram apressados de vários barracos espalhados pelo acampamento. Eram, para dizer o mínimo, um grupo bruto. Metade empunhava machadinhas ou machados. A outra metade sacou facas do tamanho de um antebraço ao primeiro sinal das espadas. Hondo não temia homens sem treinamento como aqueles. Não duvidava da coragem deles, mas era o

espadachim santo de Shiang. Nenhum profissional sente medo de amadores, como lhe ensinara seu primeiro mestre. Então lembrou que o homem morrera pisoteado por uma multidão, o que o fez refletir. Eram muitos madeireiros e estavam todos armados. Não devia subestimá-los.

O primeiro homem a sair voltou afivelando um cinturão. Ferramentas de aço preto pendiam dos dois lados. Hondo franziu a testa quando ele tomou a frente do grupo. Reparou na postura aberta que exibia. Ainda que não carregasse uma espada, o sujeito sorria, nem um pouco intimidado pelos quatro de Shiang.

— Não há nada para vocês aqui — bradou o homem. — Isso não é uma vila, é uma propriedade privada. Então sigam o seu caminho e não encontrarão mais problemas do que esperavam.

O sotaque era estranho, mas Hondo entendia bem o que dizia. Com certeza entendia o tom da mensagem.

— Eu sou Hondo, servo da corte de Shiang — disse. Esperou por algum sinal de reconhecimento, mas não viu nenhum. Os madeireiros apenas encaravam seu pequeno grupo. Hondo suspirou. — Viemos de muito longe e estamos cansados e com fome. Tudo o que queremos é comida e um lugar para dormir e nos banhar.

— Muita comida — acrescentou Bosin.

Na penumbra, Hondo viu o olhar do homem se voltar para Bosin e se demorar nele, impressionado com aquele corpanzil. A única luz vinha dos lampiões da taverna, e não dava para ver direito o tamanho incomum de Bosin à primeira vista. Hondo observou, irritado, quando o homem se voltou um pouco mais na direção de seu companheiro — como se ele fosse a principal ameaça ou o mestre do grupo. Era enfurecedor — e desrespeitoso.

— É um prazer, *meneer* — prosseguiu o homem. — O meu nome é Vic Deeds, e eu vou dizer mais uma vez. Isso não é uma taverna para estranhos e seu urso de estimação, muito menos para estranhos que chegam de espada em punho. Então vão andando. Não vou avisar de novo.

Hondo se voltou para os companheiros.

— Matem este. Talvez os outros sejam mais cooperativos.

Um dos gêmeos avançou com a mesma graça sublime que demonstrara antes. A reação foi instantânea. As mãos do homem se transformaram em borrões ao sacar as armas de seu cinto. Antes que o gêmeo o golpeasse, Vic Deeds disparou duas vezes e devolveu as armas aos coldres como se nem tivesse se mexido.

Hondo ficou paralisado quando a fumaça branca subiu ao seu redor, com o gosto da pólvora. Para seu horror, viu o gêmeo soltar um gemido estranho e cambalear para a frente. O irmão correu até ele com um grito angustiado, e Hondo viu o homem chamado Vic Deeds levar outra vez as mãos às armas que carregava.

Hondo reagiu com a velocidade que o tornara famoso. Ele levantou a mão com a pequena lâmina que ocultara na palma praticamente sem pensar e a lançou na direção do segundo gêmeo quando ele caiu de joelhos perante o irmão. O projétil passou a um fio de cabelo do espadachim e acertou o pistoleiro nas

costelas, desviando sua mira.

Hondo avançou de espada em punho, mas de repente foi bloqueado por Bosin, que se lançava contra os madeireiros com um urro. Mais uma vez, ouviu-se uma sucessão de estampidos. Hondo viu Bosin atingir um homem com um golpe de sua força descomunal, ainda urrando. Sua espada matou outro, e então Hondo também estava entre eles. Dois homens se viraram para fugir, mas ele os derrubou com golpes ágeis pelas costas, enterrando a espada entre as costelas e atingindo o coração. Os outros se dispersaram, e, quando olhou em volta, o pistoleiro havia fugido, cambaleando, curvado sobre a ferida. Ao vasculhar a escuridão do acampamento em busca de algum sinal do sujeito, Hondo o viu desamarrar um cavalo e tentar montar na sela.

Sem pensar, Hondo começou a correr, fazendo suas pernas trabalharem cada vez mais rápido na lama pesada. Não emitiu qualquer som ao se aproximar, e Vic Deeds estava desesperado ao ver o espadachim que se movia como uma cascavel vindo em sua direção, com a espada apontada para baixo e a clara intenção de lhe cortar a cabeça. Não teria tempo para recarregar a arma, não contra aqueles quatro. As rédeas se enroscaram no poste em que estavam amarradas e Deeds precisou cortá-las com a faca que arrancou das costelas, cortando os dedos no processo. O couro partiu e ele saltou sobre a sela. Mesmo sem rédeas, o cavalo sentiu seu pânico e saiu em disparada quando Deeds o golpeou com os calcanhares e lhe agarrou o pescoço com as mãos ensanguentadas.

Hondo parou quando o cavalo sumiu na escuridão, gravando na memória o rosto e o nome do homem. O espadachim santo ainda tentava compreender o que havia acontecido: os estampidos e a fumaça daquele pó amargo, a queda inesperada do gêmeo. Hondo foi arrebatado por uma onda de tristeza. Ainda não tinha chegado a Darien. E temia o que encontraria quando voltasse ao descampado.

Nenhum dos outros madeireiros parecia carregar armas de aço preto. Queria ver uma delas e entender como um homem era capaz de usar aquela coisa para derrubar um outro a distância. O pensamento o fez engolir em seco ao voltar para o lugar de onde a multidão se dispersara. Entendia o que armas como aquela podiam significar.

Um dos gêmeos estava caído na trilha, nos braços do irmão. Estava inerte e muito pálido.

— Hi está morto — disse Je com a voz rouca.

O jovem ergueu a mão, e Hondo viu a palma molhada com o vermelho-vivo do sangue. O gêmeo abriu a túnica do irmão, revelando dois buracos vermelhos. Quando o viraram, encontraram outros dois buracos nas costas. Sangue escorria das feridas, acumulando-se no colo do irmão.

Hondo olhou para Bosin, que permanecia de pé, enraizado no chão. O grandalhão ainda vestia suas peles, mas arfava como se tivesse corrido uma longa distância. Enquanto Hondo o observava, Bosin apoiou um joelho na lama, de cabeça baixa. Com visível esforço, voltou a se levantar.

— Você também foi atingido? — perguntou.

Bosin assentiu. Havia ódio em seus olhos, e Hondo desejou desviar o olhar. Já vira Bosin bêbado e reclamando. Jamais o vira com raiva de verdade até aquele momento.

— Senhor? Cavalheiros? — disse uma voz.

Hondo ficou de pé rapidamente, com a espada em punho e pronto para atacar. Ele olhou para a expressão aterrorizada de um homem baixinho que se aproximava com as mãos erguidas, para mostrar que estava desarmado. O estranho não podia acreditar na velocidade com que Hondo atravessou o espaço entre eles. Ficou paralisado, e Hondo percebeu que tremia.

— Senhor? Aquele Vic Deeds é um bêbado e um canalha. Não é amigo deste acampamento. Ele não nos representa, o senhor entende? Nós temos um médico. Se o senhor quiser que alguém seja examinado, ele é um bom homem, eu juro. Não queremos mais confusão, senhor.

O olhar do homem se fixou nos corpos de quatro madeireiros caídos na lama. Hondo não se virou para olhar. Em vez disso, mordeu o lábio inferior, sentindo os pelos da barba entre os dentes enquanto pensava. Estava tentado a fazer dos homens do acampamento um exemplo, mas duas coisas o detiveram. Não apenas o culpado escapara, mas Bosin claramente estava ferido.

— Muito bem. Verei o seu médico. Precisamos de comida e de um lugar para descansar. Se esse... Vic Deeds voltar, quero que me informem imediatamente.

O madeireiro olhou para a espada de Hondo, brilhante como uma barra do luar na escuridão. Era um homem mais velho, mas não o tipo de homem que é empurrado sem ser empurrado de volta.

— Creio que ele não vá voltar, senhor. Mas, se voltar, isso é entre vocês, eu não tenho nada com isso, se é que me entende. O médico e a comida eu posso providenciar. Já teve confusão o bastante por aqui esta noite. Não somos soldados, senhor. Somos trabalhadores, longe de nossas famílias e casas para ganharmos um pouco de dinheiro.

— E onde fica a casa de vocês? — perguntou Hondo. Ele guardou a espada ao falar, com a certeza de que poderia voltar a sacá-la rapidamente. — Quando não estão na floresta, derrubando árvores.

— Ora, em Darien, senhor. A cidade. A pouco mais de cento e cinquenta quilômetros a oeste, seguindo em linha reta. A maioria de nós é da cidade ou dos arredores.

Hondo sentiu o coração acelerar. Apesar do desastre, foi animador ouvir outra pessoa pronunciar aquele nome depois de tanto tempo.

O Dr. Adams cheirava a suor seco, o que não despertou a simpatia de Hondo. Não pôde deixar de se questionar há quanto tempo o sujeito não lavava as mãos, mas não havia mais ninguém. O gêmeo Je havia carregado o irmão e ajeitado seu corpo sobre uma mesa da taverna, posicionando as mãos dele. Bosin fora convencido a segui-lo, mas se limitou a ficar parado, olhando para o vazio, enquanto o médico era chamado.

Hondo estudava o homem atentamente, reparando a bolsa preta que

carregava, a barba rala em seu rosto. Suspeitava que os ferimentos em um acampamento madeireiro fossem sempre sérios. O homem já devia ter se deparado com muitos dedos e pés decepados, mas talvez não tenha visto muitos ferimentos como aquele.

O médico foi primeiro até o corpo, mas, quando viu o tom pálido da morte, voltou-se para o gigante de olhos vidrados que respirava com dificuldade. Hondo o viu estalar os dedos em frente ao rosto de Bosin. Não houve reação.

— Não sei como este aqui ainda está de pé. Preciso tirar essas roupas, para ver se foi atingido ou se está apenas em choque.

— Choque? — perguntou Hondo, arqueando as sobrancelhas.

O médico o encarou, reparando que era outro forasteiro.

— Certos homens ficam paralisados quando veem a morte, senhor. Ela fala com eles, e eles entram em pânico.

— Não é choque — disse Hondo. — Este é o Mestre Bosin de Shiang. Ele é um espadachim experiente. Já viu a morte muitas vezes.

— De qualquer forma, preciso tirar essas peles. Está me ouvindo, filho? Você consegue se deitar?

Bosin fez uma careta de repente. A dor pareceu trazê-lo de volta, de modo que ele assentiu e subiu com dificuldade na maior mesa do lugar, onde uns vinte homens poderiam se sentar para comer. Como seria de se esperar num acampamento madeireiro, era um móvel bem pesado, feito com tábuas da espessura de uma mão. Ainda assim emitiu um rangido alarmante quando Bosin se acomodou. O rosto do espadachim brilhava de suor. Dava para ouvir sua respiração dentro da cabana, um chiado úmido e carregado.

— Ele está resfriado — disse Hondo, mas sabia que era algo além disso.

O médico não ergueu os olhos, preocupando-se em cortar as peles e as roupas de baixo. Hondo fez uma careta ao ver a pele cinzenta que se expôs, marcada pela umidade e pelos corantes da túnica. O médico manevrava a navalha com movimentos precisos, e pedaços de pelo e tecido caíam no chão.

Dava para ver mais três dos buracos. O médico tocou um deles e assentiu.

— Essa atingiu o cinto dele. Olhe aqui, a bala está tão próxima da superfície que quase podemos vê-la. Essa eu consigo tirar.

— E quanto às outras duas? — Hondo perguntou ao homem. Estava desnorteado, entorpecido pela mudança súbita na sorte deles. Não esperava que Bosin estivesse tão mal. O homem era grande demais para ser derrubado por um nanico, não importava a arma que ele portasse.

O médico limpou as mãos com um pano e balançou a cabeça.

— Tem uma alojada aqui do lado, então está sangrando lá dentro. Pelo som, a outra parece ter perfurado o pulmão. Se eu conseguisse virá-lo, teria como ver se a bala atravessou o corpo.

Os dois olharam para o homem inconsciente sobre a enorme mesa. Virá-lo seria um feito e tanto.

— Ele vai morrer? — perguntou Hondo. A ideia era absurda, impossível.

O médico cofiou a barba rala com os dedos ainda sujos do sangue de Bosin.

— Sua chance é uma em três, algo assim. Posso tirar aquela bala, mas, se as outras duas ainda estiverem alojadas, ele vai apodrecer por dentro e não haverá nada que ninguém possa fazer. Não aqui, pelo menos.

— Onde, então? — perguntou Hondo, ainda que soubesse a resposta antes de ouvi-la.

— Darien, talvez. Se ele chegar vivo até lá. Eu não contaria com isso, senhor, se é que me entende. Esses ferimentos são graves.

— Mas há médicos em Darien, homens capazes de salvá-lo?

Mais uma vez, o Dr. Adams cofiou a barba rala.

— Se ele sobreviver à viagem e o senhor tiver ouro, há uma chance.

— Arrume uma carroça para levá-lo — disse Hondo. — E um homem que saiba o caminho.

— Já é madrugada, filho. Acho que seria melhor...

Hondo colocou a palma da mão no peito do homem e sentiu o coração dele acelerar.

— Perdi dois homens desde que entrei neste acampamento. Minha paciência está acabando. Arrume uma carroça e um guia ou eu vou incendiar este lugar.

O médico encarou o forasteiro que trouxera violência e morte ao acampamento aquela noite. Pensou nos corpos ainda caídos na lama lá fora.

E assentiu.

— Muito bem. Um dos rapazes vai para a cidade amanhã. Ele os levará.

— Esta noite. Vou precisar de cobertores e comida, e de alguns homens para me ajudarem a colocá-lo na carroça.

— Não posso permitir que leve uma carroça, senhor.

— Você não pode me impedir — rebateu Hondo. Disse as palavras com uma convicção tão serena que o médico acreditou.

— Mesmo assim. A carroça pertence à madeireira. Leve-a se quiser. Mas você e seus companheiros mataram quatro homens. Vocês não têm amigos aqui para ajudá-los. Não mais.

Hondo jogou uma pequena bolsa para o homem, que a pegou e conferiu o conteúdo.

— Vou chamar alguns rapazes.

Quando o médico se foi, Hondo trincou os dentes, sentindo seu equilíbrio vacilar. Era sempre assim depois de uma luta, ou pelo menos passou a ser depois dos 40. Estava exausto e ainda sentia frio. O calor da taverna o deixara sonolento, mas não se entregaria. Apenas os chiados de Bosin e o choro abafado de Je, enquanto tirava o cabelo da testa do irmão, rompiam o silêncio.

Gabriel

Gabriel os forçava ao limite. Sanjin era quem mais sofria, desde que as feridas cauterizadas no pé voltaram a infeccionar. O homem cavalgava sob dor constante, retraindo-se a cada balanço ou sacudida. Quando paravam, ele mancava pelo acampamento, com o pé sempre úmido. Seus olhos ficaram avermelhados e doloridos por causa das febres, mas não tinham remédios, e ele não voltou a pedir a ajuda de Gabriel. Com o passar dos dias, o olhar de Sanjin pareceu se voltar para dentro.

Gabriel o observava sentado sozinho, segurando a perna dobrada e buscando o mar interior que ele lhe descrevera. Com certeza estava lá, mas Gabriel sentia um prazer perverso por Sanjin não o encontrar. A cada tentativa fracassada, o espadachim gritava, furioso, num estouro de frustração. O resto do tempo Sanjin ficava carrancudo, e seu olhar sempre acabava gravitando para Gabriel.

Gabriel entendia aquela acusação silenciosa, mas a ignorava. Estava tentando a dar cabo do sujeito, como se faz com um cão raivoso, antes que causasse problemas para todos. Mas Sanjin era um espadachim experiente, restaurado por qualquer que fosse a parte da Pedra Aeris que os tocou. Até um cão raivoso podia ser útil.

Marias era um problema mais complexo, pelo menos para Gabriel. Enquanto Sanjin o observava, Gabriel, por sua vez, a estudava, como um quebra-cabeça a ser solucionado. Estava evidente que ela tinha sentimentos pelo dono do corpo que usava. Seus olhos brilhavam sempre que os olhares dos dois se encontravam. Ela pensava que passava despercebido, mas ele sentia, assim como sentia a fúria de Sanjin. Às vezes parecia que lorde Ran e Thomas eram os únicos completamente sãos naquele pequeno acampamento.

Lorde Ran não estava bem, Gabriel precisava admitir. Não se dera ao trabalho de lhe perguntar quantos anos tinha, mas o lorde de Shiang não era jovem. O ritmo que impusera durante a viagem teria exaurido um mensageiro real com metade de sua idade. Ele, por sua vez, não precisava de muito descanso, então acordava a todos quando ainda estavam grogues e a escuridão era absoluta. Obrigava-os a cavalgar até os cavalos ficarem exaustos e trocavam de montaria sempre que podiam, de modo que apenas os cavaleiros ficavam sem forças e de olhos cansados.

Tum. A pulsação soou quando Gabriel admirava as montanhas que se erguiam

à sua frente. O inverno chegara, e as espirais de neve sopradas pelo vento eram sinal disso. Os anciões da vila afirmaram que os passos já estavam todos bloqueados, mesmo o mais baixo, que chamavam de passo dos Crânios de Cavalo. O chefe garantiu ao estranho grupo que não sobreviveriam à travessia, não até a primavera. Disse também que dera o mesmo conselho a outros quatro espadachins semanas antes, mas naqueles dias, pelo menos, ainda tinha o sol da manhã. O inverno se apossara dos picos desde a passagem deles. Quando chegava, não havia como negar — e não havia como evitá-lo até o degelo.

Gabriel ficou parado e refletiu. O céu estava limpo, e ele não sentia medo do frio. O que quer que a pedra tivesse feito com ele para lhe dar velocidade e força, ele sabia que era capaz de caminhar onde qualquer outro homem congelaria. Mesmo naquele lugar, vestia uma calça fina e uma camisa folgada, enquanto os aldeões estavam embrulhados em peles. Mas, se fosse em frente, Marias e lorde Ran sem dúvida morreriam.

Ele murmurou uma praga antiga. Precisava do conhecimento de lorde Ran — e não podia abandonar Marias. Essa certeza continuava entalada em sua garganta como a espinha de um peixe. Tinha vontade própria, mas não podia deixá-la, então não tinha vontade própria! Gabriel ruminava aqueles pensamentos. O tal de Taeshin mantinha uma leve noção de identidade, talvez não mais do que grãos num terreno, espalhados a esmo. Não havia um intruso nos seus pensamentos, não havia uma segunda voz. Mas ele não era inteiramente livre para fazer o que bem entendesse.

Gabriel sabia que precisava de pedras. Precisava de poder. Ele olhou para os picos, imaginando a travessia como se a pura concentração pudesse levá-lo para o outro lado. Já vira coisas mais estranhas. Voltara dos mortos.

— Eu trouxe chá, Taeshin. — Ele ouviu Marias dizer. A jovem lhe estendeu uma tigela rasa quando ele se virou. O homem pegou a tigela, inalando os aromas com prazer.

— Você não deve me chamar assim — disse, tomando um gole. — Eu sou Gabriel. E vou matá-la se não me chamar pelo meu nome.

— Eu... eu sinto muito... Gabriel — balbuciou ela, abaixando a cabeça.

— Você espera invocá-lo, Marias? É por isso que usa o nome dele? Acredite quando digo que procurei por ele.

— Eu sirvo, mestre — respondeu ela sem erguer a cabeça. — Só isso.

Gabriel sentiu uma pontada de raiva, mas não tocou em sua espada. Afinal de contas, ninguém mais tinha pensado em lhe servir chá.

— Parece que não há como atravessar essas montanhas — disse. — Se vou ter que ficar aqui até a primavera, talvez... talvez eu precise de alguém para me servir.

Ele sentiu a pulsação no ar enquanto falava. O chamado, se é que era um chamado, soou com mais intensidade a quase dois mil quilômetros de Darien. O simples pensamento em aguardar até a primavera o fez pulsar, forte o bastante para paralisar os quatro regressados. Gabriel olhou para o estábulo, onde um enorme cavalo de tração preto passara a cabeça por cima da porta da baia. Thomas afagava o animal, apreciando o toque aveludado de seu focinho. O Bobo

ainda fitava as montanhas, como Gabriel fizera ao ser surpreendido quando atravessava o pátio. Ele sentiu. Assim como Sanjin, que estava sentado a uma mesa coberta de gelo, olhando para o nada.

Gabriel encarou Sanjin intensamente, que sorriu pela primeira vez pelo que se lembrava. Lentamente, Sanjin se levantou e se curvou sobre a mesa, apontando.

— Vejam! Vejam, Gabriel e Thomas... venham ver!

Gabriel chegou mais perto, enquanto Thomas se aproximava com a mão no punho da espada, sempre desconfiado de uma armadilha. O homem não confiava em ninguém, o que não o salvou da morte na primeira vez. Gabriel sentiu seus pensamentos dispersarem ao ver cristais de gelo derreterem sobre a mesa. O branco se desfazia e derretia onde Sanjin colocava a mão, revelando a madeira escura e úmida.

— Você consegue se curar? — perguntou Gabriel. Estava acima do despeito que sentia, ele sabia muito bem. No entanto, tinha sido o único capaz de canalizar parte do poder que os trouxe de volta. Essa exclusividade desmoronava com a expressão de fascínio de Sanjin.

— Não sei... — respondeu Sanjin. Ele fechou os olhos e franziu a testa com força, formando rugas, mas Gabriel não viu ou sentiu qualquer mudança. Sanjin arfou como se estivesse prendendo a respiração e meneou a cabeça.

— Não, mas senti uma coisa. Estiquei a mão e toquei... alguma coisa. Aí o gelo derreteu.

— Que bom, irmão — disse Gabriel.

Ele não chegou a dizer que não era exatamente como restaurar os olhos de um homem, mas viu que Sanjin percebeu o mesmo e corou. Gabriel se virou para Marias e mais uma vez se deu conta de que não poderia abandoná-la. Então tomou uma decisão, apesar de sentir um embrulho no estômago ao falar.

— Marias, diga ao chefe da vila para juntar os melhores cobertores, sapatos e capas, o bastante para todos nós, o que ele próprio vestiria. Cavaremos o passo com as próprias mãos, se for preciso. Confiaremos na pedra ou morreremos. De qualquer forma, não vamos ficar aqui até a primavera.

Ele e Sanjin se prepararam para outra pulsação, mas não sentiram nada. Os dois relaxaram, trocando um olhar. Aquela vibração silenciosa era capaz de esgotar um homem, não importava a força que tivesse. Mas a escolha de seguir em frente não parecia ser uma escolha, na verdade.

Hondo não deixou o médico descansar por duas noites, apesar de o homem ter passado a maior parte do segundo dia cochilando no seu assento. Pegaram um presunto bem grande na venda do acampamento, além de pão e vegetais em conserva que fizeram a boca de Hondo se contrair. O espadachim descobriu que o Dr. Adams era um companheiro mal-humorado, pelo menos desde que descobrira que acompanharia seu paciente.

As rotas dos madeireiros ficaram mais largas e limpas, e iam direto para Darien. O médico disse que não estariam em uso naquela época do ano não fossem as obras acontecendo na cidade. Aparentemente novas muralhas estavam

sendo erguidas. Ruas inteiras estavam sendo aplanadas e reconstruídas ou sendo niveladas dentro dos muros. Naquele inverno, a cidade mais parecia uma colmeia em atividade, ainda que o Dr. Adams não tivesse o menor interesse pelos motivos. Ele açoitava os dois bois sempre que diminuía a velocidade e substituiu um dos animais quando atravessaram o vilarejo de Wyburn, a passagem facilitada pela prata de Hondo.

Hondo acordou com uma leve cotovelada de Je nas costelas. O outro gêmeo jazia embrulhado na mesa da carroça, com Bosin gemendo ao seu lado. Era um som quase familiar aos ouvidos de Hondo, mas o enorme espadachim delirava e ardia em febre. Suas palavras faziam muito pouco sentido, o que era um alívio se comparadas às reclamações de antes.

Mais à frente, o portão da cidade estava aberto, com uma fileira de carroças que se estendia pela estrada por pouco mais de um quilômetro. A fila andava lentamente, mas Hondo notou que a estrada onde estavam os levaria direto para seu início. O Dr. Adams não fez menção de reduzir a velocidade e, quando já estavam próximos do portão, gritou para os guardas buscarem um médico. Os homens pareciam conhecê-lo e gesticularam para que entrassem, mas Hondo notou que eles espiaram o interior da carroça. Já sua própria atenção foi atraída por um enorme cão dourado sentado com os guardas do portão. O animal virou a cabeça monstruosa para vê-los passar. Hondo estremeceu. Era o tipo de animal de que Bosin gostaria. Ele, por sua vez, nunca gostou daqueles bichos.

Alguns carroceiros protestaram quando os guardas os deixaram passar, mas Hondo os ignorou enquanto o médico habilmente atravessou uma passagem estreita que dava acesso à cidade. Levara apenas alguns instantes. Hondo olhou pela primeira vez para as ruas internas da cidade estrangeira que abrigava o tio do rei, o adúltero Tellius. Mal conseguia acreditar que finalmente haviam chegado, e tampouco no barulho, na sujeira e no caos que tomava conta das ruas. Era impossível não as comparar com as de casa. As ruas de Shiang eram todas pavimentadas em pedra polida, com exceção das áreas dos escravos. Era um lugar marcado pela ordem, a não ser por ocasiões como o aniversário do rei, quando as pessoas tinham liberdade para beber e celebrar um pouco mais. Hondo sacudiu a cabeça em repulsa. Se as ruas de Darien tinham calçamento de pedra, ele estava coberto por uma grossa camada de lama e estrume.

Depois de berrar com um vendedor de vinhos atônito para que desse passagem a um ferido, o Dr. Adams forçou a passagem até uma fila de carroças e cavaleiros que seguiam devagar por uma rua estreita. Para onde quer que olhasse, Hondo via homens e mulheres gritando a plenos pulmões.

Um velho enrugado empurrava um carrinho de mão abarrotado com o que pareciam ser trapos e quase se chocou com as rodas da carroça. Hondo viu o homem enrijecer de repente e cair na sarjeta, derrubando junto o carrinho e espalhando seu conteúdo. O espadachim se esticou e avistou uma criancinha, que tropeçou e caiu sentada aos prantos, com as mãos erguidas. Uma mulher que passava por ali pisou na lama e tirou o bebê da rua, mas o homem continuava caído, com os olhos virados e se debatendo, como se tivesse algum tipo de acesso.

Hondo viu a mulher franzir os lábios de irritação por ser forçada a esperar, arrependida de sua boa ação.

O espadachim santo se ajeitou no assento e pestanejou, detestando a cidade e seu fedor logo de cara. Se Bosin sobrevivesse, Hondo suspeitava que ele encontraria muito do que gostar. Darien tinha um quê de caos, assim como o grandalhão. Hondo olhou para Bosin, que gemia e chiava sem parar desde que foi ferido pelos tiros. A palidez de sua pele não era um bom sinal, e ele estava molhado de suor, apesar do frio. Mas estava vivo, era isso o que importava. Ao olhar para trás, Hondo viu o gêmeo dar tapinhas no ombro do morto, como se o encorajasse ou reconfortasse. Os dois irmãos chegaram a Darien. Hondo fez uma careta. Que palavras poderiam ajudar uma perda como aquela? Mal havia se dirigido a Je desde o acontecido. Mas testemunhara um momento pessoal de luto e não podia ignorá-lo.

— Ele morreu seguindo em frente — disse. — Com coragem e honra.

Je abaixou a cabeça em resposta, mas seus olhos estavam marejados. Hondo desviou o olhar para não o envergonhar. Então se voltou para o Dr. Adams quando o médico praguejou contra mais um carroceiro que tentava passar na frente deles.

— Para onde vamos agora? — Hondo percebeu que também precisava berrar para ser ouvido acima da gritaria ao redor.

O médico apontou em silêncio para outra estrada, que se afastava das muralhas. A volta levou uma eternidade, e Hondo ficou tentado a sacar a espada antes de completarem o percurso. No entanto, a mudança foi imediata e o barulho reduziu pela metade.

Mais à frente, os portões do pátio de uma taverna estavam abertos. Se foram pintados de vermelho muitos anos antes, passavam a impressão de nunca terem sido limpos ou mesmo fechados desde então.

— A Velha Estalagem Vermelha terá quartos para nós — disse o Dr. Adams.

— Basker me deve um favor, de qualquer forma. Daqui, posso chamar um médico sem dificuldade, alguém que saiba o que fazer com o seu amigo.

— Ele não é meu amigo — disse Hondo.

O Dr. Adams arqueou as sobrancelhas.

— Ouvi dizer que ele entrou na frente de Vic Deeds quando o homem levou as mãos às armas. Eu diria que isso o qualifica como amigo.

O médico puxou as rédeas, desceu e foi procurar o proprietário. Hondo se perguntou que tipo de cidade permitiria que um homem entrasse sem uma revista e nem uma pergunta sequer sobre suas intenções. Supunha que o médico fosse conhecido dos guardas, que deviam precisar de algum cuidado uma vez ou outra. Mas pode ser também que seja do tipo de homem que se exila num acampamento madeireiro por não ser exatamente um cidadão exemplar.

Era um sentimento estranho finalmente estar em Darien. Ao desmontar, Hondo pisou no pavimento de pedras bem cortadas, um trabalho bem-feito. O pátio estava bem-cuidado, no centro havia uma pequena fonte, com uma caneca amarrada a um pedaço de corda. Hondo a usou para limpar a poeira da garganta

mas achou que a água tinha gosto de ferro. Alguns cavalos espiavam das baías do estábulo, curiosos com os recém-chegados. Hondo e o gêmeo se entreolharam, mas a expressão de Je estava vazia por causa da dor.

— Você consegue colocar o seu sofrimento de lado por um tempo? — perguntou ele com delicadeza. — Preciso saber se você é capaz de terminar a missão que recebemos.

O gêmeo assentiu.

— Encontre Tellius — Je disse num sussurro. — Traga-o para casa.

Não era um comando, ele não ousaria dar uma ordem a um espadachim santo. Aquelas foram as últimas palavras que o jovem rei dirigiu a eles. Os olhos de Je estavam desolados e frios, mas Hondo achou tranquilizador o fato de que ele ainda lembrava a ordem. Os gêmeos não foram enviados para o oeste por seu charme, mas porque eram assassinos implacáveis. Ele precisava desse foco. Não importava que um deles tivesse morrido, ou se Bosin sobreviveria ou não, ainda precisavam cumprir a missão que lhes fora dada.

Hondo franziu o nariz ao sentir o leve cheiro de podridão que vinha da carroça. O frio ajudou a preservar o gêmeo, mas a cidade era mais quente e surgia outra necessidade. Precisavam descobrir como o povo de Darien lidava com seus mortos, e logo.

Gabriel sentiu Marias se aninhar às suas costas. Todos se envolveram em peles e cobertores até se transformarem em figuras desajeitadas, que se arrastavam adiante, ascendendo, um passo de cada vez. A trilha estava visível a princípio, ainda que fria. Gabriel os forçava adiante, mas Sanjin mancava e praguejava, dizendo que perderia o pé quando este congelasse. No fundo, Gabriel concordava, mas não tinha mais tanta certeza. Sanjin ostentava uma satisfação amarga no rosto quando pensava que não estava sendo observado.

Pararam para descansar no lugar sugerido pelo chefe do vilarejo, uma fenda no alto das encostas que pelo menos oferecia algum abrigo contra o vento. O pobre coitado ficou à beira das lágrimas quando soube que partiriam, implorando que aguardassem até a primavera. Ele se ofereceu para hospedar Marias e lorde Ran enquanto os outros prosseguiram, mas Gabriel se recusou a deixá-los.

Na escuridão, a nevasca se abateu sobre eles, soterrando as rochas que formavam o abrigo, de modo que pela manhã precisaram usar pás e chutar neve para abrir uma saída. Do outro lado, encontraram a superfície branca, imaculada. Não havia mais nenhum caminho à vista e os picos estavam impossivelmente distantes. Gabriel sabia que a passagem que procurava ficava bem mais abaixo, mas era muito fácil imaginar que se perderiam no caminho para o passo dos Crânios de Cavalo.

A manhã estava límpida, mas o céu ficou branco e a neve começou a cair enquanto eles se arrastavam montanha acima, cada passo abafado por um chiado de flocos de gelo. Era praticamente impossível ver para onde iam, mas eles não pararam. De tempos em tempos, Gabriel dava uma volta e apontava para a direção certa. Ele não tinha certeza se poderia utilizar a pulsação dessa forma, mas

não havia escolha. O frio começava a abalar as defesas concedidas pela pedra, então agora ele tremia e trincava os dentes. Marias andava à sua sombra com os olhos fechados ou o rosto enterrado na dobra do braço. Já lorde Ran... Gabriel precisava admitir que o velho estava perdendo as forças. O nobre caía com frequência e parecia demorar cada vez mais para se levantar. Parecia ter perdido o desejo de viver. Gabriel até parou para explicar a ele o que sabia do lugar cinzento que os aguardava, esperando que isso lhe desse novo ânimo. Mas o homem já não se importava mais.

Sanjin se queixava amargamente que o frio estava acabando com a sua perna, que precisaria procurar gelo e cortá-la fora antes que apodrecesse e o levasse à morte. Era uma ladainha só, mas não perdia a força. Foi só na segunda tarde que Gabriel se deu conta de que o homem não sofria tanto quanto dizia. Àquela altura, todos arfavam enquanto subiam uma encosta tão íngreme que precisavam enterrar as mãos enluvadas na neve. Mas Sanjin subia cantarolando consigo mesmo.

Gabriel esperou que ele o alcançasse. Com o vento uivando e a neve rodopiando ao redor, ele desembainhou a espada que tomou de um rei morto.

Sanjin ergueu os olhos, sentindo a quietude da figura acima dele. Seus olhos se arregalaram quando viu a lâmina.

— O que foi? — perguntou. — Um urso? O quê?

— Você não está com frio, Sanjin — Gabriel disse acima do vento. — Não está tremendo.

— Do que você está falando? Estou congelando... — Sanjin desistiu de protestar e sorriu. — Está bem, Gabriel, e daí? Eu encontrei uma forma de usar o que tenho dentro de mim. Assim como você.

— Eu dei olhos a Thomas — retorquiu Gabriel. — Fiz o que pude por você...

— Mas não o bastante! — respondeu Sanjin, instantaneamente furioso. — Não tive um único dia sem agonia desde que voltei. Sem sangrar e feder e apodrecer! E não pude fazer *nada*, enquanto você... — A voz dele se tornou um rosnado. — *Você* se tornou rei, num corpo que roubou, assim como eu.

— Eu me excedi, Sanjin! Você não entende? Sejam lá quais forem as falhas que você vê em mim, isso pode esperar. O frio, o vento: é demais. Nós não vamos sobreviver a este lugar.

— Eu vou — respondeu Sanjin, dando de ombros. — Posso atravessar o passo e descer até as planícies do outro lado. Eu consigo, mesmo só com metade do pé.

Gabriel viu um triunfo horroroso naquele homem, mas tinha outra carta na manga.

— E quanto a lorde Ran? Se ele morrer, como você buscará as outras pedras que nos chamam? Como as usará se conseguir encontrá-las? Foi lorde Ran quem nos trouxe de volta, Sanjin. Não existe mais ninguém! Só que ele está quase morrendo. Achei que pudéssemos aguentar com a nossa força, mas o passo está completamente soterrado, levaremos uma eternidade para cavar uma saída. Lorde Ran não aguentará outra noite aqui. Não importa como se sente sobre mim, se

ele morrer, você está acabado.

Gabriel esperou, mesmo que cada instante parado ali fizesse o frio se infiltrar ainda mais em seus ossos. Viu que Marias e lorde Ran estavam pálidos, com a morte nos calcanhares. Teria rezado, mas não havia ninguém na terra cinzenta para ouvir.

Sanjin praguejou.

— Maldito seja — disse. — Está bem.

Ele fechou os olhos, e Gabriel sentiu a mudança no mesmo instante. O calor o envolveu e ele soltou um grito de surpresa. Ficava cada vez mais quente, chegando a ser desconfortável, quando pouco antes estava quase morrendo de frio. Ele viu Marias arregalar os olhos de espanto e se alongar da posição agachada que assumia antes.

O vento ainda uivava, mas a neve derretia sob seus pés. Sanjin fumegava com os flocos de neve que pousavam sobre ele e seus olhos brilhavam quando deu um passo à frente.

— O que estão esperando? Andem! — disse.

Thomas e o Bobo seguiam na retaguarda, enquanto Marias e lorde Ran estavam logo atrás de Sanjin, aquecendo-se com um calor que aos poucos trazia a vida de volta aos seus membros. Até mesmo o vento se extinguia ao redor deles, portanto caminhavam tranquilamente, apenas com o som de passos e da respiração ofegante dos companheiros. Thomas começou a rir, fascinado. Gabriel viu pedras se revelando sob seus pés, um terreno plano. Adiante, a neve se desfez, revelando um crânio de cavalo na ponta de uma vara, as órbitas vazias. Ele assentiu aliviado, antes de embainhar a espada e pegar uma pá, o caminho abrindo-se à sua frente e a nevasca soprando impotente acima.

Taeshin estremeceu, mas não sentia frio. Nem fome, apesar de assistir às batalhas na planície há dias demais para se lembrar, repetidamente. A princípio, não ousou deixar o lugar ao lado da pedra no alto da colina. Os outros desceram e ele os viu pegar armas e escudos e se juntarem às fileiras de soldados marchando. Não queria se juntar a eles, então ficou.

Mas, com o passar do tempo, ele foi se aproximando mais para assistir às batalhas, sempre temendo que alguma força desconhecida o empurrasse para as linhas de combate, ou roubasse sua consciência de quem era. Mas ele não podia abandonar Marias, não para a crueldade do homem que o matara. Taeshin franziu a testa com o pensamento.

Não tinha nada além de tempo para pensar. Não dormia ou comia ou fazia qualquer outra coisa além de assistir às batalhas e sonhar com a travessia de um campo de neve e um alto passo de montanha no inverno. Ele sonhou que um de seus companheiros tinha chamas nas veias e fazia o gelo derreter à sua frente. Outro continha o vendaval, o vento se curvava à sua vontade. Taeshin sentia prazer com isso, mesmo ali, na terra cinzenta. O sol que tinha visto fora o único resquício de cor naquele mundo, e Taeshin o saboreou.

Quando ergueu os olhos, estava à margem da batalha. Um ou dois homens o

avistaram. Olharam para ele ao pegarem os escudos, prontos para marchar.

— Vamos, rapaz — um deles disse com um tom ríspido.

Taeshin baixou os olhos. Havia um escudo aos seus pés. Sabia que, se o pegasse, se tornaria um deles. Seus medos desapareceriam como fumaça e ele marcharia com amigos contra um inimigo maligno. Teria um propósito e se livraria dos sonhos estranhos e daquela sensação de perda sem sentido.

Ele se curvou, e as pontas dos dedos roçaram a superfície de metal. O desejo de deixar tudo para trás era quase insuportável, mas então pensou mais uma vez em Marias. Não permitiria que lhe fizessem mal. Ele se levantou de mãos vazias enquanto as fileiras se preparavam para marchar, as linhas de combate sumindo a distância, uma após a outra. Cada homem olhava para a frente, com esperança e expectativa pela batalha a seguir.

Taeshin viu o rei cavalgar ao longo da linha de frente. Era um cavaleiro no auge de sua forma, o elmo adornado por um diadema de ouro com pontas afiadas como espinhos. Empunhava uma espada magnífica e tinha o peito largo o bastante para brandi-la. Taeshin vira-o cavalgar daquela mesma forma várias vezes. Eventualmente o rei era morto, entretanto em outros dias estava lá para declarar a vitória. Nunca parecia importar se era de uma forma ou de outra. Taeshin observou o homem passar a dez metros de onde estava.

— Alteza! — ele gritou de repente. — Vossa Majestade!

Se o ouviu, o rei não deu sinal. Em vez disso, ergueu a mão no ar e a abaixou, fazendo as fileiras se movimentarem. Mais à frente, outro exército se revelava sob uma nuvem de poeira, pronto para defender ou destruir, repetidamente, por toda a eternidade.

A Estalagem Vermelha

Hondo se levantou quando o desconhecido entrou. Eles foram hospedados no maior quarto da Estalagem Vermelha, com lençóis limpos e água quente numa bacia fumegante sobre a cômoda. Ao que parecia, o estalajadeiro tinha sido soldado em outra vida. Basker já vira muitos ferimentos e, assim que viu Bosin chegar carregado pelos outros três, despachou um menino, que desceu correndo a rua.

O Dr. Adams entrou logo em seguida. O médico fechou a porta com firmeza e cumprimentou Hondo e o gêmeo com um gesto de cabeça.

— Este cavalheiro é o médico Mestre Burroughs — disse o Dr. Adams.

Hondo reparou que o médico do acampamento madeireiro estava deslumbrado pelo recém-chegado. Por instinto, fez uma reverência reservada para pessoas de grande prestígio. Ao erguer a cabeça, notou que Burroughs estava um pouco corado e tinha a mão estendida. Hondo a apertou, com força demais, e o homem franziu a testa. Ele fez outra reverência, constrangido.

— E o senhor é? — perguntou Burroughs, com um tom de voz meio impaciente.

— Hondo LuTse, de Shiang — respondeu Hondo. — O meu companheiro é o Mestre Je Saon. Obrigado por vir... eu... — ele hesitou.

— Então este é o paciente... — disse Burroughs.

Sem esperar pela resposta, o médico foi até a cama de casal onde Bosin estava deitado. Sob os olhares do Dr. Adams e de um Hondo enrubescido, o homem cortou as ataduras e removeu os curativos. Hondo o viu cheirar os ferimentos e assentir. Ele tentou não pensar em como chegara perto de revelar ao médico quem realmente eram e o que faziam em Darien.

— Não está terrível. Tem bastante pus, mas pus limpo — disse Burroughs.

O Dr. Adams assentiu, aparentemente aliviado.

— O Mestre Burroughs estava disponível quando o menino enviado por Basker chegou ao hospital. Temos muita sorte de tê-lo aqui.

— Já chega, John, não precisa puxar meu saco. Como vai a minha irmã?

— Muito bem. Ela quer saber de você.

— Sempre haverá lugar para o marido dela nas alas públicas, se ele mudar de ideia. Ou se ela cansar de morar numa cabana no meio do mato.

— Nós nos mudamos com os madeireiros, Mestre Burroughs. E não nos

arrependemos. Aqueles homens precisam de cuidados médicos, talvez mais do que a maioria.

O médico olhou por cima do ombro com uma expressão irônica, estudando o Dr. Adams com as sobranceiras arqueadas. Ele não encontrou nenhuma fraqueza e suspirou, voltando ao trabalho.

— Como quiser. Mas diga que estou com saudades e que ela podia me fazer uma visita de vez em quando.

O médico prosseguiu com o exame e franziu a testa, antes de se virar para Hondo.

— Pegue aquele lampião, por favor. Não enxergo nada nesse escuro.

Hondo hesitou, mas naquele lugar a autoridade do homem era tão suprema quanto a de um rei. Não lhe passou despercebido o quanto o Dr. Adams o respeitava. Ele assentiu e pegou o lampião, sentindo-se deslocado. Em um duelo, ou na corte real, conhecia o seu lugar e as normas de conduta. Ali, estava perdido. Sabia que precisava se barbear e tomar um banho, além de roupas novas e uma boa noite de sono. Hondo deixou que o médico posicionasse e inclinasse sua mão para que o lampião iluminasse exatamente onde queria, mas o óleo quente não derramou.

— Aí está perfeito. Você consegue segurar sem se mover? — perguntou Burroughs sem tirar os olhos do paciente.

Hondo assentiu.

— Acredito que sim. — Na juventude, tinha empunhado uma espada completamente imóvel por milhares de horas, fortalecendo os antebraços. Em comparação, um lampião não era um fardo tão grande.

Hondo viu Burroughs tirar alguns instrumentos de uma pasta de couro fino, todos guardados em vidros com algum esterilizante. Ele observava tudo, determinado a aprender o que pudesse. O homem não era muito atlético, mas suas mãos eram firmes e moviam-se como se pertencessem a outra pessoa. Manuseavam os instrumentos com uma firmeza que Hondo conhecia bem.

— Foi o senhor mesmo quem fez essas pinças? — perguntou de repente.

Burroughs manuseava algo abaixo da superfície e ergueu os olhos, surpreso.

— Não, mas foram feitas para mim sob medida. Eu as tenho desde o primeiro ano de residência. Sou fascinado por aço da mais alta qualidade.

Os olhos do médico pousaram na espada na cintura de Bosin, a bainha com acabamento em esmalte azul-escuro, o longo punho arruinado por manchas de lama e sangue. Hondo sabia que precisaria ser trocado, mas o punho não era nada. Apenas a lâmina curva importava. Ele notou o interesse do médico e olhou para Je, que acompanhava a conversa. O gêmeo assentiu discretamente, dando sua permissão.

— Esta ainda tem dono, mas, se o senhor salvar esse homem, eu o presenteari com uma espada tão magnífica quanto.

— Eu o trataria de qualquer forma — disse Burroughs —, mas não vou recusar um presente. Seria falta de educação, não é mesmo? Nunca conheci ninguém de Shiang.

Hondo piscou os olhos. Ao que parecia, muito pouca coisa passava despercebida àquele homem.

— Nunca? — perguntou Hondo.

O médico não respondeu de imediato. Com um longo par de pinças numa mão e uma haste de metal polido na outra, ele examinava profundamente o buraco de bala na altura das costelas de Bosin. Com um leve clique, segurou alguma coisa e a puxou devagar para a luz. Por fim, ergueu a bala ensanguentada, mostrando-a para Hondo.

— Aqui está. Malditas sejam essas coisas. Há três ou quatro anos, eu jamais vira nada parecido. Agora, são muito comuns. São uma praga, mas uma coisa é certa: é preciso remover a bala, ou o paciente morre. Não importa onde esteja alojada ou o dano que se cause para alcançá-la. Quando a bala não atravessa o corpo, perdemos metade dos pacientes para os cortes profundos que fazemos na tentativa de removê-la ou para as febres que vêm depois. É terrível.

Ele soltou o projétil de chumbo e níquel numa cuia e começou a pressionar e cutucar o peito de Bosin. Burroughs pressionou o ouvido contra as costelas do espadachim e ergueu um dedo, pedindo silêncio. Hondo prendeu a respiração.

— Aqui, ainda está dentro dele. Já está infeccionado... dá para perceber pelos chiados que ele faz ao respirar.

— Ele estava resfriado antes — disse Hondo. — Passamos semanas na estrada, sem descanso.

— Devia ser algo urgente — disse Burroughs sem erguer os olhos. — Se estiverem em busca de comércio, eu tenho alguns contatos. Como costumo dizer, existem mais lendas do que fatos sobre Shiang. O consorte mantém seu passado em segredo, é claro.

— “Consorte”? — perguntou Hondo, confuso. Ele não conhecia a palavra.

— Tellius. Seu contrerrâneo, eu imagino. Ele não é do leste? Ouvi dizer que é.

O médico falava ao mesmo tempo que trabalhava no paciente, sem desviar o olhar. Ele não fazia ideia da surpresa que causou. O gêmeo se levantou, levando a mão à faca escondida na manga, que usaria para descobrir tudo o que o médico sabia. Hondo ergueu a mão para detê-lo.

— Eu gostaria de conhecer esse consorte, esse Tellius do leste — disse.

Burroughs soltou uma risada ao espalhar um líquido amarelo-escuro pelo peito de Bosin. Hondo observava, paralisado, o médico alargar o buraco da bala com cortes profundos e depois posicionar um fórceps de latão com rosca de aço para manter os lábios artificiais afastados. Sangue escorreu pela abertura, e Bosin se moveu, gemendo de dor, apesar de não ter acordado. Sua pele adquirira uma palidez cadavérica, e Hondo se perguntou se um dia voltaria a despertar. Naquele momento, parecia improvável. Quando o médico voltou a falar, arrancou-o de um torpor causado pela exaustão.

— Pouca coisa acontece em Darien sem o conhecimento do consorte. Se eu tivesse que adivinhar, senhor, diria que o conhecerá em breve. Homens de Shiang? Um morto, outro baleado e à beira da morte? É muito provável que ele venha procurá-los.

Na mesa, o inconsciente Bosin tossiu de repente. Sangue escorreu da ferida aberta e também pelo seu queixo barbado. O gêmeo o limpou, com o rosto contrito. No mesmo instante, Burroughs assentiu ao produzir um estalo com as pinças. Uma eternidade depois, ele ergueu um segundo pedaço de metal reluzente, analisando-o.

— Um trabalho bem-feito, mas estou surpreso por não ter atravessado seu companheiro. Apesar do tamanho dele, uma bala como esta atravessaria sua escápula e possivelmente o homem atrás dele.

— Ele vestia muitas camadas de pele, couro e lã, doutor — disse Hondo. — Ele vai... viver?

— Agora, é possível. A bala parece estar inteira, então agradeça aos armeiros de Darien. Não acertou um osso e nem se partiu lá dentro, então retirei tudo. Não, agora o risco é infecção, febres. Ele precisará de cuidados. E, bem, ouvi dizer que estão dispostos a pagar. Posso incluir os serviços de duas enfermeiras por uma semana, se tiverem o dinheiro.

Hondo ergueu duas grossas moedas de ouro, e o médico arregalou os olhos ao aceitá-las.

— Isso é mais do que suficiente, senhor. Pedirei a Basker para trazer um pouco de sua sopa de galinha e alho-poró. É muito boa. E arrumarei também lençóis limpos e as ataduras que forem necessárias.

O homem hesitou por um instante, antes de prosseguir.

— Ainda tem a questão do corpo... do... do cavalheiro lá embaixo.

O médico viu Hondo olhar para Je, em busca de uma resposta, e fez o mesmo

— Cremação ou enterro? Creio que as Famílias não permitirão que o deixem no pátio de Basker. Há muito medo da peste, ainda mais agora.

— Vou enterrar o meu irmão — disse Je.

Burroughs franziu a testa, desconfortável. Enquanto antes estava no próprio elemento, ele nunca sabia o que dizer aos recém-enlutados.

— Pedirei que o diretor da funerária municipal o procure, senhor. Ele cuidará do jazigo, da lápide, de tudo o que quiserem. Haverá uma cerimônia para a Deusa, se for do seu agrado.

— Deusa? — perguntou Je, a confusão lutando com a dor.

— A missa. Darien é uma cidade da Deusa, apesar de não falarmos o nome dela. O funeral vai consagrar o seu irmão a ela.

— Ele não ia querer isso! — disse Je. — Se estivéssemos em Shiang, meu irmão seria sepultado no mausoléu da família.

Burroughs inclinou a cabeça de lado. Não precisava lembrá-los do quanto estavam distantes de Shiang.

— Sinto muito — disse o médico. — Vocês podem levá-lo para a floresta de novo. A três ou quatro dias da cidade, acredito que ninguém ficará sabendo se vocês simplesmente o enterrarem por lá. Ou eu posso me certificar de que seja embalsamado para viagem, como preferirem.

— Eu não quero nada disso! — berrou Je repentinamente.

Ele deixou o lugar onde estava encostado na parede e em um instante se

transformou em uma presença perigosa naquele quarto. Até mesmo Hondo percebeu e ficou onde estava, preferindo não interferir em seu sofrimento genuíno. Com um rosnado, o gêmeo saiu do quarto e desceu as escadas ruidosamente.

— É uma perda recente — disse Hondo. — Ele precisa de um pouco mais de tempo.

Burroughs balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas esta cidade tem meio milhão de habitantes. Eu não serei o responsável por trazer alguma peste para cá. O corpo deveria ser cremado.

— Como um cão raivoso — murmurou Hondo.

Tanto Burroughs quanto o Dr. Adams coraram.

— Não tenho a intenção de ser desrespeitoso. Neste momento, a segurança pública é uma das principais preocupações. Metade da cidade está treinando para alguma ameaça neste inverno. Eu não serei o homem que a deixou entrar.

Burroughs estava novamente resoluto, e Hondo assentiu ao perceber que não haveria um acordo.

— Cremação, então. Traga o seu amigo da funerária. O irmão dele vai querer as cinzas. Mas recomendo que me chame quando chegarem para levar o corpo. O meu companheiro ainda está nos primeiros estágios do luto. Pode ser que precise de outro cão raivoso para acalmá-lo.

Gabriel desceu a encosta e chegou a uma planície que se estendia até onde sua visão alcançava. O sol se punha à frente deles, derramando cores sobre o horizonte. Não havia vestígios de estrada, nem mesmo de pastagens. Mato baixo e riachos intocados dominavam a paisagem, com um borrão escuro de florestas a distância.

O grupo eclético estava todo esfarrapado depois da travessia das montanhas. A barba de lorde Ran ficou branca, e ele parecia vinte anos mais velho; também estava muito mais magro do que quando se encontraram pela primeira vez. Gabriel fez uma anotação mental para alimentá-lo assim que tivesse uma oportunidade. Era algo fácil de esquecer, e lorde Ran não parecia dar muita importância à própria saúde.

Thomas fazia o reconhecimento do território, percorrendo quilômetros ao redor do grupo enquanto procuravam por sinais de um vilarejo ou de cavalos. Thomas obedecia a ordens bem, mas era um homem contido, que traía muito pouco do que pensava. Foi o segundo a retornar e era quase tão rápido quanto o próprio Gabriel. Sem dúvida sentia as pulsações com a mesma intensidade, como abelhas cegas se voltando para uma rainha. E começara a erguer as mãos para a vibração, como numa reverência ou oração. Gabriel se perguntou se algum deles seria dono do próprio destino. Teriam ao menos escolhido seguir para o oeste? Ou foram arrastados para lá por cordéis que não eram capazes de enxergar? No fundo, ele temia a resposta.

Sanjin adotou um ar presunçoso desde o passo. A experiência de caminhar com o calor do sol e ver a nevasca se curvar até sumir o agradou. Gabriel não

sabia se gostava menos do mago Sanjin ou do espadachim manco de antes. Pelo menos ele ainda mancava. Apesar da capacidade de aquecer a neve, Sanjin não foi capaz de restaurar o próprio pé. Gabriel conteve um sorriso com esse pensamento até seus olhos repousarem em Marias, que conversava com o Bobo preso pela coleira.

Ela o atormentava simplesmente por existir. Voltava a pensar nela várias e várias vezes, mas não ousou ordenar que ficasse para trás. Não sabia o que descobriria se o fizesse. Assim, ela ficava, como prova de seus temores.

Apenas o Bobo parecia satisfeito, embora Gabriel suspeitasse de que não compreendesse nada. O pobre-diabo que retornara se viu num cômodo menor do que aquele que conhecera antes. Gabriel imaginava que os pensamentos complexos foram ceifados no momento em que chegara. Um cérebro arruinado não podia conter um homem. Talvez, se o Bobo tivesse pedido que tentasse curá-lo, Gabriel teria tentado, mas ele não conseguia perguntar. Às vezes, o guerreiro via algum sinal de consciência naqueles olhos, mas era raro, e sua própria ocorrência era lamentável.

Gabriel cofiou a barba rala, ainda preta, ao contrário da de lorde Ran. Não pareceriam uma força assombrosa para ninguém que os encontrasse, mas foi com aquele pequeno grupo que havia esmagado os espadachins Mazer de Shiang até se ver perante o rei em pessoa. Gabriel tocou a espada que levava na cintura. Podia não cortar tão bem quanto para o antigo dono, mas continuava sendo um símbolo do seu trono.

Tum. Ele sentiu a vibração no ar, mais forte do que nunca. Os outros ficaram imóveis por um segundo, e o Bobo tropeçou e sussurrou consigo mesmo. Gabriel fechou o punho. Talvez não tivesse escolha, mas, quando reunisse as pedras, poderia ir aonde desejasse, fazer tudo que sonhava fazer. Entendia o que elas eram de uma forma que poucos eram capazes de imaginar. Poder atrai poder, pensou. Ele, Thomas, Sanjin e o Bobo eram a Pedra Aeris, que os arrastara da terra cinzenta e que corria em suas veias como ouro branco. Ele sentia suas irmãs a distância, não como pontos distintos, mas como a fonte do chamado. Darien. Ia lançar-se sobre a cidade como um exército invasor.

Tellius observava o corpo ser aberto. Havia três funerárias em Darien, mas aquela era a única que pertencia à família Sallet. Fora necessário um pouco de astúcia e um suborno para conseguir que o espadachim de Shiang fosse levado até lá para cremação, mas Tellius não lamentava a perda de tempo ou dinheiro. O forno soltava vapor e crepitava no cômodo vizinho, aquecendo o prédio inteiro, de modo que o ambiente da funerária estava agradável e aconchegante enquanto a neve se acumulava do lado de fora. Tellius sentiu a tensão em seus ombros aliviar pela primeira vez em semanas.

Olhar para o corpo sobre a mesa era como voltar no tempo. As mãos estavam calejadas pelo uso da espada, e havia cicatrizes claras nos antebraços e nas coxas

— cortes sofridos em duelos ao primeiro sangue, em vez de feridas mais profundas. E eram poucos, o que significava que aquele jovem era inexperiente ou muito habilidoso.

Tellius observava o médico real, Mestre Burroughs, serrar os ossos do peito, recuperando uma bala inteira e dois pedaços de uma segunda, que penetraram as entranhas do jovem. Quem quer que fosse aquele espadachim, ele não havia tido a menor chance. Tellius cofiou o queixo e pensou no quanto não gostava das armas que estavam sendo fabricadas por toda a cidade. Talvez lorde Canis tivesse razão ao dizer que aquelas coisas mudariam a cidade para sempre, ou pelo menos a relação entre quem governava e quem era governado. Tellius percebeu que mordida a parte interna do lábio ao pensar. Vinha fazendo aquilo mais e mais no último mês, e se forçou a parar. Havia regras diferentes para a guerra e para a paz, mesmo que lorde Canis entendesse ou não. Em tempos de paz, talvez tivesse até concordado com ele.

Toda manhã, corpos desovados pelas gangues da cidade eram tirados das comportas de eclusas no rio. Sempre com os mesmos buracos que via no espadachim sobre a mesa. Tellius ouvira dezenas de queixas e pedidos pessoais para que fizesse algo a respeito das armas de fogo, mas o problema era que andava gastando outro rio de ouro comprando-as em grandes números.

Se lorde Canis concordava ou não, ou lorde Bracken ou qualquer um deles, ele vira a onda preta quebrando sobre a cidade. Não negaria às novas milícias as melhores armas que conseguissem. Pedi-los para resistir e enfrentar um inimigo com apenas aço frio só renderia o seu desprezo.

Ele franziu a testa quanto Burroughs começou a costurar o peito. Por algum motivo, era mais perturbador ver a linha ser tecida com firmeza na pele do que ver o esterno ser partido em dois.

— Mesma arma? — perguntou Tellius.

Burroughs assentiu.

— Até onde eu sei, sim. Balas do mesmo calibre, nos mesmos lugares. O Dr. Adams disse que foi Vic Deeds. Eu diria que temos o bastante para enforcá-lo.

Tellius soltou uma risada.

— Estamos nos preparando para uma guerra, doutor. Eu já tinha o bastante para enforcá-lo quando não passava de uma suspeita.

— Acho que não ouvi isso ser anunciado — disse Burroughs com o semblante sério. — É lei marcial então?

— Muito engraçado, doutor. O senhor sabe o que eu quero dizer.

Burroughs terminou de dar os pontos e lavou as mãos numa bacia.

— Sendo bem sincero, senhor, não, eu não sei. Não somos uma ditadura, nós temos leis. As Doze Famílias se dizem acima de tais coisas, mas acredito que também existem leis naturais, e homem nenhum está acima delas.

Tellius piscou ao encontrar rebeldia num lugar tão improvável. Poderia ter respondido, mas três jovens sérios envolveram o corpo no lençol sobre o qual estava deitado e o carregaram para a fornalha. Tellius sacudiu a cabeça, pensando no desperdício. Aquele corpo fora moldado, por anos de trabalho, em algo

extraordinário — e depois transformado em carne num instante. Ele se virou para sair, mas parou.

— Por que o senhor o fechou, doutor? — perguntou Tellius. — Ele vai para a fornalha de qualquer forma.

Burroughs deu de ombros.

— Pela dignidade dele. Eu tenho um filho dessa idade. Foi um pequeno gesto que fiz por ele.

Tellius encarou o médico por um bom tempo, então assentiu.

— Bom para o senhor — disse. — Agora, acho que é melhor eu encontrar os amigos dele e descobrir o que os trouxe à minha cidade.

Ataque

Os lenhadores precisam dormir bem ou acabam se ferindo, portanto Moke não estava muito feliz em ter que passar a noite toda na floresta escura. Vira Vic Deeds atirar naqueles estranhos, mas também não acreditava que valia a pena montar guarda, como se fossem um acampamento militar. Eram lenhadores e madeireiros — quase o oposto de soldados, se parar para pensar. Moke teria abandonado o posto e voltado para a cama se seus companheiros de cabana não fossem lhe arrancar o couro na manhã seguinte. Certas coisas pesam o clima num acampamento, e os outros pareciam fazer seus turnos sem maiores reclamações. Moke praguejou entre os dentes. Tinha 19 anos e estava sozinho na escuridão no meio do inverno. Se já era difícil conseguir se manter aquecido na cama certas noites, imagine ali, não importava o quanto batesse os pés e soprasse os dedos. É claro que não permitiram que acendesse uma fogueira, diziam que o cegaria na escuridão. Malditos, era o que eles eram.

Ele ouviu um chiado por perto e balançou a cabeça, imediatamente furioso com os companheiros. Sabia que tentariam algo. Não se surpreenderia se visse meia dúzia deles tentando pegá-lo desprevenido, para fazê-lo gritar como uma mulher no meio da noite. Era um grupo mais velho e grosseiro, mas o dinheiro era bom e ele gostava de poder ficar sem tomar banho por semanas a fio. Ninguém parecia se incomodar com o cheiro, que não era dos piores no frio, de qualquer forma.

— *Saiam*, seus imbecis — sussurrou para a escuridão.

Moke tinha uma tocha feita com uma vara e um trapo de lã embebido em óleo, mas foi orientado a não a acender a menos que fosse atacado. O homem da madeireira alertou que ele pagaria do próprio bolso se a acendesse sem um bom motivo — e não era barato.

Moke ouviu passos, e sua bravura fraquejou. Uma das extremidades da tocha estava apoiada num anel de aço serrilhado que era quase do tamanho de sua mão. Ele pegou a pederneira pendurada num barbante e a riscou com força sobre a lã úmida. Faíscas revelaram as árvores ao redor por um breve momento. Ele piscou ao que viu, mas ficou onde estava enquanto o fogo pegava e se espalhava, aumentando a iluminação à sua volta.

Três homens vinham em sua direção, com formas escuras acompanhando-os mais atrás. Moke não conhecia nenhum deles.

— Você não são... — ele conseguiu dizer antes que Gabriel o abatesse com um único golpe.

A tocha caiu de sua mão, e Thomas a pegou no ar, passando pelo corpo sem olhar para trás.

— Olá, acampamento! — Gabriel berrou para as cabanas de madeira silenciosas. Estava com frio e com fome depois de caminhar tantos quilômetros. A floresta não acabava nunca, e ele havia seguido uma trilha antiga por uma eternidade antes de decidir que não levaria a lugar nenhum e voltar. Estava cansado, irritado e sem paciência para ser contrariado.

Alguns homens saíram das cabanas, esfregando os olhos e bocejando. Não pareciam lá muito preocupados, e a paciência de Gabriel se esgarçou como um pano podre.

— Fogo! — gritou ele. — Traição!

Aquilo teve o efeito desejado. O acampamento inteiro ganhou vida com homens jorrando das cabanas. Gabriel viu outras três tochas serem acesas, revelando as posições dos sentinelas. Os homens se juntaram aos demais e o encaravam como alunos a um professor.

— Cavalheiros — disse Gabriel em voz alta. — Preciso de comida para seis e de instruções para chegar a Darien.

— Que diabo! Mais desses sujeitos — rosnou um dos homens.

Os braços do lenhador eram fortes, mas sua barriga estava comprimida pela camisa e pelo cinto grosso que usava. Dono de um bigode preto, o homem o fitava com cara de poucos amigos. Gabriel o encarou e sorriu.

— Não. Você jamais conheceram alguém como eu.

O homem levou a mão às costas, sacou uma pistola de aço preto de cano longo e a apontou para Gabriel.

— Vi um sujeito *exatamente* como você. E também vi o que o matou.

Sem mais uma palavra, o homem puxou o gatilho, produzindo um estampido ensurdecedor. Gabriel deu um passo atrás, aturdido. Era como se um homem forte tivesse lhe dado uma martelada no peito. Sentiu o gosto de sangue na boca, e o de raiva.

O homem que o alvejou ficou boquiaberto quando a fumaça se dispersou e ele continuava de pé. Gabriel levou a mão ao peito e apertou a pele com o indicador e o polegar, como se fechasse o buraco. Diante dos olhares de todos, uma bala que reluzia se revelou aos poucos entre seus dedos. O projétil saiu delicadamente, brilhando de sangue, até que Gabriel o tinha nos dedos. Tinha plena consciência do olhar de Sanjin, fixo nele naquele momento.

— Se conseguirmos as pedras em Darien, eu vou curá-lo — disse. — Juro pela minha alma.

Sanjin assentiu com a cabeça, selando o pacto.

O pistoleiro estava parado com os olhos arregalados, incrédulo, enquanto Gabriel se virava em sua direção. Sua mão tremia como se a arma fosse pesada demais. Gabriel viu o instante em que decidiu continuar atirando, quando os tendões do seu antebraço enrijeceram. Era uma arma formidável, ele precisava

admitir. Mas havia apenas uma. Os outros empunhavam machadinhas ou machados, e ele não tinha medo daquelas armas. Não eram rápidas o bastante para derrubá-lo.

De repente, Thomas abriu os braços com as mãos espalmadas, como num cumprimento. Parecia um sacerdote abençoando a congregação. O vento passou rodopiando por eles, vindo da mata, trazendo folhas e um cheiro de umidade para o descampado. Do outro lado de Gabriel, Sanjin apontou lentamente para um dos madeireiros. Houve um momento de paralisia e então o pistoleiro, que estava em pânico, voltou a atirar.

Gabriel se encolheu ao ouvir os estampidos, mas Thomas não fez o mesmo. Ele encarava os madeireiros como se estivesse atrás de um vidro. Boquiaberto, Gabriel viu os disparos soltarem fagulhas no ar e as balas desacelerarem em rastros alaranjados de calor diante de Thomas. Quando caíram, elas chiaram nas folhas mortas e na lama.

O homem escolhido por Sanjin cozinhou por dentro. Os companheiros à sua volta ficaram com ânsia quando o corpo começou a desprender um cheiro de carne cozida. Um olho saltou da órbita, branco, e os outros madeireiros se viraram para fugir diante da cena. Havia segurança na escuridão, e aqueles que carregavam tochas as jogaram no chão.

Os mais rápidos sobreviveram. Os demais sucumbiam conforme Gabriel e Thomas passavam por eles. Pistolas foram disparadas contra os intrusos outras duas vezes. Em ambas, Thomas deixou o ar espesso, revelando as balas como vaga-lumes na noite. Não demorou muito até que o acampamento estivesse em silêncio, a não ser pelo farfalhar dos passos deles no solo congelado. Sanjin encontrou o estoque de comida e saiu carregando um barril de cerveja enorme. Thomas sorria para o homem quando Gabriel parou do seu lado. Ele não perguntou nada, mas Thomas abriu um sorriso torto e respondeu, de qualquer forma.

— Eu estava atrás de você, irmão, quando retornamos. E, se você pode usar a sua mão para a cura, eu imaginei que devia ser capaz de fazer *alguma coisa*. O poder daquela pedra foi infundido em nós como partículas de poeira por baixo da nossa pele. Foi isso, não foi? A pedra continha um oceano, e nós quatro precisávamos beber dele ou sufocar.

Os dois se viraram ao som de risos. O Bobo brincava com uma cabeça na lama, chutando-a como se fosse uma bola de futebol.

— A dádiva da pedra parece ter sido desperdiçada nele — disse Thomas.

— Talvez... — disse Gabriel. — Já pensei em tentar sugar algo dele, como se fosse uma bateria ou como se estivesse extraindo seiva de uma árvore. Se eu descobrir como, ele ainda pode ser útil.

O silêncio voltou a ocupar o espaço entre eles até que Thomas o rompeu. Ele não se aguentava de tanta animação, como um homem embriagado pela primeira vez. Não conseguia ficar parado, apesar da escuridão que os envolvia.

— Aprendi a desviar o vento, lá no alto do passo. No começo, foi apenas para aliviar as pontadas do gelo, mas peguei o jeito, a concentração. Percebi que

caminhava tranquilamente, enquanto vocês mal abriam os olhos. Aí Sanjin começou a derreter a neve.

— O vento parou — disse Gabriel, admirado. — Eu lembro. O que nós somos, Thomas? Para sermos capazes de fazer coisas como essas?

Thomas riu e balançou a cabeça.

— Não passei uma hora sem praticar desde então. Ser capaz de fazer isso é mais do que jamais sonhei, irmão. Posso fazer o ar ficar tão duro quanto ferro.

— Então eu agradeço — disse Gabriel, sentindo-se como um pai orgulhoso ao dar um tapa no ombro de Thomas. — Você será o meu escudo. — Ele pensou por um instante. — Darien tem o poder de várias pedras. Quero entrar na cidade como um ladrão e roubá-las, mas derrubarei as muralhas se for preciso. Vou matar o rei deles e me sentar num segundo trono.

— Dois me parece um pouco ganancioso — disse Thomas.

Gabriel o fitou e deu uma risada.

— Você tem razão. Muito bem, Thomas. Eu me curvarei a você em Darien e você se curvará para mim em Shiang. O que me diz?

— Por que vocês estão sorrindo? — perguntou Sanjin ao se aproximar, largando o barril de cerveja no chão com um baque.

— Estamos pensando no futuro — disse Thomas com tranquilidade. — Agora, se eu conseguir encontrar algumas jarras e canecas, proponho um brinde às pedras de Darien. Numa noite como esta, daria azar não fazer isso.

Marias ouvia a conversa deles. Segurava a coleira do Bobo, afastada da luz das tochas. Sabia que Gabriel podia se virar e encontrá-la se quisesse. Ele sempre parecia saber exatamente onde ela estava. Esses eram os momentos que mais doíam, quando pensava que só podia ser Taeshin fitando-a com tanta firmeza. Então o via mover-se com aquela velocidade sobrenatural, ou falar com tamanha frieza que se surpreendia por não a ter matado. Chamara-o de Taeshin sem querer outras duas vezes, mas ele não cumpriu as ameaças. Era a única coisa que lhe dava esperança. O tal Gabriel não a conhecia, mas ainda assim a salvou da mão bruta de Sanjin em seu braço, ainda no começo da jornada. Teria sido apenas uma coincidência Gabriel ter seguido logo à sua frente no alto passo, protegendo-a do frio? Ela pensava que não.

Marias estremeceu com aquela lembrança, parada na escuridão com os braços ao redor do corpo. Que grupo estranho eles formavam. O Bobo era inocente, de certa forma, arruinado demais para saber o que era pecado. Sanjin era um homem de vinganças e ódios mesquinhos. Ela até chegou a alertar Gabriel a respeito do companheiro, mas ele riu dela.

Marias viu Gabriel rir de alguma coisa dita por Thomas e sentiu amor e tristeza. Ele não era Taeshin, não naquele momento. Sanjin se juntou aos outros dois, e Marias instintivamente se afastou de sua maldade. Thomas era gentil, mas também matara sem pensar duas vezes. Ele a assustava, entretanto era mais como uma tempestade. Uma tempestade com certeza pode matar, mas não sentiria prazer nisso. O que não era nenhum consolo, ela pensou. Estava a quase dois mil

quilômetros de casa e de tudo que já conhecera. Os corpos de trabalhadores esfriavam no chão à sua volta, e ela ali, com um imbecil todo esfarrapado preso por uma coleira. Ouvindo os gemidos e sussurros da morte se assentando, ela se sentia suja por tudo o que eles faziam. Mas não fugiria, não enquanto houvesse chance de alguma parte de Taeshin ainda existir. Gabriel se proclamava rei, mas o seu Taeshin era forte, mais forte do que ele podia imaginar. Se existia alguém capaz de achar o caminho de casa, esse alguém era Taeshin.

Marias rezou em silêncio por algum tempo, até Gabriel olhar em sua direção na escuridão, como se o tempo todo soubesse onde ela estava.

— Aí está você, Marias! Você pode ir até a cozinha do acampamento? Meu estômago está doendo de tanta fome.

O estômago não é seu, Marias pensou ao passar por ele, de cabeça baixa. O Bobo a seguiu, sorrindo e completamente alheio a tudo.

Hondo dormia numa cadeira quando o barulho de homens correndo o acordou num sobressalto. Nada como o som de soldados marchando para arrancar um homem do seu sono. Afinal de contas, aqueles que acordavam costumavam sobreviver para ter os próprios filhos. Os que continuaram dormindo não sobreviveram aos séculos sombrios da história.

Hondo ainda estava exausto e um pouco confuso. Ele bocejou, estalou os lábios e olhou em volta para ver o que o acordara. O amanhecer envolvia o quarto numa luz cinzenta, com a rua ainda pálida e desbotada lá fora. Sentado à janela do quarto na Estalagem Vermelha, Hondo tentava enxergar a cidade de Darien em meio à névoa.

Ficou de olhos arregalados quando viu soldados de uniforme verde assumirem suas posições logo abaixo, com outros sumindo de vista ao entrarem no prédio. Tentavam agir em silêncio, mas Hondo sentia a vibração de seus passos. Mais à frente, outros soldados vestindo as mesmas cores espalhavam cavaletes, usados para cortar lenha, pela rua e sinalizavam aos pedestres que dessem meia-volta.

O espadachim se levantou suavemente da cadeira. Só de olhar para a cama viu que Bosin continuava dormindo, num sono profundo e inútil. A febre do grandalhão havia piorado na noite anterior, mas as enfermeiras faziam o possível para amenizar sua temperatura com panos úmidos. Ambas as mulheres enviadas por Burroughs eram de meia-idade e práticas. Viram a inquietação repentina de Hondo e ficaram paradas ao lado do seu paciente, de cabeça baixa.

Hondo olhou para o lugar onde o gêmeo dormia, espalhado sobre uma poltrona e um escabelo. Em casa, era inconcebível que fosse surpreendido dormindo tão profundamente, mas a travessia das montanhas, planícies e florestas em pleno inverno os deixara em pior condição.

Hondo esfregou o queixo, desfrutando da suavidade da pele barbeada e com óleo novamente. O barbeiro o cortou duas vezes, o que não era nada mal para alguém trabalhando com a espada de Je posicionada na sua garganta.

— Je! — chamou Hondo.

O gêmeo saltou de pé como um gato, sua juventude o colocando em alerta no

mesmo instante. Hondo tentou ignorar a pontada de inveja. Ainda estava sonolento. Pelo menos tinha acordado primeiro, apesar de ter o dobro da idade do rapaz.

— Soldados lá fora — disse Hondo, apontando para a janela com a cabeça.

Enquanto falava, já sabia que não havia o que fazer. Estava no coração do território inimigo e não sabia praticamente nada dos costumes locais. Até conseguiria sair pela janela e escapar pelos telhados antes que subissem as escadas, mas para onde iria? Ele hesitou, pensando se seria capaz de abandonar Bosin à mercê de qualquer que fosse a crueldade estrangeira que criariam para alguém como ele. Será que o colocariam numa jaula ou o fariam enfrentar lobos numa arena? Perderiam um bocado de lobos se o fizessem. Hondo praguejou baixinho. Não podia abandonar aquele gigante imbecil, assim como não abandonaria o gêmeo que restara. Certas lealdades crescem dentro de um homem, queira ele ou não.

Enquanto Hondo pensava na melhor forma de defender o quarto, a porta se abriu e um homem entrou. Vinha acompanhado de outros, todos usando emblemas verdes ou armadura da mesma cor. O olhar de Hondo permaneceu no homem. Ele sentiu a boca abrir, sem emitir som algum.

— Então esse é o grandalhão? — perguntou Tellius, antes de ir até a cama e se debruçar sobre o corpanzil. O colchão se mostrou macio demais para alguém com todo aquele peso. Bosin afundara aos poucos, como se tivesse sido sepultado sobre molas frouxas forradas com crina de cavalo. Tellius ergueu os olhos quando Hondo levou a mão ao cabo da espada.

— Agradeço se não a sacar aqui dentro, Mestre Hondo.

Tellius aprendeu o nome do forasteiro e tudo que foi possível extrair de Burroughs e dos funcionários da Estalagem Vermelha.

— Você é Androvanus Yuan-Tellius? — perguntou Hondo, perplexo. Ver o homem que viera capturar simplesmente entrar pela porta era informação demais para processar. Hondo o viu fechar a cara, confirmando a suspeita. Tinha a idade certa, e os traços do jovem rei de Shiang estavam estampados em suas bochechas e sua boca.

— Esse é um nome antigo. Um nome estranho de se usar aqui — respondeu. — Não o escuto desde minha juventude. Ao meu ver, qualquer um que ainda o use não pode ter qualquer autoridade sobre mim, não depois de tanto tempo. Você fez uma longa jornada desde Shiang, Mestre Hondo! Infelizmente não o conheço. Deve ter se tornado espadachim depois que parti.

— Depois que fugiu — murmurou Hondo.

Tellius sorriu, mas não de maneira agradável.

— Vários mestres espadachins queriam a minha cabeça na época. Você nunca foi jovem, Mestre Hondo? Jovens cometem erros dos quais se arrependem depois, se tiverem sorte. Ou com os quais acabam se conformando. Foi o que eu fiz, mas isso não é da sua conta. Agora, se você veio até aqui por minha causa, temo que ficará decepcionado.

— Eu sou o espadachim santo de Shiang — disse Hondo, empertigando-se.

Os soldados não pareceram impressionados, mas Tellius perdeu a cor e deu um passo atrás quando Hondo voltou a falar. — Você não pode me deter, Yuan-Tellius. Vim de muito longe e vi um companheiro ser morto e outro ferido, tudo isso para levá-lo para casa e fazê-lo pagar pelos seus crimes.

— Eu dormi com uma mulher, Mestre Hondo — protestou Tellius, indignado. — Uma mulher que não estava relutante, por sinal.

— Uma mulher que era a rainha! Cujo marido, seu irmão, lutava numa guerra! Mas isso não é um tribunal, meu senhor. Eu não sou o seu juiz. Isso virá em tempo. Agora, eu o levarei de volta ou o matarei aqui mesmo.

— Você não abandonou o seu amigo, nem mesmo quando viu os soldados fecharem a rua — rebateu Tellius. — E agora o deixará para trás para morrer?

— As minhas ordens vêm antes de qualquer outra coisa — respondeu Hondo. O espadachim santo apertou o cabo da espada, e todos no cômodo ficaram paralisados. Tellius estava no centro do quarto, ao lado da cama, com Je às suas costas e Hondo do outro lado.

— Fogo do inferno — disse Tellius em voz alta.

O resultado foi um golpe estrondoso na porta, que pegou Hondo de surpresa enquanto sacava a espada. Por um breve instante, ele olhou espantado para a enorme figura que se revelou em meio à poeira e aos destroços. O Verde Sallet era mais do que apenas uma armadura verde. Marcado com insígnias, ele emitia uma luz verde e era maior do que o homem em seu interior, além de muito mais rápido. Dois anos antes, eles eram seis. No entanto, apenas três continuaram inteiros depois do conflito, mas Lady Sallet estava trabalhando na restauração de um quarto. Eram o maior tesouro de sua casa, e cada um deles tinha um valor inestimável.

Tellius tinha mais consciência das habilidades de um espadachim santo do que qualquer outra pessoa em Darien. Ao dar o sinal de emergência, ele se atirou no chão. Viu de relance Hondo terminar de desembainhar a espada e lançar um rastro de luz em direção ao lugar onde estivera. Tellius sentiu uma dor aguda quando a lâmina raspou seu couro cabeludo. Com um grito, rastejou para debaixo da cama. Não fazia ideia de onde estava o outro guerreiro, ou da extensão de sua habilidade. Um já era ruim o bastante. Tellius tinha esquecido a extraordinária leveza de um espadachim Mazer. Era um pouco como admirar uma ponte ou uma pastagem da época de sua infância, o que o fez balançar a cabeça, admirado, apesar do sangue que escorria do corte.

O lugar mais seguro daquele quarto era debaixo da cama. O Verde Sallet investiu contra Hondo e foi atacado por trás pelo outro espadachim. Os dois guardas Sallet que entraram com Tellius não eram páreo para os forasteiros, mas ainda assim atacaram o gêmeo. Tellius ouvia o choque de lâminas contra armaduras enquanto o quarto todo tremia e voava poeira por todo lado. Basker ficaria furioso, é claro, mesmo que o piso do segundo andar não cedesse. Os Verdes Sallet eram bem pesados, lembrou Tellius. E mais adequados ao combate em ruas de pedra do que saltando sobre o assoalho sustentado por vigas de madeira de uma taverna, mas ele quis ter uma vantagem que nenhum

espadachim de Shiang teria como prever. Essa decisão salvou sua vida, ele pensou, aliviado, olhando para as molas do colchão. Um espadachim santo! O maior dentre os maiores espadachins de uma cidade que reverenciava a habilidade com a longa lâmina acima de qualquer outra coisa. Em outra situação, teria sido uma grande honra conhecer um homem daqueles, ouvir suas histórias ou vê-lo em ação. Tellius se encolheu à visão repentina de uma espada perfurando o colchão, não o atingindo por um triz. Ouviu-se um grande clangor depois disso e a espada foi puxada. Tellius torcia para que o Verde Sallet tivesse pegado ele de jeito.

Depois de algum tempo sem ouvir nada, Tellius rastejou para fora do esconderijo. As duas enfermeiras, espremidas contra a parede, tremiam visivelmente. Foi um pouco estranho ver o espadachim mais jovem caído no chão, desacordado. A orelha do gêmeo sangrava, mas ele era assustadoramente parecido com o rapaz que vira na funerária. Dois soldados Sallet o vigiavam, assustados, temendo que voltasse a se levantar. Tellius percebeu que havia salvado suas vidas ao trazer o Verde. A julgar pelo olhar dos dois, eles pareciam entender isso também.

O Verde Sallet conseguira desarmar um espadachim santo de Shiang, pensou Tellius, admirado. Talvez fosse encontrar um momento para dizer ao jovem soldado ali dentro o que exatamente isso significava. Mas não agora.

A monstruosa figura de armadura imobilizava Hondo numa cadeira, pressionando seu peito com força para que não conseguisse escapar ou se desvencilhar. Uma das gigantescas pernas verdes tinha um movimento arrastado, e os olhos de Tellius se arregalaram ao ver que Hondo a acertara na junta do joelho, fazendo sangue escorrer pela armadura. Naqueles poucos segundos de selvageria, o espadachim identificou uma fraqueza e desferiu um golpe cirúrgico entre as placas da armadura em movimento. Era impressionante. Tellius quase sentia orgulho daquela conquista.

O espadachim santo, por sua vez, ofegava, ferido e arranhado, com sangue escorrendo do nariz. Mas Hondo ainda estava alerta o bastante para encarar Tellius quando este se levantou e bateu a poeira da roupa. Sua espada estava fora de alcance, mas ele se debateu numa tentativa raivosa e frustrada de alcançá-la.

Tellius deu alguns passos e a pegou do chão, admirando a costura preta e laranja do cabo. Com um movimento ágil dos dedos, removeu a trava de bambu que fixava o cabo na lâmina. Ele jogou o cabo no chão e examinou a marca do fabricante na longa haste que se revelara. A lâmina era uma obra-prima, com mil dobras na forja, incrivelmente forte. Hondo ficou imóvel, e Tellius sorriu para ele.

— Não se preocupe. Eu jamais destruiria algo tão belo. — Ele pegou o cabo e montou a espada com mãos experientes. — Pronto. Eu a devolverei para você quando deixar Darien.

— Não posso partir sem você — disse Hondo.

Tellius notou que os dentes do espadachim estavam sujos de sangue. O soldado do Verde Sallet teve que acertar Hondo com muita força para neutralizá-lo.

— Mas acredito que irá. Se eu tivesse mais tempo..., mas são as coisas da vida. A minha oferta é a seguinte: a sua vida e a vida dos seus companheiros. Eu os mantereí em segurança e aquecidos nas celas do palacete Sallet enquanto o seu amigo se recupera. Guardarei suas espadas até que estejam do lado de fora dos muros de Darien, proibidos de voltarem aqui. Você entendeu ou a mão pesada do meu amigo verde tirou o seu juízo?

— Entendi — grunhiu Hondo. — Acho que foi você que...

— Excelente — cortou Tellius. — Mas, afinal, como está o meu sobrinho? Sabe, eu nem o conheci. Ele nasceu depois que parti.

— O rei Yuan-Choji ficou muito satisfeito ao descobrir onde você havia se escondido — disse Hondo. — Ele o culpa pela morte do pai, um homem que adorava. A *mãe* dele tirou a própria vida para seguir o marido, deixando um menino abalado para governar com um regente até atingir a maioridade. O rei o considera um traidor, Yuan-Tellius. Ele nunca parou de procurá-lo, nunca. Pense nisso ao dizer com toda essa empáfia o que fará. Se eu não o levar de volta a Shiang para ser punido, um exército marchará contra Darien. E o que vocês farão? Um único guerreiro verde é capaz de deter um oceano?

Hondo viu o rosto de Tellius perder a cor, como se tivesse sofrido um golpe. Não entendia por que suas palavras tiveram tamanho efeito.

— Darien tem outras defesas, Mestre Hondo — rebateu Tellius. — E, se você as encontrar, esse será o seu último dia.

Ele se esforçou para recuperar a calma, botou a cabeça para fora da porta e chamou mais soldados Sallet. O capitão que entrou parecia intrigado. Hondo observava atentamente e reparou que o tio do rei era tratado com respeito naquele lugar. Tellius chegara longe, ao que parecia, se comandava forças como aquelas. Hondo encarou o guerreiro verde que se movia como o vento, vendo apenas o próprio reflexo. Então se perguntou como Bosin teria se saído contra aquela coisa.

— Amarre bem esses dois, Galen — disse Tellius. — Eles são mortais com qualquer arma. Trate-os muito bem e coloque os dois nas celas da propriedade.

Ele parou para refletir por um momento, pressionando o dedo contra os lábios.

— Agora eles vão despi-los — disse ele a Hondo. — Sinto muito, mas não posso permitir que carreguem armas escondidas, que possam usar para fugir. Pedirei que tragam cobertores para você e para o seu amigo.

Hondo o amaldiçoou e se debateu, mas não conseguia se mover.

— E quanto ao grandalhão deitado na cama? — disse Galen.

Tellius deu de ombros.

— Agradeça aos céus por ele não ter entrado na dança e ajudado os outros dois. A julgar pelo tamanho dele, eu teria precisado de mais de um Verde. Mas sim. Botem-no numa carroça e o levem também. Ah, e vocês precisarão pagar Basker pela parede. Sejam generosos. Ele não poderá alugar o quarto enquanto não for consertada.

Invasão

Gabriel avistou a vila pela fumaça branca que subia das chaminés. A noite caíra quase imperceptivelmente enquanto ele e os outros caminhavam por mais um longo dia. Marias mancava muito, mas ele resistira ao desejo de curá-la — uma pequena vitória que lhe deu ânimo. Lorde Ran estava esquelético. Gabriel suspeitava que o homem estivesse se matando propositalmente para não ter de servir a ele. Ele se certificaria de que o lorde comesse bem de agora em diante, determinado a proteger o único que entendia as pedras.

O vilarejo não passava de três ou quatro ruas que se cruzavam, rodeadas de campos para cultivo. Gabriel conseguia sentir o cheiro de ferro quente e brasas de uma forja numa das ruas e a doçura de cerveja velha, sinalizando uma taverna ou outra. À luz do luar, ele e os companheiros passaram por casas às escuras com as cortinas fechadas como se fossem as únicas pessoas vivas no mundo.

Sanjin ia na frente, confiante nos seus poderes. O calor o seguia pelo ar noturno. Gabriel não sabia se queria que ele preservasse um recurso que poderia ser vital ou que aquele tolo o esgotasse de vez. Não gostava do Sanjin que chegou ao outro lado da montanha. Certos homens eram calmos e dignos em posições inferiores, mas tiranos quando tinham poder. Pelo visto, Sanjin era um deles. Vestia sua arrogância como a um manto, e Gabriel percebia como ponderava sempre que lhe pedia alguma coisa. Ele poderia ser forçado a fazer alguma coisa? Não, isso ficara para trás. Gabriel pensou que talvez conseguisse matá-lo, mas nunca o forçar a carregar um escudo ou a fazer o reconhecimento da região, não se Sanjin se recusasse.

Uma coruja piou nas árvores atrás deles, e Gabriel ouviu um cavalo bufar por perto. Ele respirou, aliviado. Marias mal conseguia dar mais um passo. Gabriel suspeitava que só estivesse bem por ter curado seu próprio cansaço ao longo do caminho. Se fosse este o caso, era algo além de uma decisão consciente — um desperdício de poder, como Sanjin fazia ao atear fogo em árvores mortas na floresta, deslumbrado com o que era capaz de fazer. Não podia deixar que o oceano secasse, não antes de conseguir outra pedra.

Gabriel parou diante de um portão largo e o abriu, entrando num quintal iluminado apenas por um feixe do luar. As baías ficavam abrigadas do vento e da chuva e estavam imersas na escuridão, de maneira que mal se percebia o movimento dos cavalos botando a cabeça para fora. Como eram curiosos,

pensou, aproximando-se para acariciar um dos animais. O cavalo parecia satisfeito apenas por farejá-lo em busca de comida.

Gabriel esperava ouvir algum tipo de alarme, mas a casa seguia adormecida, sem nenhum barulho. Ele viu uma lamparina a óleo pendurada num prego e olhou ao redor à procura de Sanjin para que a acendesse. Não o viu em lugar algum e Gabriel precisou catar uma pederneira e um riscador, que encontrou numa prateleira ali perto. Ele sorriu, ao imaginar o dono do estábulo colocando as ferramentas onde pudesse encontrá-las, mesmo no escuro. Estavam muito longe de casa, mas as pessoas ainda pensavam nas mesmas coisas. Ainda se preparavam para invernos rigorosos e tomavam conta dos cavalos. Erguiam uma cidade como Darien e não sabiam o que tinham, ou que tudo podia ser tirado delas.

Ele envolveu o pavio com as mãos e desfrutou da luz que brotava. Não batia uma brisa no estábulo, mas ele recolocou o vidro mesmo assim, como teria feito qualquer proprietário cuidadoso. Era um lugar bem-cuidado, organizado. Gabriel ergueu a lamparina e viu o formato da cabeça de dezenas de cavalos na abertura das baias.

Um cachorro começou a latir e rosnar loucamente. Gabriel praguejou entre os dentes.

— Sanjin? Onde você está?

A luz do candeeiro não iluminava longe o bastante para lhe dar uma resposta, então ele seguiu em frente. Naquele momento, não queria estragar o sono da casa de alguém com mais sangue e violência. Só queria selar alguns cavalos e partir, deixando as pessoas com suas vidas em paz.

Uma silhueta escura veio correndo pelo quintal na direção deles, um animal grande enlouquecido de fúria à visão de intrusos. Gabriel estalou a língua, mas ergueu o candeeiro com uma mão e com a outra golpeou o cachorro com sua espada quando ele o alcançou. A espada que empunhava podia não cortar aço para ele, mas era uma lâmina de pouco mais de um metro, e ele a fez cantar.

O latido foi silenciado e ele seguiu em frente, até que a luz do candeeiro revelou uma casa comprida e baixa do outro lado do quintal. Ele logo reconheceu os ruídos que ouviu, batidas e gritos abafados. A sensação de paz de pouco antes se foi como a geada da manhã. Para onde quer que fosse, a violência o acompanhava, pensou Gabriel. Talvez não fosse algo que pudesse evitar.

Sanjin saiu da casa sorrindo de satisfação e balançando a cabeça. Ele viu Gabriel ali parado, e a sombra escura de Thomas se aproximando às suas costas. Encaravam o soldado manco como se estivessem de lados opostos. Sabiam que Sanjin sentia a censura em seus olhares. Havia sangue na manga de sua camisa. Ele acompanhou o olhar de Gabriel até a mancha e ergueu a mão, em um gesto defensivo.

— Eu cuidei da família. Não se preocupem. Eles não vão dar nenhum alarme, não agora.

— “Da família?” — respondeu Gabriel em voz baixa.

Sanjin não entendeu o alerta em sua postura ou não dava a mínima, o que era

mais provável.

— Pai, mãe e três filhas. Uma família. A menina mais velha disse que faria qualquer coisa para salvar os outros. — Ele riu com a lembrança e sacudindo a lâmina ensanguentada com um gesto brusco, espirrando sangue nas pedras do quintal. — Podia ter feito ela dançar mais um pouco, mas sei que vocês estão com pressa.

Ele pareceu sentir a raiva ou a reprovação nos outros e ficou indignado, subitamente irritado.

— *Não* me agradeçam então! Vocês preferiam que eles fossem correndo para as outras casas, é? Quantos mais vocês teriam de matar então, se viessem para cima de nós?

— Você tem razão, é claro — disse Gabriel, que esperou ele se acalmar. — Escolha um cavalo, Sanjin. Não vou ficar neste lugar. A cidade está próxima, e eu estou cansado.

— Está bem — disse Sanjin. O homem esperava uma discussão que os outros não lhe deram. Ainda parecia incomodado com alguma coisa, insatisfeito, mas foi até os cavalos. Ao longo das baías, os candeeiros acenderam sozinhos, um seguido do outro, e lhe forneceram luz, faltando apenas o que Gabriel tinha nas mãos. Sanjin o fitou com uma expressão de triunfo depois daquela exibição de poder. Gabriel inclinou a cabeça para ele, mas, quando se virou para Thomas, os dois trocaram um olhar que marcava a morte do homem.

— Nós precisamos dele — murmurou Gabriel.

Thomas assentiu num gesto quase imperceptível.

— Sim, por enquanto.

Como aconteceu ao cão que veio rosnando pelo quintal, eles o abateriam como uma ameaça a todos. Quando conseguissem as pedras, quando Sanjin tivesse esgotado o oceano que trazia dentro de si, quando estivesse fraco, eles o mandariam de volta para o lugar cinzento sem arrependimentos.

Ninguém mais do grupo entrou na casa. Marias e lorde Ran ficaram num silêncio entorpecido até que cavalos foram entregues aos dois. Thomas conferiu se os animais tinham mordido o freio e conferiu o ajuste das selas. Ele ajudou Marias a montar, usando as mãos como degrau.

— Que tipo de homem mata crianças? — sussurrou ela.

Thomas fez uma careta.

— Você vai conduzir o cavalo do Bobo — disse ele, ignorando a pergunta. — Não peguei uma rédea longa para puxarmos o seu cavalo, então avise se ele cair ou pular do animal. Se você tentar fugir, eu mesmo passo por cima de você. Entendido?

Ela assentiu, com olhos acusadores. Thomas sacudiu a cabeça em um gesto involuntário, e se afastou para ajudar lorde Ran a montar e amarrar suas mãos ao pito da sela.

Quando estavam todos prontos, Gabriel conduziu o grupo. Thomas e Sanjin seguiam lado a lado e os outros trotavam miseravelmente mais atrás. Os candeeiros se apagavam um a um à medida que Sanjin atravessava o portão,

devolvendo a casa à escuridão e ao silêncio.

Tellius parou a líder da família Sallet com um toque em seu braço.

— Não chegue ao alcance dele, Win. Prometa. Um espadachim santo é... sempre perigoso. Cem mil mestres espadachins competem a cada doze anos, uma vez por geração. O homem nesta cela foi quem derrotou a todos.

— Você já me disse isso, querido — respondeu Win. — Francamente, você acha que eu nunca falei com criminosos perigosos nessas celas?

Ele riu, lembrando a primeira vez que a viu, acorrentado à mesma mesa à qual Hondo agora se sentava.

— Tente não se apaixonar por esse aí, está bem?

Lady Sallet assentiu, mais séria. Via uma preocupação real no homem que agora a cidade chamava jocosamente de seu consorte. O que, de certa forma, era um elogio.

— Prometo que tomarei cuidado.

Tellius assentiu e abriu a porta, entrando primeiro. Se fosse qualquer outra porta na cidade, teria lhe dado passagem, mas jamais permitiria que ela entrasse à sua frente na cela onde havia um espadachim santo.

Tellius olhou para as correntes que imobilizavam Hondo. Pelo visto, o capitão da guarda Sallet levava seus comandos a sério. Grossos elos de ferro tilintavam ao menor movimento, e a corrente passava por uma argola enorme soldada à mesa. Tellius a sacudiu com força, testando sua integridade. Ele puxou as duas cadeiras livres e só então convidou Lady Sallet a se sentar.

— Pronto — disse. — Mestre Hondo, gostaria de apresentá-lo a Lady Sallet. Conselheira do rei e líder de uma das primeiras famílias de Darien.

— É um prazer — disse Hondo. — Sinto muito por não me levantar para beijar a sua mão.

O bom humor durou o tempo necessário para proferir aquelas palavras, e então ele franziu o cenho para Tellius.

— Não recebi água nem comida desde que cheguei. Nem tive permissão para... — Ele olhou para Lady Sallet e Tellius e reprimiu um sorriso. — Tomar banho. Se serei um prisioneiro, não esqueça que um dia você pode estar no meu lugar.

— Darei as ordens necessárias, meu senhor, no momento em que deixarmos esta cela — disse Lady Sallet.

Hondo a observou, tentando avaliar seu relacionamento. Mais jovem do que Tellius, ela era uma bela mulher. Usava um vestido de veludo verde decotado sobre uma blusa branca. O efeito era um ar de simplicidade, e ele se pegou admirando-a. Com esforço, Hondo se concentrou em assuntos mais sérios.

— E quanto aos meus companheiros?

— O gêmeo está retido em condições muito semelhantes a estas — respondeu Tellius. — Lhe entregamos a urna com as cinzas do irmão e ele não disse uma palavra. Ele é mudo?

— Não — disse Hondo. — Mas não desperdiça palavras. Talvez não tenha

nada a dizer a um traidor.

Tellius ficou tenso e olhou de relance para Lady Sallet. O sujeito valorizava a opinião que a mulher tinha dele, percebeu Hondo. O que era interessante. Ela arqueou uma sobancelha, mas seu olhar jamais saiu do homem que acorrentara numa cela no subsolo do palacete da família. Hondo se perguntou quão difícil seria fazê-lo desaparecer como se jamais tivesse pisado em Darien. Ao fitar aqueles olhos azuis frios, suspeitou que não fosse nem um pouco difícil.

— Eu não sou um traidor, Mestre Hondo, apesar do que lhe disseram. Cometi um erro quando era jovem, e me arrependo amargamente. Também sinto muito que o meu sobrinho se ocupe tanto com as cinzas do passado, mortas há tanto tempo como devidamente estão, a ponto de mandar quatro espadachins até Darien. Para quê, me sequestrar na rua?

Hondo deu de ombros.

— Se fosse preciso, sim. Minhas ordens foram levá-lo de volta para ser colocado perante o seu acusador. — Ele agitou as correntes. — Se você me libertar, ainda pode voltar para casa.

— Eu *estou* em casa — rebateu Tellius. — É uma pena que não entenda isso.

— E quanto a Bosin? — prosseguiu Hondo sem fazer uma pausa. — Ele acordou? A febre baixou?

— Mestre Burroughs disse que o pulmão dele foi comprometido — disse Lady Sallet. — Está tomado por um muco tóxico e agora está fraco demais para tossir e expeli-lo.

Hondo olhou para as mãos acorrentadas por um momento. Pelo jeito não esperavam que o grandalhão se recuperasse. Ficou surpreso com a forma como a notícia o abalou e mordeu o lábio, pensativo.

— Então ele vai morrer — disse Hondo, que hesitou antes de prosseguir. — Vocês têm magia. Guerreiros verdes, pedras com um... brilho estranho nos muros. Vocês conseguem curá-lo?

— Lorde Canis... — começou Lady Sallet, curvando-se para a frente.

Tellius passou o braço na frente dela, lembrando que não deveria se aproximar demais do homem mais perigoso da cidade.

— Não, nós não podemos salvar o seu amigo. O preço é alto demais, e, se fosse possível pedir permissão a esse tal de Bosin, ele não estaria disposto a pagá-lo.

— Então vocês *poderiam* curá-lo? — perguntou Hondo. — Mas escolheram não fazer isso. Ele é seu prisioneiro. Se Bosin morrer e vocês tivessem podido salvá-lo, o sangue dele estará em suas mãos.

— Não é um pensamento que me perturba, exatamente — disse Tellius. — Não pense que este povo é fraco, Mestre Hondo. Aprendi a amá-los durante meus anos deste lado do mundo, mas eles podem ser implacáveis. Reze para jamais precisar colocar à prova o que lhe digo.

— Então ficarei preso até Bosin se recuperar ou morrer, mas vocês acreditam que ele não vá viver. Por que não o mata enquanto dorme, Yuan-Tellius? Se os seus novos amigos são tão terríveis? Pelo menos assim eu saberia se você irá

honrar a sua palavra e devolver a minha espada!

Hondo gritou a última frase e tentou se levantar. As correntes o mantiveram no lugar, mas rangeram. Tellius se levantou no mesmo instante e conduziu Lady Sallet para fora da cela, então fechou a porta. Ele gesticulou com a cabeça para o guarda a postos no corredor.

— Fique de olho nele pela janela. O tempo todo. Se ele escapar, levará caos à cidade, entendido? Precisamos de um Verde Sallet para conseguir capturá-lo e por muito pouco ele não o abateu.

O jovem assentiu e se encostou à porta para ver o homem que se debatia contra as correntes dentro da cela.

— E confira as correntes! — instruiu Tellius. — Junte três ou quatro homens, sem armas que ele possa pegar, para testar cada elo e garantir que estejam todos inteiros.

Enquanto falava, ele guiou Win na direção das escadas, que levavam à luz do sol e ao mundo acima.

— Lorde Canis pode salvar o amigo dele — disse ela baixinho.

— Você sabe a que custo — rebateu Tellius. Ele notou a surpresa de Lady Sallet e se arrependeu no mesmo instante. — Sinto muito, Win. É só que... eu não faria aquilo com ninguém. Ninguém da família Canis é certo da cabeça, e a culpa é daquela maldita pedra. Você sabe da filha dele?

— É claro. Uma coisa pavorosa. Eu entendo, mas, se você quer que esses homens de Shiang parem de caçá-lo, terá de tomar decisões difíceis. Eu só queria que considerasse falar com lorde Canis. Há outras alternativas.

Tellius balançou a cabeça.

— Eu não os matarei, Win.

— Aquele ali o mataria. Num piscar de olhos. Dá para ver pelo jeito que ele olha para você.

— Talvez, mas ele é um homem de honra. Então eu diria que prefiro não os matar. Mas, se não houver escolha...

— Peça a Galen para fazê-lo. Ele sabe o quanto você é valioso para mim. Se precisar acabar com três prisioneiros para mantê-lo ao meu lado, ele não verá problema.

— Não, meu amor, eu não farei isso. Se chegar a esse ponto, há certas coisas que um homem precisa fazer com as próprias mãos, por mais desagradáveis que sejam.

O sol se levantava ao leste quando ele e Lady Sallet subiam os últimos degraus da escada. Passaram por duas barreiras de ferro e outra presa à parede, que só abriu pois Lady Win carregava uma peça que abria as celas no bolso do vestido. Qualquer um que tentasse passar sem uma dessas peças era reduzido a uma poça pegajosa no belo chão de pedra. Assim como os Verdes Sallet, era uma magia antiga. Ela se perguntou se um dia deixaria de funcionar e ela ou Tellius seriam destruídos pelas forças que se ocultavam nas paredes.

— Yuan-Tellius? — perguntou ela ao se deparar com o sol nascente.

Ele suspirou e fechou os olhos por um instante.

— É um nome de família. Não faz mais parte de mim. Foi em outra vida, meu amor.

— Por que ele te chamou de traidor? — questionou ela baixinho. Ao falar, enrolou a mão no pano da saia, em um gesto reconfortante.

— Eu tive um caso com a esposa do meu irmão. Fomos descobertos, e eu fugi, em vez de encará-lo. De acordo com o nosso amigo da cela, eles não se resolveram depois disso. Por anos eles tentaram fazer as pazes. Chegaram a ter um filho e herdeiro por obrigação, mas depois disso meu irmão ficou doente e morreu. A esposa foi logo depois, quando o rei ainda era um menino.

— Eles deixaram o filho sozinho? — perguntou suavemente.

Tellius fechou o punho.

— Sim. Pelo visto, sou responsável por muita dor e sofrimento. O filho me culpa pela perda dos pais. Acredite, não tenho nenhum orgulho disso. Eu acreditava ter deixado tudo isso para trás.

— Mas o rapaz não devia culpá-lo, não por tudo.

Tellius esfregou os olhos, que ardiam.

— Se eu sou a causa de tudo, talvez ele deva.

— Eu não deixaria que te levassem — disse Lady Sallet com firmeza. — Você agora é um homem de Darien.

Ele sorriu, mas com tristeza.

— Ah, meu amor. Eu queria que isso fosse verdade, ou toda a verdade. Mas as minhas memórias vão muito além, para um tempo e um lugar diferentes.

O portão principal da propriedade foi aberto para dar passagem ao capitão Galen a cavalo. Como Primeiro Espadachim da guarda Sallet, era um dos poucos que não pertenciam às Doze Famílias com permissão para montar um cavalo de guerra nas ruas da cidade. Galen desmontou do cavalo e saudou sua senhora de forma admirável. Com os anos, ele e Tellius se acostumaram um ao outro. Galen entendera que o homem mais velho jamais permitiria que Lady Sallet se machucasse. Nesse quesito, os dois estavam de perfeito acordo.

— Milady... Tellius — cumprimentou ele. — Vocês pediram para ser informados se mais homens de Shiang chegassem à cidade. Recebi uma mensagem do portão norte. Os guardas pararam um grupo de seis cavaleiros, que se recusaram a dar maiores explicações.

Os olhos de Tellius se arregalaram.

— Convoque a sua guarda, Win. Todos os homens. E os três Verdes Sallet.

— É um ataque? — perguntou Lady Sallet.

— Espero estar enganado. Galen, preciso do seu cavalo. Preciso ir ver esse grupo.

— Não vou te dar o meu cavalo — disse Galen. Ele viu Lady Sallet erguer os olhos e prosseguiu antes que lhe desse uma ordem. — Mas, se subir na garupa, eu o levarei até lá.

— Avise as outras famílias, Win — disse Tellius. — Bote as milícias nas ruas. Se eu estiver enganado, tudo não passará de um exercício. Se eu estiver certo... reze para eu não estar certo.

Gabriel sentia o calor emanando de Sanjin, apesar das ordens muito precisas que dera. O tamanho de Darien era assustador. As muralhas de mais de trinta metros de altura eram visíveis a quilômetros de distância nas estradas que levavam à cidade. Os próprios portões eram compostos de enormes vigas de madeira e ferro preto, dispostos em novas fortificações espessas o suficiente para resistir a um exército. Quando se aproximaram da cidade, Gabriel discutira qual seria a melhor abordagem com Thomas e Sanjin. O sol estava nascendo, e eles estavam descansados. Os portões da cidade estavam fechados e via-se uma longa fila de carroças, onde famílias dormiam à espera de sua vez de entrar.

Gabriel cavalgou até o início da fila e mostrou um pedaço de espada para o único homem que protestou. Foi o suficiente para manter os demais calados. Havia poucas leis do lado de fora das muralhas e só algumas a mais do lado de dentro. Os comerciantes teriam defendido suas mercadorias com espadas e machados, mas não arriscariam suas vidas para punir os maus modos daquele bando mal-encarado. Quando os portões finalmente foram abertos, Gabriel foi o primeiro a passar.

Ele se viu numa rua estreita, com barreiras de sacos de areia que afunilavam o caminho até um ponto de controle com soldados sonolentos. Não entendia como aquilo deveria funcionar. Os sacos de areia só formavam uma barreira em teoria — ele podia apertar os calcanhares e fazer seu cavalo saltar sobre as pilhas num piscar de olhos. Mas tinha concordado em conversar primeiro. Ele, Sanjin e Thomas eram predadores que circulavam disfarçados entre cabras e ovelhas. Decidiria se levantariam informações sobre o que precisavam ou simplesmente atravessariam o coração da cidade com uma espada. Paz ou guerra. A escolha estava em suas mãos.

— Qual é o motivo da sua vinda a Darien? — perguntou o primeiro guarda.

O homem usava uma armadura de placas esmaltadas que se sobrepunham em tiras do peito até as coxas, rangendo e estalando a cada movimento. Ele trazia uma adaga embainhada no peito e uma espada longa na cintura. O que era estranho, pensou Gabriel. Aqueles guardas estavam equipados para uma batalha, não para interrogar comerciantes e fazendeiros.

O guarda estava começando a demonstrar leves sinais de alerta ao abordar o grupo. Seus olhos saltaram de Thomas para Sanjin — e, é claro, Sanjin o encarava como um bárbaro. E havia lorde Ran, com as mãos atadas e o semblante abatido e amargurado. Por fim vinham Marias e o Bobo, ainda de coleira e guia. Ele olhava em volta como uma criança, chiando suavemente para si mesmo.

— Nós somos mercenários — disse Gabriel. — De Shiang. Ouvi dizer que a cidade está contratando.

Um menino que estava próximo ao portão subitamente girou nos calcanhares e saiu correndo para uma das ruas principais. Gabriel o observou ir embora, esperando os guardas se acalmarem.

— Mercenários? Vocês podem conseguir trabalho, com certeza. Mas esse aí está de mãos amarradas — disse o guarda. — Onde ele entra nessa história?

Outros dois guardas pararam de fazer sua primeira caneca de chá do dia e

foram ver o que segurava a fila. Quando Gabriel fechou a cara para eles, um cão enorme saiu da pequena guarita. Ele sentiu um aperto no peito. Nunca gostou de cães. Como já era de se esperar, o animal começou a rosnar ao encará-lo, sentindo a ameaça.

— É um belo cão — disse Gabriel, forçando um sorriso.

O guarda assentiu.

— É, mas ele não gosta muito de *você* — disse o homem, analisando Gabriel de cima a baixo.

Ele não parecia estar com pressa alguma de deixá-los passar, e os mercadores que vinham atrás já estavam sendo encaminhados para outra fila. Gabriel sentiu o rosto corar ao ver aquelas famílias que os observavam com satisfação, achando que os fura-filas estavam encrencados.

— Por que suas mãos estão amarradas, filho? — o guarda perguntou para lorde Ran.

O homem ergueu seus olhos vazios e sacudiu a cabeça.

— Corra — disse ele num gemido. — Só corra.

O guarda recuou e sacou a espada no mesmo movimento. Num instante, meia dúzia de homens armados estavam fazendo o mesmo e o enorme portão começou a se fechar atrás deles. Gabriel não se incomodava em ser trancado dentro da cidade. Eles é que deviam estar preocupados por estarem trancados com ele. A luz do sol foi encoberta à medida que o portão foi se fechando e uma espécie de silêncio cobriu aquela parte das muralhas enquanto todos que estavam por perto tentavam ver o que acontecia.

— Onde estão as pedras? — perguntou Gabriel com um tom de voz irritado. Apesar de sua paciência, a chance de resolver tudo na conversa escorria pelas mãos.

— Peça que o senhor desça do cavalo — disse o guarda. — Movendo-se lentamente, para não alarmar ninguém.

Gabriel sentiu algum movimento acima. Adentrara os portões o bastante para ver que, no alto, havia meia dúzia de soldados com bestas apontadas para o seu coração. Levantou a cabeça devagar e sorriu para eles. Sanjin já irradiava calor, como se estivessem próximos a um forno. Thomas observava Gabriel, pronto para entrar em ação. Lorde Ran se encolheu e começou a gemer de medo.

— Thomas? — disse Gabriel. — Acho que vamos fazer do seu jeito agora.

Thomas assentiu, e os portões do inferno foram abertos.

Contato

Lorde Bracken foi arrancado de seu sono como se tivesse tomado um soco no estômago. Ele se levantou, inspirando profundamente, e soltou o ar num grito de raiva. Os dois cães enormes que dormiam ao pé da cama levantaram num salto e rosnaram à procura de um inimigo. A porta do quarto foi escancarada logo em seguida, quando o guarda noturno a chutou e entrou de espada em punho.

— Fiquem! — Bracken ordenou antes que os cães atacassem o homem. O som de patas se aproximando podia ser ouvido a distância. Bracken tinha poucos criados, ainda assim sua propriedade possuía as melhores defesas de Darien.

— O que foi, milorde? — perguntou o guarda, esquadrinhando o quarto à procura de uma ameaça.

Lorde Bracken se levantou e esfregou o rosto.

— Um de meus cães acabou de ser morto, o do portão.

Ele se virou para os dois cães que o observavam, sentados e em silêncio. O guarda não se surpreendeu quando o lorde falou com os dois.

— Vão até o portão e observem, mas não se aproximem. Sejam meus olhos e ouvidos.

Os cães partiram, passando pelo guarda. A expressão de Bracken ficou mais fria quando os animais se foram.

— Traga minha cota de malha e a minha espada. A cidade está sendo atacada. Pelo visto, Tellius tinha razão.

O sol mal havia surgido no céu quando Tellius e o capitão Galen chegaram ao fim da rua que levava ao portão norte. Metade da cidade ainda estava acordando, bocejando no calor e na segurança de suas casas, enquanto os comerciantes e padeiros já estavam nas ruas. Mas, ao redor do portão, o ar vibrava e tremia. Tellius e Galen trocaram um olhar quando gritos e disparos ecoaram nos telhados próximos. Tellius desceu do cavalo, olhando para os clarões e ruídos de combate, furioso. Ele sentia o cheiro de pólvora no ar. A luz de chamas lançava sombras amareladas nas paredes e o chão tremia.

Tellius praguejou e subiu correndo um lance de escadas a céu aberto. No alto, debruçou-se sobre uma sacada de ferro fundido para ver o que acontecia. Ele e

Galen estavam a uns vinte metros de distância, uma rua acima, e protegidos pelas casas da esquina. Tellius murmurou consigo mesmo e forçou a vista. Seus olhos já não eram mais tão precisos quanto foram um dia. A comoção em torno do portão estava mais para um enxame de abelhas voando em círculos do que para inúmeras linhas de combate forçando a entrada. Ele desviou instintivamente de algo que passou zunindo por sua cabeça e acertou uma telha.

— Uma milícia está chegando! — disse Galen, olhando para a rua atrás deles.

A cidade não foi pega desprevenida, e Tellius agradeceu à Deusa e à Lady Força por isso. Se aquela fosse a onda, metade de Darien estaria armada.

Ele ficou boquiaberto ao entender o que via.

Nas passarelas no alto das muralhas, soldados com bestas e pistolas atiravam e recarregavam tão rápido quanto eram capazes. Mas seus esforços pareciam ser em vão. Quando olhou para o outro lado da rua, Tellius viu homens começarem a gritar e se debater como se estivessem em chamas. E percebeu que era exatamente isso o que acontecia. Não via nada parecido desde Nancy, dois anos antes. Não havia sinal de suas tramas de fogo no ar, mas ainda assim os homens queimavam. Estavam usando magia, e Tellius não conseguia identificar a fonte, muito menos pensar em como combatê-la. A não ser pela força. Na dúvida, mande homens com ferro.

O plano nunca foi deixar o inimigo entrar na cidade antes de lidar com ele. Como todos os outros, Tellius esperava um exército, e não um pequeno grupo montado em cavalos tão esqueléticos que poderiam ser varridos pelo vento a qualquer instante.

Mas não foram. Ele via os atiradores caírem no chão, queimando e soltando uma fumaça escura e espessa acima dos portões. Tellius se curvou ainda mais sobre a sacada e congelou de repente, como se o tivessem transformado em vidro. Durou um instante, então ele se virou e correu escada abaixo e seguiu para a rua, em direção ao portão. Ouvia Galen praguejar às suas costas, mas precisava confirmar o que vira.

Três homens estavam no centro do caos, a pouco mais de dez metros de distância. O próprio ar parecia se mover ao redor do trio, e, atônito, Tellius viu lanças e flechas percorrerem suas trajetórias em arco até pararem e arderem em cinzas.

Ele ouviu o som de cascos às suas costas quando o homem no comando o avistou parado ali, sozinho. O sujeito soltou uma gargalhada, mostrando dentes muito brancos. Era um espadachim Mazer. Tellius reconhecia os olhos amendoados e a forma como se movia. Balançou a cabeça, a mente em um turbilhão de pensamentos. De relance, viu Galen se colocar entre ele e o homem e agarrou o braço que lhe oferecia, permitindo-se ser puxado para a garupa do cavalo.

Tellius sentiu uma onda de calor nas costas enquanto o cavalo seguia galopando. Galen foi obrigado a pegar outra saída, e eles entraram numa rua cheia de homens marchando, a caminho do portão. Tellius acenou ao oficial no comando para que passasse.

— Cinco homens e uma mulher — disse ele, arfando.

Informações eram vitais nos primeiros momentos de um ataque, quando todos faziam as mesmas perguntas. O oficial o ouviu com uma expressão grave e concentrada.

— Três parecem estar na liderança. Eles têm algum tipo de magia ofensiva, calor certamente, mas eu não sei o que mais. Precisamos de ajuda. Os Verdes Sallet, o escudo Regis, a espada De Guise. Tentem manter a posição para mantê-los perto do portão, mas, cabo, recue se necessário.

— Obrigado, senhor — respondeu. Menos de um mês atrás, ele era padeiro num pequeno hotel, mas bateu continência com rigor e gesticulou aos cem homens para que marchassem quando Tellius e Galen partiram a galope.

— Entre na próxima rua à esquerda — disse Tellius.

Galen olhou para trás de soslaio.

— Tenho que voltar ao palacete, senhor. Preciso mobilizar os Verdes e a força principal. Meu trabalho é estar lá.

— E estará, mas antes preciso de lorde Canis — disse Tellius. — Não me faça descer deste cavalo, Galen. Não posso perder tempo correndo até lá. Chega de medidas meia-boca. Eu preciso fazer isso.

Galen apertou as rédeas com força, mas sabia que Lady Sallet estava em segurança na propriedade. Ele fez a curva sem reduzir a velocidade, e o cavalo patinou nas pedras escorregadias.

— Sem quebrar meu pescoço, de preferência — acrescentou Tellius, segurando-se com mais força.

A propriedade Canis ficava a menos de dois quilômetros dali, do outro lado da cidade. Com as ruas ainda livres do tráfego intenso, chegaram em minutos. As ruas estavam tranquilas, sem o menor sinal de pânico e nem mesmo de conhecimento da ameaça que sofriam. Se não detivessem o ataque em pouco tempo, isso logo mudaria. Tellius desceu, escorregando das ancas do cavalo.

— Vá em frente, Galen. Irei assim que puder. Leve as informações ao palacete. Envie alguém até Regis e De Guise, e lembre-os de que não estavam lá há dois anos.

Galen partiu a galope, e Tellius foi até o portão de ferro preto da Casa Canis. E foi parado imediatamente por guardas que saíram para recebê-lo, já reagindo à comoção na rua.

— Vocês me conhecem, ou deveriam — disse Tellius. — Então um de vocês corra até o seu mestre e diga que Androvanus Tellius pede desculpas e solicita sua permissão para usar a Pedra Canis em um homem.

O guarda mais velho assentiu com a cabeça para o mais novo, que saiu apressado pelo caminho de acesso ao palacete. Dava para ver a Casa Canis da rua. Tinha uns seis andares e era mais urbana que a sede da maioria das famílias. Tellius admirava o estilo do lugar, mas preferia os terrenos mais amplos da propriedade Sallet ou do palácio real.

Por algum tempo não havia o que fazer, e Tellius aguardou sob o sol da manhã. A rua estava estranhamente silenciosa, percebeu ele, como se a população

tivesse percebido que havia algo de errado. As pessoas que passavam por ele andavam depressa.

— Lady Sallet está ferida, senhor? — perguntou um dos guardas.

— Eu não viria ao seu mestre se estivesse — rebateu Tellius. — Não, a cidade está sendo atacada. Portão norte. — Ele viu o homem empalidecer.

— Eu tenho família lá — disse o homem, trêmulo.

— Não é um exército. Se ficarem dentro de casa, eles devem ficar bem. — Tellius não sabia se era verdade, mas precisava que o homem se concentrasse.

Ambos avistaram lorde Canis ao mesmo tempo. O senhor da casa vestia um sobretudo preto com calça cinza-escura, camisa branca e um paletó preto. Seus sapatos estavam tão polidos quanto um criado seria capaz de deixá-los. Canis carregava uma bolsa de couro e parecia mais um médico real do que Burroughs jamais conseguira ao caminhar ruidosamente sobre o cascalho. Os homens se apressaram para abrir os portões, e uma carruagem preta puxada por uma parelha de cavalos saiu da lateral da casa.

— Muito bem. Imagino que não desperdiçaria o meu tempo, Mestre Tellius — disse lorde Canis. — Entre. Explique no caminho.

Tellius o cumprimentou com a cabeça, aliviado. Jamais poderia gostar de um homem tão frio, ainda mais depois de entender a fonte de tal frieza. Apesar disso, acreditava que era a decisão certa.

— Palacete Sallet — disse Tellius ao cocheiro. — Como se a sua vida dependesse disso.

Ele bateu a porta e afundou no assento de couro macio, preto como a carruagem e os cavalos que a puxavam.

— Daria para alugar isto aqui para funerais — disse o velho, correndo os olhos pelo interior da cabine.

Lorde Canis não sorriu, continuava empertigado no assento oposto ao de Tellius. A bolsa preta estava apoiada sobre seus joelhos, com suas mãos por cima para protegê-la.

— Eu fiz mais do que a minha parte, Mestre Tellius. Você me chamou e eu vim, com a pedra da minha família. Ofereci ajuda aos seus preparativos, como prometi que faria. Diga-me, então, o que é tão urgente e tão desesperador para que você procure os Canis?

— A cidade está sendo atacada, milorde — disse Tellius. Era difícil não responder à altura com as emoções controladas. Mas não havia como igualar o olhar gélido que analisava tudo o que via e considerava que o mundo não era suficiente.

— Entendi. É o ataque prenunciado por Lady Forza?

— Não sei, milorde. Ainda não. Mas vi grandes forças em ação. Seria tolice minha não levar a ameaça a sério.

— Mas esteja atento, senhor. Nossos inimigos podem ser ardilosos.

Tellius piscou os olhos por um instante, mas eles se aproximavam rapidamente da propriedade Sallet. Sua porta já estava aberta para que descesse antes mesmo de pararem.

— Abram o portão — gritou Tellius. Ele viu Galen aparecer na passarela e assentir para os homens abaixo.

Os portões foram escancarados, e a carruagem preta entrou num pátio onde soldados corriam para todos os lados.

— Capitão Galen! — Tellius chamou quando os portões foram fechados. — Peça para que sirvam chá a lorde Canis, está bem?

— Aonde o senhor vai, Mestre Tellius? — perguntou o lorde, que havia descido da carruagem e aguardava, impaciente. — Vai ficar de joguinhos comigo? Onde está o paciente?

Tellius sabia que era bem capaz de o homem dar meia-volta e ir embora na carruagem. Não queria abusar da paciência de lorde Canis, notoriamente curta. Além disso, não queria descobrir que outras defesas o senhor de uma das Doze Famílias de Darien carregaria consigo. Então fez uma pausa.

— Milorde, peço a sua compreensão. Preciso de alguns instantes para saber se a dádiva da sua pedra é necessária.

O semblante de Canis não poderia ter ficado mais carrancudo. Ele inclinou a cabeça um átimo, profundamente contrariado por ser deixado num pátio aberto como um comerciante.

— Dada a natureza das notícias desta manhã, serei tolerante, senhor. Não teste a minha paciência mais do que o necessário.

— Dou a minha palavra de que não o farei, milorde — disse Tellius e correu rumo à entrada para as celas no subsolo do palacete.

Hondo despertou, mas não sabia se era dia ou noite. Era estranho nunca desligarem as luzes, assim como não pareciam cansados de vigiá-lo pelo pequeno quadrado de vidro. Vira os rostos mudarem meia dúzia de vezes, acompanhando o padrão da troca dos turnos para evitar ficar louco. Eles o alimentavam como se fosse uma criança e o escoltavam até o banheiro envolto em tantas correntes que mal conseguia se mover. Estremeceu com a lembrança dessa experiência em particular. O medo que sentiam de certa forma era um elogio, mas homem nenhum devia ser submetido a ser limpo por outro, não enquanto tinha as próprias forças.

Ele observou com interesse quando o guarda subitamente desviou o olhar e falou com alguém. Conseguiu ver sinais de subserviência. Não era um resgate, então. O que seria pouco provável, mas pequenas esperanças como essa ajudavam-no a resistir. Suspeitava que dariam sumiço nele quando Yuan-Tellius decidisse que não tinha mais utilidade. Tinham magia extraordinária à disposição, e ainda assim esperavam que Bosin sufocasse até a morte sem levantarem um dedo. Essa era a verdadeira natureza deles. Hondo ficou confuso ao notar o carinho evidente entre Tellius e Lady Sallet. O homem que via apenas como um traidor lhe parecera bastante comum. Longe de ser um monstro.

Hondo se endireitou na cadeira quando a porta da cela foi aberta, estufando o peito contra os elos que o prendiam. Tellius entrou com um molho de chaves nas mãos. Pegou o primeiro cadeado e começou a abri-los.

— O que você está fazendo? — perguntou Hondo.

— A cidade está sendo atacada, Mestre Hondo. Por homens de Shiang.

A notícia abalou Hondo, mas ele tentou não demonstrar. Esperou que Tellius encontrasse a chave certa e jogasse um cadeado de lado. Hondo sentiu a primeira corrente ceder, mas outras três precisavam ser abertas antes que pudesse se levantar.

— O que eu tenho a ver com isso? Por que me libertar agora?

Pode ser que, por ter passado tanto tempo sozinho, achasse difícil resistir ao impulso de falar. Tellius abriu um segundo cadeado, e Hondo sentiu a corrente que lhe prendia os tornozelos afrouxar. Se quisesse, poderia levantar-se e agarrar Tellius pelo pescoço naquele instante. Será que era uma armadilha? Um teste? De qualquer forma, cada cadeado aberto era um passo mais próximo da liberdade. O terceiro cadeado se foi.

— Você não tem medo de que eu o mate? — perguntou Hondo em voz baixa.

Tellius fez uma pausa e o fitou. Seu rosto estava sombrio.

— Não mais. Um dos homens portava uma espada com bainha vermelho-escura e guarda de ouro. Uma espada muito especial, Mestre Hondo. Que pertenceu ao meu irmão e que, depois de sua morte, teria passado ao seu filho.

Ele viu o sangue sumir do rosto de Hondo quando o espadachim entendeu. Tellius assentiu com amargura.

— Aquela espada tem um valor inestimável, Mestre Hondo. Ela jamais, jamais, seria entregue a outro. Se este homem a possui, meu sobrinho está morto.

— Isso é mentira... — disse Hondo, mas acreditava tanto na atitude quanto nas palavras do homem que encarava. Tellius estava lívido de raiva, mas também de dor, como se mal conseguisse falar.

O último cadeado caiu com um ruído, e Hondo se levantou lentamente, alongando o corpo. Tellius colocou o molho de chaves sobre a mesa.

— Por que eu mentiria?

Hondo esfregou os pulsos.

— Porque convém aos seus interesses. Se o rei está morto, minhas ordens estão anuladas. Eu não tenho motivo para completar a missão que me foi dada. Pelo preço de uma única mentira, você me veria ir embora.

Tellius meneou a cabeça, parecendo velho e cansado.

— Pense melhor — disse. — Você falou que o rei não tem irmãos ou filhos. Se ele está morto, e por causa da espada eu sei que está, quem passaria a ocupar o trono?

Hondo ficou imóvel enquanto seu mundo desmoronava sobre sua cabeça. Ele voltou a falar depois de uma longa pausa, com a voz trêmula:

— Você não pode esperar que eu acredite apenas na sua palavra.

— Não espero. A minha cidade está sendo atacada. Quando vir a espada, você saberá, e nesse momento ordenarei que me defenda, que defenda Darien.

— Você não tem essa autoridade — disse Hondo de imediato, mas sua voz foi diminuindo ao ouvir as próprias palavras. Se Tellius estivesse dizendo a verdade, o homem que viera capturar como traidor tinha toda a autoridade necessária.

Hondo passou a mão pelo queixo enquanto refletia, ainda em dúvida.

— Você já falou com Je? E quanto a Bosin?

— Vim até você primeiro, Mestre Hondo. Pode explicar tudo ao seu companheiro. Quanto a Bosin... — Tellius fez uma careta. — Eu trouxe a Pedra Canis para a propriedade. Ela pode curá-lo.

— Então você mentiu antes — disse Hondo, sentindo a raiva aumentar.

— Não. Eu disse que o preço era alto demais, e continua sendo, em tempos de paz. Na guerra, no entanto, tudo vai para o inferno. Deter um homem capaz de tomar a espada do rei de Shiang não será uma tarefa fácil, se é que conseguiremos detê-lo. Talvez ele seja a onda preta, não sei. O que sei é que precisaremos de todos os mestres espadachins que pudermos ter, inclusive o seu amigo. Com a sua permissão, pedirei a lorde Canis que o restaure.

— E qual é o preço? — perguntou Hondo.

— Você verá quando conhecer o lorde. O pai a usou nele quando criança, depois que teve a perna esmagada. A pedra salva, mas leva o... calor. Eu moeria aquela coisa até virar pó se pudesse, mas, se esse Bosin for minimamente parecido com você, seria tolice minha negar suas habilidades à minha cidade, logo quando enfrentamos homens de Shiang. Entende? Ainda que seu companheiro perca a alma, eu o faria de qualquer forma.

— Bosin jurou servir — disse Hondo. — Ele dedicou a vida e toda a sua força ao rei.

— Morrer é fácil — disse Tellius. — Mas isso? Talvez seja melhor deixá-lo em paz.

— Não — disse Hondo, decidido. Vira a força de Bosin, e o homem tinha razão. Inconsciente, ela era inútil.

— Faça o que for preciso — disse Hondo.

Tellius travava uma batalha interna. Ele fez menção de se retirar, então disparou as palavras que precisavam ser ditas.

— Lorde Canis estrangulou a própria filha há anos. Ela tinha se cortado numa roseira e estava chorando. Quando lhe perguntaram por que o fizera, Canis disse que mandou que ela parasse, mas a menina não obedeceu. É assim que eles são, os curados pela Pedra Canis.

Hondo o fitou com uma espécie de admiração. Naquele espaço apertado, apoiou um joelho no chão e abaixou a cabeça devagar.

— Você é um bom homem — disse. — Eu não sabia. — Ele hesitou, ainda atordoado pelo que ouvira. Então trincou os dentes e estreitou os olhos. — Mas, antes que faça algo que não pode ser desfeito, gostaria de ver o homem que carrega a espada real. Quando o vir, permitirei que Bosin seja curado por essa pedra.

Tellius assentiu, mas o fez para afirmar a própria conclusão, e não em concordância.

— Não há tempo — disse, pesaroso. — Lorde Canis está aqui agora. Confie em mim, ou não.

Ele aguardou enquanto Hondo processava tudo o que dissera. O homem

ficou absolutamente imóvel, e Tellius não tentou apressá-lo. Pedia um bom julgamento, mas Hondo não tinha informações suficientes. Confiar ou não confiar. No final, tudo sempre se resume ao instinto. Depois de um longo tempo, o espadachim santo abaixou a cabeça.

— Obrigado — disse Tellius, aliviado. — Muito bem. Venha comigo. O gêmeo está na cela ao lado. Uma daquelas chaves de latão abrirá a porta. Bosin está mais adiante. Pedirei aos guardas que o levem para o palacete.

Ele saiu apressado, deixando para trás um Hondo abismado. O homem arriscara tudo, mas a evidência que mais importava era que a confiança era recíproca. Ele olhou embaçado para as chaves das celas e para os cadeados abertos, ainda processando as mudanças. O rei Yuan-Choji estava morto? Hondo trincou os dentes àquele pensamento, sentindo o corpo tremer. Se o assassino daquele jovem estivesse em Darien, o seu dever era claro. Ele era o espadachim santo e não falharia.

Tum. Gabriel inspirou profundamente. Aquilo era um chamado ou um alerta? Parecia estar próximo, como se quase fosse possível ver o brilho das pedras. Não duvidava de que as encontraria, se aquelas pessoas ao seu redor lhe dessem um minuto de paz. Mas não davam e, por isso, acabavam morrendo. Sanjin em especial parecia desfrutar da violência que era capaz de causar. Fazia homens gritarem como crianças. Quando Thomas sugou o ar de suas gargantas para lhes dar um fim rápido, Sanjin o encarou com tamanho ódio que Gabriel pensou que fosse se voltar contra eles. O homem estava ficando maluco, e Gabriel sentia que algo estava a caminho. Ele sentia um brilho no ar, um calor purpúreo que se aproximava pelos arredores do portão norte. Só podia ser uma pedra — o que mais provocaria aquele anseio? Poder atrai poder. Ele e os outros *eram* a Pedra Aeris. Talvez por isso as pedras tenham se concentrado em Darien, aproximadas por ancestrais que jamais compreenderam o que criaram.

Gabriel olhou para trás, para o lugar onde Marias e lorde Ran se encolhiam, ouvindo a voz dela sobreposta aos gritos e choques da batalha. Thomas havia deixado o ar pesado, mas algo atravessara em um momento de desatenção. Gabriel estava mais preocupado com o calor que crescia mais adiante. Se conseguisse pegar uma pedra que fosse, não precisaria mais de Sanjin ou de Thomas.

Ele viu Marias erguer o braço, atingido pela flecha disparada por uma besta. Não podia permitir que a matassem, mas ao mesmo tempo sabia muito bem que esse pensamento não era seu. O ar rodopiava com lascas de madeira e fagulhas enquanto outra pedra se aproximava e, ao mesmo tempo, ele lutava com um desejo sobrenatural de levar Marias para a segurança. Mas ela estava com lorde Ran. Se o velho fosse morto, como poderia saber se uma dúzia de pedras teria alguma utilidade?

Gabriel praguejou e recuou até a dupla, pisando na lama transformada em poeira pelo calor selvagem de Sanjin. Ele estendeu a mão para Marias, que caiu de joelhos, com sangue escorrendo pelo braço. Ao redor deles, flechas e lanças

ardiam em chamas. Era quase bonito.

— Estou aqui, Marias — disse.

De alguma forma ela o ouviu. Ele a pegou pelo outro braço e arrancou a flecha num único movimento, fazendo-a arfar com a dor súbita. Marias ainda segurava a coleira. O Bobo os observava sem o menor sinal de compreensão, alheio aos perigos que os rodeavam.

— Pronto, agora está melhor — disse Gabriel, tocando a ferida.

Ela o fitou com admiração.

— Taeshin?

O sorriso dele endureceu.

— Leve lorde Ran e o Bobo para um lugar seguro, Marias. Ficar comigo é perigoso demais para vocês.

Ele olhou de relance para uma das casas da rua. Sanjin investia contra as linhas de combate da milícia que tentavam atacá-los. Gabriel viu Thomas inflar a postura, tentando dar cobertura aos dois.

— Rápido — disse.

Ele deu alguns passos curtos e chutou a porta, arrancando-a das dobradiças e revelando uma cozinha e uma família amedrontada. Marias caiu de joelhos quando ele a empurrou para dentro. Gabriel sentia o ar pesado se afastar à medida que Sanjin avançava, inebriado pela destruição.

— Gabriel! — gritou Thomas.

— Estou indo — respondeu.

Ele empurrou o Bobo logo em seguida. Na pressa, agarrou lorde Ran com muita força e cruelmente deslocou o ombro do homem, que soltou um grito sofrido. Gabriel praguejou e empurrou o homem para dentro, ao som de tiros às suas costas.

Gabriel se virou, determinado a investir contra uma nova linha de homens que se formou no alto da muralha. Suas pistolas de ferro o ofendiam, como espadachim e como rei. Mas via os tiros atingirem as pedras à sua volta. A cobertura proporcionada por Thomas ficava cada vez mais fraca, e ele não queria desperdiçar suas marés internas curando os próprios ferimentos.

Assim que deu as costas para Marias, sentiu a resistência dentro de si evaporar. Ela estava em segurança, e a sombra de Taeshin que permanecia em sua carne ficara satisfeita. Estava sozinho ao caminhar de volta até os outros.

Na terra cinzenta, Taeshin rugiu em desaprovação. Ele acompanhava as linhas de batalha como um leopardo à espreita, criticando, incentivando, mas não ousava pegar uma das espadas ou mesmo um dos escudos jogados pelo campo. Sabia que estaria perdido se o fizesse, mas também sabia, em desespero, que por fim acabaria agarrando uma daquelas armas. Não havia mais nada naquele lugar. Toda manhã, ele descia a colina e gritava, cantava, saltava — fazia de tudo para chamar a atenção dos soldados. Alguns se viravam para observá-lo, mas nunca pareciam entender. Então as

cornetas soavam no campo e todos olhavam à frente, como cães chamados para a caçada.

Testemunhara o rei sendo derrotado por cavaleiros. Vira-o ser morto em combate corpo a corpo por um campeão. Na maioria das vezes via o homem vencer, contra todas as expectativas. Concluiu que aquele rei condenado a lutar pela eternidade não era um fracote, quaisquer que fossem os pecados que o mandaram para aquele lugar. O homem era um lutador raro e cuidava daqueles que o seguiam. Mais de uma vez, só venceram pois ele evitara ações que os teriam feito sangrar em campo. Um rei guerreiro não precisava ser um homem bom, mas tinha que liderar — e seus homens precisavam querer segui-lo. Taeshin enxergava exatamente isso no rosto deles, quando o observavam e sorriam como um filho sorriria ao ver o pai chegar por uma trilha na floresta.

Taeshin os viu marchar e, dessa vez, não os acompanhou, mas ficou, totalmente derrotado, enquanto iam para a morte ou para a glória. Vira Marias ser empurrada porta adentro, protegida da torrente de projéteis e pedras. O pensamento o fez olhar para baixo, para o chão cinzento sob suas botas. Ele chutou uma pedra lá, e suas sobranceiras arquearam de surpresa.

Bracken

Lorde Canis continuava no mesmo lugar quando Tellius retornou. Estava parado e completamente inexpressivo, apenas seus olhos passaram a acompanhá-lo assim que Tellius entrou no seu campo de visão.

— Onde está o homem a ser curado? Está me fazendo perder tempo, Mestre Tellius?

— Está sendo levado para o palacete, milorde. Não havia espaço para que o atendesse lá embaixo. Existe uma pequena chance de ele ser... hostil. Eu não poderia garantir a sua segurança na cela dele. Se me acompanhar, eu o levarei até o palacete.

Ele falou como se recitasse um poema, e o resultado pareceu agradar a lorde Canis, que assentiu movendo a cabeça um pouco mais.

— Leve-me aonde o senhor desejar, mas rápido. Não posso demorar. Este é o limite da minha boa vontade, Mestre Tellius. E também não pense que os seus portões me prendem aqui. Apenas a minha vontade me prende aqui.

Tellius fez uma reverência profunda, sentindo velhos músculos se alongarem de forma dolorosa. Conduziu Canis até o palacete da família Sallet por um caminho afastado das grandes portas atrás das quais os Verdes Sallet estavam sendo preparados para sair. Suspeitava que a senhora da casa podia não gostar que Canis presenciasse esses preparativos. Tellius abriu um pequeno sorriso ao atravessar a porta principal, que dava para um saguão. Havia encontrado amor, mas também lealdade com a mulher que dividia sua cama. Se acontecesse o pior, seu sangue escorreria verde.

Bosin fora colocado numa maca, carregada por quatro guardas. Eles estavam corados e empoeirados pelos esforços que Tellius podia apenas imaginar. As escadas estreitas que levavam às celas foram construídas para fazer com que uma fuga de prisioneiros fosse praticamente impossível. Depois de manobramos Bosin por aquelas curvas, os homens estavam suados, mas triunfantes, ao transferirem-no para uma longa mesa na sala de estar.

Hondo e Je se colocaram um de cada lado do companheiro. Tellius achava que jamais vira uma dupla tão desconfortável na vida. Se a situação não fosse tão crítica, teria rido dos dois. Em vez disso, aproximou-se de Je com confiança, como se o homem não pretendesse capturá-lo ou matá-lo há pouco tempo. Tellius viu os olhos do jovem se arregalarem enquanto se encaminhava até ele do

outro lado da sala.

— Mestre Hondo lhe explicou a situação? — perguntou ele assim que chegou. — Sobre a espada que agora está nas mãos de um dos invasores desta cidade?

Je assentiu, como se fosse uma criança pega roubando, e não o temível guerreiro que realmente era. Tellius percebia que ambos estavam nervosos como gatos.

— Sinto muito pela perda do seu irmão — disse.

Fez-se então um instante de silêncio em meio ao desconforto que havia entre os dois. Tellius sacudiu a cabeça mentalmente. A única coisa que importava era que a dupla de Shiang não o atacaria. Contornara uma situação difícil, forçando os dois a tomarem uma decisão sem que tivessem tempo para pensar. Até o momento, isso levara Bosin até aquela sala e selara a paz. Tellius havia pensado em todas as objeções possíveis, mas sabia que mais cedo ou mais tarde Hondo pediria sua espada de volta. Aquele seria o verdadeiro teste. Ele sabia que poucas coisas eram capazes de deter um espadachim santo com sua espada em mãos. Mas as duas pistolas idênticas que trazia debaixo da jaqueta podiam ser uma delas. Ele fitou o homem que chegara ao topo de uma pirâmide feita de cem mil espadachins. Torcia para não precisar descobrir.

Tellius sentiu o próprio semblante ficar tenso quando lorde Canis começou a examinar o enorme espadachim sobre a mesa. O homem que Hondo chamava de Bosin tinha o rosto e o pescoço inchados, como se fluidos se acumulassem sob a pele. Ele gemeu quando os guardas Sallet o carregaram, mas em momento nenhum recobrou a consciência. Suas pálpebras estavam marcadas e escuras e o peito mal subia ou descia. Tellius fez uma careta enquanto Canis o examinava com os dedos compridos, apertando e os cheirando ao contorná-lo, como uma aranha prestes a depositar seus ovos no rapaz.

— Mestre Tellius? Devo começar? — perguntou-lhe Canis.

Tellius se libertou de seus devaneios. Olhou para Hondo. Em sua defesa, o espadachim santo hesitou, mordiscando o lábio inferior.

— Ele vai mudar? — perguntou.

Lorde Canis ergueu os olhos para o teto, visivelmente impaciente para poder prosseguir. Tellius se perguntou quantas vezes ele ouvira uma variação daquela mesma pergunta.

— Ele vai ficar melhor — disse Canis.

Tellius esperou, mas a cidade estava sendo atacada e ele só queria sair correndo daquela sala e ver as defesas caírem como um martelo sobre os intrusos. Agradecia à Deusa e à Lady Forza, mas o inimigo havia passado as novas muralhas. O que estava por vir seria selado à custa de aço, armas de fogo e dos artefatos de Darien. Como deveria ser, ele pensou.

Hondo abaixou a cabeça e Canis decidiu que já havia esperado o bastante. O lorde levou a mão à bolsa preta aos seus pés e de lá tirou uma pedra de cor parecida, apesar de Tellius suspeitar que por dentro fosse salpicada de ouro. Era a quarta pedra que via: a Sallet, a Forza, a Bracken, que seu senhor usava num

braçal, e agora aquela, na qual esperava jamais pôr os olhos. Tellius imaginava que toda família nobre da cidade já havia sussurrado aquele nome em algum momento. E todos preferiam que desaparecesse. Mas, se precisasse escolher entre a vida marcada por aquela pedra ou a morte sem ela... era fácil demais imaginar uma criança ali deitada. Lorde Canis podia ser frio, mas alguém o amou um dia.

Com cuidado e concentração, Canis apoiou a pedra em uma luva feita de couro e fios de ouro. Tellius viu o homem usar a outra mão para ajustar o artefato na posição perfeita. Ele não conseguia mais fechar o punho. A pedra ficou agarrada à sua palma como um tumor, liso e reluzente. Canis ajustou mais algumas correias em silêncio absoluto. Ninguém na sala ousava abrir a boca. Era como se encarassem um ritual terrível. Tellius pigarreou duas vezes, sentindo a garganta fechar. Tentava registrar cada detalhe e ao mesmo tempo pedia para jamais cogitar usar aquela coisa em si mesmo ou em alguém que amasse. Forçou-se a jurar que jamais o faria, mas, com a morte à espreita nas sombras, quem sabe quais juramentos resistem e quais são quebrados?

Lorde Canis pressionou a pedra e a mão contra o peito de Bosin. Tellius o viu sorrir, como se trouxesse uma amante de volta. Havia algo profundamente desagradável em sua expressão, e ele ergueu a mão em alerta, para parar o que quer que fosse aquilo. Era tarde demais.

Sentiu-se uma pulsação no ar que pareceu atravessar a todos que observavam, como se por um instante o cômodo ondulasse como água. O efeito em Bosin foi imediato. Hondo e Je se aproximaram, perplexos, quando a cor preencheu o homenzarrão sobre a mesa. Enquanto observavam, boquiabertos, o inchaço no pescoço e no rosto desapareceu, ao passo que a pele perdia o tom pálido de antes. As feridas no peito, que antes estavam em carne viva e formavam calombos sobre a pele, murcharam e se fecharam. Hondo curvou-se sobre o companheiro, sem acreditar no que via.

Todos se assustaram quando Bosin gemeu de repente, o primeiro som que emitia desde o início do processo. Lorde Canis se afastou e desafiou as correias que prendiam a pedra à mão e ao pulso. Então flexionou a mão, com um alívio evidente, assim que foi possível. O homem tinha um semblante cansado e Tellius entendeu que aquilo também lhe custava alguma coisa.

— Obrigado, milorde. Está... feito?

Ele presumiu que aquela era a segunda pergunta que Canis mais ouvia, mas o lorde assentiu sem qualquer vestígio da irritação de antes. Ele parecia de alguma forma exausto, esgotado, abatido. O portador da Pedra Canis vivenciaria esperança e tristeza onde quer que fosse chamado, pensou ele. Mas Tellius não se esquecera da história de sua filha. Aquela devia ser a terceira pergunta que o homem mais ouvia, mas Tellius decidiu não a fazer. Certas coisas são terríveis demais.

— Voltarei à minha carruagem agora, senhor — disse lorde Canis.

Tellius fez uma reverência e o acompanhou até a porta principal do palacete. A carruagem o aguardava, o cocheiro em silêncio. Tellius se perguntou se ele também teria sido curado pela pedra. O pensamento lhe provocou um calafrio.

Quando Tellius voltou, Bosin estava sentado e sacudia a cabeça como se tentasse reorganizar os pensamentos depois de levar um soco. Tellius o viu estalar o pescoço e se levantar bruscamente. Ainda não tinha se dado conta de como ele era grande. Não se tratava apenas da altura, mas também da largura e da espessura. Bosin tinha músculos que jamais vira em nenhum desenho de anatomia. Sua barriga se destacava de maneira impressionante, mas não havia gordura naquele homem.

Bosin sacudiu a cabeça mais uma vez e depois outra, parecendo um cão com uma coceira insistente no ouvido. Ele rosnava ao fazê-lo, então esfregou o peito com os punhos cerrados.

— Há um homem em Darien que carrega a espada da família Yuan — começou Tellius. — O que prova que o seu rei está morto. O meu nome é Androvanus Yuan-Tellius e eu ordeno que defenda a minha cidade.

Bosin encarou o homem que se dirigia a ele, vendo-o de cima, então olhou para Hondo e Je. Todos estavam paralisados como fariam se um tigre circulasse pela sala. Ele assentiu. Seus pensamentos desanuviaram, tornando-se frios e simples.

— Ele está dizendo a verdade, Hondo?

— Creio que sim — respondeu ele.

— Onde está o outro gêmeo?

— Morto — disse Hondo.

Bosin assimilou a informação.

— Entendi.

Ele franziu a testa, como se não conseguisse entender os próprios pensamentos. Depois deu de ombros.

— Vou precisar de uma espada — disse.

Hondo fitava o homem que julgava ser o mais irritante que já conhecera. Havia em Bosin certa solenidade que jamais vira antes. Hondo teve a sensação de ter feito uma coisa terrível, que não poderia desfazer.

Gabriel sentiu um abalo no ar e arfou com a força. Os cidadãos de Darien não haviam fugido do portão. Não, eles se reuniram. Aquelas armas de fogo pareciam dar-lhes uma confiança fora do comum, tanto que se debruçavam em todas as janelas e esquinas em seu campo de visão, disparando tiro após tiro. Até onde ele podia ver, Thomas os impedia e Sanjin — este andava lado a lado com a morte e sua espada era apenas um borrão. Mas se Gabriel sabia alguma coisa a respeito das pedras é que seus oceanos podiam secar. Uma dúvida o atormentava, mas ele a abafou e avançou rumo à pedra que sentia estar mais próxima que as demais, mais próxima a cada passo. Ele abriu os braços, saudando quem quer que os enfrentasse, avançando, de forma que deixava Thomas, Sanjin e o rastro de queimados e moribundos que se estendia até o portão para trás.

Lorde Bracken foi até a rua com o semblante severo. Dois cães trotavam ao seu lado, atentos ao turbilhão em volta dos três homens de Shiang.

— Você o vê, Thomas? — disse Gabriel, apontando.

Thomas assentiu, e Sanjin também se virou para ver o desconhecido. Gabriel sentia uma espécie de presença púrpura no homem. Ele tinha uma pedra. Na verdade, ele usava uma pedra. Em algum lugar... ali, no braço direito, por baixo da manga. Quem quer que fosse, sua arrogância o levava à linha de frente da batalha. Gabriel sorriu, sentindo o coração acelerar. Poder atrai poder. Talvez tivesse sido atraído até eles, assim como foram chamados através de montanhas, florestas e planícies até Darien.

— Cuidado, irmão — gritou Thomas. — Ele carrega uma pedra.

Gabriel assentiu. Quando fechava os olhos, via o objeto como um buraco na escuridão. Parecia o olho dourado que os arrancara da terra cinzenta. Mas, quem quer que fosse, o homem simplesmente usava uma pedra, enquanto os homens de Shiang eram a própria pedra.

— Peguem-no — ordenou Gabriel. — Antes que outros venham.

Ele viu Sanjin fazer uma careta ao receber a ordem, mas os dois avançaram juntos. Adiante, o homem os observava sem medo e Gabriel sentiu um frio na barriga. Os cães os observavam avançar, e ele percebeu que deveriam ter corrido do calor que emanava de Sanjin, do ar que se movia estranhamente ao redor de Thomas e do fato de Gabriel ser um predador, com suas mortes anunciadas em cada passo. Mas eles mantiveram a posição. Num momento caminhavam ao lado do mestre e então, a um sinal que Gabriel não identificou, lançaram-se contra ele em silêncio.

Sanjin queimou um dos cães em disparada; Thomas empurrou ar pela garganta do outro, que começou a rolar e sufocar. O homem que os comandava inclinou a cabeça de lado. Não estava a mais de trinta passos de Gabriel, do outro lado da rua. E não parecia temê-lo, ainda não. O que deixou Gabriel satisfeito. Se tivesse fugido, precisariam persegui-lo. Gabriel queria que se aproximasse mais, para arrancarem a pedra de seu corpo morto. Era uma ânsia, como um gosto doce na boca, enquanto ele avançava.

Lorde Bracken cruzou os braços, o que lhe permitiu apoiar uma mão na pedra da família, símbolo e selo de sua autoridade havia séculos. Outras famílias tinham artefatos de grande poder, como o escudo Regis ou a caixa Herne. Talvez cada uma das Doze Famílias tenha possuído tanto uma pedra quanto um artefato no passado. Os Sallet ascenderam até se tornarem o braço direito de reis, enquanto a família Aeris legava gerais e oficiais à cidade, seu voto praticamente irrelevante no conselho. Ele sabia que os Forza, Woodville e Saracen possuíam apenas pedras. Quaisquer que fossem as maravilhas do mundo que as acompanhavam foram perdidas, roubadas ou destruídas.

Bracken sorriu para os três espadachins que se aproximavam. A casa de Bracken também possuía apenas uma pedra. A diferença é que sabiam o que era e como usá-la.

Às suas costas, a rua se encheu de cães de caça. Centenas se aglomeravam ao redor do mestre, e dispararam como flechas contra os três espadachins. Chegavam num silêncio mortal, sem um latido ou rosnado. Bracken riu da surpresa dos magos estrangeiros que ousavam entrar em Darien, como se a cidade não passasse

de uma ameixa a ser colhida de um galho.

— Deixem-nos em pedaços — disse baixinho, mas sua voz chegou a todos.

A pedra pulsava em seu antebraço. Em uníssono, os cães começaram a uivar. Os da linha de frente aceleraram, lançando-se para atacar e destruir os três homens.

Os animais foram recebidos com fogo, ar e ferro. Gabriel se moveu, sua espada um borrão ao decepar a cabeça do primeiro cão a alcançá-lo. O problema era aquela quantidade absurda. Ele ouviu o xingamento de Sanjin ao tentar se concentrar. Cachorros evocavam um medo quase infantil nos três, algo que espadachim algum seria capaz de fazer. Sanjin e Gabriel hesitaram, confusos. Coube a Thomas conter os animais, seus dentes amarelados a centímetros do rosto de Sanjin, que tentava botar os nervos no lugar. Ele ergueu uma mão como se fosse acariciar os animais que saltavam e se debatiam tentando pegá-lo.

— Sanjin — berrou Gabriel.

E foi recompensado com uma rajada de calor que o envolveu, além do cheiro de pelo queimado. Gabriel assentiu quando um anel de fogo se espalhou, consumindo os cães tão depressa quanto conseguiam correr. Pelo visto, animais são capazes de gritar. Gabriel abateu a meia dúzia que o alcançou, mas metade dos cães estava cega ou queimada, ensandecida e alheia até mesmo ao controle do mestre. Gabriel percebeu que os animais mais feridos perdiam o ímpeto que os movia e se afastavam, curvados e com o rabo entre as pernas. O homem que era mestre deles impelia a todos.

Gabriel investiu contra ele, mas teve de esperar o ar se dispersar. Thomas avançou contra dezenas de cães, estremecendo por causa de suas bocas escancaradas mesmo ao fazê-los sufocar com gestos bruscos ou quebrar-lhes a coluna, levando os animais ao chão e obrigando-os a recuar. Sentia calafrios pelo que estava fazendo, enquanto Sanjin sorria ao varrê-los em chamas. O medo do fogo era visível nos olhos dos animais, mas o controle do mestre era forte demais e eles continuavam avançando.

Gabriel viu o homem dar um passo em sua direção, e depois outro. O lorde de Darien ergueu as mãos e o céu escureceu. Gabriel olhou para cima ao ouvir o barulho dos pássaros. Estes já não vieram em silêncio, berravam ao mergulhar.

— Thomas! — berrou Gabriel, sentindo o pânico crescer.

No chão havia cães atacando, e o que pareciam ser corvos vinham do alto. Os pássaros começaram a cair quando Sanjin os varreu com chamas. O ar foi tomado por um odor repugnante de penas queimadas misturado ao fedor de pelo, sangue e fezes nas pedras da rua. Os pássaros caíam aos milhares, mas Gabriel precisou se esquivar quando uma criatura com bico e garras arranhou seu rosto e abriu um talho da testa ao nariz. Ele ouviu Sanjin urrar de dor. Penas pretas caíam através de raios de fogo. O céu estava repleto de asas.

Gabriel virou a cabeça sem tirar os olhos do lorde de Darien.

— Thomas? Sanjin? Protejam-me, eu vou cortar a cabeça daquele homem. Ele controla os animais. Abram caminho para que eu possa alcançá-lo e dar um fim ao que quer que esteja fazendo.

Ele sentia sangue escorrendo pelo rosto e repeliu outro pássaro que tentou agarrar seu cabelo. Os corvos são aves carniceiras, com bicos longos, pretos, e garras cruéis. São fortes e inteligentes, e não pareciam ter fim. Apesar do calor e do escudo de ar, os três estavam ensanguentados e furiosos.

— Ao meu sinal — disse Thomas. — Um, dois... agora!

Uma passagem se abriu no meio da matilha e do céu. Thomas caiu no chão no mesmo instante, atingido ou mordido, e se encolheu. Sanjin disparou uma rajada de chamas na direção da passagem e também gritou de dor quando algo o atingiu.

Gabriel seguiu em frente, rápido como uma sombra, rumo ao homem que usava uma das pedras. Ansiava por ela ao correr pela rua de pedra, a espada pronta para o golpe que reduziria a tempestade a cinzas, penas e cães desatinados.

Ele não viu o que tinha atingido. A rua estava bloqueada por uma barreira translúcida sem forma ou profundidade. Gabriel chocou-se com força e a sentiu ceder ao impacto, mas permanecia firme. Ele olhou para a direita e para a esquerda, e viu dois postes de bronze com pés em forma de garra, como castiçais gigantes. Homens de uniforme azul estavam a postos, medo estampado em seu rosto, depois de toda violência que viram.

Rápido como um pensamento, Gabriel golpeou o que quer que estivesse protegendo o mestre dos lobos e corvos. A espada voltou com tamanha violência que quase quebrou seu pulso, como se tivesse acertado uma parede. Mas a sentiu mover quando a acertou correndo a todo vapor, disso tinha certeza. Ele viu os homens dos dois lados da rua sorrirem entre si, aliviados que a Fronteira Azul dos Hart resistiu.

Gabriel hesitou, sem saber o que fazer. Ouviu Thomas rosnar como um dos cães enquanto tentava se colocar de pé. A passagem que ele e Sanjin abriram havia se fechado, então Gabriel estava à deriva em um mar de animais, que por pouco não o tinha alcançado. Ele matava sem dó, mas eram muitos. Se não fosse por Thomas, os animais teriam acabado com ele, rasgando sua garganta.

— Qual é o problema? — bradou Sanjin. — Mate-o e acabe com isso de uma vez!

— Não consigo alcançá-lo — Gabriel rugiu de volta. — Tem algum tipo de barreira. Um artefato.

Em sua fúria, ele colocou a mão livre na barreira e pressionou com força. Viu o lorde de Darien sorrir sombriamente do outro lado, mas o homem poderia muito bem estar em Shiang.

— Nós somos a pedra, irmão — gritou Thomas. Havia desespero em sua voz, e seu sangue escorria de uma dezena de ferimentos. — Atravesse essa coisa ou estamos acabados.

Gabriel inclinou-se contra a barreira invisível. Ele a tocou e invocou o oceano que trazia dentro de si. Estava lá, oculto nas profundezas, mas de uma essência capaz de tornar um homem imortal. Ele ergueu a espada Yuan e, dessa vez, quando investiu contra a barreira, a lâmina a penetrou. Ouviu-se um som de sino ou de vidro se quebrando, e a barreira sumiu. Um passo o deixou perante o lorde

atônito. Gabriel agarrou o pescoço de Bracken e o esmagou, e depois jogou-o no chão. Às suas costas, a cacofonia de rosnados e uivos cessou e os cães ficaram imóveis.

Lá em cima, os corvos desistiram de mergulhar e partiram como se fossem um só, então o sol do inverno voltou a iluminar a rua outra vez, depois da escuridão artificial. Gabriel sorriu. Ele se abaixou, levou a mão à Pedra Bracken e a arrancou à força. Viu que estava incrustada com ouro e presa ao pulso do sujeito por tiras de couro e discos dourados semelhantes a moedas. Lorde Ran ficaria fascinado, pensou.

Ele se voltou para os companheiros e viu o quanto estavam sujos do próprio sangue, cansados e atordoados. Gabriel estalou a língua. Mudança de planos, ele pensou, virando-se para os homens de azul.

— Vocês. Onde fica a casa do seu mestre?

Os homens o fitavam, atordoados, e Gabriel matou um deles num piscar de olhos. Mesmo assim, menearam a cabeça, o que o fez arquear as sobrancelhas, surpreso.

— É mesmo? São tão leais assim?

Outro se virou para correr, e Gabriel cortou suas pernas antes que desse mais um passo, de modo que o homem caiu, pálido de dor, enquanto o sangue se acumulava em uma poça embaixo dele. Movendo-se com lentidão deliberada, Gabriel foi até ele.

— A propriedade Bracken fica logo ali, a menos de cem metros seguindo por esta rua, milorde. Não há ninguém lá, pelo menos agora.

O homem olhou para o corpo esfaqueado de lorde Bracken. Um dos cães havia voltado para farejá-lo e rosnou quando Gabriel o encarou, mas a força que os impelia não existia mais. Era apenas um cão farejando a mão do mestre morto.

— Mostre-me — ordenou Gabriel.

A Pedra Bracken estava quente em sua mão. Quase como se estivesse viva.

Pedra

Hondo parou ao ver os Verdes Sallet à espera no pátio. Lembrava muito bem do seu encontro com um deles na Estalagem Vermelha. Ver três deles se virando para encará-lo foi uma experiência desconfortável. Um dos Verdes ainda trazia no joelho a marca deixada por sua espada. Este o observava com bastante intensidade, ele pensou com satisfação.

— Eram seis, mas os outros foram danificados há dois anos — disse Tellius.

E teria continuado, mas Lady Sallet chegou acompanhada do capitão da guarda. Apesar da blusa branca e da saia longa, que ia quase até o chão, ela usava sobre o peito um painel verde cintilante, feito com placas que lembravam escamas de peixe em ferro esmaltado. Tellius sabia que resistiria a um tiro de pistola — ele próprio o testara. Os homens saíam de um alojamento com uma porta enorme e marchavam ao lado de Lady Sallet, de modo que cento e vinte soldados assumiram suas posições de frente para o portão da rua, prontos para protegerem sua senhora e a cidade.

Hondo franziu a testa ao reparar em como alguns deles se moviam. Era como se carregassem uma placa com os dizeres “passos Mazer”. Era evidente que haviam sido treinados com técnicas e métodos preservados como o maior tesouro de Shiang. Hondo flagrou Tellius o observando.

— Parte da minha missão era dar cabo de todo e qualquer homem treinado por você — disse ele.

Tellius ergueu um pouco a cabeça.

— Entendo. E essas ordens ficaram no passado, Mestre Hondo?

— Se este for o seu desejo — respondeu Hondo. — Mas, se quiser que eu defenda a cidade, precisarei de uma espada.

Hondo se esforçou para conter o riso da tensão que tomou conta das tropas quando um criado trouxe as três espadas, com menos respeito do que gostaria. O olhar de Hondo foi atraído pelo preto e laranja da bainha e do punho de sua espada, como se fosse uma filha, à procura de sinais de mau uso ou descuido. Ele ignorou todos ao seu redor quando pegou a espada e sentiu seu peso tão familiar. Conhecia aquela lâmina tão bem quanto as próprias mãos e, apesar de tudo o que acontecera, sentiu-se mais animado com o seu retorno. Ele não reagiu a nenhum dos idiotas que levaram a mão ao cabo de suas espadas quando ele próprio o fez, preparados para sacá-las se investisse contra o senhor ou a senhora da casa.

Qualquer que fosse o treinamento que receberam, jamais seriam capazes de detê-lo.

— Então. Está preparado, Mestre Hondo? — disse Tellius. — Mestre Je?

O velho parecia estar se divertindo, apesar da expressão meio maníaca. Hondo fez uma reverência.

— Estou — respondeu. — Dei-lhe a minha palavra. Mas é claro que, se a espada real não estiver aqui, não serei obrigado a cumprir o nosso acordo.

— Sim, você será — disse Tellius.

Hondo não demonstrou a surpresa que sentia. O homem tinha razão. O juramento valia mesmo que houvesse sido enganado. A história de Shiang era repleta de histórias que mostravam exatamente aquilo.

Antes que pudesse responder, Bosin chegou ao pátio. Tinha a mesma presença física de antes, o que fez as risadas desaparecerem e os homens se encolherem, preferindo não desafiar aquele guerreiro.

Bosin vestia a calça e as botas, além de uma camisa nova e uma cota de malha sob o peitoral de aço. A armadura de metal que envolvia seus braços e pernas rangia quando Bosin caminhava. Aquilo não parecia nada confortável. Ele não berrou ou sorriu ao ver Hondo e o gêmeo, tampouco fez qualquer comentário sobre as forças que esperavam para ir defender a cidade. O que arrancou um suspiro de tristeza de Hondo.

— Esta armadura... — disse Bosin — foi feita para um homem menor.

Ele puxou a placa do peitoral que lhe apertava o pescoço ao falar. Todos ouviram o metal protestar ao ser empenado.

Tellius o encarou. Confiava em Hondo e, através de Hondo, no gêmeo. Mas não sabia o que pensar daquele homem. A Pedra Canis salvara Bosin, mas aquela frieza o transformou em algo diferente, talvez algo a ser temido. Tellius fitou a terceira espada, esperando que Bosin a pegasse. Mas seu olhar ia além, até as portas maiores que se abriam para o pátio. Ele mordeu o canto do lábio ao pensar.

— Você deveria ser a reserva, Mestre Bosin. Mas, se sua armadura está pequena, posso ver se encontro algo melhor.

O grandalhão o encarou, e Tellius sentiu um frio na espinha.

— O senhor tem uma armadura melhor? — perguntou Bosin.

Tellius assentiu. A cidade estava sendo atacada, ele lembrou a si mesmo. Bracken já deveria ter feito contato com os invasores e enviado um cão com informações. Tellius não vira nem sinal dos cães, apesar de ainda ser cedo. Ainda tinham tempo, pensou, coçando o queixo. Ele tinha uma armadura que devia servir.

— Galen e eu levaremos os homens, Tellius — disse Lady Sallet de repente. — Junte-se a nós assim que puder, está bem?

— Sim, querida — murmurou Tellius. Ele olhou para o capitão Galen e viu o homem assentir: sua promessa de que a manteria em segurança.

Os portões se abriram, e Tellius observou as forças da Casa Sallet tomarem a rua. Ele sentiu o cheiro de penas queimadas no ar e torceu o nariz, antes de se

voltar para o homenzarrão ao seu lado, que aguardava pacientemente pelas suas ordens. Tellius se perguntou quem Bosin era antes, como ele fora. E suspirou consigo mesmo. Agora isso não importava mais.

— Venha comigo, Mestre Bosin — disse. — Acho que tenho coisa melhor do que ferro.

Gabriel sentiu a fechadura ceder ao empurrar os portões de ferro da propriedade Bracken. O caminho de cascalho amarelado que levava à casa era ladeado por canteiros com dentes-de-leão e cardos. Arbustos emaranhados e espinhentos dominavam a cerca de ferro que demarcava os limites da propriedade, malcuidados havia anos. Toda a área estava coberta de vegetação, ele notou, e emanava um ar de decadência. A casa em si não era grande, mas também não era feia — uma varanda com colunas de arenito, três andares, com um quarto patamar revelado pelas mansardas no antigo telhado de ardósia. Talvez o jardim selvagem se devesse ao fato de o lorde viver sozinho com os cães e não dar importância a essas coisas.

— Preciso descansar, irmão — Thomas disse às suas costas. — Novas tropas estão chegando. Ali... e ali. Mais milícias e sabe-se lá o que mais.

Gabriel levou a mão à porta da frente e, num impulso, tocou o sino que havia ali. Bala arrancaram lascas de pedra da varanda. Ele ouviu passos se aproximando, e Thomas praguejou entre os dentes às suas costas.

— Quando você estiver pronto! — rugiu Thomas.

Gabriel fitou o companheiro e riu. A porta abriu, ele agarrou a criada que estava parada ali e a jogou para o caminho de cascalho. A mulher de meia-idade tentava se levantar quando uma bala perdida a atingiu de raspão na perna, levando-a de volta ao chão. Ela abriu a boca para gritar.

Gabriel adentrou o interior às escuras, com Thomas e Sanjin entrando juntos logo atrás. Bateram a porta pesada, abandonando a criada à própria sorte, e esperaram para ver se resistiria aos tiros. Ouviram umas duas marteladas na madeira, mas nenhuma bala atravessou, e eles relaxaram.

— Isso nos dá uma trégua — disse Gabriel, animado. — As coisas estavam pegando fogo lá fora. Eu beberia e comeria alguma coisa agora.

Ele esfregou as mãos, empolgado. O salão estava vazio, e ele agradeceu. Exalava um cheiro forte de cachorro, mas Gabriel imaginava que lorde Bracken os mandava para o jardim pelo menos de vez em quando. A maneira como ele usou a pedra foi extraordinária, pensou Gabriel. Ele a pegou e passou a mão pela superfície, atento ao olhar dos companheiros.

— Vamos — disse Gabriel. — Deve ter uma cozinha por aqui. Precisamos decidir nossos próximos passos.

— Bom, não podemos ficar aqui — rebateu Sanjin.

Ele ergueu os olhos para a escadaria que levava a uma escuridão ainda maior, visivelmente desconfortável na casa. Dava para ouvir seus passos no piso de pedra reluzente com padrões em preto e branco. Talvez a intenção fosse evitar tapetes cheios de pelos de cachorro, pensou Gabriel. Ele gostava do barulho — e dos

ecos.

— Por que não? — perguntou enquanto avançavam pelo interior da casa. — Nós queríamos pedras, e já temos uma. Se ficarmos nesta casa, será que as outras não virão ao nosso encontro?

Não havia sinal de outros criados, mas Gabriel seguiu o cheiro de ervas e encontrou a cozinha depois de algumas tentativas fracassadas. Era um longo caminho desde a porta da frente, e ele desejava mais olhos na casa e talvez no telhado. Os três jamais conseguiriam defender uma propriedade tão grande no coração da cidade.

Cortaram pedaços generosos e macios de um presunto, e Thomas encontrou pão e mostarda nos armários. O resultado ficou delicioso, e o silêncio reinou por algum tempo.

— Essa pedra pertence a todos nós — disse Sanjin. — Eu fiz tanto quanto você, talvez mais.

Gabriel ergueu a pedra para que a vissem. Fios dourados pendiam dela.

— É claro — disse. — Mas sem lorde Ran não sei se consigo usá-la. Você consegue? Você a colocaria no seu braço?

— Sem pensar duas vezes — respondeu Sanjin, gesticulando as mãos no ar. — Dê-me a pedra e você verá.

— Acho que é melhor eu correr esse risco — respondeu Gabriel tranquilamente. — Mas está vendo esses discos parecidos com moedas? Eles fazem contato tanto com a pedra quanto com a pele. Creio que o ouro é mais do que apenas algum tipo de fechadura ou braçal. Devia conectá-lo à pedra de alguma forma.

— Para controlar animais — disse Sanjin com desdém.

— Animais que quase acabaram conosco, não esqueça — rebateu Thomas. — E isso com apenas uma pedra.

Ele se voltou para Gabriel, apoiado nos cotovelos.

— Se ficarmos aqui, eles vão se reunir. E cercarão este lugar. Por pouco uma única pedra não nos superou! Como enfrentaremos duas, quatro, cinco de uma vez? Concorro em fazermos uma pausa, analisar a situação, mas devemos sair pelos fundos e seguir em frente. Vamos tentar capturar outra pedra esta noite, digamos, e mais amanhã.

Gabriel balançou a cabeça ao examinar a Pedra Bracken e os fios de ouro que se emaranhavam em sua superfície.

— Você e Sanjin não podem continuar engrossando o ar e queimando pessoas. Ficarão esgotados, e eu ficarei vulnerável. Prefiro tentar usar esta pedra aqui, enquanto temos um momento de tranquilidade. Eles podem ter controlado feras e pássaros com ela, mas acho que isso foi apenas o desejo de algum antepassado. As pedras são... poços. E eu devo ser capaz de usar uma delas como bem entender.

— E quanto a lorde Ran? — perguntou Thomas. — Se esperarmos até o anoitecer, posso ir pelos telhados até o lugar por onde entramos. Eu poderia buscá-lo.

— Sim... se for preciso. Podemos montar uma barricada aqui até o anoitecer.

Sem aviso, Gabriel pressionou a pedra contra o antebraço, no mesmo lugar de onde a arrancara de lorde Bracken. As faixas do braçal pendiam partidas, mas ele ajustou os discos de ouro entre a pedra e o braço. Sentia o seu calor na pele.

Ele fechou os olhos e esvaziou os pulmões, ficando imóvel. Cães começaram a uivar ao longe.

— Ah — exclamou, voltando a respirar. — Vocês estão aí. Ah, eles não fazem ideia do que essas coisas são capazes. Cães e corvos! Palhaçada.

Gabriel deixou que um oceano banhasse sua mente, ondas púrpura quebrando em areia dourada. Ele sentiu o branco Aeris irromper e as cores se misturavam nas bordas, fundindo branco e púrpura. Com uma longa e trêmula inspiração, sentado na cozinha da propriedade Bracken, Gabriel absorveu o poder.

Quando abriu os olhos, viu a cozinha e os dois homens exaustos que o fitavam em novas cores, como se antes estivessem apagadas. Gabriel sentia-se forte. Ele sorriu com o puro prazer de estar vivo.

— Creio que não vamos precisar de lorde Ran — disse ele. — O ouro funciona. Lorde Bracken sabia. Me pergunto se os outros também sabem.

Ele flexionou a mão, apreciando o movimento de músculos e ossos. Era tão frágil e maravilhoso ao mesmo tempo. Quando Thomas colocou o braço sobre a mesa e mostrou o antebraço, Gabriel franziu o cenho. Precisava mesmo dele? Se confiasse a pedra a Thomas, precisaria oferecê-la também a Sanjin ou sangue seria derramado naquela cozinha. Ele trincou os dentes quando a força se espalhou em seu interior, com a certeza de que seria capaz de matar os dois naquele instante e ir embora. O poder da pedra era inebriante, e ele o queria apenas para si.

— Agora eu, irmão — disse Thomas em um tom de voz sério e rouco.

Gabriel assentiu. Havia percorrido um longo caminho juntos, e uma cidade inteira estava armada contra eles. Ele se decidiu. Num puxão, removeu a pedra da pele e a ajustou no braço de Thomas, posicionando os discos de ouro com os polegares.

— Vai muito além do toque — disse Gabriel. — Feche os olhos e a absorva. Busque a cor e a puxe para dentro de você.

Ele pressionou a pedra, segurando-a no lugar. De repente, Thomas pousou a mão sobre a de Gabriel com força, esmagando-a ao respirar profundamente. Gabriel viu sua exaustão evaporar e as olheiras sumirem debaixo dos olhos. Thomas pareceu ficar mais jovem e mais forte, e Gabriel não conseguia se desvencilhar.

— Minha vez — disse Sanjin, ansioso.

Thomas abriu os olhos, e Gabriel sabia que a maneira como ele fitava Sanjin prenunciava morte. A perspectiva de um deus era muito distante. Mas Thomas chegou à mesma conclusão e permitiu que Gabriel removesse a pedra.

— Esse foi... o momento mais extraordinário da minha vida — disse Thomas. — Quero uma pedra só para mim, Gabriel. Eu as sinto à nossa volta. Chega de pequenos goles. Eu quero o oceano.

Gabriel manteve a mão sobre a pedra ao fixá-la pela terceira vez. Sanjin fechou

os olhos e franziu a testa, à procura da conexão. O calor os envolveu, e Gabriel praguejou entre os dentes ao sentir bolhas se formando em sua pele, mas não tirou a mão. Conseguia curar-se tão rápido quanto as bolhas se formavam e não queria deixar a pedra sob o controle de Sanjin nem por um segundo. Precisavam uns dos outros, mas ele não confiava nem um pouco naquele homem. Gabriel sorriu com o pensamento em meio à dor, com a mão chiando como se estivesse sobre o fogo. Sanjin parecia alheio a tudo, mas, quando se tratava dele, não tinha como ter certeza. Certas pessoas parecem estar sempre alheias, enquanto outras abrem o caminho e fazem o trabalho por elas. Sanjin era uma dessas pessoas, pensou Gabriel. Teria uma satisfação especial em cortar-lhe a cabeça depois que tivesse as outras pedras de Darien.

— Quase... estou vendo a cor. Estou...

— Rápido, Sanjin — murmurou Gabriel. — Você está me queimando.

— Quase lá — disse o homem. Ele puxou o braço e a pedra com força, como se tentasse libertar-se da mão de Gabriel. Os olhos de Sanjin continuavam fechados e poderia ter sido um reflexo ou um movimento involuntário, mas Gabriel continuou a segurar firme.

A mudança finalmente começou, a inspiração trêmula, as marcas de cansaço apagadas. Gabriel puxou a mão. A pedra continuava em seu poder, o que fez a conexão desaparecer. Sanjin abriu os olhos, confuso e com uma espécie de dor. Ele fitou os outros dois, desconfiado.

— Por que você a puxou? Eu estava apenas começando...

Em resposta, Gabriel mostrou a mão queimada, que já começava a se curar. Ao mesmo tempo, os três ouviram estrondos do lado de fora da casa.

— Não havia mais tempo — disse Gabriel. — E você estava me queimando sem perceber.

— Eu não sabia — disse Sanjin, mas havia um certo rancor em seu olhar. Gabriel embrulhou a pedra num pano. Ele transbordava um poder que lorde Bracken jamais conhecera e jamais conseguiria usar, ainda que conhecesse. Ao se levantar, Gabriel guardou o embrulho dentro da camisa, sobre seu coração.

— Acho melhor irmos embora, como você disse, Thomas. Não precisamos de lorde Ran. Marias está a salvo. — Ele fez uma pausa, furioso consigo mesmo por ter dito a última frase, já que não dava a mínima se a escrava ia viver ou morrer. Talvez não estivesse livre do passageiro silencioso, nem mesmo agora. — Antes que enviem muitos... — concluiu.

Thomas se levantou e Sanjin o acompanhou. Estavam feridos e ensanguentados quando entraram naquele lugar. A Pedra Bracken havia restaurado sua força e confiança. Quando Thomas sorriu, era o sorriso de um lobo prestes a brincar com cordeirinhos.

— Devo ir primeiro, irmão? — perguntou.

Eles seguiram pelo corredor até o saguão de entrada e a grandiosa porta da mansão. Suas botas estalavam no piso de pedra e Gabriel se empertigou.

— Quando eles pensarem que entenderam o que somos, nós mudamos. Deixe-me olhar para eles. Não tenho medo de Darien.

Gabriel escancarou a porta, e a luz do sol de inverno entrou, luminosa e fria. Ele teve um momento para observar as três fileiras de canos de armas atravessando a cerca de ferro do jardim, todas apontadas para ele. Um fuzilamento intenso lhe deu uma rasteira no instante seguinte. Enquanto caía, uma das colunas de arenito da varanda rachou ao meio, desprendendo no ar lascas de pedra que mais pareciam balas.

Thomas se agachou, enquanto Sanjin se atirou para o lado no breve intervalo até que as linhas de combate da milícia abrissem fogo. Gabriel foi o mais castigado. Thomas via fragmentos de bala como gotas de chumbo e prata chovendo pela varanda e tentava manipular o ar à sua frente. Era difícil fazê-lo em meio aos disparos, com os portões encobertos por uma fumaça espessa.

Quando o ar à sua frente formou uma faixa de ferro, Thomas se esticou para fora, determinado a arrastar Gabriel para o abrigo da casa. Quando tocou sua perna, Gabriel soltou um grunhido e se levantou, com as roupas esfarrapadas. Ele levou a mão ao interior da camisa, viu que a Pedra Bracken ainda estava inteira e suspirou, aliviado.

— Você foi atingido? — perguntou Thomas. Balas ainda zuniam, mas elas se arrastavam até pararem em pleno ar, incandescentes e soltando uma leve fumaça branca. Ele não via sangue em Gabriel, mas havia buracos de bala em sua camisa.

— Sim — cuspiu Gabriel. — Mas não estou ferido. Eles não podem me deter, irmão, não agora. Eu tenho poder para gastar. O poder... de *queimar*.

Ele ergueu as mãos, e labaredas preencheram o ar, carbonizando as tropas que se reuniram para salvar a cidade e destruir os três magos. Os homens se debatiam e tossiam em meio às chamas, dando os últimos suspiros arquejantes. Dezenas fugiram, tentando apagar o fogo das roupas e dos cabelos.

Gabriel sorriu.

— Posso ser o salvador deles ou o anjo da morte. Venham, Thomas e Sanjin. Vejam o que eles trouxeram para nos dar boas-vindas.

Três enormes figuras verdes avançaram em meio às fileiras de homens, indiferentes às chamas. Eles pararam em frente aos portões da propriedade Bracken e, através da cerca, fitaram os homens de Shiang que estavam ali. Todos os guerreiros verdes eram mais altos do que as colunas de ferro do portão. Gabriel estreitou os olhos com admiração e divertimento. Darien era uma cidade extraordinária. Ele se perguntou se fizera a escolha certa ao ficar com Shiang e oferecê-la a Thomas.

Enquanto observavam, os Verdes Sallet se comunicaram silenciosamente. Trabalhando em equipe, atravessaram cercas e arbustos numa onda de destruição, reduzindo ferro e tijolos a escombros. Abriram caminho sob os olhares maravilhados dos homens de Shiang, que não moveram um músculo para detê-los.

Quando já não havia mais uma barreira entre a propriedade Bracken e a cidade, os três enormes guerreiros ficaram imóveis como as estátuas que pareciam ser. Então sacaram espadas verdes e avançaram como borrosos. Gabriel riu e foi ao encontro deles.

Lady Win Sallet manteve sua posição do outro lado da rua. Vira os três invasores resistirem a uma barragem de tiros devastadora, sem perda de sangue ou de força evidente. Os espadachins em quem Tellius depositava tanta esperança estavam atônitos com o que tinham acabado de testemunhar. Win reparou que o mais jovem cobrira os ouvidos. O que não aumentou a esperança que ela tinha neles.

Quando Gabriel apareceu à porta outra vez, ela se voltou para o capitão Galen. Uma fumaça cinza subia da varanda da casa Bracken. A notícia da morte de lorde Bracken já havia se espalhado. Era mais do que ela podia suportar.

Galen queria comandar as tropas num ataque, mas tanto ele quanto sua senhora sabiam que isso não adiantaria nada. Precisavam de algum trunfo contra aqueles homens, e os Verdes Sallet sempre foram esse trunfo. Eles estavam mais ao lado, como cães de caça ansiosos para escapar da coleira.

De canto de olho, Lady Sallet viu outro mensageiro ser revistado sem maiores delicadezas. Independentemente das cores que vestissem, não era permitido que se aproximassem além do alcance de uma faca, mas ela estava desesperada por notícias. Este trazia na túnica as insígnias vermelhas dos Regis. Ela acenou para que se aproximasse assim que seu soldado assentiu.

— Milady... — ele começou, antes de suas palavras serem abafadas pelo som de chamas.

Galen se colocou à frente da sua senhora em um gesto protetor até que o calor passasse. O fogo foi lançado contra a massa de atiradores, e Lady Sallet teve um calafrio ao ouvi-los morrer.

— Diga — ordenou ela ao homem.

Ele hesitou, incapaz de tirar os olhos dos milicianos em chamas. Ela o estapeou com força, o homem piscou e começou a falar:

— As forças reais estão a caminho, milady. Os lordes Regis e De Guise estão vindo. Eles pedem que milady contenha a ameaça como for possível. Que os segure aqui. Poderá recuar assim que chegarem, se ainda for capaz.

Lady Sallet franziu os lábios. Conseguia ouvir a arrogância de lorde Regis naquelas palavras, mas nada daquilo representava o rei em nome de quem lutava. Arthur jamais se dirigiria a ela daquela forma. Mas não era momento de se exigir respeito.

— Muito bem — disse ela. — Farei o que estiver ao meu alcance. Volte ao seu senhor. Diga a ele que não perca tempo.

Ela notou a surpresa do mensageiro e se perguntou se ousaria dizer aquilo a lorde Regis. Provavelmente não. Quando o rapaz já se afastava apressado, Lady Sallet se voltou para Galen. Ela observava os guerreiros blindados derrubarem a barreira de ferro e tijolos que separava a propriedade Bracken da cidade. Sua cidade.

— Mande os Verdes atacarem — disse ela.

Verdes

Marias estava na sala de uma família que não partiria simplesmente porque a porta fora arrombada e três estranhos foram empurrados à força para dentro da casa. Lorde Ran ocupava uma cadeira à janela, esfregava o ombro machucado e limpava o vidro de tempos em tempos, observando a rua. O Bobo sorriu de orelha a orelha ao ver um bebê brincando com blocos de madeira. Mas, quando a mãe afastou a criança, ele se sentou no chão e os empilhou em diferentes combinações de cores. O bebê começou a choramingar quando viu outra pessoa brincar com seus blocos. Marias imaginava que o som não poderia ficar mais estridente até que ficou. O bebê agitava as mãozinhas, tentando se desvencilhar da mãe e voltar aos blocos.

A mulher observava os estranhos que invadiram sua casa com olhos grandes e escuros. O velho que ocupava uma cadeira e os encarava sem piscar podia muito bem ser o marido, mas Marias suspeitava que fosse o pai dela. Ninguém disse uma palavra desde que chegaram. Os dois grupos se olhavam com um medo recíproco.

Marias viu uma chaleira sobre as brasas de um fogo baixo. Quando começou a apitar, a mulher viu e franziu a testa, mas não ousou se mover. Foi Marias quem se moveu lentamente para tirar a chaleira do fogo com as mãos à mostra.

— Nós não vamos machucar vocês — disse ela. — Só queremos salvar os nossos amigos e ir para casa.

Lorde Ran bufou, mas continuou exatamente onde estava, com os olhos fixos na janela.

— Você consegue me entender? — Marias ergueu a chaleira ao falar, e o apito diminuiu até cessar. Ela procurou xícaras. O olhar da mãe se voltou para um armário, e Marias colocou a chaleira sobre os tijolos da lareira e pegou algumas xícaras lascadas.

— Vocês têm chá? — perguntou em um tom suave.

A mãe assentiu.

— É claro que temos chá. Mas esta casa é minha, e eu não pedi que vocês arrombassem a porta e entrassem. É melhor vocês irem embora, antes que meu marido volte.

— Eles vão nos matar se fizermos isso — disse Marias.

Para a irritação dela, lorde Ran bufou outra vez.

— O que foi? — perguntou ela.

O velho a fitou com desinteresse, mas ela sustentou o olhar até que ele se viu obrigado a responder.

— Talvez me matem, ou o pobre coitado que chamam de Bobo, mas não você. Ainda não percebeu? Gabriel a observa sempre que está por perto. O que você tem de tão especial?

Ele falou com escárnio, e Marias corou de tanta raiva. Lorde Ran não dizia praticamente nada havia semanas, mas, agora que estavam sozinhos, ele encontrava a coragem?

— Estou aqui para tentar salvar o meu... homem. — Ela quase disse “mestre”, mas não queria admitir que era uma escrava, não para ele. Afinal, será que havia escravos em Darien? Talvez o ar que respirava fosse livre naquele lugar, o mesmo respirado por todos.

— Ele se foi, querida — disse lorde Ran.

Marias o encarou como se tivesse sido ferida, mas ele deu de ombros. Havia um cobertor pendurado em uma das cadeiras, que Ran pegou e o passou pelos ombros.

— Cometi um erro ao usar a pedra daquela forma. Quem quer que você pense que ele é... bem, ele se foi, como eu disse. — Lorde Ran embrulhou-se mais um pouco no cobertor. — Eu aceitarei um chá, sim, se houver uma xícara para mim — disse ele à dona da casa.

Para a surpresa de Marias, a mulher abaixou a cabeça e começou a se ocupar. Ela aceitou o tom do lorde, assim como suas palavras. Marias sacudiu a cabeça, irritada.

— Se Taeshin realmente se foi, a culpa é sua, seu velho maldito e imprestável — disse ela em alto e bom som.

O Bobo parou de brincar com os blocos. Lorde Ran se virou em sua direção e enxugou uma gota brilhante que escorria do nariz.

— Sim — respondeu ele. — Eu comecei tudo isso. Queria torná-los melhores, mais rápidos e fortes. Em vez disso... bom, você viu o que eles são. Chore pelo seu homem se quiser, mas não espere que ele volte.

— Se ele se foi para sempre mesmo — disse Marias —, por que eles me trouxeram? Você, eu entendo. O Bobo é um deles, apesar da mente arrasada. Então por que eu? Se não resta nada do homem que amo?

Ela fez uma pausa ao se dar conta do que dissera. Era verdade, mas o amor de um escravo era fadado ao sofrimento e à humilhação. Havia centenas de histórias com essa temática, e todas acabavam mal para o escravo. Lorde Ran não pareceu notar o deslize, ou talvez simplesmente não se importasse. Ele franziu a testa ao ponderar.

— Ele a trouxe de longe... e nos tirou da zona de perigo no momento em que foi atacado. É uma ciência nova, querida. Pode ser que reste alguma coisa dele, eu não sei. Estou com frio, cansado e assustado. Obrigado, sim, duas colheres. — A última frase foi dita à mulher, que segurava um açucareiro enquanto ele falava.

Marias encarou o teto.

— Se houver um pedacinho que seja de Taeshin nele, eu o chamarei de volta.

Lorde Ran bebericou o chá e assentiu para a mulher, que pareceu satisfeita.

— Se tentar fazer isso, Gabriel pode não a matar — disse ele. — Mas os outros dois sim.

— Talvez — respondeu Marias. — Fique aqui com o Bobo, bebendo chá. Eu não sou covarde. Vou sair.

Lorde Ran suspirou. Estava cansado de verdade, de uma forma que a jovem só entenderia quando passasse por pelo menos sessenta invernos. Isso se durasse mais um que fosse.

— Minha querida, eu não disse que não iria com você. Mas será que posso terminar o meu chá antes?

Marias assentiu e agradeceu à dona da casa quando ela lhe ofereceu uma xícara. O calor e a doçura eram mais que bem-vindos. Enquanto ela bebia, o Bobo sorria para os dois.

De repente Hondo se deu conta de que morreria naquela rua, numa cidade que não conhecia. As forças em campo eram diversas, iam muito além da mera habilidade com a espada. Seria como um par de lebres atacando leões. Ele olhou para o companheiro lebre, Je, e forçou um sorriso de incentivo. Chamas ainda ardiam nos corpos de milicianos espalhados pela rua. Aquele não era o lugar de um homem.

Hondo adoraria ir embora dali. Colocara a própria coragem à prova mil vezes. Não havia motivo para um espadachim santo desafiar montanhas. Mas vira a espada empunhada pelo homem de Shiang. A bainha vermelho-escura com a guarda dourada, o cabo forrado em couro de tubarão tingido de vermelho e preto. Era a espada da família Yuan, e Tellius tinha razão: só podia ter sido tirada da mão do rei morto. Os três que desafiavam tudo e todos naquele pátio de Darien eram inimigos do Estado em Shiang. Eram traidores, além de assassinos. Hondo lembrou o juramento de lealdade ao trono e sorriu amargamente consigo mesmo. *Defender ou vingar o monarca com a minha vida.* Se partisse, deixaria sua honra numa cidade estrangeira.

Je sacou a espada, ainda olhando para Hondo, à espera de uma confirmação.

— Você tem certeza? — perguntou Hondo. Ele notou que aquela mulher, Sallet, ouvia a conversa. Ela começou a dar ordens, mas não se preocupava com o modo que um homem escolhe acabar com a própria vida. Ele viu Je assentir e saudá-lo com a espada.

— Será uma honra lutar ao seu lado — disse o gêmeo.

Hondo assentiu. Era verdade.

— Fique agachado, use os Verdes como distração. Mantenha-se em movimento e trabalhe comigo — disse Hondo, atravessando a rua. Ele ouviu mais vozes berrando para que recuassem, mas ambos as ignoraram. Os dois chegaram aos escombros e a corpos carbonizados de espada em punho, prontos para atacar.

Gabriel tinha entendido como as criaturas blindadas que o atacavam

funcionavam, disso ele tinha certeza. Só precisava de alguns momentos para recuperar o fôlego e analisar a situação, mas é claro que não lhe dariam isso. Ele, Thomas e Sanjin estavam levando uma surra e não havia tempo para pensar em táticas, apenas para reagir e reagir novamente. As chamas pareciam ter pouco efeito sobre aquelas coisas. Sanjin levou uma rasteira ao descobrir isso. Somente a intervenção de Thomas o salvou quando uma daquelas coisas pisou no peito dele, jogando todo o seu peso.

Não eram imunes à espada, Gabriel tinha certeza. Ele desferiu vários golpes quando se jogaram sobre ele como um prédio desmoronando, mas a armadura era sólida e não havia aberturas visíveis para enxergar ou respirar, onde teria mirado no elmo de um soldado. Mas ele continuava golpeando sem parar, como se tentasse afiar a lâmina. Podia confiar que a espada Yuan não quebraria, ainda que não cortasse para ele como cortara no passado. Além do mais, seus ataques faziam com que perdessem o equilíbrio e prejudicavam os golpes deles. Mas, toda vez que acertava um, balas zuniam ao seu redor, disparadas por novas levas de milicianos reunidos do outro lado da rua. Gabriel não conseguia nem ao menos parar para respirar, e estava ficando furioso.

As coisas tentavam usar as armaduras como armas, é claro, exatamente como ele esperava. Dois se concentraram nele, e Gabriel se defendeu de cotovelos, joelhos e até mesmo do capacete de um deles ao se esquivar. Guerreiros de armadura eram sempre difíceis de enfrentar, mas se cansavam rápido e eram lentos. Esses homens verdes não. Se é que eram homens. Gabriel reconhecia inteligência em suas reações e acreditava que havia soldados treinados ali dentro — lutar com um homem é conhecê-lo, como dizia seu pai. Ele piscou quando sentiu os olhos arderem com suor e uma bala acertou seu peito, um tiro distante e habilidoso. A dor era imensa, mas ele fechou o ferimento com a mão.

Gabriel precisava de um pouco de silêncio para pegar o jeito do escudo de ar de Thomas. Era mais sutil do que as chamas ou a velocidade, e ele não conseguia fazê-lo. Sem uma trégua nos ataques, não conseguia usar direito o que absorvera da Pedra Bracken, que se agitava dentro dele como uma onda de tempestade. Mas, se conseguisse prender a pedra no braço...

Ele bloqueou o soco de um dos trajes monstruosos com a mão livre e, num movimento automático, acertou-lhe a junta do cotovelo com a espada. Sua força e velocidade transformaram sua reação em um borrão violento. Para sua alegria, a junta cedeu. Um líquido escorreu da armadura, uma mistura de vermelho e verde que pingava do enorme braço. Gabriel sorriu, mostrando os dentes ensanguentados. Ele pensou ter ouvido um grito de dor de quem quer que estivesse ali dentro.

— Saia daí e nos enfrente — berrou para a coisa, gesticulando com a espada.

A coisa ferida deu um passo atrás com equilíbrio perfeito, para avaliar o estrago. Gabriel viu que o braço não dobrava. Ele levou a mão ao rosto enquanto balas zuniam como moscas ao seu redor. Foi atingido várias vezes e a dor lhe devolveu o foco. Ele olhou para os homens atrás dos guerreiros verdes, que do outro lado da rua disparavam com mãos trêmulas e olhos arregalados.

Gabriel viu Hondo e Je escalarem os escombros do muro da propriedade e franziu o cenho para os espadachins que ousavam pisar naquele lugar de fogo e destruição. Se os guerreiros verdes os notaram, não demonstraram. Ele voltou a olhar para a coisa que havia ferido e viu uma espada verde vindo em sua direção, mais rápido do que deveria se mover.

— Acerte as articulações, Thomas — rugiu ele ao se esquivar. — Sanjin! O fogo é inútil. Golpeie o cotovelo.

Gritou aquilo apenas para gerar uma reação no que estava à sua frente. Como esperava, o guerreiro verde se virou para proteger o braço ileso. Gabriel então fustigou o joelho, enterrando a lâmina na junta. Impelida por sua força incomum, a espada penetrou fundo e a perna cedeu. Mais sangue e fluido verde jorraram, e daquela vez ele tinha certeza de que ouvira um grito de agonia.

Num grande espasmo, o guerreiro verde saltou com a outra perna e tentou agarrá-lo e esmagá-lo com todo o seu peso. Gabriel deu um passo à esquerda, como teria feito em sua primeira vida. Ele não tentou bloquear o ataque, apenas deixou que o oponente ferido passasse e o atacou pelas costas, para feri-lo. Foi a aposta errada contra a armadura, fruto de anos de treinamento para lutar contra homens. Precisava repensar seus instintos, mas *ainda assim* não lhe concediam um momento de reflexão.

Antes que conseguisse se virar, ele se viu atacado sem magia. O homem que o enfrentava era de Shiang, o que já era estranho por si só. O espadachim empunhava uma espada que era a cópia da sua, com o cabo preto e laranja. A surpresa de Gabriel quase o matou. Hondo vestia uma túnica simples e calça justa, mas se movia com fluidez e o golpeou algumas vezes antes que Gabriel conseguisse reagir. Precisava encarar o monstro verde que obviamente já se levantava às suas costas, mas por um momento crucial precisou se defender de qualquer jeito para não perder a cabeça.

Quando conseguiu desviar da espada e contra-atacar, o homem percebeu suas intenções e sumiu de lá. Sua velocidade não adiantava de nada, pois o homem parecia saber onde ele atacaria. Gabriel passou a desferir golpes impossíveis para um homem comum, sua paciência indo pelos ares. Enquanto o espadachim bloqueava sua espada, Gabriel enterrou o cotovelo no seu rosto e o fez perder o equilíbrio. Repetiu o golpe outras duas vezes, com tamanha velocidade que seria como ser acertado por um tijolo. O espadachim tinha o rosto coberto de sangue, estava aturdido e vulnerável. Quando ergueu a espada para matá-lo, Gabriel ouviu os rangidos e ruídos metálicos de uma armadura às suas costas. Seus pensamentos se dispersaram como pássaros assustados.

Atrás dele, o Verde Sallet se levantara e brandia um poste de ferro. O guerreiro o acertou com uma força titânica, atirando Gabriel a dez metros de distância em direção à rua, onde deslizou até parar com sangue escorrendo da boca e as costas quebradas. Sua espada voou pelos ares e sumiu em meio aos escombros e corpos carbonizados.

Jamais sentira uma dor como aquela. Ele começou a se curar o mais rápido que podia, mas estava destruído por dentro, com órgãos vitais esmagados.

Gabriel sentiu o mundo pulsar e ficou com medo outra vez: da terra cinzenta, de morrer novamente. Pensou ter ouvido os passos metálicos do gigante verde vindo em sua direção em meio aos escombros. Tentou respirar e descobriu que não conseguia. Sangue escorria de sua boca e fumegava ao tocar o chão gelado. A única coisa que podia fazer era tentar rastejar para longe dali.

Thomas gritou de raiva e frustração. Estava sendo atacado por um dos Verdes e por um espadachim jovem e carrancudo de habilidade incomum. Thomas usou a velocidade que ganhara para revidar os ataques do rapaz com a lâmina e se esquivar do guerreiro verde. Manteve o escudo de ar ao redor de Gabriel por algum tempo, até que foi forçado a recuar demais. Mal conseguia se defender quando outro verde maldito quase partiu Gabriel ao meio com um poste de ferro.

Trêmulo de fúria, Thomas cerrou uma das mãos no ar, fazendo com que uma corrente de ar se prendesse no pescoço do Verde que enfrentava. Ele se concentrou em manter o guerreiro no lugar enquanto atacava o jovem espadachim. O segredo era dividir para conquistar, ele tinha certeza disso. Foi recompensado com um jorro de sangue ao romper a defesa do homem. A reação foi avassaladora, e Thomas sentiu a dor agonizante de um corte no quadril ao se esquivar de um golpe que o teria empalado. Ele recuou para se defender, sabendo que com sua velocidade poderia evitar a sucessão de ataques. Quem quer que fosse aquele homem, ele era habilidoso e determinado demais.

Enquanto se defendia, Thomas se concentrou no monstro verde que segurava o próprio pescoço com as duas mãos a poucos metros de distância. Com uma enorme força de vontade, ele começou a torcer a cabeça de metal com uma corrente de ar tão resistente quanto um colar de ferro. Sua concentração quase o projetou para fora do próprio corpo ao defender os golpes de espada e até mesmo de tiros disparados da rua. Ao mesmo tempo, ele torcia a enorme cabeça verde, que era forçada a virar para a esquerda cada vez mais. Thomas sentiu o guerreiro verde entrar em pânico. Ele apertou com ainda mais força e sua espada se moveu com vida própria. Poder emanava de seu corpo e ele acreditava que estaria morto se não fosse a torrente que absorvera da Pedra Bracken.

Com um estalo, o guerreiro verde desmoronou no chão com o corpo mole. Thomas abriu a boca para dar um grito de triunfo, mas foi atingido por outro Verde, que veio para cima dele como um trem. Foi atirado ao chão com o peso do guerreiro, e viu o jovem espadachim de Shiang pairar sobre ele, preparando um golpe fatal.

Thomas reagiu. Tinha sido pego de surpresa, e os guerreiros verdes, além de rápidos, tinham uma blindagem poderosa. Mas já sabia o que fazer. Todas as coisas precisam de ar — e todos os homens vivem rodeados de ar. Ele se colocou de pé, não com a força de ossos e músculos, mas com a força de sua vontade. Seu corpo estava fraco e ensanguentado, judiado demais para manter-se de pé por si só. Mas o ar engrossou ao redor do guerreiro verde, levantando-o. O jovem espadachim veio dançando, e Thomas o imobilizou. Balas desaceleravam em rastros alaranjados quando ele criou um círculo silencioso ao redor de si mesmo e

dos dois oponentes.

— Muito bem, cavalheiros. Vocês tiveram a sua chance, e ainda estamos aqui. Afinal, o que faço com vocês?

Thomas olhou mais adiante quando o último dos Verdes se moveu. Estava danificado e mancava, o que o fez pensar em Sanjin. Gabriel ainda estava caído e machucado, mas já tentava se sentar. Thomas sorriu ao vê-lo. Seria difícil matá-los duas vezes.

Sanjin se aproximou e lançou chamas no jovem espadachim, forçando-o a inalar o que o matava. Imobilizado por Thomas, Je não conseguia fugir da fornalha. Sua vida se foi num piscar de olhos, apesar de Sanjin continuar a queimá-lo e a berrar em comemoração ao seu triunfo sórdido. Thomas viu que o companheiro tinha um corte brutal que corria da testa ao queixo, de modo que seu rosto estava quase partido ao meio. Estava vermelho de sangue, dor e ódio. Aliviado, Thomas largou o espadachim no chão e se voltou para o guerreiro verde.

Quando teve certeza de que a coisa o observava, Thomas fechou o punho lentamente. O resultado foi terrível, já que o Verde Sallet foi esmagado por forças que ninguém era capaz de enxergar. Partes da armadura verde eram amassadas e sangue jorrava das juntas e placas do traje. Alguém gritou lá dentro até ser sufocado. Thomas sorriu. Seus punhos tremiam no ar enquanto destruíam o guerreiro verde. Quando já não restava mais vida, ele abriu a mão e o deixou cair. Viu a cor do guerreiro mudar de verde para cinza.

Ele e Sanjin trocaram um olhar, como teriam feito os sobreviventes de um desastre. Uma bala passou zunindo na hora e Thomas fez uma careta, engrossando o ar. O esforço lhe arrancou um grunhido e ele percebeu que tinha quebrado algumas costelas. Levou a mão ao pescoço e fez uma careta: a clavícula também estava quebrada. Cada passo e respiração seriam dolorosos até que fosse curado. Ele só queria encontrar um lugar para descansar e se recuperar. Mas duvidava que o povo de Darien lhe permitiria esse luxo.

— Onde está Gabriel? — perguntou Sanjin. Tinha a voz rouca e os lábios rachados e ainda inchavam de maneira obscena. Enquanto falava, arrancou um caco de vidro do braço com um rosnado. Alguma coisa explodiu ou se despedaçou naquela casa durante a batalha e ele levou a pior. Sanjin arfava, transtornado, e não conseguia se manter ereto por causa dos ferimentos que o enfraqueciam.

Thomas viu o último verde passar por cima dos destroços, apesar de arrastar um braço e uma perna. Gabriel já estava sentado, mas o outro espadachim o avistara e também cambaleava em sua direção, claramente ferido. Thomas viu o estranho espadachim parar e pegar algo no chão.

Hondo podia ver que o homem estava se recuperando. Jamais testemunhara o tipo de poder que viu ser usado naquele pátio. Estava surpreso por ter sobrevivido até aquele momento. Os homens eram fracos quando grandes forças atuavam. Hondo não se iludia com suas próprias habilidades. Fora o melhor entre cem mil.

Era considerado o maior espadachim da história de Shiang. Mas não foi páreo para a velocidade daquele que portava a espada Yuan. Limitou-se a observar os músculos do homem e se manter fora do alcance de sua espada. Mesmo assim não foi o bastante. Sempre que o bloqueava, o maldito o acertava como um martelo. O mundo estava de cabeça para baixo e Hondo via sangue para onde quer que olhasse.

Estava em paz. Sabia que Je estava morto. Vira a cena e ficou envergonhado pela forma como aconteceu. Nenhum guerreiro devia ser imobilizado e incinerado como um animal. Quem quer que fossem, os três homens de Shiang não tinham honra. Infelizmente, Hondo não esperava viver o bastante para fazê-los pagar por isso. Ele avançou lentamente até o homem caído, estreitando os olhos para enxergar, pensando se conseguiria cortar-lhe a cabeça antes de desmaiar.

Quando chegou a uns dez de passos de Gabriel, Hondo viu a espada Yuan caída no chão. A lâmina estava perfeita, apesar de ter sido atirada sobre os escombros. Hondo hesitou. Não podia deixar a espada real de Shiang na sujeira.

Quando se abaixou e fechou as mãos no cabo, viu soldados correndo em sua direção. Hondo não sabia há quanto tempo lutava, mas parecia que Lady Sallet decidira chamar os reforços. No entanto, em vez de atacarem o inimigo, eles formaram uma linha defensiva, com escudos voltados para a casa Bracken. O último guerreiro verde recuara, juntando-se a eles.

Hondo sacudiu a cabeça sem entender. Viu o oficial grandalhão gritar para ele, mas seus ouvidos zuniam e a princípio ele não conseguiu escutá-lo.

— ...recuar. Precisamos recuar, senhor. Por favor. Não conseguiremos manter essa posição.

— Ele está caído — disse Hondo, tentando apontar. — Um deles, o líder. Ele estava com esta espada.

Ele a ergueu para mostrá-la ao capitão Galen, mas o mundo girou e Hondo perdeu o equilíbrio. Galen o amparou e o arrastou para trás. Os soldados Sallet bateram em retirada de maneira organizada, deixando o caos e as chamas para se reagrupar numa posição mais recuada. Não tinha como salvar a propriedade Bracken, isso estava claro. Uma fumaça densa saía pelas janelas, do que quer que tivesse pegado fogo lá dentro.

Hondo viu os dois que mataram o gêmeo atravessarem o pátio. Ele os observava como que através de vidro, ciente de que foi espancado até perder a consciência pelo líder, mas incapaz de ordenar seus pensamentos. Estava sendo carregado para longe em meio às forças que batiam em retirada. Sem aviso prévio, Hondo se desvencilhou dos braços de Galen para vomitar. Sentiu a mente desanuviar um pouco quando viu Lady Sallet. Seus olhos se encontraram, e a expressão no rosto dela era terrível. Hondo se sacudiu e tentou se manter de pé com as próprias forças. Sentiu as duas espadas serem tiradas de suas mãos e fez o possível para ajudar quando embainhavam uma delas em sua cintura, primeiro no sentido errado para, depois de algumas tentativas frustradas, deslizar no lugar com um clique satisfatório. Os dois gêmeos estavam mortos. Bosin estava

arruinado. Hondo não conseguia entender por que ainda estava vivo.

— Bater em retirada — disse Lady Sallet. — Deixem que Regis e De Guise assumam o controle da rua.

Hondo acompanhou o olhar da senhora e viu tropas de uniforme vermelho e preto marchando pela rua naquela direção. Gritos animados soaram de algumas janelas nas redondezas.

— Venha comigo, Mestre Hondo — disse Galen. — Sua mandíbula está quebrada. Burroughs cuidará de você.

— Canis não — disse Hondo, entendendo por que as palavras soavam tão estranhas, diferentes de como pensava. Galen, no entanto, pareceu entender.

— Não, lorde Canis não — garantiu ele, acompanhando Hondo.

Taeshin avançava ao largo das colunas. Carregava um pedregulho e conhecia o caminho que o rei percorreria para encorajar seus homens. Observara-os muitas vezes, e o impulso de juntar-se a eles crescera a ponto de doer. Apenas os sonhos de sua vida antiga mantinham-no afastado — e talvez o desejo de manter Marias em segurança. Não a decepcionaria. A ideia de desistir e se juntar às linhas de combate o seduzia, como a serenidade do sono seduz um homem exausto. Ansiava por aquilo, mas não podia entregar-se, ainda não.

O rei cavalgava com o olhar voltado para o seu exército. Não parecia ter reparado em Taeshin parado no caminho ao seguir a meio-galope. Uma tonelada e meia de armadura, homem e montaria, vindo a toda em sua direção é uma visão assustadora, mas Taeshin já tentara de tudo.

Ele esperou o quanto pôde e atirou a pedra, que seguiu a trajetória correta e acertou o elmo do rei com força, jogando sua cabeça para trás. O homem, confuso, procurou o que o atingira e, apesar de tudo, parecia que seguiria em frente. Taeshin praguejou e se lançou contra o rei, puxando-o com toda a força. Usou todo o seu peso para desequilibrar o rei, forçando um lado. Uma das botas ficou presa no estribo, mas a outra se agitou no ar e ele ficou de cabeça para baixo. Por alguns assustadores instantes, Taeshin continuou agarrado ao rei, apavorado com a perspectiva de ser pisoteado pelo animal. Então alguma coisa se partiu, e os dois foram juntos ao chão. Perante os olhares perplexos do exército, Taeshin saltou de pé e observou o rei se levantar, seus olhos faiscando. Quando Taeshin abriu a boca para falar, o rei desembainhou uma espada magnífica.

— Ah, filho, arrancarei sua cabeça por isso — rugiu o homem, avançando contra ele.

Regis

Gabriel cambaleava de volta pelos portões destruídos e as cercas retorcidas em torno da propriedade Bracken. Labaredas e fumaça brotavam de todas as janelas àquela altura, então ele se juntou a Thomas e Sanjin com o mundo em chamas às suas costas.

À frente, viam as ruas sendo tomadas por homens marchando. Gabriel olhou para Thomas, que tinha um ar selvagem e os olhos brilhando. Sanjin era outra história. Seu ferimento estava horrível.

— Deixe-me curá-lo — ofereceu Gabriel, mas só o pensamento o deixou enjoado. Havia usado quase tudo que tinha para evitar a própria morte. Pela primeira vez, desde que entraram na cidade, sentia que poderiam ser superados.

Sanjin se aproximou, o olhar fixo nas ruas ao redor da casa Bracken. Apesar da própria dor, Gabriel levou a mão à massa ensanguentada que se tornara o rosto de Sanjin e se concentrou. Ele sentiu o fluxo de sangue diminuir e o corte se fechar. Uma cicatriz surgiu sob sua mão, como se a tivesse desenhado com o dedo. Com um grunhido, Sanjin se afastou.

— O moleque me acertou enquanto eu estava distraído. Aquelas coisas verdes...

Não era preciso explicar. Gabriel desembulhou a Pedra Bracken enquanto Sanjin falava. Todos a olharam quando foi revelada, admirando a profundidade da púrpura, salpicada de ouro.

— Você consegue absorver mais? — perguntou Gabriel.

Sanjin estendeu o braço em resposta, e ele pressionou a pedra, ajustando os discos de ouro no lugar até que Sanjin arfou e fechou os olhos, respirando como uma mulher em trabalho de parto.

— Agora sim... — murmurou Sanjin.

Gabriel e Thomas observavam as tropas se reunindo. O último guerreiro verde fora retirado pelo dono. Ele não sentia outra pedra na área.

— Podemos fugir — disse Gabriel.

Sanjin abriu os olhos, e ele removeu a Pedra Bracken para depois ajustá-la como uma sanguessuga no pulso de Thomas.

— Para onde? — perguntou Sanjin quando Thomas enrijeceu. — Eles conhecem esta cidade melhor do que jamais seríamos capazes.

— Não sei. Podemos nos esconder e nos recuperar. Em algum lugar. Viemos

para conseguir mais pedras e temos esta. Não sinto outra... esperem... ali.

Ele apontou para a direita das tropas, na retaguarda. Avistou um homem de preto, que carregava uma bolsa de couro ao descer de uma carruagem da mesma cor. Para Gabriel, era um borrão em sua visão, como um ponto de gordura na lente do olho. Sentia a presença de uma pedra, assim como ela talvez estivesse ciente dele.

— Poder atrai poder — murmurou. — Elas virão até nós. — Ele não estava interessado em descobrir que outros artefatos a cidade de Darien criara em sua defesa. Só queria as pedras.

Thomas agitou uma das mãos, e Gabriel pressionou a Pedra Bracken no próprio braço outra vez. Fechou os olhos por um breve instante e a sentiu preenché-lo, enchendo-o de luz, vida e puro poder para ser usado como bem entendesse. Sua cura acelerou, e ele sentiu ossos se fundirem e os músculos crescerem onde haviam rompido. Voltou a respirar com mais facilidade.

— Amarre a pedra, irmão — disse Thomas, olhando para ele.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— Você pode usá-la melhor do que o homem que a possuía. Nós três temos a Pedra Aeris no sangue. Podemos atrair as outras, mas eu quero viver o bastante para ver as recompensas. — Ele olhou para os soldados que marchavam pela rua na direção da propriedade e balançou a cabeça. — Não pertencemos a este mundo, Gabriel. Acho que para ficarmos aqui nós precisamos lutar, agarrar-nos com unhas, dentes e tudo mais que tivermos. Então use tudo. Que não haja limites. Nós resistimos aqui e destruímos essa gente. Ou tudo o que fizemos terá sido em vão.

Gabriel estendeu a mão e Thomas a apertou. Sanjin riu, estalou o pescoço com as mãos.

— Já fiz a minha escolha — disse. — Reduzirei esta cidade a cinzas antes de voltar.

Gabriel rasgou um pedaço da camisa e prendeu a pedra no antebraço. Sentia o contato do objeto com sua pele, lentamente transferindo poder. Ele assentiu para Thomas.

— Muito bem. Vamos acabar com eles.

Estar acompanhado de um Verde Sallet tinha suas vantagens, pensou Tellius. Os guerreiros blindados eram lendas em Darien. Tropas abriram caminho para a passagem de um dos enormes artefatos dos Sallet. Até mesmo o de retalhos. Os homens da oficina o chamavam assim pela mistura de cores verde e cinza. Desde que fora drenado e queimado dois anos antes, o traje estava danificado demais para uso. Mas, com outros dois relegados a sucata, os Sallet tinham trajes danificados com que trabalhar pela primeira vez. Entendiam tão pouco sobre como as armaduras funcionavam que no início eram como crianças na oficina, sem ousar tocar as máquinas com medo de destruí-las. Aprenderam muita coisa ao desmontá-los. O traje remendado não era tão poderoso quanto os outros, mas

o dia em que o verde ressurgiu em seus painéis foi uma grande vitória.

Tellius olhou para a coisa que o seguia, sentindo-se ele próprio como uma criança ao ver como era mais alto que todos na rua. Não sabia como Bosin era antes da cura. O homem que era agora estava inteiramente focado na tarefa que tinha pela frente: aprender a usar a armadura. Tellius achou que precisaria persuadir o espadachim de Shiang, mas Bosin não demonstrou qualquer tipo de receio ou medo da coisa. Desde o instante em que a encontrara à sua espera, ficou friamente agradecido.

Ao olhar para trás, Tellius viu Bosin girar os pulsos e erguer as pernas, bater o pé no chão e rodar a cintura, uma centena de movimentos que reproduziam os seus. Os painéis verdes tremeluziram, e ele perdeu a força por um instante. Mas, antes que Tellius conseguisse praguejar, o homem estava de volta, saltando no lugar com força o bastante para rachar as pedras do pavimento. A espada verde continuava em suas costas. Numa das mãos enormes, ele empunhava a própria espada, a lâmina longa de um mestre.

Tellius avistou feixes de luz e fumaça mais à frente. Ele caminhava preocupado. A rua estava repleta de milicianos, todos avançando. Ainda não havia sinal dos guardas Sallet, tampouco da única pessoa que desejava não encontrar naquele lugar. Se pudesse proibir a presença dela, Tellius teria feito exatamente isso. Mas Win era a senhora da casa e de seus guardas, e até mesmo homens sensatos como Galen não recusariam as ordens dela em favor das ordens de seu amado companheiro, mesmo que ele estivesse constante e continuamente certo. Era enfurecedor.

Tellius respirou aliviado ao ver as cores dos Sallet adiante, mas seu semblante foi piorando ao ver a casa Bracken ardendo em chamas. O sol estava se pondo e o curto dia de inverno chegava ao fim. Mas as chamas e o calor banhavam a todos. Ele prendeu a respiração ao ver Lady Sallet acompanhada de Hondo e do capitão Galen. Tellius correu até eles, contando com a presença às suas costas para abrir caminho.

Lady Sallet olhou para cima, assim como os outros. Seus olhos se arregalaram.

— Você trouxe o Remendo? — disse ela.

Tellius abriu um sorriso contido. Não gostava que ela usasse o termo como um apelido para a coisa. O Verde Sallet podia estar danificado, mas não era um cão fiel, nem um brinquedo de criança. Era um artefato de uma capacidade ofensiva extraordinária — e, se tinha suas fraquezas, bem, colocara ali dentro um espadachim Mazer, um homem treinado desde a infância em todos os aspectos do combate. Temeu que Bosin fosse grande demais para caber, mas o traje ajustou-se como fizera com outros, assentando dez mil esferas de metal contra a sua pele. Quando ele se movia, elas se moviam, e o traje amplificava tudo.

Tellius sentiu os próprios olhos se arregalarem ao ver a carnificina na propriedade Bracken. Dois Verdes Sallet estavam tombados e ainda escorria sangue do homem dentro do que estava mais próximo dele. Enquanto observava, os homens de Galen trouxeram uma carroça e colocaram a armadura lá. Não tentaram tirar o homem de dentro, não com tantos olhos para testemunhar os

seus segredos.

Voltados para a rua, Tellius avistou os mesmos três homens que vira entrar na cidade. Estavam juntos, e claramente discutiam táticas, como qualquer grupo prestes a enfrentar outro ataque. Ele se virou e deu um tapinha no braço da armadura remendada, não que o homem em seu interior fosse senti-lo. A enorme criatura ao seu lado pareceu curvar-se para a frente, e a armadura rangeu de forma ameaçadora.

— Espere aqui — disse Tellius. — Aguarde minhas ordens.

Bosin ficou imóvel como uma estátua, fitando as chamas e os corpos espalhados pela rua. Tellius o observava com cautela enquanto procurava pelo capitão Galen e Win.

Hondo atravessou a multidão de soldados Sallet. Abriram caminho para o espadachim da mesma forma que fariam com Bosin, e Tellius entendeu quando o homem se colocou à sua frente. Hondo estava sujo de sangue e fuligem dos pés à cabeça, depois de rolar, esquivar-se e ser duramente golpeado incontáveis vezes. Tellius reparou que segurava duas espadas e ficou boquiaberto quando Hondo fez uma reverência e ofereceu-lhe uma das armas.

O cabo da espada Yuan estava imundo, o couro de tubarão vermelho e preto arruinado. Mas a lâmina estava perfeita, toda a sua extensão prateada intacta. Tellius a ergueu, admirado.

— A última vez que a vi... ela ainda pertencia ao meu irmão. Você acredita? Antes do filho. É como olhar para o passado.

— Abram caminho, saladas! — bradou uma voz.

Tellius procurou a fonte e revirou os olhos ao ver lorde Regis se aproximar, rodeado por uma centena de soldados trajando vermelho-escuro. O homem carregava o escudo Regis no braço esquerdo e uma espada curta na cintura. Tellius se interessava pelo escudo, mas considerava o homem insuportável.

— Seja educado, Tellius — Lady Sallet murmurou ao seu lado.

— Aí está você — respondeu, também em voz baixa.

Estendeu a mão sem olhar e tocou a dela por um breve instante, antes de saltarem. Lorde Regis vinha em sua direção e Tellius se preparou. Win nunca parecia notar as farpas que Regis dava um jeito de incluir em toda conversa. “Saladas” era apenas um dos exemplos.

— Noite, mestre consorte — disse Regis. Ele franziu a testa para a armadura de retalhos que pairava sobre todos e fez uma reverência para Win. — Lady Sallet. Que tumulto. Pensei que seria bom ajudá-la.

O homem tinha o rosto corado, peito largo e era escandaloso, mas Tellius tinha certeza de que apenas fingia se passar por insolente e estúpido. Um idiota de verdade jamais teria tanto sucesso em irritá-lo, disso ele tinha certeza.

— Sim, defendendo a cidade, como milorde concordou em fazer no conselho. É muito bem-vindo, claro. Eu...

— Trouxe De Guise — cortou Regis, como se já tivesse se cansado de Tellius. — O nosso Guise e sua espada. Acredito que os saladas de vocês podem descansar um pouco.

— Esses homens são muito poderosos — disse Tellius. Ele adoraria ver Regis caído de joelhos, mas o escudo era um recurso que podia ser útil, ainda que o homem que o empunhava fosse um cretino.

— Aquelas três jovens donzelas? — disse Regis, olhando para a propriedade Bracken, iluminada pelas chamas. Escurecia mais a cada instante, e Tellius se perguntava como evitaria que os invasores simplesmente sumissem na escuridão.

Regis não pareceu ficar muito impressionado com o que via.

— Eu os bloqueio com o escudo. De Guise vem com a espada logo em seguida e acho que deve ser só isso. Algo mais que eu deva saber?

Regis parecia estar se preparando para o ataque. Ele se afastava, com o olhar fixo nos três inimigos. Tellius falou depressa, antes que o lorde seguisse em frente.

— Hondo, você os enfrentou. Aconselhe lorde Regis, sim?

Tellius estava furioso com a sensação de urgência que lhe fora imposta. Regis devia ser o homem mais impaciente do mundo, como se todos estivessem de braços cruzados e ele fosse o único disposto a agir.

Hondo fez uma reverência, e Regis arqueou uma sobrancelha ao ver seu estado. O espadachim santo estava com a cabeça enfaixada para imobilizar o maxilar fraturado. Tudo que se via de seu corpo estava esfolado ou cortado. Um de seus olhos estava quase todo vermelho e lhe faltavam alguns dentes. Ele falou com cuidado, arrastando as palavras.

— Um deles usa o ar de alguma forma, para sufocar e apertar. Ou como escudo. Os outros dois parecem ser capazes de produzir fogo sem combustível. Acho que queimam o ar, mas não consegui ver como fazem. Todos eles são rápidos, mais rápidos do que eu ou qualquer outro homem que já tenha enfrentado.

Ele arfava, e sua respiração era profunda e trêmula quando parou de falar.

Aquilo calou Regis, talvez por respeito ou admiração pelos ferimentos do outro homem.

— Eles não são especialmente ágeis, ou mesmo habilidosos com a espada — prosseguiu Hondo. — Eu diria que são apenas competentes, ainda que os outros dons dificultem o combate. Tampouco são invencíveis. Vi um deles ser atingido por suas armas de fogo mais de uma vez. Ele sangrou, mas não caiu, e pareceu curar a si próprio. Os três são claramente... aliados e ajudam e defendem uns aos outros quando estão em desvantagem. Mas o que está no meio agora é o líder e comanda os outros... — Ele deixou o resto da frase no ar e tentou tirar um cisco de um dos olhos que lacrimejava.

Regis pareceu perder um pouco do ímpeto com a conversa, percebeu Tellius. Quem marcha para a batalha nunca gosta de ver quem sai dela. Mas, antes mesmo de chegar a essa conclusão, viu o peito do lorde voltar a inflar e sua confiança se restabelecer. Regis não aprendia com as experiências alheias. Como poderia, se no fim das contas sempre provava que estava certo? Era de enlouquecer, mas eles precisavam do escudo e talvez de um homem destemido para empunhá-lo.

Tellius viu Regis dar um tapinha no ombro de Hondo.

— O senhor os manteve ocupados enquanto nos reuníamos — disse o lorde.
— A casa Regis lhe agradece. Bom trabalho.

Regis passou por todos eles. Seu bigode parecia ainda mais projetado para a frente em sua ânsia de se aproximar do inimigo. Quando se virou e encheu o peito de ar, Tellius cobriu uma das orelhas com a mão.

— Regis! Comigo, Regis! — bradou o lorde.

De perto, sua voz soava como um trovão, e seus soldados o rodearam. Todos eram corpulentos e muitos tinham o mesmo cabelo ruivo e a mesma pele pálida e sardenta, como se fossem primos ou bastardos do lorde que seguiam. Tellius se virou quando Regis começou a berrar suas instruções.

— Você consegue voltar, Mestre Hondo? — perguntou Tellius. — Eu não queria pedir, mas o escudo e a espada De Guise são as armas mais poderosas da cidade. Se elas falharem, estamos arruinados.

— Se for uma ordem, eu consigo lutar — disse Hondo.

Tellius viu a resignação à morte nos olhos do outro. E não falou nada por um momento, sem saber o que dizer. No fim, limitou-se a assentir.

— Coloquei o seu companheiro na última armadura, a que chamamos de remendo. Não é tão rápida quanto as outras, mas, com ele dentro...

— Sim, Bosin é um oponente assustador — disse Hondo, erguendo os olhos para o gigante verde blindado de pé atrás de Tellius. — Ele consegue me ouvir?

— É claro — disse Tellius.

Hondo fez uma reverência em resposta. O esforço para falar obviamente custava caro, cada palavra era arrancada da ruína.

— Mestre Bosin, Je está morto, foi se juntar ao irmão. Restamos apenas eu e você. E... e eu sinto muito pelo que lhe causamos.

O olhar da armadura verde e cinza diante de Hondo parecia vidro. Regis já estava avançando e De Guise acelerou o passo para juntar-se a ele. Tellius não podia esperar mais.

— Galen! Tire Lady Sallet da zona de perigo! — ordenou ele.

Lady Sallet virou a cabeça para trás.

— O capitão Galen não fará nada disso — disse ela.

— Fará sim, Win, porque você precisa sobreviver. Quem mais pode... aconselhar o rei? Vá com ele, por favor.

Ele ouviu sua amada praguejar entre os dentes e quase sorriu. Se Lady Sallet se recusasse, ele não iria com os outros e permaneceria ao seu lado.

— Milady? — disse Galen.

Ele e Tellius haviam considerado diversos cenários possíveis nos últimos meses, desde a profecia Forza. Um deles era simplesmente o que aconteceria se Tellius achasse que Win corria risco de morte, se houvesse uma ameaça tão grande que ele achasse que seria impossível vencê-la. Fez Galen jurar que desobedeceria às ordens de Lady Sallet nesse caso, que arriscaria o próprio pescoço e a carreira para não permitir que fosse ferida. Nesse quesito, ele e Galen estavam em perfeito acordo.

Lady Sallet viu a determinação no rosto de Galen e entendeu o que

significava.

— Eu não me afastarei muito, Tellius — disse ela com firmeza. — Apenas até o telhado de um daqueles prédios depois do cruzamento. Não abuse da minha boa vontade.

Galen esperou que Tellius assentisse em concordância, o que custaria o capitão mais tarde, se sobrevivessem. Tellius a saudou com a espada que segurava, fazendo uma reverência a ela quando Lady Sallet se afastou em meio aos homens, de cabeça erguida.

— Bom homem — gritou Regis para ele. — Mantendo a dama em segurança. Guise e eu sabemos como cuidar daqueles três.

Tellius empalideceu, torcendo para que Win não tivesse ouvido.

— Guardas Sallet! — bradou ele. — Avancem na direção daqueles três homens. Preparem as armas para barragens de artilharia sucessivas. Seguiremos ao meu sinal e nos posicionaremos em torno daquele pátio enquanto Regis e De Guise investem contra o inimigo. Ao meu sinal! Avançar!

Cem homens de verde marcharam rumo à propriedade Bracken. Ao lado deles vinham os soldados Regis, de vermelho, e os De Guise, de preto e cinza. Eles se aproximavam dos escombros e dos corpos ao redor do pátio da mansão Bracken, onde chamas jorravam como líquido de todas as janelas, iluminando a noite. Na fachada já se viam enormes rachaduras, que mostravam as labaredas cor de ouro do lado de dentro. A casa podia desabar a qualquer momento.

Os três homens que acompanhavam os preparativos de longe não pareciam amedrontados, mesmo com um exército avançando para destruí-los. Tellius marchava com Hondo de um lado e os passos estrondosos de Bosin sacudindo o chão do outro. Empunhava a espada usada pelo irmão, o que de certa forma era um tipo de intimidade. Ele cortou o ar com a lâmina ao caminhar. Se tivesse a menor chance de enterrá-la no pescoço de um dos três homens que ameaçavam tudo que amava, ele a aproveitaria.

Regis gostava da companhia de De Guise. O rapaz o admirava, o que sempre é gratificante. Algo como um cachorro novo aprendendo a latir com o velho. O atual chefe da família De Guise tinha 22 anos e estava deslumbrado com o mundo que via à sua volta. É claro que, secretamente, Regis considerava o homem que chamava de “Guise” um assassino tão implacável quanto o pai dele fora um dia. Corria em seu sangue, como tinha de ser, quando se tratava das Doze Famílias. Não chegaram tranquilamente ao topo de uma cidade como Darien dando comida aos órfãos ou coisa que o valha. Não. Diziam que Regis e De Guise foram dois dos doze fundadores da cidade às margens do rio. De acordo com os registros familiares, os primeiros homens com esses nomes foram amigos por trinta anos. Talvez esse tipo de coisa não tivesse a menor importância para alguns, mas lorde Regis considerava tradições algo quase sagrado. Em tempos de guerra, quando um De Guise chamava, um Regis sempre atendia — e vice-versa. Ele não seria o primeiro a deixar o outro lado na mão, depois de sabe-se lá a Deusa quantos séculos. Esse tipo de infâmia seria lembrada até após a sua

morte. Muito mais do que importunar a esposa alheia ou encomendar assassinatos. A timidez ante uma ameaça era a pior coisa que Regis podia imaginar.

— Esses sujeitos são ardilosos, pelo que ouvi dizer — falou para os que o seguiam. — Estarei pronto para bloquear qualquer coisa que eles mandem, Guise. Aproveite a minha cobertura e derrube um deles. Pode escolher qual.

Ele sentiu a mão do rapaz repousar em seu ombro, e os dois avançaram lado a lado, com o escudo vermelho e comprido erguido à frente. O objeto brilhava como se estivesse vivo, reluzindo na cor da guerra, da fúria, do sangue. Regis carregava uma espada na cintura, mas o escudo era seu grande trunfo e principal arma. Nem ao menos sacou a espada e esperava não precisar fazê-lo.

— Companhia, atenção! — bradou Regis. Ele sempre teve uma voz boa para o campo de batalha. Naquele lugar, suas palavras ecoavam até as casas do cruzamento. — Agora, me acompanhem, rapazes. Eu não posso fazer tudo sozinho.

Seus homens sorriram ao erguerem suas próprias espadas e escudos. Regis era categoricamente contra à ideia dos cidadãos comuns de Darien possuírem as novas armas de fogo. O que não queria dizer que rejeitava seu uso. Cada um de seus homens carregava dois revólveres na cintura ou em coldres, além de espada, escudo e adaga. A maioria vestia cota de malha ou placas de armadura que protegiam o peito, as costas e o pescoço e permitiam que pernas e braços se movessem mais depressa e com liberdade. Eles corriam ruidosamente. Regis riu do barulho e viu os três intrusos interromperem a conversa e se voltarem para a ameaça.

— Preparar armas, Regis! Preparar armas, De Guise! — rugiu ele. — Apenas tiros certos, cavalheiros. Se não conseguirem ver o inimigo, não atirem. *Não* atirem nas minhas costas. — Infelizmente, já haviam perdido alguns homens no treinamento antes que aquela regra fosse instituída.

Regis ergueu o escudo um pouco mais ao avançar. Os três homens não pareciam grande coisa, ele pensou. Mas viu os destroços de dois Verdes Sallet em meio aos escombros, um deles em pedaços. Apesar de jamais ter gostado daqueles monstros verdes, era difícil imaginar algo capaz de destruí-los.

— Pronto, Guise? — perguntou ele por cima do ombro.

Um dos três gesticulou para a armadura verde como se... Regis praguejou. Membros ou painéis de metal verde eram erguidos no ar e giravam silenciosamente numa nuvem de escombros.

— Acerte-o, Guise! — gritou Regis.

Uma chuva de metal e pedras foi lançada contra a linha de frente. Regis sentiu o estalo no ar quando De Guise fez o que quer que fizesse para acionar sua espada preta. E rugiu quando o líder dos três foi derrubado pelo impacto. Escombros e pedaços de armadura despencaram como se as cordas houvessem sido cortadas. Apenas um pouco acertou a linha de frente dos Regis.

— Posso fazer isso o dia inteiro, filho! — gritou Regis. — Atiradores! Fogo de cobertura!

Ele manteve a posição enquanto as fileiras de atiradores se uniam, para evitar entrar no fogo cruzado dos homens que vinham atrás. Mesmo assim, era angustiante. O pensamento de que bastava um único soldado ressentido para matá-lo ou aleijá-lo sempre lhe passava pela cabeça e o fazia suar, mas ele não demonstrava. Um nobre deve liderar, como seu pai sempre dizia — e um líder não teme, não fraqueja. Não tem crises de fé no meio de uma batalha. Regis conseguia relembrar o escárnio do velho em detalhes. Sentira-o na pele muitas vezes antes de enterrá-lo no chão frio.

A primeira fileira se ajoelhou para atirar, e juntas as duas colunas dispararam uma chuva de balas. O pátio da propriedade Bracken foi varrido por tiros. Uma fumaça cinzenta pairava no ar, o que fez De Guise praguejar.

— Cessar fogo! Mantenham suas posições!

Eram apenas três alvos, e o jovem lorde amaldiçoou a fumaça que subia. Precisava enxergar para atingi-los. De Guise vislumbrou uma sombra e saiu da cobertura do escudo com a espada apontada para a frente. Alguma coisa preta e incrivelmente veloz atravessou o pátio, como se um eclipse se estirasse numa linha reta. Entulho voou pelo ar, e o jovem lorde De Guise sentiu alguém ao seu lado. Ele começou a se virar, mas Gabriel cortou-lhe a garganta num movimento único e ágil. A espada De Guise caiu sobre as pedras com um clangor que reverberou longe.

Regis se virou em choque. Eles eram rápidos demais! Ainda girava o escudo quando o homem brandiu a espada para matar outra vez. O escudo Regis soou como um sino, mas Gabriel voou para dentro da propriedade e Regis estava no seu encalço em um instante. Sabia o que aconteceria: o escudo refletia os golpes, duplicando sua força. Espadachim nenhum seria capaz... Ele sentiu o ar se tornar mais pesado ao seu redor, e os sons do pátio foram abafados de repente. O som se propaga no ar, ele lembrou sem forças. Quando o ar ficou imóvel, foi como se a cidade inteira estivesse abafada. Regis tentou girar o escudo para encarar o mago furioso que se aproximava lentamente, mas, por mais que lutasse, estava tão preso quanto uma mosca afundada em óleo.

Thomas arrastava uma perna, que estava quebrada. A dor e a náusea eram alucinantes, mas ele reconheceu o portador do escudo e o espadachim como as maiores ameaças naquele lugar. Gabriel foi jogado longe e um tipo de barra preta atirou Thomas sobre os escombros. Ele viu o tornozelo ficar preso e a perna dobrar até partir o osso. E não foi uma fratura limpa. Fragmentos de osso despontavam na pele e sangue escorria de alguns pontos em sua canela. Precisava que Gabriel o curasse, e logo, antes que a dor o fizesse desmaiar.

Thomas viu o Verde Sallet se aproximar e, consternado, se virou para o gigante blindado que escalava em meio aos corpos e escombros para investir contra ele. Viu os painéis piscarem em tons de cinza, além do, mas a coisa era terrível e vertiginosamente veloz, como uma aranha capaz de saltar.

Quando o alcançou, o Verde de retalhos atacou com uma espada prata. Thomas abriu mão do seu controle sobre o escudo vermelho para se defender, engrossando o ar até cercar e aprisionar o gigante. Ele dobrou a perna ao se mover

e sentiu uma pontada agonizante, como se uma luz branca o atravessasse. Estava aturdido e enjoado, mas não lhe dariam uma trégua. Com um grunhido, começou a torcer devagar a cabeça cinza tremeluzente, como se a prendesse num torno, aguardando o estalo.

Remendo

Marias seguiu o caminho dos guerreiros depois que atravessaram o portão. Ela viu milhares de corvos mortos espalhados pela rua — crianças pegavam-nos aos montes e cães os disputavam. Alguns dos animais dourados balançaram o rabo quando ela passou com lorde Ran e o Bobo. Não era difícil saber para onde ir. Com a escuridão caindo sobre a cidade, Marias ouviu os tiros que vinham do final de uma rua e viu as luzes de uma casa em chamas. Brasas alaranjadas flutuavam no ar e, para onde quer que olhasse, moradores atiravam baldes de água em portas e telhados. Era um povo determinado, ela pensou.

— Marias, você disse que era apenas para dar uma olhada, lembra? — implorou lorde Ran, fungando.

A mulher que serviu chá a ele ofereceu-lhe uma espada. O lorde a segurou sem jeito, um objeto de aparência arcaica com lâmina curva, mais adequado à parede sobre a lareira de uma taverna do que ao uso propriamente dito. O lorde do Comércio de Shiang ainda estava embrulhado no cobertor e esfregava o nariz, que escorria. Marias não respondeu. Queria ver Taeshin outra vez, ainda que fosse para vê-lo morrer, ainda que ela própria precisasse morrer. Não tinha certeza se o que sentia era amor, exaustão, ou apenas a sensação de estar longe de casa e suspeitar que não voltaria. Mas sabia que não poderia simplesmente ver Taeshin ser apagado para sempre e voltar para qualquer que fosse a vida que a aguardasse. Não seria vendida outra vez, não em Darien. A mulher que lhes dera chá havia garantido. Marias sabia que podia encontrar trabalho, mas não atravessara montanhas para lavar roupa ou esfregar chão numa outra cidade. Estava ali para assegurar, a qualquer custo, que Taeshin viveria.

Apesar da escuridão, as ruas estavam cheias de soldados, que conversavam e riam, satisfeitos por saberem que outros pobres coitados arriscavam a pele naquele momento. Homens armados trajando uma dúzia de cores diferentes bloqueavam a rua. Marias viu dois oficiais quase se baterem ao discutir a ordem da marcha. Com lorde Ran e o Bobo a seguindo, ela utilizou becos que contornavam duas das passagens bloqueadas, sempre a caminho dos disparos e dos clarões. Ninguém os abordou. Os soldados não tinham recebido ordens para impedir a passagem por ali. Sem serem notados, os três seguiam próximos às paredes e duas vezes pediram licença ao abrirem caminho por dentro de tavernas. O Bobo sorria o tempo todo e algo nele acalmava os olhares irritados lançados sobre eles.

Marias levou a mão à boca ao ver a concentração de tropas na rua à frente, em contraste com o brilho de quarenta janelas que cuspiam chamas. Naquela luz destruidora, silhuetas escuras se esquivavam e atacavam, rápido demais para acompanhar com os olhos, de modo que pareciam piscar. Chegara ao centro de tudo, e a cidade tremia à sua volta, com bons motivos.

Ela teve um sobressalto ao ouvir outra fuzilaria, seguida por ordens furiosas de cessar fogo. Fumaça atravessava escombros e homens mortos, obscurecendo a visão. Ao seu lado, lorde Ran fungava, assustado. Quando fez menção de se aproximar da rua, o velho, magro e abatido pela febre, a conteve com o braço estendido na altura de seu peito.

— Você disse que iria apenas olhar! Quem quer que tenha sido para você, ele se foi. Você consegue ver isso agora, não é?

— Tire a mão de mim, Ruína — disse ela, usando o nome que ouvira nas docas de Shiang. — Você mesmo disse que ele não pode me matar.

— Eu quis dizer... Não! — disse ele, mas ela já seguia em direção à luz das chamas antes que pudesse detê-la.

O Bobo o fitou e sorriu, seguindo Marias. Lorde Ran esfregou o nariz com força, quase com raiva, e recuou até se apoiar contra uma parede nas sombras. Conhecia os regressados melhor do que a maioria. Não entraria naquele turbilhão por uma coroa e uma propriedade à beira-rio.

Regis arfou ao descobrir que conseguia respirar outra vez, recuperando-se lentamente. O ar parecera porcelana em sua garganta. Ele não foi sufocado, simplesmente não conseguia mover os pulmões. Sabia que estava morrendo logo nos primeiros instantes, então sentiu aquela compressão terrível se despedaçar, quase em êxtase. Aspirava o ar com sofreguidão, mas, ao fazê-lo, viu que o Verde Sallet era imobilizado da mesma forma. Os painéis cinza cintilavam em meio ao verde, e a criatura tateava o ar, tentando em vão alcançar o seu algoz.

O lorde não queria enfrentar um homem capaz de tornar o ar em algo que não conseguia respirar. Jamais sentira tamanha impotência na vida e a possibilidade de voltar a senti-la era aterradora. Ele pensou no desdém do pai e abriu um sorriso triste. Imaginar aquilo talvez ajudasse. O velho demônio jamais encontrara o que elogiar no filho, exceto quando espancou um guarda até fazê-lo perder a consciência em um treinamento.

Regis se levantou e ergueu o escudo vermelho. Havia uma fumaça espessa por todo lado e duas ameaças por perto — só a Deusa sabia onde estava a terceira. O mago à sua frente tinha a perna quebrada, e era o mais fraco dos dois que havia enfrentado. O desgraçado que o escudo jogara longe se movia como um maldito beija-flor — e havia matado Guise. Regis ouviu seu próprio rugido e sacudiu o corpo.

Desenvolvera um corpo musculoso e com ossos sólidos treinando, com e sem armas, todos os dias de sua vida. E o fez exatamente para um momento como aquele. Ele avançou, com o escudo vermelho erguido à frente. A maioria dos homens pensa no escudo apenas como defesa, para manter uma posição ou

defender-se de um inimigo enfurecido. Mas, quando a coisa refletia e amplificava os impactos em sua superfície reluzente, isso criava um efeito totalmente diferente no campo de batalha. Regis era um homem pesado, com pernas poderosas. Ele acelerou ainda mais, de encontro a um inimigo capaz de roubar até mesmo o ar.

Thomas estava absorto na tortura da enorme armadura de retalhos. Já havia retorcido uma delas naquele dia — e quebrado o pescoço de outra. De todos os regressados, era o que melhor sabia lidar com as coisas verdes blindadas. Erguera a armadura remendada na ponta dos pés, e lutava para romper o seu elo com a vida. Aquele parecia resistir com mais força, então Thomas precisou se concentrar e dobrar seus esforços.

Ele ergueu uma das mãos e girou-a lentamente, como se virasse uma alavanca que apenas ele conseguia ver. Com satisfação, ouviu um grunhido do guerreiro ali dentro quando a pressão fez seu pescoço ranger. A imobilidade do ar se espalhava em torno da armadura verde e cinza presa em seu aperto.

De repente, Thomas ouviu passos rápidos e viu um borrão vermelho vindo em sua direção. Ele soltou o Verde Sallet e tentou se esquivar, esperando um golpe de espada. Mas a perna quebrada o traiu, e Regis o golpeou com o escudo a toda velocidade, com o ombro apoiado na curva interna do escudo. Thomas voou com um baque e caiu sobre os escombros, a perna quebrada pendurada de uma maneira terrível. Quando se viu imóvel no chão, estava de costas e puxou o ar apenas para gritar.

A armadura de retalhos agachou-se e alongou o pescoço. Ergueu a mão para conter Regis, e rolou os ombros como um atleta se aquecendo. Seu olhar estava fixo em Thomas. Quando Regis gesticulou para que seguisse em frente, a coisa deu um forte impulso e saltou os quase doze metros que os separavam do homem caído.

Regis ouviu leves passos às suas costas, como um homem correndo na areia. Girou o corpo em tempo de erguer o escudo para bloquear o golpe de Gabriel e deu um grito triunfante ao ver o homem ser lançado pelo ar em sua tentativa de atingi-lo nas costas.

— Dói, não é mesmo? — disse Regis com uma alegria selvagem. Atirara o homem no meio dos soldados da casa De Guise. Os homens viram seu mestre ser morto pouco antes, e foram para cima de Gabriel com uma brutalidade extraordinária, golpeando-o com tudo que tinham.

Regis olhou de um lado para o outro, sem saber qual seria o melhor lado para usar o escudo. Por mais poderoso que fosse, tinha suas falhas em combate, o que explicava por que a família havia criado um elo tão forte com os De Guise. A espada que carregavam não era sua para usar. Encontrava-se ao lado do corpo de um jovem que estava no auge da juventude. Não haveria um novo herdeiro naquela linhagem, não haveria mais parceiro para um Regis no campo de batalha. Ele pegou a espada pela primeira vez na vida. Pela primeira vez, em cem gerações, um Regis empunhava a espada De Guise. Seu escudo pareceu ressoar com ela e a poeira do chão tremeu sob seus pés.

Thomas sentiu lágrimas brotarem em seus olhos ao tentar se levantar. Todo homem se sente confiante antes de uma batalha, quando está em forma, inteiro e forte. Só depois de ferido a luta muda, quando uma barriga aberta ou um osso quebrado transforma cada movimento em agonia. São nesses momentos que a coragem importa. Todo homem se acha imortal ao pisar no campo de batalha.

Sua perna fazia mais que latejar ou doer: ela gritava. A dor era tão intensa que queria cortá-la fora, como se fosse uma traidora, antes que o matasse. Lembrou-se de ter sentido o mesmo com um abscesso na infância, de ter implorado à mãe e ao dentista que arrancassem aquela coisa nojenta com um alicate. A perna esmagada trazia insanidade e fraqueza. Ela o traía, e Thomas não tinha forças para lutar, quando precisava de todo o seu controle.

O Verde Sallet atacava com mais elegância que os anteriores. Quem quer que fosse o homem lá dentro, parecia incansável. Thomas torcia por um momento de resfôlego, por uma pausa, mas não havia trégua. Em vez disso, ele recebeu golpes de todos os ângulos. Ergueu um escudo de ar contra todos, mas o monstro blindado usou seu peso contra a defesa, de forma que Thomas deitou-se novamente e não conseguiu se levantar.

Ele berrou quando o Verde Sallet subiu em cima dele, como se montasse em uma bola de vidro. Consequia enxergá-lo quando o escudo de ar começou a fraquejar, a criatura golpeava freneticamente com sua espada e o punho blindado. Viu a coisa formar uma lança com os dedos e tentar atravessar a barreira que não conseguia ver. Aquela tentativa o fez lembrar que havia um homem dentro da armadura, um inimigo, sim, mas um soldado, não uma criatura lendária aterrorizante. Thomas tentou retomar a pressão com que o imobilizou antes, mas a dor era forte demais e não havia nada que pudesse fazer além de impedir que seu inimigo caísse sobre ele.

Viu a própria morte naquele momento e, para sua surpresa, isso lhe deu força. Afinal de contas, já havia morrido antes. Não tinha ilusões sobre seu significado. Outros homens poderiam ter desistido sob um ataque tão devastador como aquele, mas Thomas sabia onde acordaria se o fizesse. Não conseguia suportar a ideia da terra cinzenta se estendendo ao seu redor outra vez. Disse a si mesmo que se levantaria. De alguma forma, se levantaria. Gabriel ou Sanjin viriam libertá-lo.

Sanjin acordou num sobressalto, arfando. Algo o atingira nas primeiras saraivadas de tiros, antes que a fumaça cinzenta cobrisse o pátio. Thomas não conseguira manter o escudo por muito tempo ou, mais provavelmente, cuidou apenas de si mesmo, e Gabriel deixou que se virasse com as balas. Sentia a raiva borbulhar como ácido em seu estômago. O pé estava sangrando de novo, é claro, de modo que suas pegadas vermelhas marcavam o chão e as ataduras estavam cobertas de sujeira marrom. Gabriel havia prometido, mas Sanjin sabia muito bem por que não terminara a cura. Isso lhe dava poder sobre ele, e era só isso. Mantinha uma coleira em Sanjin, assim como fizeram com o Bobo. Ele teria feito o mesmo. Gabriel o temia, o que mostrava que era sensato.

Sanjin se apoiou nos cotovelos, assimilando que caíra tão rápido na escuridão

que ninguém que os atacava vira onde estava. Sua cabeça latejava e parecia ter o dobro do tamanho, mas ele estava vivo e por enquanto não havia ninguém o perseguindo.

Ele pressionou a mão na testa e sentiu o sulco no osso que o derrubara. Piscou ao ver o sangue fresco na mão, sentindo-se subitamente nauseado, então se virou de lado para vomitar sobre os tijolos e o ferro retorcido à sua volta, o que fez sua cabeça doer ainda mais, deixando-o furioso. Um oceano aflorava no seu interior, mas ele não conseguia curar um arranhão ou soprar uma brisa.

Vira Gabriel usar fogo. O homem estava embriagado com tudo que absorvera da Pedra Bracken e lançou um jorro de chamas, esbanjando poder como se jamais fosse secar. Sanjin franziu a testa. Vieram juntos da terra cinzenta, mas foi Gabriel que subiu ao trono, Gabriel que tomou uma jovem como sua rainha, Gabriel que os levou a Darien em busca de mais pedras.

Havia cadáveres espalhados por todo aquele pátio, percebeu Sanjin. Na escuridão, estaria invisível entre eles. Talvez pudesse simplesmente ir embora. Poderia abandonar Thomas e Gabriel para o destino que escolheram para si mesmos e desaparecer cidade adentro. Seu pé latejava, o que o fez lembrar. Metade do pé. Os pontos cauterizados não resistiram por muito tempo. Sabia que poderia encontrar um bom cirurgião que o removesse e costurasse, mas Gabriel podia trazê-lo de volta.

Com um gemido de frustração, Sanjin se levantou. Estava *farto* daquela cidade. Tudo o que ele e os outros queriam eram as pedras! Por que aquelas pessoas precisavam insistir em lutar? Talvez fosse algum tipo de insanidade coletiva.

Ele viu Marias sair da rua escura para o pátio iluminado pelas chamas, seguida pelo Bobo como um cão fiel. Sanjin mostrou os dentes ao avistá-los. Marias era o ponto fraco de Gabriel. O sujeito não a reivindicara formalmente, mas pelo jeito era boa demais para um homem como Sanjin, frágil demais para aguentar suas mãos brutas. Ele olhou em volta, analisando as lutas que ainda aconteciam no pátio. Viu Thomas sob o ataque de um guerreiro verde blindado e Gabriel iluminado pelas chamas mais adiante.

Estavam cercados, Sanjin entendia isso. Talvez houvesse uma saída pelos fundos da propriedade Bracken. Ou talvez encontrasse soldados à sua espera se tentasse escapar. Ele flexionou as mãos. No instante em que se movesse, estaria de volta. Isso era óbvio. Recebera a chance de simplesmente sumir noite adentro para jamais voltar a ser visto. Talvez as pedras cessassem seu chamado pulsante se ficasse em Darien.

Era um pensamento desconcertante. Uma vida normal. Sem tronos roubados ou inimigos no campo de batalha, mas almoçando em paz e caminhando no parque. Trabalhando por um salário, talvez até mesmo com uma esposa e uma casa sobre uma loja. Perto de uma taverna, é claro. Talvez isso fosse o que queria.

Sanjin suspeitava que Marias não o vira. Agachou-se entre as sombras e os mortos, mas ela passaria perto de onde estava. Ele saboreava o medo e o choque que era capaz de causar. Poderia sair daquela escuridão estática e agarrá-la.

Gabriel nem ao menos saberia que ela esteve ali.

Apenas a presença do Bobo o fez hesitar. Aquele pobre homem arruinado que cambaleava atrás dela parecia não entender nada. Nem ao menos sabiam seu nome. Ao mesmo tempo, era fácil imaginá-lo chiando, chorando e apontando para Sanjin, mostrando que fizera mal a Marias, fazendo uma confusão com as palavras.

Sanjin ergueu a cabeça lentamente. Por alguns momentos, sonhou com uma vida diferente, comum. Mas não era o que realmente queria. Recebera o poder que trazia dentro de si para usufruir. Não voltara à vida para viver como um fazendeiro ou comerciante. Desprezava aquele tipo de gente em sua primeira vida. Não, aquilo não era para ele. Voltara para governar.

Marias se aproximava, bela sob o brilho das chamas. A vadia resistiu quando a puxou pelo braço, como se seu toque a intimidasse. Então ele se permitiria um momento de maldade em meio à batalha e depois lutaria ao lado de Gabriel e Thomas — seus companheiros de armas — para onde quer que o destino os levasse.

Sanjin abriu as mãos como uma flor, e uma chama brotou entre elas. Viu a moça se voltar para a luz e lançou uma corda de fogo, uma rajada dourada e branca, que atingiu Marias e a envolveu.

Ele lançou o fogo e então passou a respirar mais devagar, o chão ao redor fumegando de calor. Enquanto seus olhos se ajustavam, o sorriso desapareceu tão rápido quanto se formara. O Bobo tinha uma mão no ombro de Marias, que não foi atingida ou queimada. O cretino gargalhava, e o humor de Sanjin azedou. Ele saiu da escuridão, mas foi detido por disparos. Suas chamas alertaram todos os soldados com uma pistola. Ele se agachou, e Marias e o Bobo passaram, intocados pela violência que zunia no ar em torno deles. Sanjin viu um ou dois rastros laranja de balas desacelerando e ouviu a risada chiada do Bobo. O maldito vinha aprendendo esse tempo todo, concluiu, praguejando consigo mesmo ao tomar uma decisão. Estava na hora de entrar na briga. Queimaria o próprio ar se fosse preciso. Ele respirou fundo, uma única vez, e começou a atravessar o pátio. Separados, eram fracos demais para resistir; juntos, Darien sucumbiria.

Thomas sentia sua determinação ruir. O terrível guerreiro blindado ainda agarrava sua esfera de ar como se tentasse erguê-la, golpeando sem trégua com uma energia avassaladora. Thomas sabia que estava sangrando e, por mais que dissesse a si mesmo para resistir e se levantar, ele se sentia cada vez mais fraco. Sanjin fugira para algum lugar, como o covarde que era, mas Thomas ainda esperava encontrar Gabriel.

Gabriel jamais fugiria. Ele tinha aquilo que certos homens têm que faz com que outros queiram segui-los. Parte disso era por causa daquele juramento particular, daquele laço. Não fugirei ao vê-lo cair. Gabriel o chamava de irmão, e Thomas sentia a promessa na palavra. Mas ele estava fracassando, e o monstro aracnoide verde e cinza se aproximava à medida que a esfera encolhia. Thomas já conseguia enxergar o próprio reflexo no capacete e ver que estava sujo de terra, de

sangue e de medo. Ele mostrou os dentes para a versão verde de si mesmo e empurrou de volta, tentando derrubar o monstro.

Thomas quase chorou quando Gabriel apareceu, um pouco mais ao lado. Ele agarrou a coisa verde blindada pelo pescoço e pela perna e a atirou do outro lado do pátio. Thomas sentiu o escudo se desfazer e continuou no chão, respirando, aliviado, com lágrimas cortando a poeira que lhe cobria o rosto. Ele sentiu Gabriel se ajoelhar. Ao seu primeiro toque, o alívio súbito da dor o percorreu com um calafrio.

— Minha perna... — murmurou ele. — Faça o que for possível, irmão...

Gabriel começou a responder, mas o guerreiro verde remendado se atirou contra ele a toda velocidade, arrastando-o para longe do seu campo de visão. Thomas foi deixado olhando para as estrelas e brasas flutuantes. Encontrou forças para se levantar, mas os ossos da perna quebraram outra vez quando colocou peso sobre ela, arrancando-lhe um longo berro de frustração.

Do outro lado do pátio, Gabriel rolava com Bosin, socando e golpeando a uma velocidade estonteante. Thomas pensou que não seria capaz de dar um passo para ajudá-lo, não se quisesse continuar de pé. Todas as suas promessas se desfaziam, arruinadas pela perda de sangue, pela dor lancinante. Ele queria se sentar, dormir. Não conseguia mais lutar.

Thomas se virou e deparou com um homem tão coberto de fuligem e sujeira quanto ele. Lorde Regis o acertou com a espada De Guise, atirando-o de volta ao chão. Sem hesitar, o homem saltou sobre ele e desceu o escudo. Thomas ergueu uma mão para bloquear o golpe, mas foi como ser atingido por uma parede desmoronando. O impacto tirou-lhe o ar, e ele não conseguia respirar. Estava fraco demais para se salvar, e Regis não lhe deu tempo para alterar o ar, muito menos para respirar. O lorde o atingiu com o escudo inúmeras vezes, cada golpe com o impacto duplicado, até Thomas não se mexer mais e ficar com o olhar fixo, imóvel. Ainda assim, Regis continuou o ataque, grunhindo a cada golpe. Jamais sentira medo na vida até ter o ar transformado em vidro dentro de sua boca. Esse medo se reproduzia quando ele descia o escudo Regis com todas as suas forças, até ver o homem abaixo reduzido a ossos, sangue e tecido e sem conseguir erguer os braços direito. Ele montou sobre o corpo do mago morto, ofegando tão forte que pensou que o coração sairia pela boca.

— *Majestade, por favor, escute!* — disse Taeshin. — *Eu não fui mandado para cá. Um homem chamado Gabriel abandonou as suas tropas com outros três. Thomas e Sanjin, e outro cujo nome não descobri.*

O rei tinha um estilo de ataque antigo, Taeshin reparou, aliviado. O homem era incansável e forte, mas renunciava seus golpes, de modo que Taeshin conseguia desviá-los ou se esquivar.

— *Gabriel está nas minhas tropas — rugiu de volta o rei. — Com homens melhores que você, garoto. Devo dar ouvidos a um traidor? Quem o mandou?*

— *Eu não faço parte desta batalha, deste lugar cinzento!* — gritou Taeshin. — *Mostre-me Gabriel se puder, Majestade. Ele voltou e me arrastou para este lugar.*

— Ninguém volta — disse o rei com escárnio.

Ele se voltou para as linhas de combate que se preparavam para marchar naquele dia. Taeshin prendeu a respiração enquanto o rei corria os olhos pelas tropas, até vê-lo franzir a testa.

— Está vendo? — pressionou Taeshin. — Gabriel se foi, com outros três. Pode chamá-lo de volta para este lugar?

— Ninguém deixa este campo de batalha — disse o rei, agora com menos certeza. Ele fechou os olhos por um momento. — Se houvesse uma forma de voltar para casa, você não acha que eu mesmo iria? É necessário o poder de uma pedra para abrir a porta.

— Tinha uma. Eu a vi. Era uma pedra branca — disse Taeshin. Estava desesperado. Não falava com ninguém desde que chegara àquele lugar uma eternidade atrás. Estava à beira das lágrimas só de ter convencido o rei a ouvi-lo. — Por favor. O senhor é um rei. Pode ao menos chamá-los de volta?

O homem embainhou a espada enquanto seu exército o observava e outro se reunia mais adiante. Ele levou a mão ao berrante que pendia em seu pescoço, mas havia apenas tristeza em seu olhar.

— Eu posso chamá-los, rapaz. E eles devem voltar. Este é o meu papel, e o deles. Taeshin ficou imóvel, boquiaberto e de olhos arregalados.

— Então... isso é tudo que desejo! Por favor. Mande-me de volta. Eu não devia estar aqui.

— Ah, filho, sinto muito. Eu posso chamá-los, como disse. Mas você vê alguma pedra da manhã por aqui? Não posso mandá-lo de volta para casa. Pegue uma espada e junte-se às tropas. Ainda há tempo para lutar hoje.

Taeshin sentiu a esperança definhar e morrer, e olhou ao redor com um novo olhar.

— Chame-os de qualquer forma — disse.

O rei assentiu.

— Se é isso que deseja — disse ele, com um olhar sombrio. — Onde você encontrou a porta?

O rei olhou para onde Taeshin apontava e começou a caminhar ao seu lado. Juntos, subiram a encosta, afastando-se do campo de batalha.

— E o seu cavalo? — perguntou Taeshin.

— O cavalo é o que me prende, filho. Assim como as novas almas quando pegam uma espada ou um escudo. Você me puxou da sela, e eu me vi livre pela primeira vez em... — Ele balançou a cabeça. — Eu não sei.

— O senhor voltará para a batalha depois? — perguntou-lhe Taeshin. — Depois de chamar Gabriel e os outros?

— Para onde mais eu iria? — disse o rei com pesar.

Terra Cinzenta

A colina tinha uma inclinação suave, embora isso causasse um efeito ilusório. Sempre que fazia uma pausa para observar a planície, Taeshin ficava surpreso com a distância que haviam percorrido. O rei também parecia impressionado com o que via.

— Tantas vezes pensei que gostaria de subir até o alto desta encosta, apenas para apreciar a vista. Mas, de alguma forma... — Sua expressão ficou mais sombria. — De alguma forma, nunca tive tempo. Sempre havia uma nova batalha a travar, ou era preciso descansar e me preparar para o outro dia. Então nunca vim, embora a vista valha a pena.

Taeshin queria manter o homem do seu lado, sua única chance de consertar aquele erro — numa terra cinzenta que acabava com toda a esperança. Ele tinha medo de fazer a pergunta errada e ver a expressão vazia voltar ao rosto do rei. Por isso, falava com cuidado, medindo as palavras.

— Estou aqui há meses... — disse. — Eu o vi lutar mais vezes do que consigo me lembrar. O senhor sabe que luta todos os dias? Que os mortos se levantam outra vez e pegam as armas? O senhor se lembra das batalhas?

— De algumas. Mais das que ganho que das que perco — respondeu o rei. — Quando estava... antes de morrer, eu adorava lutar. Você acredita? Sentia que jamais estaria no mundo por completo e de maneira genuína, a menos que sentisse o cheiro de ferro e óleo, a menos que houvesse uma espada em minha mão, com regimentos marchando pelas colinas ao meu redor. Você se move como um lutador, filho. Entende o que estou dizendo?

Taeshin assentiu, sentindo o olhar do homem. A terra cinzenta não era um lugar de vida ou luz, mas as mentiras que os homens contavam a si próprios não tinham espaço ali.

— Entendo. Já me senti assim... algumas vezes. Eu sempre quis testar a mim mesmo, minha coragem, minhas habilidades. Treinava todos os dias, procurando... — Ele hesitou. — Sinceramente, não sei o que procurava. Fama? Admiração? Isso não parece ter tanta importância agora.

— Todos nós morremos — disse o rei. — No final, não importa se levamos a vida vendendo peixe ou lutando e rindo.

— Vendendo peixe? — perguntou Taeshin.

O rei deu de ombros.

— Minha família era de pescadores, muito antes de sermos reis. Talvez este seja

um paraíso para soldados e generais, não sei. Tenho certeza de que um paraíso para pescadores teria barcos.

— Eu não deveria estar aqui — disse Taeshin baixinho.

Eles subiam enquanto conversavam, e o cume da colina não estava distante. Taeshin viu uma sombra se mover e levou a mão a uma espada que não possuía. O rei olhou para cima, e ambos viram uma figura escura surgir. A princípio, estava furiosa e rodava de um lado para o outro sem saber para onde ir, mas, quando se aproximaram, a figura se encolheu e começou a lamentar baixinho.

— Thomas — disse o rei. Ele foi até o homem e colocou a mão em seu ombro. — Desça, filho. Assuma o seu lugar na linha de combate. Preciso que me proteja hoje.

Thomas ficou de pé e assentiu, enxugando lágrimas que não estavam mais lá quando começou a correr morro abaixo. Taeshin e o rei o observaram ir.

— Esse era um deles — disse Taeshin.

O rei suspirou e balançou a cabeça.

— Para quê? O que ganhou com isso? Ele tem mais arrependimentos agora do que antes. Eles vêm feridos para as tropas, filho. Chegam arrasados e chorando. Já vi acontecer mais vezes do que posso dizer.

Na planície, a batalha começou, com grandes pelotões marchando e lançando-se uns contra os outros. Não parecia tão real a distância, mas deixou o rei arrebatado. Ele admirava com fascínio algo que só conhecera em meio ao combate.

— Eu deveria estar lá embaixo, na luta — disse ele com um tom sonhador. — Não aqui, no morro. — Ele desceu um passo, depois outro.

— Por favor — disse Taeshin. — Chame Gabriel e Sanjin de volta. Mesmo que não possa me mandar para casa, desfaça essa confusão. Nada está certo até que eles estejam aqui.

A batalha não ia bem sem o rei para liderá-los. Era um massacre, com regimentos inteiros sumindo de vista ao serem derrubados e vencidos. Em todas as variações que havia visto, Taeshin jamais testemunhara uma derrota tão brutal como aquela.

Quando o rei se virou para ele outra vez, a raiva tomava seu olhar.

— Eu não devia ter vindo com você. Meu lugar é lá embaixo, com eles, para viver ou morrer a cada dia.

— E fazer a mesma coisa de novo e de novo sem fim ou propósito? — perguntou Taeshin em frustração. — Isso não é o paraíso, Majestade. Só pode ser o inferno, só pode. O senhor é capaz de enxergar, não é?

Paralisado, o rei observava seus regimentos dispersos e derrotados. Aquele massacre teria sido tenebroso em vida. O outro rei cavalgava pelo deserto cinzento, de um lado para o outro, de um lado para o outro.

— A batalha está perdida — disse o rei, tomado por desespero.

— Então vença amanhã, quando fizer tudo outra vez! — rebateu Taeshin. — Mas antes chame de volta os homens que escaparam. Chame de volta aqueles que roubaram minha vida e me colocaram aqui. Faça o que disse que faria, se ainda lembra o que significa honra neste lugar.

Gabriel batia a poeira do casaco, com fumaça de pólvora pairando como neblina

à sua volta. Havia derrubado o guerreiro blindado com seus golpes e se afastara cambaleando, desesperado para salvar Thomas. Ele balançou a cabeça. Não sabia se Thomas estava vivo. Muito menos quantos homens matara aquela noite. Era estranho como Darien era diferente de Shiang em tantas coisas. No complexo real, dizimara espadachins Mazer e guardas reais, cobrindo-se de sangue até deixar pegadas vermelhas no mármore. Mas, no final, depois que tomou a espada e ocupou o trono, todos se renderam. A cidade entrou na linha em poucos dias, sem rebelião ou desordem. Os senhores de Darien pareciam mais teimosos, ou talvez fosse simplesmente o fato de não ter ido direto até o rei. Os símbolos são importantes, pensou Gabriel com desgosto. Mais uma vez, estava coberto de fluidos e imundície, com poeira e pedaços de carne grudados no rosto. Se ele e os outros não houvessem sido desafiados no portão, talvez tivessem conseguido ir até o palácio real e cortado apenas uma cabeça do lobo.

Ele rosnou e criou um anel de fogo ao seu redor para afastar os soldados.

— Quantos de vocês ainda precisam morrer? — bradou ele aos homens. — Juro que, se vocês...

— Taeshin? — Ele ouviu.

É claro que reconheceu a voz na mesma hora. Algo nele saltou para mais perto da superfície, apavorado ao ver Marias naquele lugar selvagem. Não dominava o escudo de ar e podia apenas olhar enquanto ela vinha em sua direção com o Bobo ao seu lado.

— Volte! — gritou ele, mas não era a sua voz. Gabriel rugiu, tentando limpar da garganta aquele que dissera as palavras. Não ia compartilhar aquele corpo, não depois de tudo que fizera para mantê-lo. A Pedra Bracken pulsava em sua pele, e ele sugou mais energia, sentindo os pelos dos braços se eriçarem.

— *Marias! Volte! Antes que acabe sendo morta!* — gritou Taeshin subitamente.

O rei inclinou a cabeça e olhou para ele, confuso. Uma brisa soprou, e o rei quase tropeçou ao notar que jamais sentira uma, não naquele lugar. Ele aguardou até o foco de Taeshin voltar para ele.

— *Você ainda está preso ao mundo* — disse o rei, admirado.

— *Então me mande para casa* — implorou Taeshin. *Ele conseguia sentir o ar noturno frio de Darien no rosto. Ouvia os estampidos de tiros e sentia o cheiro de pólvora queimada, enquanto parte do mundo que conhecia se infiltrava na terra cinzenta. O rei também sentiu o cheiro, enchendo os pulmões. Depois de tanto tempo sem sensações, até mesmo aquele amargor era intoxicante.*

— *Se eu pudesse, filho, juro que o faria* — disse o rei. — *Mas você consegue ver? A ligação está ficando cada vez mais fraca. Este é um lugar de morte. Se parte de você ainda vive, não creio que possa resistir por muito tempo.*

— *Mas eu consigo sentir o ar frio! Sinto cheiro de queimado!* — disse Taeshin. — *Por favor. Estou a apenas uma palavra de ir para casa.*

O rei balançou a cabeça.

— *As estrelas brilham com intensidade em seus últimos momentos. Feche os olhos e tente falar, Taeshin. Talvez ela ouça sua despedida.*

Taeshin deu um passo à frente, passou as mãos pela gola da armadura e puxou o rei para perto de si. Suas palavras saíram num rosnado baixo, depois que sua paciência foi pelos ares de Darien que envolviam os dois.

— *Chame-os — disse ele. — Gabriel e Sanjin. Eles são seus homens. São sua responsabilidade. Chame-os... de volta.*

Gabriel matou quatro homens que emergiram de repente da escuridão, cortando-os como se tivessem oferecido o pescoço à sua espada. Ele fez uma pausa quando o último caiu, ao ver a fachada inteira da casa Bracken desmoronar sobre o pátio. A estrutura caiu, fazendo um estardalhaço, espalhando tijolos e revelando um inferno ainda maior. Gabriel sorriu àquela visão. Jogara o guerreiro blindado verde e cinza naquela parte do pátio. Adorava as chamas por conta da destruição, mas a espada era mais limpa.

Livre, ele voltou a caminhar na direção de Marias. Se alguma bala o acertasse, fecharia o ferimento. As chamas haviam se espalhado para as casas dos dois lados da pequena praça, e dava para ouvir os berros na escuridão e as mulheres implorando por ajuda. Ele deixou seus lábios assumirem uma expressão feroz. Se aquele era o inferno, talvez ele fosse seu mestre. Trouxera luz para Darien, no final das contas.

Ele ergueu a mão para alertar Marias, mas a presença em seu interior estava desaparecendo. Não sabia o quanto ela havia se estabelecido, como uma trepadeira que cresce por todas as suas articulações e que subia pela medula dos seus ossos. Só soube de sua existência quando a sentiu murchar, enfraquecendo enquanto ele se fortalecia. Gabriel sorriu para Marias. Naquele momento, soube que poderia matá-la. E decidiu fazê-lo, apenas para mostrar seu desprezo pelo amante que se esforçara tanto para reaver a própria carne. Para demonstrar seu controle sobre aquele espírito moribundo, aquele fracasso lamentável. Para que sua última lembrança do mundo fosse um grito de desespero.

Gabriel se lançou à frente. Para aqueles que observavam, ele parecia saltitar pelo chão como um inseto pavoroso, com uma velocidade vertiginosa. Balas arrancavam lascas de pedras ao seu redor enquanto investia contra Marias, vendo sua expressão mudar com a surpresa. Ele ergueu a espada, prestes a atingir o pescoço de Marias — mas parou, trêmulo, enquanto o Bobo sorria. Gabriel praguejou quando entendeu. Ele preparou o fogo, sugando poder da pedra que trazia no braço. O Bobo o desafiara, um dos seus. Um regressado. Aquilo não ficaria assim.

— *Você não devia ter feito isso, irmão — disse.*

Gabriel ouviu um passo arrastado às suas costas e se virou. Quase riu quando só viu Tellius lá. Temia que fosse o guerreiro verde de retalhos ou o maníaco do escudo vermelho. Em desespero, um idoso qualquer se aproximou dele enquanto estava distraído. Gabriel se preparava para reduzir aquele velho diabo magricela a cinzas, mas reconheceu o cabo vermelho e preto.

— *Dê-me essa espada — ordenou Gabriel. — Você não faz ideia do que é. Ela é minha. Entregue a espada e viverá, ou juro que o matarei.*

— Não. Você não é digno de carregá-la — disse Tellius. Ele abaixou a lâmina um pouquinho de nada, equilibrando-a perfeitamente entre a perna da frente e a de trás, de modo que podia atacar ou defender em qualquer direção. A espada Yuan aguardava, pronta para atacar.

Gabriel quis rir da cara dele, de sua ousadia lamentável.

— Vejo que já foi um espadachim Mazer — disse. — Mas quando? Quase consigo ouvi-lo ranger, velho. Vai me obrigar a matá-lo? A troco de quê? Entregue logo a espada e volte para a sua enfermeira, está bem?

Tellius atacou: um passo à frente e uma estocada com a ponta da lâmina que poderia ter saído de qualquer manual de combate com espadas. Ele era rápido para alguém de sua idade, mas, se comparado com Gabriel, sempre seria lento demais. Com desdém, Gabriel ergueu e girou sua própria lâmina, para se proteger do golpe vindo de cima e desviar dele. O golpe foi forte, e pensou que talvez pudesse quebrar o pulso do velho.

Para sua surpresa, a lâmina que empunhava foi cortada em duas pela espada Yuan, de modo que a estocada avançou direto e a espada enterrou-se no seu peito. Gabriel ficou espantado ao se ver com a boca cheia de sangue, sem conseguir entender como aquilo tinha acontecido. O cabo de sua espada se partira da lâmina?

Ele caiu de costas, e Tellius foi junto, mantendo as duas mãos no cabo da espada Yuan, enterrando-a cada vez mais até prendê-lo ao chão.

Gabriel começou a se curar, apesar de a espada ter atravessado um pulmão e quase cortado seu coração em dois. Quando conseguia estancar o sangramento, o velho girava a lâmina outra vez, torturando-o. Sangue subia pela sua garganta, e ele tentava cuspir e falar.

— Alguém! — gritou Tellius sem olhar em volta. — Não consigo segurá-lo assim por muito tempo. Cortem a cabeça dele. Bosin! Hondo! Galen! Onde estão vocês? — Ele lembrou de ter dispensado Galen do combate para proteger Lady Sallet. Naquele momento, desejou não ter feito aquilo.

Gabriel ergueu a mão, com dedos ensanguentados e trêmulos. A lâmina penetrara tão fundo que rangia na terra e na pedra, enterrada no chão. Certamente seria arruinada. Ele colocou as mãos sobre as do velho e passou a absorver a pedra que trazia presa ao antebraço. Precisava continuar se curando ou morreria, mas precisava queimar.

Com tantos incêndios iluminando a noite, o ar já estava mais quente ali do que em qualquer outro lugar da cidade. Estavam no coração de um inferno, e Tellius sentiu uma pontada no rosto quando brasas começaram a ser sopradas sobre os dois. Não conseguia acreditar que o monstro ainda estava vivo. Sentiu apenas satisfação quando a espada Yuan o atravessou, mas aquilo estava rapidamente se transformando em medo. Tellius tinha mais de 60 anos, e seus braços estavam perdendo a força, enquanto o homem sobre quem se debruçava parecia ficar cada vez mais forte.

A mulher suplicava e gritava para ele, percebeu Tellius. Forçou a espada para baixo, colocando nela todo o seu peso. Mas a mulher começou a puxá-la em

desespero.

— Saia de cima de mim! Se eu soltá-lo, ele vai nos matar. Sallets! Aqui, Sallets!
— bradou Tellius.

Ele sentia o pânico crescer como um verme no estômago. Havia um único golpe a desferir — considerando o fato de que tinha o sangue da família real de Shiang. Sabia que a espada ganharia vida em suas mãos, como jamais fizera para Gabriel. Mas a questão ainda não estava resolvida. Seus braços tremiam. A mulher o arranhava, e Tellius praguejou quando ela acertou a sua bochecha. Ao encarar Gabriel, viu dentes ensanguentados quando o homem sorriu e começou a empurrar de volta.

Sanjin cerrou os punhos. Viu Gabriel avançar em direção a Marias e ao Bobo, mas o companheiro precisou se virar para ceifar a vida de um soldado que o atacou de surpresa. Seus olhos se arregalaram quando viu a espada ser enterrada no coração de Gabriel. Ele começou a correr enquanto Bosin ainda saía de baixo das pedras de uma parede caída e virou a cabeça, avistando-o. A armadura estava mais cinza que verde, e Sanjin notou com satisfação que aquela coisa não conseguiria se levantar. Ele investiu, armando um golpe rápido. Cortaria a cabeça do monstro primeiro.

Ao se aproximar, outro homem que Sanjin conhecia entrou na frente do Verde Sallet de retalhos, que ainda lutava para se libertar dos escombros. Ele empunhava um escudo vermelho e uma espada preta que mais parecia vidro que metal.

Sanjin lançou fogo em sua direção. Duvidava que tivesse efeito no guerreiro verde, mas talvez conseguisse aquecer o ar o suficiente para matar o portador do escudo. Diminuiu a distância entre eles com a velocidade característica dos regressados, um legado da Pedra Aeris no seu sangue. O pé pela metade o tornava um pouco desajeitado, mas ele ainda era páreo para qualquer soldado comum, inclusive difícil de ver.

Sanjin atravessou as próprias chamas e golpeou o escudo Regis com força suficiente para cortá-lo em dois. Perdeu a consciência com o impacto, ouviu apenas o badalo de um sino ao cair sobre o entulho e chocar-se com uma enorme lareira de pedra que despontava do chão.

Ao abrir os olhos, Sanjin viu o monstro de armadura verde vindo em sua direção, acompanhado do homem com o escudo. Ele voltou a fechar os olhos, sentindo a boca cheia de sangue e pedaços afiados de dentes quebrados.

Quando abriu os olhos pela segunda vez, ambos o encaravam de cima.

— Bem-vindo a Darien, filho — disse lorde Regis.

Ele fez um gesto ágil com a mão, e Sanjin começou a se debater quando a enorme figura blindada agarrou sua cabeça com as duas mãos e a torceu até ouvirem um estalo alto. Esperaram para ver se estava mesmo morto, então o largaram no chão e foram embora.

Taeshin se virou bruscamente ao ver outra sombra se formar no topo do morro. Reconheceu Sanjin dos vislumbres que teve dos sonhos e medos de Gabriel. Ouviu o lamento da sombra ao olhar em volta e perceber onde estava. Taeshin viu a forma se consolidar, mas continuar a andar sem rumo pelo cume, buscando uma forma de voltar.

— O senhor o chamou? — Taeshin perguntou ao rei.

— Já estava na hora de ele voltar — disse o homem.

Taeshin franziu a testa, mas foi até onde Sanjin cavava o chão cinza com as próprias mãos.

— Preciso voltar — disse Sanjin ao notar sua presença.

Taeshin o colocou de pé. Ficou tentado a acabar com ele, mas já conhecia a terra cinzenta o suficiente para saber que não lhe causaria dor, não de verdade. Os que morriam em batalha jamais gritavam. Nem mesmo quem perdia a mão, ou caía com as tripas espalhadas no colo, chorava ou gemia. O deserto cinza era um lugar além da vida, talvez até mesmo além da morte. Mas aquele homem tentou fazer mal a Marias, e Taeshin o surrou de qualquer forma, espancando-o até que caísse de joelhos, e o empurrou morro abaixo a pontapés. Sanjin conseguiu se levantar e correu o resto do caminho.

— Qual foi o objetivo disso? — perguntou-lhe o rei.

Taeshin arqueou a sobrancelha.

— Se passarei a eternidade aqui, quero que ele saiba quem manda.

Taeshin se virou para encarar o rei. Uma brisa soprou mais forte e ele pensou ouvir Marias chamando seu nome. O mundo real era como uma janela, e ele pressionava o rosto contra o vidro. Mas não podia voltar. Ele lutou para lembrar de todos os momentos de sua vida — e da própria Marias. O cheiro do seu cabelo, sua risada. E entendeu que havia desperdiçado anos.

— Chame o último, Majestade — disse ele. — Se tem qualquer poder para isso, traga Gabriel de volta.

Gabriel

Hondo atendeu ao chamado. Juntou-se a Bosin e ao lorde que fora tão ríspido no primeiro encontro que tiveram e agora empunhava um escudo vermelho e uma espada de vidro preto. Todos tomaram uma surra, mas Hondo estava no pior estado. Tinha o rosto tremendamente inchado e hematomas se espalhavam por todo o corpo até o pescoço. Mas ele tentou sorrir ao ver Bosin cumprimentá-lo com um gesto de cabeça.

— Resta apenas um deles — disse Regis.

Sua voz perdera a valentia de antes, e Hondo reparou que estava esgotado. Estava todo arranhado, cortado e esfolado. Um de seus dedos despontava num ângulo que dizia que estava quebrado. Mas ainda assim fez uma careta ao ver o rosto de Hondo.

— Parece que um cavalo pisoteou você — disse Regis.

Hondo o encarou. Foram juntos até onde Tellius prendia um Gabriel exasperado ao chão como um pássaro faz a um verme. Uma mulher tentava puxar Tellius, com as mãos enterradas em seu casaco. Hondo estendeu as mãos para afastá-la e descobriu que não podia tocá-la. Suas mãos desviavam, como se ela estivesse revestida por um vidro transparente. Ele viu um homem agachado atrás da jovem, sibilando como uma cobra. Hondo desembainhou a espada, atraindo a atenção de todos com o som da lâmina.

Marias soltou Tellius. Seu rosto estava marcado por lágrimas e sujeira, ela estava cansada demais para fazer qualquer coisa além de se manter de pé e chorar. Hondo encarou o Bobo, mas não sentiu qualquer ameaça.

— Ordens, milorde? — disse ele, forçando as palavras com enorme dificuldade por causa da língua inchada.

— Corte a cabeça dele — respondeu Regis. — Ou se afaste e deixe que eu o faça.

— Acho que ele estava falando... comigo — rosnou Tellius para o lorde ruivo. Estava tão aliviado por vê-los chegar em seu auxílio que começou a rir baixinho.

— Com todo respeito, Tellius, você não é um lorde — disse Regis. — Ele... não é... um lorde, filho — prosseguiu devagar e com clareza, para o caso de Hondo não compreender as classes e os costumes de Darien.

Bosin escolheu aquele momento para abrir o capacete do Verde Sallet que chamavam de Remendo. A proteção se abriu com um clique e um zumbido,

emperrando um pouco antes que o guerreiro conseguisse respirar o ar noturno. Regis o observou com fascínio.

— Sabia que havia homens dentro dessas coisas — disse. — Eu sabia. Não importa o que a magia seja capaz de fazer, é preciso ter alguém no comando. Que diabo, queria que meu pai estivesse vivo. Eu o faria engolir suas palavras.

— Se vocês já terminaram a discussão, eu concordo com lorde Regis — disse Tellius. — Ele não morre. — Ao falar, empurrou a espada de um lado para o outro como se fosse uma alavanca, cortando o coração por dentro. Gabriel arfou com uma nova onda de agonia, rosnando para ele.

— Deixe-me ficar de pé — ofegou Gabriel — que eu mostro como se faz. Acho que vocês não... — Um olhar confuso cruzou seu rosto como uma sombra. — Não... — As mãos que seguravam o punho da espada caíram no chão. Seus olhos perderam o brilho e a vida partiu, deixando para trás apenas sangue e ossos. Marias caiu de joelhos e chorou ao lado do corpo.

O rei desembainhou sua espada, finalmente forçado a agir pelo escárnio de Taeshin. Ele girou a lâmina, que não tocou em nada. Então estendeu a mão e agarrou as dobras de uma sombra.

— Venha a mim, irmão — disse o rei.

Taeshin ouviu uma voz berrar de medo ou desespero, e o rei puxou a sombra para perto de si. Não conhecia o rosto daquele homem, mas não tinha dúvidas de que era Gabriel. De alguma forma, em seu momento de triunfo, era difícil sentir raiva ou ódio. Suspeitava que era porque a terra cinzenta se apoderara dele, então agora nada mais tinha tanta importância. Taeshin estava parado, incerto, enquanto o rei falava com o recém-chegado.

— Você fez falta nas linhas de combate, Gabriel — disse o rei. — Perdemos hoje, a pior derrota de que me lembro. Thomas e Sanjin já desceram. Você lutará ao lado deles? Irá ao campo de batalha por mim amanhã?

Gabriel ergueu a cabeça enquanto a vida, o paladar e o tato se esvaíam.

— Vá para o inferno, seu pedintequinho — disse. — Eu também fui rei. Você que deveria ir ao campo de batalha por mim.

Por um instante, seu olhar se voltou para Taeshin. Gabriel conhecia bem o rosto que usava, e um lampejo de raiva surgiu em seus olhos. Sem dizer mais uma palavra, desceu a encosta, mas não em direção ao campo de batalha. Seus pés o levaram para longe dali, para uma área isolada do descampado.

Taeshin olhou para o rei, que embainhava sua grande espada.

— Eu não deveria estar aqui — disse. — Por favor, deixe-me ir.

— Não posso — respondeu o rei. — Sinto muito. Venha, encontrarei um lugar para você nas tropas. Haverá uma batalha amanhã, e nós precisamos vencer.

Juntos, começaram a descer a encosta até a planície cinzenta. Taeshin achou que ia chorar, mas nenhuma lágrima jamais fora derramada naquele lugar.

Tellius puxou a espada Yuan. Ele a estendeu para Hondo, e o espadachim santo de Shiang pegou a arma e se curvou sobre ela, então começou a limpá-la com uma expressão de dor. A lâmina precisava ser afiada e polida por um mestre — e ele não imaginava que houvesse um homem assim em Darien.

Ninguém os atacou, o que levou algum tempo para entender. Regis se afastou de repente, para ver se o corpo de De Guise estava sendo tratado adequadamente e com dignidade. Bosin continuou ali, uma estátua como a armadura que usava, de modo que Hondo não via nenhuma centelha do companheiro de viagem que conhecera. Tellius ordenou que um de seus homens chamasse Lady Sallet de volta ao campo de batalha. Ao redor deles, cidadãos combatiam os incêndios que ainda ameaçavam se espalhar por toda a cidade a partir daquele coração em chamas.

Tellius não sabia quem era a mulher, mas não quis interromper seu luto. Olhou desconfiado para o companheiro ainda sorridente, mas se agachou ao lado de Marias.

— Você conhecia este homem? — perguntou Tellius. — Gostaria de ouvir a sua versão da história, se for esse o caso.

— Você o matou — sussurrou ela. — Não, eu conhecia o homem que ele era antes de... se perder. O homem que atacou esta cidade não tinha nenhuma relação comigo. Gabriel e os outros... eram homens terríveis. Eles nos trouxeram de Shiang para cá.

— Nos trouxeram? — disse Tellius.

Ele viu a jovem pressionar as mãos na curva do pescoço do morto. Era um gesto lamentável, e Tellius não conseguia conciliá-lo com toda aquela crueldade e poder que presenciara. Ele levou a mão ao braço direito do morto, para colocá-lo sobre o peito. Sentiu a dureza da pedra sob o tecido e arregalou os olhos ao sentir que o calor emanava dela.

— Há uma pedra aqui! — gritou Tellius.

A reação foi imediata. Soldados se apressaram, prontos para a ameaça que provocara o grito.

Tellius rasgou a camisa esfarrapada, expondo a pedra púrpura dos Bracken. Partículas de ouro cintilavam sob a luz do fogo e na sombra. Tellius franziu a testa ao ver os discos de ouro aparecendo por baixo. Sempre houve boatos sobre a Pedra Bracken e o contato constante com seu mestre. Somente Bracken e Canis usavam as pedras de suas famílias. Será que... ao levar a mão à pedra, ela brilhou de repente até ficar forte demais. Tellius desviou o rosto da luz, mas ainda tentou alcançá-la e pegá-la em sua cegueira.

A pedra se desfez sob seus dedos, transformando-se num pó fino como farinha, que escorria quase como um líquido. A luz se apagou, e Tellius arfou de medo, incapaz de explicar o que tinha acabado de acontecer. Fios de ouro pendiam de seus dedos, e ele os amassou na mão. O ferimento no peito se fechara, deixando uma cicatriz semelhante a um olho.

No alto da colina, um olho dourado se abriu. Taeshin sentiu seu calor e se virou, com o queixo caído em espanto. Não muito longe, Gabriel também olhou para trás,

enquanto do outro lado Thomas e Sanjin trocaram um olhar fervoroso. Os três começaram a correr para o cume.

Taeshin olhou para o rei com uma esperança selvagem. O homem deu de ombros e se posicionou na encosta, erguendo a espada.

— *Vá em frente, rapaz. Eu os impedirei, “pedintezinho” ou não. E guardarei seu lugar, para quando o vir outra vez.*

Taeshin não teve tempo de responder. Sem uma palavra, correu para o único ponto brilhante em todo o deserto cinzento. Enquanto corria, rezava para que não se fechasse a cada passo e inspiração. Ele não olhou para trás, para os outros, nem mesmo quando ouviu o ressoar de armas e o berro do rei em desafio. Taeshin se atirou para dentro da claridade.

Taeshin acordou, viu estranhos à sua volta e alguém que conhecia.

— Marias — disse ele, ficando de pé.

A reação àquele simples movimento foi apavorante. Espadas foram desembainhadas, e Taeshin viu uma enorme armadura verde voltar-se para ele.

— Por favor, parem! — gritou Taeshin. — Eu não sou ele! Quem quer que vocês sejam, por favor, deixem-na ir.

— Taeshin? — disse Marias.

Quando ele assentiu, a jovem começou a chorar. Atirou os braços em volta dele e aninhou o rosto em seu pescoço. Era uma situação no mínimo estranha, e Tellius ergueu a mão para deter Bosin antes que o companheiro martelasse os dois no chão.

— Como podemos ter certeza? — Tellius murmurou para Hondo.

Taeshin ouviu a pergunta, e seus olhos se arregalaram à visão do espadachim santo de Shiang.

— Mestre Hondo? — exclamou ele, surpreso. — Desculpe, eu perdi muita coisa.

Para a surpresa de Tellius, o rapaz se ajoelhou diante de Hondo, repousando um joelho sobre cinzas e sujeira. Uma expressão estranha cruzou seu rosto, e Tellius o viu passar uma das mãos sobre as costelas.

— Estou curado, Marias — disse Taeshin.

Lágrimas se acumulavam nos olhos dele, assim como nos dela, e Tellius ficou subitamente farto de todos.

— Muito bem. Vocês todos estão presos. Hondo, leve-os para a propriedade Sallet. Esse sorridente também. Quero ouvir a história deles.

— Quem é você para dar ordens ao espadachim santo? — questionou Taeshin com indignação.

Em resposta, Bosin deu-lhe um tapa na nuca.

— O rei Yuan-Choji está morto. Vida longa ao rei de Shiang — disse ele com rigidez.

A poucos passos dali, lorde Regis ouviu e deixou cair o escudo com um baque, antes de voltar a empunhá-lo.

Os incêndios arderam por três noites, matando mais de mil pessoas e devastando

grandes partes da cidade que precisariam ser reconstruídas. Ao enviar seus planos de reconstrução na primavera, um dos arquitetos referiu-se aos incêndios como uma enorme onda preta de destruição. Tellius o contratou sem nem ver as plantas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Shiang

Site oficial do autor:

<http://www.conniggulden.com/>

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/shiang-122448789ed122449732.html>

Página do autor no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/autor/136-conn-iggulden>

Página do livro no Goodreads:

<https://www.goodreads.com/book/show/38470191-shiang>

Página do autor no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/119121.Conn_Iggulden

Página sobre o autor na Wikipédia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Conn_Iggulden